This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Digitized by Google

S-R

HARVARD UNIVERSITY

LIBRARY

OF THE

Museum of Comparative Zoölogy

Purchase

Boston Society of Natural History

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

PUBLICAÇÃO DA

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Digitized by Google

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

VOLUME I

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66 — Rua da Fabrica — 66
1890

Digitized by Google

H91(7)

Digitized by Google

INDICE

Pag.

BAZILIO TELLES.—Introducção 1

MEMORIAS ORIGINAES

PALEOETHNOLOGIA

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.—A questão da anthropophagia nas estações neolithicas da Serra do Cabo Mondego 18

—— Uma obra da arte primitiva 145

RICARDO SEVERO.—Primeiros vestigios do periodo neolithico na provincia de Angola 152

ETHNOLOGIA

F. ADOLPHO COELHO.—Sobre os conhecimentos ethnicos dos gregos e dos romanos . . . . 49 e 97

F. MARTINS SARMENTO.—Os Atlantes de Diodoro Siculo 61

THEOPHILO BRAGA.—O mytho de Istar em uma lenda popular extremenha e asturiana 7

ETHNOGRAPHIA

ROCHA PEIXOTO.—Contribuições para a Ethnographia portugueza.—Notas sobre a malacologia popular. 75

Digitized by Google

Pag.

GEOLOGIA

PAUL CHOFFAT.—Nouvelles publications sur les dépots mésozoïques du Brésil 115

BOTANICA

JULES DAVEAU.—Remarques sur la flore de l'archipel des Açores 26

ZOOLOGIA

AUGUSTO NOBRE.—Estudo sobre a organisação das *Helix lusitanica* e *barbula*. 32
—— Contribuições para a anatomia das Siphonarias. 122
—— Recherches anatomiques et histologiques sur le *Cynops Boscai*. 162

BIBLIOGRAPHIA

BAZILIO TELLES.—*Ensaios de Philosophia actual*, de M. A. Ferreira-Deusdado . . . . . 130 e 178
FONSECA CARDOSO.—*Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* de *M. Em. Cartailhac*, de Ricardo Severo . . . . . 139 e 182
RICARDO SEVERO.—*O Museu municipal do Porto*, de Rocha Peixoto. 41
—— *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, de Santos Rocha 42
—— *Recherche des animaux marins. Progrès réalisés sur l'*HIRONDELLE *dans l'outillage spécial*, de S. A. o Principe de Monaco 186
—— *Résultats des campagnes scientifiques du yacht l'*HIRONDELLE, de Mosticher 186
—— *20 opusculos* de Émile de Munck 187
—— *Procès verbeaux de la Société belge de Géologie, de Paléontologie et d'Hydrologie* . . . 188

Digitized by Google

PAG.

ROCHA PEIXOTO.—*Relatorio ácerca da quarta sessão do Congresso geologico internacional*, de Nery Delgado 47
Supplemento ao *Estudo sobre os Bilobites e outros fosseis das quartzites da base do systema silurico em Portugal*, de Nery Delgado . . . 91
— *Relatorio geral do Conselho Superior de Instrucção Publica*, de Wenceslau de Lima . . 93
— *Étude géologique du Tunnel du Rocio*, de Paul Choffat. 184
— *Observations sur le pliocène du Portugal*, de Paul Choffat 185
— *Plumbaginées du Portugal*, de Jules Daveau . 186

NOTICIAS

ROCHA PEIXOTO.—Curso de Microscopia Vegetal na Academia Polytechnica do Porto 143
— A Sociedade Carlos Ribeiro 189

OS MORTOS

JOÃO BARREIRA.—Xavier Pinheiro 95
RICARDO SEVERO.—Pereira da Costa 96
ROCHA PEIXOTO.—José Augusto de Souza . . . 144

PLANCHAS

I—Anatomia comparada das *Helix lusitanica* e *barbula* 40
II—Anatomias de Siphonarias 129
III—Uma obra da arte primitiva 151
IV—Instrumentos africanos de pedra polida 161

Digitized by Google

Digitized by Google

Aug. 31/89

REVISTA

DE

SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS

DA

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

PRIMEIRO VOLUME

NUMERO II

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

Rua da Fabrica, 66

1889

Digitized by Google

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

Sobre os conhecimentos ethnicos dos gregos e dos romanos, por Adolpho Coelho ..... pag. 49

Os Atlantes de Diodoro Siculo, por Martins Sarmento... pag. 61

Contribuições para a Ethnographia portugueza.—Notas sobre malacologia popular, por Rocha Peixoto..... pag. 75

BIBLIOGRAPHIA

Supplemento ao *Estudo sobre os Bilobites e outros fosseis das quartzites da base do systema silurico em Portugal*, de Nery Delgado, por Rocha Peixoto..... pag. 91

Relatorio geral do Conselho Superior de Instrucção Publica, de Wenceslau de Lima, por R. P..... pag. 93

OS MORTOS

Xavier Pinheiro, por J. B..... pag. 95

Pereira da Costa, por R. S..... pag. 96

Digitized by Google

SOBRE OS CONHECIMENTOS ETHNICOS

DOS

GREGOS E DOS ROMANOS

I

O enorme desenvolvimento moral, intellectual e esthetico, attingido pela especie humana, além d'outras considerações d'ordem superior, determina que ella não seja só objecto, como as outras especies animaes, da sciencia zoologica. Ao lado das sciencias da natureza, de que esta é um ramo, surgiu um grupo complexo de outras sciencias, diversamente denominadas segundo as escolas, mas para as quaes acceito a designação, corrente na Allemanha, de sciencias do espirito *(Geisteswissenschaften)*, preferivel á de sciencias moraes ou historico-sociaes, porque essas sciencias estudam sobretudo as manifestações do espirito claramente consciente dos motivos que nelle actuam, que é o verdadeiro caracteristico do homem moral. Entre as sciencias da natureza e as sciencias do espirito ha sciencias intermedias, como o estudo comparado das sociedades animaes e essa sciencia que se busca fundar, mas que na realidade ainda não existe chamada physio-psychologia [1].

[1] O que por emquanto temos nas obras, aliás notabilissimas dos physio-psychologistas, como Wundt, Sergi, etc., são tractados duplos de physiologia e de psychologia, series d'observações physiologicas ao lado de series d'observações psychologicas. A designação de physio-psychologia serve só e neste caso commodamente para annunciar que um estudo tem esse duplo aspecto.

Digitized by Google

O homem, com ser homem, não deixa de ser animal e de formar raças, como os animaes, com typos physicos mais ou menos distinctos e caracteristicos psychicos particulares. A anthropologia, ramo da sciencia zoologica, estuda o homem animal, com os methodos d'observação e comparação proprios a essa sciencia. Comprehende-se facilmente quanto seja difficil traçar aqui precisamente onde o zoologo deve parar, o que nos explica como a anthropologia, tal como a vemos representada muitas vezes nos livros e nos periodicos, usurpe com frequencia o dominio das sciencias do espirito, com prejuizo manifesto dos resultados, porque rarissimos serão os homens egualmente seguros nos methodos d'essas diversas sciencias ou os espiritos generalisadores capazes de abraçar e concatenar com verdadeira critica os resultados de todas ellas [1]. Ultrapassando os justos limites que lhe são impostos, os anthropologos caem com frequencia em erros ridiculos, como lhes succede quando querem julgar de questões de linguas, de mythologia, d'archeologia, de direito, quando fazem uso dos textos dos escriptores antigos, etc. Taes erros teem contribuido não pouco para desacreditar em parte, para em parte pelo menos serem olhados com certa reserva os estudos anthropologicos, apesar do seu grande valor quando obedecem a direcção methodica rigorosa.

Os homens formam unidades collectivas chamadas povos. Primitivamente o povo é condicionado pela raça: é uma raça inteira pura ou fracção de raça; depois, em virtude dos innumeros accidentes da vida dos povos, estes misturam-se, fundem-se mais ou menos consideravel-

---

[1] A *Logik* de Wundt, com os outros trabalhos d'este eminente philosopho, mostram até que ponto uma intelligencia superior póde dominar os principios do methodo de cada uma das diversas sciencias e criticar-lhe os resultados.

Digitized by Google

mente e deixam de representar raças puras. A noção de raça é puramente anthropologica, isto é, historico-natural; a noção de povo é historico-social. A anthropologia estuda o homem, as raças humanas, não os povos, comquanto seja dos povos que tenha de abstrahir as raças. A sciencia que estuda os povos é a ethnica (do grego ἔθνος, povo). Um povo póde ser formado por elementos anthropologicos muito diversos: assim o povo portuguez apresenta não só individuos representantes dos diversos typos das raças brancas, mas ainda individuos das raças negras, amarellas, e diversas raças mixtas; sem duvida os elementos das raças brancas predominam; mas um negro da Guiné ou de Angola, um china, um malayo póde ser um tão bom cidadão portuguez como um branco. A base da unidade ethnica não é o typo physico, comquanto primitivamente a fosse. Ao passo que a civilisação progride essa condição primitiva perde importancia; os elementos da vida social tornam-se os laços capitaes dos agrupamentos humanos, a verdadeira base da sua unidade.

A ethnica divide-se em tres grandes sciencias secundarias: a *ethnographia* ou descripção dos povos, cuja fórma mais perfeita se acha nas obras dos viajantes bons observadores que nos descrevem os diversos typos physicos encontrados por elles num povo, todos os elementos da vida social, os costumes, as aptidões de toda a especie d'esse povo, as suas relações para com o meio em que vive, sem exceder os limites d'uma pura descripção, sem entrar em theorias sobre a origem d'esse povo, as leis da sua evolução; a *ethnogenia* ou estudo de origem e parentesco dos povos, em que se teem em conta o typo physico e todos os elementos da vida social, principalmente a lingua, prova irrecusavel de contacto historico ou de anterior unidade social; a *ethnologia* ou estudo geral das condições de formação e desenvolvimento dos povos, das

Digitized by Google

variações do caracter ethnico sob a influencia d'acções naturaes ou sociaes, dos diversos typos de sociedade que os povos nos apresentam, dos diversos elementos de vida social. Nenhum dos ramos da ethnica prescinde da consideração do typo anthropologico, do conceito de raça; teem pois que valer-se dos dados que lhes ministram a anthropologia, sem se confundirem com esta sciencia, pela subordinação que fazem da noção de raça á noção de povo. A ethnographia ficaria incompleta sem a descripção do typo ou typos physicos que se encontram em cada povo e a ethnogenia sem os dados anthropologicos não poderia dar senão soluções incompletas dos seus problemas. Assim, por exemplo, se os dados glottologicos mostram os magyares e os finlandezes aparentados com os povos chamados da raça amarella do grupo ugro-finlandez, o typo physico d'aquelles revela d'outro lado inmixtão profunda d'elementos das raças brancas. A ethnologia tem muitos pontos de contacto com o que se chamou philosophia da historia e tambem com a sociologia, sobretudo á maneira de Spencer; mas diverge da philosophia da historia, porque esta pretende dar uma theoria geral da historia da humanidade, determinar a finalidade da historia, quer conclua pela idea de progresso moral, quer pela lei comteana dos tres estados, quer pelo pessimismo ou por outro qualquer principio. Disse-se que a historia é um phenomeno unico, sui-generis, e que portanto não é possivel achar a lei da historia, pois as leis se estabelecem pela comparação de phenomenos similares e se verificam pela repetição d'elles. As condições da ethnologia são diversas: não estuda a historia como um phenomeno continuo; estuda os povos, de que tem havido e ha grande numero d'exemplares, e como a formação, desenvolvimento, decadencia, desapparecimento da independencia d'um povo são phenomenos que se teem repetido muitas vezes, a comparação permittirá aqui sem du-

Digitized by Google

vida estabelecer principios que mereçam mais o nome de leis que aquellas pretendidas leis da historia. A ethnologia diverge tambem do que se entendeu por sociologia, comquanto esta conglobe muitos dados da ethnica, em que a ethnologia não usurpa nunca o dominio proprio das outras sciencias sociaes, baralhado com o da ethnologia e da historia, pelos sociologistas á maneira de Comte e Spencer. Este conceito das sciencias ethnicas, como as defini, tende hoje a prevalecer [1]; todavia nos anthropologistas essas noções andam em geral confusas e incompletas. Broca considerou a ethnologia como uma

---

[1] Vid. Wundt, *Logik* II, 566-582, de que diffiro apenas em pontos secundarios.

No 1 vol. da *Iconographie Encyclopedia of the Arts and Sciences* (Philadelphia) tracta-se separadamente da anthropologia (Daniel Brinton), da ethnologia (idem) e da ethnographia (G. Gerland). D'essas tres partes só conheço a de Gerland (no original allemão); mas por um artigo de Topinard *(Revue d'anthropologie* XVII, 103-105) vejo que Brinton estuda n'essa ethnologia 1) os elementos constitutivos das sociedades; 2) a civilisação considerada como resultado do desenvolvimento ethnico. Topinard critica Gerland, que considera a ethnographia como o fiz acima, por ter feito entrar nella o exame dos caracteres physicos dos povos, que, segundo o anthropologo francez, são do puro dominio da anthropologia. A verdade é que a descripção d'um povo fica incompleta sem a descripção do seu typo physico predominante ou dos diversos typos physicos que encerra. É verdade tambem que só o que possue conhecimentos anthropologicos póde fazer essa descripção com rigor scientifico; portanto ou o ethnographo se contenta com algumas indicações superficiaes nessa parte ou se prepara com os estudos anthropologicos necessarios ou recorre simplesmente aos dados dos anthropologos. As sciencias ethnicas divergem das anthropologicas principalmente, como indiquei acima, no modo de considerar o seu objecto, mas necessariamente umas e outras teem que examinar quasi os mesmos materiaes e pela necessidade da divisão do trabalho o anthropologo completa o ethnographo como o ethnographo completa o anthropologo.

Digitized by Google

parte da anthropologia[1]. Num livro de Abel Hovelacque, professor da escola d'anthropologia de Paris lêmos: «L'*éthnographie,* comme son nom l'indique, est la description des races humaines; c'est une des branches importantes de l'anthropologie. Elle ne recherche point, comme le fait l'éthnogénie, quelle est la filiation, quelle est l'origine des races: elle les considère telles qu'elles sont, telles qu'elles se présentent, reconnaît l'aire géographique qu'elles occupent, décrit leurs caractères physiques, intellectuelles et moraux. L'éthnologie a un domaine plus général; elle embrasse d'un coup d'œil d'ensemble l'histoire et la culture des différentes races et a pour but principal de dégager de cette comparaison le tableau même de la civilisation[2].» Todavia já anteriormente tinha sido realisado progresso consideravel por Paul Topinard: «Pour nous, diz elle, l'anthropologie et l'éthnologie sont deux faces différentes de l'étude de l'homme, deux sciences distinctes, ayant leurs adeptes propres, jouissant d'une vie indépendante, mais se prêtant sans cesse un mutuel concours. La première s'occupe, au même titre et par les mêmes procédés, de l'homme et des races humaines qu'elle parvient à dégager. La seconde ne conserve que les peuples et les tribus, tels que la géographie et l'histoire nous les livrent; elle se partage en deux parties: l'ethnographie, qui est la description de chaque peuple, de ses mœurs, coutumes, religions, langues, traites physiques et origines dans l'histoire; et l'éthnologie proprement dite, qui reprend les mêmes points de vue dans leur ensemble et s'appliquant à tous ou à plusieurs peu-

---

[1] Vid. art. *Anthropologie* no *Dict. encycl. des sciences médicales,* publ. par Déchambre.

[2] *Les races humaines* (Paris, 1872) p. 7.

Digitized by Google

ples [1]. » Essa exposição, inspirada pelas definições de Littré e de Fr. Müller, é ainda muito imperfeita: falta a indicação da ethnogenia (a expressão *origines dans l'histoire* é perfeitamente vaga) e não se vê em que diffira a ethnographia da ethnologia propriamente dicta: a noção d'esta não foi attingida; mas na mesma obra em que se acham esses periodos o auctor diz-nos que a *ethnologia* tracta do mesmo objecto que a ethnographia « mais à un point de vue général plus élévé, en s'attachant aux traits communs et cherchant à déterminer les lois qui président aux relations et échanges des peuples, à l'évolution de leurs coutumes et de leurs institutions [2]. ». Mas Topinard não vê ainda bem o que caracterisa e separa as sciencias ethnicas das anthropologicas, contentando-se com dizer que aquellas poderiam em rigor ser separadas d'esta. Numa obra nova mais vasta, o mesmo auctor occupa-se com maior desenvolvimento d'essas noções, mas em verdade sem progresso logico [3]; Topinard todavia determina claramente que ha differença entre raça e povo, comquanto a sua definição de nacionalidade seja muito criticavel: «Les types sont des concéptions, les races sont des concéptions, les peuples seuls sont des réalités. On parle des races arabe, hottentote, kanake, chinoise, il n'y a rien de pareil, se ne sont que des peuples, comme le peuple chinois, le peuple arabe; aucun n'offre la moindre apparence d'unité, ce ne sont que des agglomérations de provenance multiple, dans lesquelles on retrouve quelque fois un type

---

[1] *L'anthropologie (Bibl. des sciènces contemporaines)* 2.ª ed. 1877, p. 8-9.

[2] *Ob. cit.* p. 433.

[3] *Éléments d'anthropologie générale* (Paris, 1885); vid. especialmente pp. 213-215.

Digitized by Google

prédominant, le mélange en proportion égale de deux ou trois types ne s'observant guère [1]. »

Para a solução dos problemas ethnicos é da maior importancia o conhecimento dos povos da antiguidade. Sobre esses povos deixaram-nos os escriptores gregos e romanos (não fallarei aqui das fontes orientaes) numerosas noticias, de caracter já puramente ethnographico, já ethnogenico, alem de considerações occasionaes de caracter ethnologico. Como a constituição definitiva das sciencias ethnicas ainda nem em nossos dias se realisou, não podiamos de modo algum esperar dos antigos o conceito dos diversos ramos d'essas sciencias, nem sequer a consideração independente do estudo dos povos num ponto de vista puramente ethnico. Na antiguidade a ethnica apparece-nos em regra ligada á historia, á geographia, ás tradições religiosas e ainda como elemento da poesia. Na Grecia mesma a geographia no periodo classico não nos apparece como sciencia independente. Hecateo de Mileto, Herodoto, Ephoro e outros escriptores occupam-se dos povos e das terras em obras historiologicas. A litteratura

---

[1] *Ob. cit.* pp. 207-8. Vid. ainda Topinard in *Revue d'anthropologie,* 1886, pp. 124-136. Eu tractei já ha annos o mesmo assumpto que discute o illustre anthropologo francez numa conferencia publica. Os pontos de vista do snr. Topinard estão muito longe de serem novos e foram até já tractados de modo muito mais completo com relação a alguns dos seus aspectos por auctores que elle não parece conhecer como Steinthal e Lazarus, *Zeitschrift für Volkerpsychologie* I, 1-73 (1860); Lazarus *Ibidem* II, 393-453; Ludwig Rüdiger, *Ueber Nationalitat, Ibidem* III, 95-130; Richard Bockh, *Die statistische Bedeutung der Volkssprache als Kennzeichen der Nationalitat, Ibidem* IV, 259-402; Lazarus, *Was heisst national? Ein Vortrag.* Berlin, 1880; E. Renan, *Qu'est ce qu'une nation? Conférence.* Paris, 1882; vid. ainda algumas observações sobre o assumpto em J. Leite de Vasconcellos, *Numismatica nacional. Lição inaugural.* Lisboa, 1888. É quasi inconcebivel como se repete de continuo o erro grosseiro da confusão de povos e de raças.

Digitized by Google

dos periplos, que já fôra cultivada pelos phenicios, desenvolve-se entre os gregos só na epocha das grandes expedições maritimas iniciadas por Alexandre Magno. Caracter predominantemente ethnographico tinha já a obra de Megasthenes intitulada *Indica;* mas ainda no periodo alexandrino, a que essa obra pertence, a geographia e a ethnographia andam ligadas geralmente á erudição historica e grammatical, comquanto se produzissem então algumas obras geographicas independentes, das quaes para nós a mais interessante seria a de Artemidoro de Epheso, por ter viajado em a nossa peninsula; temos d'ella apenas um sequissimo epitome[1] e noticias extrahidas por Pausanias e Strabão. Muito interessante seria tambem para nós a Τουρδητανίας περίηγησις de Asclepiades de Myrleia, grammatico do tempo de Pompeu que ensinara entre os Turdetanos, segundo Strabão (3, 4, 3). Este ultimo escriptor representa o ponto culminante da sciencia ethnographica e ethnogenica dos antigos, comquanto a sua obra seja essencialmente um trabalho geographico e historico e o auctor mais um escriptor, um erudito de gabinete do que um observador directo da natureza e dos povos que descreve. Se grande numero d'obras de que o celebre geographo se serviu, directa ou indirectamente, não se tivessem perdido, os seus 17 livros não seriam tão anciosamente estudados pelo que hoje quer achar alguma luz nos obscuros problemas da ethnographia e ethnogenia do mundo antigo.

Como os gregos não chegaram a constituir a ethnica como sciencia independente, muito menos devemos esperar que os romanos o fizessem. Aquelles tinham o espirito aberto aos conhecimentos puramente scientificos, eram agitados por interesse universal; povos e terras longinquas

---

[1] Nos *Geographi graeci minores,* ed. Müller Didot, 1, 574-576.

Digitized by Google

suscitaram em elevado grau a sua curiosidade, de modo que os poetas, já desde os tempos homericos, buscavam o applauso do seu publico entretecendo em seus poemas epicos, didacticos ou dramaticos, ainda em composições poeticas d'outros generos, noticias das regiões remotas e seus habitantes, em que mytho e realidade se fundiam muitas vezes de modo inextricavel. Nos romanos dominava o espirito pratico, utilitario; para elles a geographia foi principalmente posta ao serviço da medição dos limites do imperio, da catalogação dos povos a elles sujeitos e suas cidades, da organisação dos itinerarios. A medição e descripção do imperio, dirigida por Agrippa no tempo d'Augusto constitue realmente o ponto culminante dos estudos geographicos entre os romanos, no que elles teem de mais caracteristico. Os romanos não foram todavia estranhos aos estudos ethnicos, em que em geral seguiram a direcção dos gregos. Já M. Porcio Catão (234-149 a. C.), esse inimigo da cultura hellenica, que não escapou todavia á sua influencia e se instruiu na historiographia, na philosophia e na oratoria dos gregos, já Catão colligira na sua obra intitulada *Origines*, de que apenas nos chegaram escassos fragmentos, noticias ethnicas, baseadas em grande parte sobre exame directo dos povos referidos. A parte relativa á nossa peninsula, á qual a expedição de Catão (195) dava auctoridade, seria de grande interesse para nós. O opusculo de Tacito *de moribus Germanorum* é o que nos ficou mais perfeito da litteratura ethnica dos romanos.

Não é sequer um esboço da historia das sciencias ethnicas na antiguidade classica o que pretendo traçar. Nas historias geraes da litteratura grega (p. ex. nas mais recentes de Sittl, que vae só até ao tempo de Alexandre Magno, na de W. Christ que vae até ao tempo de Justiniano) e nas de litteratura romana (p. ex. na tão completa de Teuffel), nas historias geraes da geographia (p.

Digitized by Google

ex. nas de O. Peschal e Vivien de Saint-Martin) ou nas especiaes da geographia antiga (p. ex. nas de Ukert e de Forbiger) e n'um grande numero de trabalhos especiaes acha-se tractado esse assumpto de modo mais ou menos desenvolvido. O meu fim é outro. Occupando-me da ethnographia e da ethnogenia da Europa antiga e especialmente da peninsula hispanica, a primeira coisa que tinha que fazer depois de me pôr ao corrente dos monumentos da litteratura antiga que interessavam ao meu proposito e dos commentarios modernos respectivos, era discutir a questão: *que valem em geral as noticias ethnicas dos antigos?* e depois est'outra: *que valem em especial as noticias ethnicas dos antigos relativas á peninsula hispanica?* Tal é o verdadeiro objecto d'esta nota.

Os juizos que modernamente se teem enunciado com relação á questão geral referida estão muito longe de ser favoraveis aos antigos escriptores.

«E' sabido, diz Fr. Müller, que os antigos não eram de modo algum exactos ethnologos e só podem attribuir-se valor ás suas noticias até onde ellas estão d'accordo com o que a investigação traz á luz do dia [1].»

«Pelo seu falso modo de vêr (os gregos e os romanos) tornáram muitas vezes impossivel á posteridade lançar vista clara na mais antiga historia dos povos, quando ella está obrigada a servir-se exclusivamente dos conhecimentos que elles tiveram. Isso succede principalmente na parte relativa ás noticias que se referem ás antigas sédes e emigrações dos povos, nos auctores gregos e romanos [2].»

«En matière d'ethnographie, diz H. Gaidoz, nous

---

[1] *Bemerkungen über die Sprache der Lycier* in Kuhn's *Beiträge zur vergleichenden Sprachforschung*, etc. vol. III, p. 216.

[2] G. Phillips, *Die Einwanderung der Iberer in die pyrenaische Halbinsel* in *Sitzungsbericht der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften*. LXV. Band. Heft. III. p. 519 (Wien, 1870).

Digitized by Google

croyons qu'il ne faut pas attacher grande importance aux témoignages isolés ou singuliers des écrivains anciens. Ces écrivains n'apportaient pas à ces construtions l'esprit critique que les progrès de la science ont donné aux modernes; ils se faisaient une idèe erronée de la forme de la terre; ils ne connaissaient les pays éloignés que par ouidire ou par une tradition confuse ou inexacte. Recueillons leurs témoignages à titre de renseignements, à prendre ou à laisser suivant leur vraisemblance et leur concordance avec les faits qui paraissent assurés [1]. »

Esses juizos não são exagerados. Os seus auctores todavia não quizeram fundamental-os desenvolvidamente pelo exame dos methodos de descripção e comparação ethnicas dos antigos. E' o que eu vou tentar fazer succintamente, observando desde já que para bem comprehendermos os antigos e não sermos demasiado severos para com a imperfeição dos seus estudos ethnicos devemos ter em vista os erros graves que hoje, apesar de se acharem constituidos os methodos scientificos, apesar de se disporem de recursos de toda a especie se commettem cada dia.

F. Adolpho Coelho.

---

[1] *Polyblion*, fevr. 1883, p. 120-121, reproduzido in *Revue celtique* VI, p. 293-294.

Digitized by Google

OS ATLANTES DE DIODORO SICULO

Os Atlantes de Diodoro não têm nada a vêr com os habitantes da famosa Atlantida, de que nos fallam Platão, Theopompo e outros, e que um cataclysmo teria devorado; eram os povos estabelecidos pelas costas do Atlantico, desde o Mar do Norte ao Atlas, e que para o nosso historiador tinham uma existencia tão real e verdadeira, como qualquer outro povo seu contemporaneo.

Na serie d'estas populações encontram-se, como se vê, os occupantes do occidente da Hispanha e isto basta para explicar o interesse que as informações do auctor siciliano nos pódem despertar.

Têm ellas todos os caracteres d'authenticidade? Nós partimos da affirmativa, fundados nos factos que irão sendo expostos no decurso d'esta investigação.

Diodoro limita-se a dar-nos um resumo da theogonia dos Atlantes, mas é o caso de repetir: dize-me que deuses adoras, eu te direi quem tu és. Os Atlantes — escreve elle — reconhecem Urano por seu primeiro rei (lêde, deus). Urano teve por esposa Titea, e d'ahi veio que os filhos d'este primeiro grupo divino foram chamados Titans. A Urano succedeu Hyperion, seu filho, casado com Basilea, da qual teve Helius e Selene; mas os Titans, invejosos das glorias do irmão, matam-n'o e matam tambem Helius. Selene, louca de dôr, precipita-se d'uma torre abaixo e morre egualmente. A pobre mãe procura debalde o cadaver do filho pelas margens do Eridano, até que, morta de fadiga e de tristeza, adormece e então Helius apparece-lhe em sonhos e diz-lhe que dentro em

Digitized by Google

pouco será collocado no ceu e sua irmã Selene, elle com o nome de Sol, ella com o nome de Mene, ou Lua.

Sobem ao throno Saturno e Atlas, que governam em regiões differentes, mas muito indeterminadas, porque ambas ellas se relacionam com o occidente.

Saturno tornou-se aborrecido pelas suas tyrannias, ao passo que Jupiter, seu filho, captava o amor de todo o mundo pelas qualidades contrarias; e, accrescenta Diodoro, ou porque Saturno abdicasse, ou porque uma revolução, promovida pelo filho, o expulsasse do throno, Jupiter ficou governando com o applauso geral e governando *in perpetuum* [1].

Esta theogonia, muito notavel por algumas particularidades, de que nos occuparemos logo, já o não é pouco pelo encadeamento natural e pela transparencia dos seus mythos. O momento chronologico do seu ponto de partida é a noite [2]; porque Urano não é senão o Varuna vedico, o ceu nocturno. A successão d'Hyperion a Urano é a successão do dia á noite, do ceu diurno ao nocturno; por isso Helius é filho d'Hyperion e morre com elle. A morte do pae e do filho significam, como se vê, a extincção do dia.

Saturno succedendo a Hyperion e a Helius; Jupiter desthronando Saturno, reproduzem os mythos precedentes sob outros nomes e outras formas; pois que, se Saturno tem sido já reconhecido como o *alter ego* d'Urano, nenhuma duvida ha que Jupiter é o ceu diurno, e portanto o mesmo que Hyperion.[3]

---

[1] Diodorus Siculus, III, pag. 56 e seguintes.

[2] É talvez a esta luz que ha de interpretar-se a noticia de Cesar, quando affirma que os Gaulezes se diziam descendentes de Dis.

[3] Na interpretação que damos aos mythos, adoptamos os principios estabelecidos por M.r Ploix, no seu livro: *La nature des Dieux*, e que eram, ha muito, os nossos. Isto não quer dizer que concordemos com todas as interpretações do illustre mythologo.

Digitized by Google

Esta duplicação de factos mythicos acha-se tambem na theogonia grega; mas não é só n'isso que ella se encontra com a dos Atlantes; as affinidades das duas são taes, que o proprio Diodoro as accentúa por mais d'uma vez; e é desde este ponto que a questão começa a ganhar um vivo interesse.

Que poderosa influencia foi essa que logrou propagar uma mythologia ariana pelas costas occidentaes da Europa, desde o Mar do Norte até o Atlas?

Escusando de provar que os gregos estão inteiramente fóra do debate, vamos ver que tambem se não póde pensar nos Romanos, porque uma mythologia ariana no extremo occidente é infinitamente mais antiga que a presença dos conquistadores romanos n'estas regiões.

Comecemos pelo Mar do Norte e pelas legendas respectivas a este mar celebre. Como se sabe, o Mar do Norte era chamado Saturnio ou Cronio e o melhor commentario d'esta denominação encontra-se já em Hesiodo. N'uma das passagens da sua theogonia o velho poeta colloca o Tartaro no mar do Norte, dizendo-nos que ahi estava encarcerado Saturno com os Titans, depois da sua lucta com Zeus ou Jupiter.[1] O encarceramento de Saturno, depois da sua lucta com Zeus, é uma das variadas lendas mythicas, exprimindo o desapparecimento do ceu nocturno deante do ceu diurno. O que porém nos chama a attenção é a localisação do phenomeno n'um mar, e nomeadamente no Mar do Norte.

Não se despreze a auctoridade do poeta, a pretexto de que elle tem sobre o Tartaro as ideias mais confusas, visto que, se n'uma parte nol-o mostra effectivamente n'uma região do Oceano, n'outra o suppõe nas entranhas

---

[1] Sobre este ponto vid. *Argonautas*, pag. 80 e 81 e nota 6.

Digitized by Google

da terra. [1] O que d'aqui ha-de concluir-se é que, como muita vez lhe acontece, Hesiodo reproduziu legendas differentes, porque provêm de duas concepções cosmographicas diversas. O Tartaro nas entranhas da terra pertence innegavelmente ao systema primitivo, que imaginava a aboboda celeste, ligando immediatamente com a terra e cobrindo-a com uma redoma. E' de ver que n'estas condições, para poder explicar o desapparecimento das trevas, ou do ceu nocturno, que vale o mesmo, força era conceber um enorme boqueirão aberto no sólo, por onde ellas se sumissem.

A descoberta do Oceano Atlantico não podia deixar de suscitar uma explicação muito differente no espirito d'aquelles que viam com os seus proprios olhos desapparecerem, não nas entranhas da terra, mas nas aguas d'aquelle mar, os deuses nocturnos e ainda os deuses da luz.

Que estas duas concepções do Tartaro se não encontrem na collecção um pouco cahotica de legendas que se chama Theogonia d'Hesiodo, [2] só o póde desconhecer, nos parece, quem nunca reflectiu n'ellas. E postó isto, é muito claro que a segunda, a do Tartaro no Mar do Norte, foi vulgarisada no mundo grego por um povo que frequentava aquelle mar. Este povo só póde ser o phenicio; e nós sabemos como as aventuras maritimas dos Phenicios foram não sómente vulgarisadas, mas naturalisadas na Grecia, para admirarmos o simples caso que nos occupa. [3]

---

[1] O Tartaro, diz elle, dista tanto da superficie da terra, como a superficie da terra dista do ceu.

[2] Parece fóra de duvida que n'esta obra ha retalhos de differentes auctores.

[3] Na primeira parte dos *Argonautas* tratamos desenvolvidamente este assumpto.

Digitized by Google

Mas as legendas reproduzidas por Hesiodo, respeitantes ao Mar do Norte, não pódem ser d'origem phenicia. Os Phenicios tinham um Saturno ou Cronos, e alguns mythologos, fundados em textos muito expressos, pretendem que o Cronos grego e o Cronos phenicio tinham intimas affinidades. Nós porém não hesitamos em affirmar que esta opinião só em parte é defensavel. O Cronos phenicio lucta com Urano e desthrona-o; até aqui as duas mythologias concordam; mas o Cronos ou Saturno phenicio, depois da sua victoria, fica governando perpetuamente o universo, como Zeus depois da sua victoria sobre o Cronos grego. [1] O desthronamento de Saturno por qualquer outro deus é absolutamente estranho á mythologia phenicia. Pelo contrario, fórma o traço predominante do Saturno ariano, quer quando a lenda o mostra encarcerado no Tartaro, quer quando nos conta a sua fuga para o *occidente* diante dos seus inimigos, ou o seu refugio no Latium. [2]

A legenda de Saturno encarcerado no Mar do Norte não póde ser pois de procedencia phenicia. E ainda por outra razão. Se os phenicios fossem os inventores do Inferno Oceanico, [3] levados a isso pela observação directa dos phenomenos, era com certeza na direcção do occidente que o localisariam, conforme a evidencia da realidade das cousas, e não na direcção do norte, onde ninguem podia ter visto nunca sumir-se um deus da noite ou do dia.

---

[1] Para conhecimento d'estes factos melhor é ler a exposição de Philon de Byblos, que as opiniões dos mythologos, sem exceptuar as de Morvers.

[2] Conforme alguns etymologistas antigos, Latium significaria por isso esconderijo, de *latere*.

[3] Trans-oceanico lhe chama M.r Decharme, notando que elle teve pouca voga no mundo greco-romano. Isso prova ainda que esta concepção foi importada de fóra.

Digitized by Google

As consequencias a tirar são: — que as legendas d'Hesiodo sobre o encarceramento de Saturno no Mar do Norte são d'origem ariana; — que o Mar do Norte devia ser um mar occidental para os inventores do mytho, pois que sómente n'este caso tem elle uma rasão de ser. Isto equivale a dizer que os creadores de tal mytho só podiam habitar nas costas do Mar do Norte, pelas immediações do Rheno.

*

Accode aqui naturalmente uma das noticias de Diodoro. Segundo vimos, a tragedia d'Helius collocou-a elle no Eridano. O Eridano dos antigos era o Rheno; e a authenticidade e antiguidade da informação do nosso historiador acha-se contraprovada d'esta vez pelas allusões d'Hesiodo a este mesmo facto, com particularidades que não deixam a menor duvida sobre a identidade de Eridano e do Rheno. [1]

A morte d'Helius na foz do Eridano claramente se vê que é uma innovação mythica, identica á do encarceramento de Saturno n'uma região maritima e devida ás mesmas causas. E' o occaso do Sol no mar. [2] Na tradição primitiva, o filho d'Hyperion devia descer ao Tarta-

---

[1] Hesiodo, fragmento CIV. ed. Didot. Aqui o nome do heroe é Phæthonte. As lagrimas de suas irmãs, as Heliades, são transformadas em ambar. O ambar vinha do Mar do Norte. Já escrevemos n'outra parte que a fabula de Phæthonte era a mythificação da historia de Absyrto, filho d'Ætes. Deveriamos dizer que se encontra n'ella o amalgama d'elementos historicos e mythicos, como na Heraclea grega e em muitas outras legendas.

[2] Temos por certo que a legenda de Phryxo e d'Helle é uma imitação desastrada da d'Helius e Selene; tão desastrada, que a marcha dos dous se faz de poente para nascente, da Grecia para a Colchida, e, pelo que diz respeito a Phryxo, contendo mais elementos historicos do que mythicos.

Digitized by Google

ro terrestre, que na versão italica era figurado como uma caverna, a do Caco, podendo ser imaginada n'um paiz sertanejo. Depois da descoberta do mar occidental e para aquelles que das suas margens contemplavam o phenomeno do pôr do sol, a velha concepção não podia continuar e tinha de ser substituida por outra mais conforme á realidade.

Por agora chamaremos apenas a attenção do leitor para a localisação do mytho na foz do Eridano. Não é evidente que os inventores d'este mytho só podiam habitár as costas do Mar do Norte, a norte e a sul do Rheno? E não fica d'este modo plenamente confirmada a explicação que demos da denominação do Mar Saturnio?

*

Rasões tinhamos pois para affirmar que, muitos seculos antes da presença dos Romanos no ultimo occidente, existia n'elle uma mythologia ariana, que divergia um pouco da grega na modificação de certos mythos, o que prova apenas, vista a natureza d'aquellas modificações, que a vivificava ainda essa adoração dos deuses face a face, tão transparente em alguns hymnos de Rig-Veda.

Quem podiam ser agora estes velhos arias das margens do Rheno? Para expôr e fundamentar a nossa opinião, teriamos de reproduzir muitas das paginas que escrevemos nos Argonautas, e para as quaes remettemos o leitor que se interessar por estes assumptos. Alli estabelecemos ou pareceu-nos estabelecer, que toda a colonisação das costas occidentaes da Europa, desde o Baltico até o sudoeste da Hispanha, não fallando nas Ilhas Britannicas, foi effectuada por uma formidavel corrente de povos emigrados da Asia para a Europa, que, tomando pelo caminho do Danubio, depois pelo do Rheno, e esbarrando com o mar occidental, tinha sido forçada a dif-

*

Digitized by Google

fundir-se pelas margens do Atlantico. Sendo a foz do Rheno o ponto d'irradiação d'estas colonias, está achada a rasão por que o Mar do Norte se tornou o theatro dos mythos modificados, que temos passado em revista. Certamente a localisação de taes mythos havia de ir variando, conforme a posição geographica, que cada colonia fosse tomando, quando desceu para o sul, ou quando atravessou para as Ilhas Britannicas; e veremos que assim succedeu. E' porém naturalissimo que a foz do Eridano e o Mar do Norte, onde os emigrados observaram pela primeira vez phenomenos que nunca julgaram possiveis, e que tão profundamente deviam alterar as suas antigas crenças, ficassem sempre a ser considerados como o theatro por excellencia d'aquella assombrosa revolução.

De resto, como affirmamos, a posição do Inferno Oceanico foi variando, em harmonia com a situação geographica de cada colonia. Para os occupantes das Ilhas Britannicas, por exemplo, o encarceramento de Saturno no Mar do Norte propriamente dicto, seria cousa tão absurda, como o occaso do sol no oriente. Mas veja-se esta noticia de Plutarcho. A poente das Ilhas Britannicas, diz elle sob a fé d'um mysterioso informador, existia uma ilha, onde se tinha por certo estar prisioneiro Saturno com os cortesãos, que o haviam servido no tempo da sua prosperidade. Segundo a tradição, a guarda d'aquelle mar tinha sido confiada ao velho deus. [1]

Como se vê, é a legenda d'Hesiodo, mas translocada agora do Corno do oceano, ou do antigo Mar Saturnio, para um mar ao occidente das Ilhas Britannicas — o que

[1] Plutarcho no seu tratado: *De la face qui parait sur la lune.* Citamos a traducção franceza do abbade Ricard.

Digitized by Google

importa o mesmo que dizer, é uma tradição local irlandeza. [1]

O culto de Saturno encontrava-se tambem no litoral da Hispanha entre dous povos, os Cempses e os Cynetos. Não se póde jurar que os seus adoradores vissem n'elle o deus, a quem fôra confiada a guarda do mar occidental, como os do norte; porque nenhumas informações precisas nos restam sobre este ponto: é porém muito provavel que assim fosse, visto como nas Canarias vamos achar localisada uma legenda, que não differe essencialmente da que vigorava na Irlanda. N'estas ilhas, chamadas Fortunatas ou Bemaventuradas, governava o velho Saturno. O seu imperio não se assimelha muito ao Tartaro tenebroso d'Hesiodo; mas tambem na tradição irlandeza, a prisão, onde habita o deus, é uma região deliciosa, e os seus devotos sabem que elle os póde encher de beneficios e communicar-lhes importantes segredos, porque lê na mente de Jupiter.

*

Para completar as observações, que as noticias de Diodoro nos suggerem, quanto á mythologia ariana do Occidente, não será inutil lembrar que o exame d'outros documentos [2] nos levou á conclusão de que os Tyrios na sua primeira expedição ao Mar do Norte encontraram entre Tartesso e a foz do Rheno templos consagrados a di-

---

[1] No tempo de S. Patricio, os irlandezes adoravam ainda o deus Crom, cuja estatua se via no «campo da adoração» cercada por varios outros idolos. Não seria desarrasoada a ideia de ver n'estes idolos a representação de Cronos e do seu cortejo, a que allude Plutarcho. Se Crom e Cronos fossem a mesma palavra, a fórma irlandeza offereceria uma etymologia satisfactoria.

[2] Nos Argonautas.

Digitized by Google

vindades arianas, a Proserpina, a Marte, a Circe, e que os propagandistas d'estes cultos foram os arias da corrente do Rheno, que se alastrou para o sul.

Imagina-se pois, se acreditaremos ou não na authenticidade das informações d'um escriptor, que vem confirmar as nossas conjecturas com as declarações mais positivas.

O laconismo das suas noticias é para lamentar, mas em compensação a theogonia dos occidentaes é feita com traços tão seguros e, a nosso ver, tão verdadeiros, que as poucas paginas, que o historiador lhes consagra, tem um valor inestimavel.

*

Dir-se-ha que, para sermos coherentes, deveriamos admittir, com o auctor da Bibliotheca Historica, que a migração arica não parou no sudoeste da Hispanha, mas atravessou para a Africa, estendendo-se até perto do Atlas. Certamente que não recuamos deante d'esta hypothese; e, se não temos provas plenas em seu favor, vamos reproduzir alguns factos, que não são, cremos nós, muito a favor dos que queiram sustentar a contraria. Nós sabemos que os Phenicios, quando a vez primeira visitaram as costas occidentaes da Libya, já ahi encontraram estabelecidos povos de certa cultura, entre os quaes se distinguiam os Lixitas [1], e Adolpho Pictet encontrava por estas costas rios de nomes celticos [2]. E' verdade que M. de Jubainville impugnou o valor das etymologias do grande celtista [3]; mas qual dos dous sabios tem rasão?

[1] Inferido da critica dos Errores d'Ulysses.
[2] Na *Revue Celtique*.
[3] Ibidem.

Digitized by Google

Conta Dieffenbach que uma dama do Paiz de Galles com o auxilio da lingua natal (*celtica*) poude comprehender uns Berberes que fallavam na sua [1]. Provavelmente alguns linguistas, que tem estudado a lingua da Kabylia, rir-se-hão de Dieffenbach e da dama de Galles [2]; mas na Kabylia ha uma só lingua e os estudos linguisticos, feitos n'aquelle estranho povo, são tão completos, que todos os seus mysterios estejam decifrados? Parece que é o contrario.

Um observador illustre, Bodichon, que se occupou especialmente do typo physico dos Berberes, achava-lhe tão estreitas analogias com o dos Bretões, que pretendia ver n'estes uns descendentes d'aquelles [3]. E' claro que do mesmo principio se póde tirar a conclusão inversa.

Os monumentos megalithicos do norte da Africa, entre Gibraltar e Carthago, muito parecidos aos da Bretanha e outras partes do occidente da Europa, tem dado origem á supposição de que os constructores d'estes monumentos caminhassem de sul para norte; não obstante, a maioria dos archeologos admitte a marcha opposta e, a nosso juizo, só esta opinião é racional.

Todos estes fáctos embora muito mysteriosos, ha de confessar-se que não são os mais proprios para malquistar-nos com a occupação d'esta parte da Libya por populações arianas da primeira migração.

Se, como parece, a chegada dos arias da corrente do Rheno ao sudoeste da Hispanha regula pelo sec. xv, a. C., a sua presença no norte da Africa pouco posterior podia ser a esta data. Ora dá-se a coincidencia singular de que, desde o sec. xv e principalmente no seguinte, os povos da bacia do Mediterraneo entre a Sicilia e o Estreito de

---

1 Na sua obra: *Celtica*.

2 Para alguns a lingua berbere é chamita.

3 Em Belloguet, *Ethnogenie gauloise*.

Digitized by Google

Gibraltar mostram repentinamente signaes d'uma vida irrequieta e aventureira, que quadra admiravelmente a todos os emigrados em busca d'uma nova patria. Fallamos dos povos, que por mais d'uma vez se colligaram contra o Egypto, e só perderam a louca ideia de o conquistar, depois de reconhecida a impotencia dos seus ataques. Alguns d'estes povos são designados com o nome generico de Libyos, mas como os Maxuas, esses especialisados, viviam na Numidia e na Mauritania dos Romanos. Eram elles povos áricos? As armas e joiras de bronze, de que usavam, dão-lhes todo o direito a entrar na cathegoria dos chamados povos da civilisação do bronze; e, a não serem arianos, ha de ser difficil descobrir que gente d'esta parte da Africa podesse conhecer o bronze na epocha, de que se trata.

Accresce que na famosa colligação apparecem legitimos representantes da primeira migração arica, os Oscos e os Siculos, da corrente do Rhodano [1]. Não seria cousa estranha que no litoral da Mauritania ou da Numidia se fechasse o movimento d'expansão das duas correntes do Rhodano e Rheno [2], por ter alli cada uma d'ellas tomado uma direcção opposta, a primeira seguindo de nascente a poente depois de passar da Sicilia para a costa africana, a segunda vindo de poente para nascente, depois d'atravessar o Estreito de Gibraltar. Este acontecimento muito plausivel explicaria, melhor que nenhuma outra hypothese, o laço d'união que prende os inimigos do Egypto e os associa n'uma empreza commum, como ex-

---

[1] Para todos estes factos vide Chabas, *Etudes sur l'antiquité historique.*

[2] E' opinião nossa que a grande migração ariana que veio pelo caminho do Danubio até ás fontes d'este rio, tomou depois duas direcções: a do Rheno e de que já fallamos, e a do Rhodano, que lhe abriu caminho para a Italia e Sicilia.

Digitized by Google

plicaria a uniformidade de civilisação, que transparece em todos os associados.

*

Não esqueça que o nosso fim é unicamente mostrar que a affirmativa de Diodoro, quanto á occupação d'uma parte das costas occidentaes da Libya por tribus da mesma familia que habitava pelo poente da Europa, póde ser um problema muito digno d'estudo, e só será absurda para aquelles que desconhecem o quanto a philologia historica tem ainda que fazer, e quantos filões estão ainda por explorar.

Como pelas costas occidentaes da Europa, e muito menos pela Libya, ninguem póde encontrar vestigios de celtas, [1] senão nos fins do sec. VI a. C. ou principios do V,

---

[1] O que não tira que os povos colligados contra o Egypto não tenham sido declarados celtas. O snr. Penka, nas suas *Origines Ariacæ*, escriptas ha seis annos, admitte ainda esta opinião, substituindo o nome de Gallos ao de Celtas, porque para elle os Gallos são da mesma raça dos Germanos, da raça loura: os celtas nem pertencem a esta raça, nem mesmo á familia ariana. Novas complicações para os celtistas. E, visto que entramos nos dominios do arbitrario, não admirará que tambem arrisquemos uma hypothese. Os celebres Atlantes da tradição egypcia, a crer Platão, são uma pura fabula, ou ha n'isto a deturpação d'um facto historico? Essa gente vem dos lados do Atlantico e em tão innumeravel quantidade que ninguem póde resistir-lhe. Por fim desapparecem quasi de repente. Os povos ligados contra o Egypto vinham dos lados do Atlantico, e, depois das suas infructuosas tentativas, como que desappareceram da historia, certamente por se terem fixado, tornando-se sedentarios. Porque vinham do lado do Atlantico, o seu paiz teria o nome d'Atlantida; porque desapparecessem subitamente da scena historica, a phantasia explicaria o facto por um cataclysmo, que os engoliu com a sua terra. Não faltariam exemplos de pequenas ilhas desapparecidas com os seus habitantes, para fundamentar a fabula. Certo é que o nome d'Atlantes, empregado por Diodoro, não é uma invenção sua.

Digitized by Google

a narrativa de Diodoro, dando-nos a certeza de que, muitos seculos antes da chegada da gente celtica a estas regiões, existia n'ellas um systema religioso intimamente apparentado com a mythologia greco-romana, e que, com todas as probabilidades, subsistia no seu tempo; esta certeza, dizemos, tem a importancia que póde imaginar-se, para nós que consideramos nulla a influencia celtica no nosso paiz.

Guimarães, 30—5—89.

F. Martins Sarmento.

Digitized by Google

CONTRIBUIÇÕES

PARA A

ETHNOGRAPHIA PORTUGUEZA

NOTAS SOBRE MALACOLOGIA POPULAR

Nos estudos ethnographicos realisados entre nós, a mythologia zoologica, ainda que haja por vezes occupado os investigadores das tradições e crenças populares, está longe de ser completa. Taes trabalhos poderiam talvez ser levados a cabo pelos naturalistas se, ás suas inquirições especiaes, alliassem as relativas aos usos e superstições nos povos das regiões que exploram. Na pesquiza demorada e minuciosa das especies zoologicas, é que o investigador tem logar de conhecer as ideias que popularmente se ligam aos seres; e comprehende-se de sobejo como ao ethnographo póde passar despercebida uma quantiosa somma de factos, sabendo-se que a natureza dos seus estudos é, até certo ponto, estranha á indagação da fauna em todas as suas particularidades. Eu poude verificar o que vae dito em algumas observações cujos intuitos primordiaes nada tinham que vêr com trabalhos de ordem ethnographica. Da comparação d'algumas notas colligidas e dos trabalhos especiaes firmados por especialistas competentes resultou a observação de um bom numero de documentos ignorados, os quaes, postoque nada valendo isoladamente, pódem, no conjuncto, prestar algum subsidio ao estudo da fauna popular portugueza.

Investigações um pouco subordinadas a este propo-

Digitized by Google

sito, foram já iniciadas — e infelizmente apenas iniciadas — pelo nosso extincto naturalista Arruda Furtado, cuja dedicação por assumptos de caracter zoologico não o impossibilitava de recolher materiaes para outros estudos, senão estranhos, todavia de indiscutivel valor. Ora esta noticia poderá suppôr-se sem interesse, uma vez que se julgue que um tam restricto grupo zoologico entre nós, não dá margem a considerações de importancia scientifica.

Contrariamente, porém, os subsidios d'este estudo, além do mais, demonstrarão a meu vêr um certo numero de aptidões já antevistas por Furtado no seu trabalho inicial [1] e que, tanto mais notaveis se tornam, quanto os objectos com que se relacionam pareceriam merecer, na sua quasi generalidade, uma insignificante attenção. Estas aptidões são as que se referem á nomenclatura popular, a qual se na ichtyologia é naturalissima em virtude da importancia primeira do comestivel, e sobretudo nas populações costeiras, na malacologia deveria limitar-se ás tres ou quatro especies edulis mais commumente usadas.

Um outro facto não assignalado até hoje é a persistencia, nas povoações do littoral, da adopção de certos molluscos comestiveis apenas entre os individuos que compõem tal ou tal agrupamento maritimo, e que desde o periodo neolithico, nomeadamente nos kjoëkkenmoëddings, formam um dos elementos essenciaes da alimentação entre os povos prehistoricos. Se, como adeante veremos, um grande numero de especies tem cahido em desuso na economia culinaria geral, é certo que, ou por necessidade ou por gosto, ellas fazem ainda parte da meza escassa de varias populações piscatorias.

---

[1] *Notas psychologicas e ethnologicas sobre o povo portuguez, I Nomes vulgares de peixes* in *Jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes,* n.º XLII. Lisboa, 1886.

Digitized by Google

De resto algumas observações mais completarão este estudo o qual poderá, como já acima foi dito, nada valer no detalhe, mas que acompanhado de investigações similares nos outros grupos zoologicos, contribuirá efficazmente para um estudo definitivo da nossa zoologia popular e consequentemente da Ethnographia portugueza.

O culto pelas conchas em alguns povos antigos e ainda actualmente em varias tribus dispersas, não tem, na Europa occidental, senão pequenos vestigios persistindo e manifestando-se quasi exclusivamente nos divertimentos infantis. Ellas representaram todavia um papel preponderante, não só quando consideradas divindades, mas mesmo reunidas ou fazendo parte de variadas ceremonias religiosas. Nos costumes indianos, nas superstições americanas e n'uma ou n'outra tradição brahmanica, as conchas, pelo seu valor de amuletos, pela sua origem supposta divina ou pela sua associação aos objectos mais venerados do culto, occupam um logar dos mais estimados entre os productos naturaes. Dos modos differentes de interpretar as qualidades de taes seres, deriva uma extensa série de factos ennunciados em varias obras ethnographicas sobre diversos povos, e aos quaes o espirito eminentemente sabio e lucido de Paul Sébillot deu corpo, para realisar o seu interessante estudo ácerca das conchas marinhas [1].

Na mythologia malacologica portugueza sabe-se que Plinio affirmou a apparição, junto a Lisboa, do deus Tritão, o qual, com a sua concha, ou afugentava os gigantes, ou applacava a furia indomita dos mares [2]. Nos *Lu-*

[1] *Les coquilles de mer* in *Revue d'Ethnographie*, n.º 6, tom. v — Paris, 1886.

[2] Sébillot, op. cit.

Digitized by Google

siadas, Camões ao descrever a recepção de Bacho por Neptuno, apresenta Tritão chamando, ás ordens do pae, os deuses da agua fria. Tritão toca n'uma concha, cuja

> ... voz grande canora foi ouvida
> Por todo o mar que longe retumbava. [1]

Na tradição popular actual não ha ligada ao *Triton* ideia alguma mythologica; apenas, como na Bretanha, elle serve de instrumento de chamada entre os trabalhadores do campo.

Nos nossos contos e quadras populares, nada ou mal apparecem, como em algumas lendas bretãs, as conchas ornando as grutas das sereias. Só talvez como ultimos indicios de antigos emblemas pagãos, vêem-se ainda nas igrejas as pias da agua benta em fórma de pectens ou de cardiuns, o que de certo póde não ter essa significação, levando em conta a tendencia emblematica conchifera evidenciada nas fontes, na heraldica e em varios outros objectos ou monumentos os mais dissemilhantes, cuja explicação poderá melhor ser dada pelas proximidades do mar e estreiteza de territorio que permitte um conhecimento mais amplo da nossa fauna marinha e conseguintemente a adopção, como ornato, d'algum dos seus mais interessantes productos. E', todavia, curioso reparar que a concha não só apparece nas fontes e nas pias referidas, mas tambem nas baptismaes. Representariam ellas objectos accessorios ao culto das aguas no periodo luso-romano?

Os rozarios de contas ainda hoje são objecto de entretenimento das creanças nas povoações do littoral. Entre os indianos rozarios analogos constituiam muitas ve-

---

[1] *Os Lusiadas*. est. xv-xix, canto vi, tom. iii, ed. da *Actualidade*.

Digitized by Google

zes o penhor d'uma promessa, ou, como nos canadienses, o objecto indispensavel na presença do qual se estabeleciam os tratados de paz. Nos tempos prehistoricos a existencia dos collares foi-nos revelada sobretudo nas grutas funerarias [1] e a explicação em que os archeologos estão de accordo é que taes objectos não eram mais do que meros enfeites.

A existencia dos nossos rozarios de conchas, e parallelamente nas costas bretãs, póde ser um costume degenerado. A elles, porém, liga-se a superstição habitual nas Asturias de as mães pendurarem ao peito uma concha, afim de lhes augmentar o leite, superstição que em alguns logares do norte de Portugal, postoque modificada superficialmente, existe na essencia. Ella consiste entre nós em pendurar uma conta; e sabido é como entre os povos prehistoricos as conchas-ornatos andavam associadas aos collares de contas de diversos mineraes.

O uso da concha como amuleto ou como simples adorno existia já entre os habitantes de alguma das grutas de Cesareda. O nosso eminente geologo, o snr. Nery Delgado, encontrou varias valvas de *Pectunculus* perfuradas, parecendo-lhe «terem sido destinadas a servir de adorno ou enfeite». [2] Esta descoberta condiz com as realisadas nas sepulturas de Dijon, Arvier, Treiche e Cueva de la Mujer [3] nas quaes é curioso notar que, associado a varias conchas constituindo braceletes ou collares, apparecia sempre o *Pectunculus*. O nosso sabio geologo pretende sensatamente que as conchas de *Haliotis*, *Patella*, *Pectunculus*, *Mytilus*, *Pecten* e *Ostrea* constituiriam um

[1] G. Mortillet. *Le Préhistorique*, Paris, 1885.
[2] *Noticia ácerca das grutas de Cesareda*. Lisboa, 1887.
[3] Mortillet, op. cit.

Digitized by Google

alimento insignificante para o troglodyta da Furninha [1] e suppõe que a sua existencia na gruta poderá ser interpretada por outras considerações ethnographicas. A não fazer parte d'uma alimentação talvez accidental, só a titulo de objecto de troca, adorno ou amuleto me parece a sua introducção attribuivel; e essa é sem duvida a opinião do illustre investigador.

O costume de reunir ao cadaver braceletes ou outros objectos formados por conchas, persiste talvez modificado, na opinião de Sébillot [2], em alguns cemiterios das costas da Bretanha, nos quaes é uso os parentes dispôrem no tumulo conchas em cruz. Este habito, a que não é estranha alguma ideia religiosa, não existe, ao que me consta, entre nós.

Convém no entanto referir que n'uma localidade portugueza (Povoa de Varzim), em opposição a este costume, os habitantes da terra quando uma rixa séria os indispõe, promettem-se, praguejando, *tocar as contchas* ao adversario logo que elle morra. Esta ameaça, nunca levada a effeito, constitue uma offensa tam expressiva como outra qualquer praga habitualmente em uso na citada população maritima.

A apropriação e utilisação das conchas nas formulas populares medicinaes reduz-se a tres ou quatro casos que mereçam referencia.

Não obstante uma decidida repugnancia quasi generica, o povo sabe attribuir a varias das nossas especies de *Helix*, virtudes eminentemente therapeuticas para a cura da phtysica ou do *esfalfamento*. No Minho, um nudibran-

---

[1] *La grotte de Furninha à Peniche*, in *Compte-rendu du Congrès internationale d'Anthropologie et d'Archéologie préhistoriques*. Lisbonne, 1882.

[2] Op. cit.

Digitized by Google

chio esmagado e collocado no abdomen cura a fraqueza [1]. As virtudes d'estes molluscos, apparentemente nús, estendem-se até ao desapparecimento do suor nas mãos, o que se consegue esfregando entre ellas um d'esses animaes [2].

A extincção da cataracta opera-se, segundo uma crença, geral em Ilhavo, Ovar, Aveiro, Buarcos e outras populações para o sul, com a introducção do operculo dos *Trochus, Littorinas* e *Purpuras* entre a palpebra e o globo ocular. Na antiguidade, este orgão caracteristico dos operculados tinha outras applicações, como o dos muricideos, por exemplo, que, em fumigação, dava excellentes resultados, dizia-se, no tratamento das suffocações hystericas. [3]

O sepion d'um cephalopode muito vulgar entre nós, a *Sepia officinalis*, L., é utilisado como dentifricio. Este notavel decapode, além das suas applicações industriaes, forneceu á medicina elementos para varios remedios; outr'ora os pharmaceuticos empregavam-o mesmo como uma base. Hoje a siba utilisa-se apenas medicinalmente como ficou referido.

Na Povoa de Varzim acredita-se que a *Cyprœa Europœa*, Mont., reduzida a pó e misturada com succo de limão, extingue as sardas. E' interessante relatar a este respeito que um medico hollandez pretendia curar, no seculo passado, os dartros da cara com conchas marinhas dissolvidas no mesmo succo [4].

---

[1] Leite de Vasconcellos — *Tradições populares de Portugal.* Porto, 1882.

[2] Op. cit.

[3] Plinio, apud Sébillot.

[4] *La médecine des pauvres.* Paris, 1741. Apud *Les coquilles de mer.*

Digitized by Google

Os comestiveis mais geralmente adoptados nos lamellibranchios são o *Cardium edule*, L., o *Mytilus edulis*, L., a *Ostrea edulis*, L., e nos cephalopodes o *Octopus vulgaris*, Lamk., e o *Loligo vulgaris*, Lamk. Em torno d'estes grupam-se comtudo alguns outros que ordinariamente acompanham os já citados nas occasiões da pesca. No mercado de Lisboa o *Donax trunculus*, L., o *Tapes decussatus*, L., a *Dosinia exoleta*, L., a *Littorina littorea*, L., e o *Murex brandaris*, L., apparecem associados a outros molluscos, mas não fazem parte d'um commercio especial.

No norte utilisam-se com mais frequencia outras especies de sabor ordinario: *Patella vulgata*, L., *P. athletica*, Bean, *Trochus crassus*, Pult., *T. cinerarius*, L., e *Purpura lapillus*, L. O uso d'estas especies, porém, não constitue tam pouco um commercio regular. Ellas e outras são introduzidas na economia domestica pelas populações maritimas, em virtude d'uma escassez de pesca, ou obedecendo a simples exigencias do paladar.

Estes dois factos explicam a appropriação á culinaria de molluscos como o *Pecten maximus*, L., o *P. opercularis*, L., o *Triton nodiferus*, Lamk., e a *Ranella gigantea*, Lamk., repugnantes á maioria da população alheia aos trabalhos marinhos.

A inclinação pelos mariscos evidenceia-se nos tempos prehistoricos, sobretudo nos restos de cosinha que constituem os quatro kjoëkkenmoëddings do valle do Tejo. Nos de Cabeço de Arruda e Fonte do Padre Pedro, entre outros appareceram com abundancia as valvas da *Lutraria compressa*. [1] Molluscos d'este genero (*L. oblonga*, Chem.) sei que usam ainda os pescadores da Povoa de

---

[1] *Les kjoëkkenmoëddings de la vallée du Tage*, in *Compte-rendu* do congresso de Lisboa, 1882.

Digitized by Google

Varzim. E' interessante, todavia, para o estudo comparativo, reproduzir a lista dos molluscos marinhos que o povo de Liceia [1] adoptava nas suas refeições, curiosa em virtude de encerrar representantes de todos os generos utilisados então, e ainda hoje fazendo parte do consumo no littoral.

Triton cutaceus	*E. emarginata*
Triton, sp.?	*Tapes decussatus*
Nassa reticulata	*Cardium lœvigatum* (Pùlt.)
Patella athletica	*Mytilus edulis*
Emmarginula depressa	*Ostrea* (frag.)

A comparação entre esta lista e a que vou dar, reunindo todos os molluscos comestiveis actuaes, dirá sufficientemente sobre a persistencia da utilisação de certas especies pelos habitantes da costa. Apenas duas observações, ácerca de representantes não incluidos, a completarão. Ao *Triton nodiferus,* Lamk., não mencionado n'esta lista, é provavel que se refira o fragmento de buzio que o nosso consocio e illustre archeologo, o snr. Santos Rocha, indica como recolhido no megalitho das Carniçosas. [2] Quanto aos vestigios do *Pecten maximus,* L., encontrados sem perfuração n'uma das grutas de Cesareda, a não representar um meio de troca, o que parece admissivel em varios casos [3], era então empregado como comestivel.

Reunindo á lista acima varias especies de *Patellas, Littorinas* e poucas mais que appareceram em outras estações prehistoricas e notando que n'esta e na seguinte

---

[1] Carlos Ribeiro—NOTICIA DE ALGUMAS ESTAÇÕES E MONUMENTOS PREHISTORICOS. I *Noticia da estação humana de Liceia.* Lisboa, 1870.

[2] A. dos Santos Rocha—*Antiguidades do concelho da Figueira.* Coimbra, 1888.

[3] Mortillet—*Le Préhistorique.* Part. 2.ª, cap. XVIII—Magdaleneano.

Digitized by Google

os generos são quasi os mesmos, ver-se-ha que o habitante do littoral ainda faz participar da sua alimentação especies usadas pelas populações exhistoricas.

LISTA DOS MOLLUSCOS MARINHOS ACTUALMENTE COMESTIVEIS

LAMELLIBRANCHIOS

Donax trunculus, L.
Tapes decussatus, L.
Dosinia exoleta, L.
Cardium edule, L.
Mytilus edulis, L.
Pecten maximus, L.
P. opercularis, L.
Ostrea edulis, L.

GASTEROPODES

Patella vulgata, L.
P. athletica, Bean.
Trochus crassus, Pult.
T. cinerarius, L.
Littorina littorea, L.
Murex brandaris, L.
Triton nodiferus, Lamk.
T. cutaceus, L.
Ranellæ gigantea, Lamk.
Purpura lapillus, L.

CEPHALOPODES

Octopus vulgaris, Lamk.
Loligo vulgaris, Lamk.

Os molluscos fluviaes e terrestres teem pouca importancia como comestiveis. Apenas alguns *Unios* (mexilhões do rio) e *Helix*, estas ultimas por uma insignificantissima minoria, se utilisam raramente.

São pouco importantes os recursos d'outra ordem tirados das conchas. A simplicidade, as dimensões e a pobreza de colorido dos molluscos que teem habitat em Portugal explica claramente a sua insignificante appropriação nas industrias populares. Sabe-se no entanto que a *Cyprœa moneta*, gasteropode pequeno e descórado, representa um importante papel como moeda em algumas regiões africanas; mesmo uma secção transversal e basilar d'um *Conus* vale um boi em algumas das nossas possessões da Africa occidental. [1] Costumes analogos a estes

[1] Informação de Ricardo Severo.

Digitized by Google

observam-se apenas nos jogos infantis entre as populações littoraes da Bretanha e da Irlanda; nas nossas localidades da beira-mar veem-se tambem vulgarmente as creanças fazerem casitas com as valvas chatas dos *Pectens*, reunindo-lhes pequenas louças constituidas por valvas concavas d'outros bivalves. Estas casitas equivalem a lojas, e entre umas e outras simulam-se compras cujo preço é satisfeito pelas conchas mais pequenas.

As mulheres de Villa Chã adquirem nas praias mais proximas e mais abundantes, exemplares com que depois enfeitam pequenas commodas, capellas, bocetas, caixas, bilheteiras e outros objectos que depois entram no baixo commercio. De Villa do Conde espalham-se por outras localidades mulheres vendendo varios objectos de adorno entre os quaes se encontram brincos ornados com *Cypræas*. Estes objectos fazem lembrar os amuletos que os habitantes das Novas Hebridas penduram nas orelhas.

O pescador da Povoa de Varzim tem sempre uma marca especial para distinguir dos outros os seus utensilios de pesca. Esses signaes extremamente curiosos, cuja interpretação e estudo terão melhor logar n'um trabalho anthropologico já encetado, são varias vezes substituidos por conchas. Em cada um dos utensilios do barco, na extremidade de cada rêde, nas chaves da habitação e da mobilia, uma concha, sempre da mesma especie, é-lhes invariavelmente reunida. Na vida domestica, as valvas do *Pecten maximus*, L., emprega-as o habitante do littoral para encerrarem liquidos; e refere Sébillot que o bretão usa as conchas para beber ou guardar o leite.

Nos divertimentos infantis a que já temos feito referencias é curiosa a similitude de costumes entre as nossas creanças e as das costas oceanicas da França e da Inglaterra. O auctor da memoria que nos tem servido de comparação *(Les coquilles de mer)* expõe no seu interessante trabalho os jogos com as conchas roladas atiradas

Digitized by Google

ao mar de modo a darem saltos na carreira, as lunetas formadas com valvas de pelecypodas perfurados, os barquitos e outros.

A pesca aos molluscos, geralmente de pouca importancia na maior parte das nossas praias, não dá logar á existencia de documentos de interesse. Sei apenas que em algumas povoações do norte, o pescador que na maré baixa procura o polvo entre as fendas dos rochedos, dizlhe, julgando attrahil-o:

Sacaramolle (?)
Põe-te ao sol.

Esta formula recorda a das creanças que excitam os molluscos terrestres a procurarem a obscuridade, collocando-os ao sol. E' geral e commummente conhecida:

Caracol, caracol
Põe os corninhos ao sol.

Nos desafios [1] e nas canções populares a concha entra, com o seu nome vulgar, ou como pretexto de rima, ou servindo de recurso para a realisação de quadras com

---

[1] N'uns versos recolhidos em um desafio na Povoa de Varzim, são interessantes as referencias aos peixes, crustaceos e echinodermes que povoam o mar. A factura é detestavel, o que de resto e por ser lá geral, constitue um bom subsidio para a inquirição do desenvolvimento intellectivo d'aquelle povo. A seguinte amostra, referida ás anatifas (n. v. *precêba, pinha do penêdo),* comprova-o satisfactoriamente:

Eu digo que sabes muito,
Tambem me vaes dizer esta.
Qual é o peixe do mar
Que tem as unhas na testa?

Essa não me mette medo;
Quem tem as unhas na testa
São as *pinhas do penêdo.*

Digitized by Google

intuitos estranhos. Servem de exemplos a este ultimo caso, os seguintes:

Fui ao mar buscar beijinhos *(Cypræa)*
N'uma bandeja de prata;
Que tomar amores não custa
Deixal-os é o que mata.

Fui ao mar buscar conchinhas
Ao repontar da maré;
Não ha nome que me agrade
Como o nome de José.

Para rematar este estudo vamos referir-nos ao facto mais notavel e mais curioso na nossa malacologia popular, o qual consiste na separação natural dos molluscos marinhos em duas grandes divisões, correspondentes a duas secções importantes delimitadas scientificamente. O povo portuguez separa os Lamellibranchios dos Gasteropodes com as designações geraes de Conchas e Caramujos. Excepção feita d'um restrictissimo numero de molluscos de maiores dimensões, um lamellibranchio completo *(Solen, Mactra, Tellina, Venus, Lucina, Arca,* etc.) ou uma das suas valvas isoladas, é sempre uma concha; o gasteropode *(Trochus, Phasianella, Alexia, Scalaria, Janthina, Hydrobia, Rissoa, Natica, Cerithium,* etc.) é ordinariamente um caramujo. Esta differenciação comprehende-se que não desce ás minimas particularidades; o caso geral, todavia, é o que fica apontado.

A designação especifica abrange os individuos da lista que segue:

Digitized by Google

VOCABULARIO MALACOLOGICO POPULAR

E NOMENCLATURA SCIENTIFICA CORRESPONDENTE

I Denominações archaicas

1	*Solen vagina (S. marginatus,* Pult.).....	Longueirão
	Pholas dactylus.	Borreas
2	*Cardium edule*	Briguigão
	Mytilus edulis.....	Misilhão

II Denominações actuaes

LAMELLIBRANCHIOS	
Solen marginatus, Pult.....	Facas (Espinho)
Mactra stultorum, L.....	Concha de Ovar (Espinho)
Donax vittatus, Jeff.	Pintos (Espinho), Folhas (Povoa)
D. trunculus, L.	Cadellinha (Lisboa)
Tapes decussatus, L.....	Amejoa de rochedo (Lisboa), Verdadeira amejoa (Aveiro)
Cardium edule, L.	Amejoa, brebigão
Modiola barbata, L.....	Mexilhão
Mytilus edulis, L.....	Mexilhão
M. gallo-provincialis, Lamk.....	Mexilhão
Pinna pectinata, L.....	Funil (Povoa), Conchilhão (Ibd.)
Pecten maximus, L.....	Carrampilo (Povoa), Pente
P. varius, L.....	Leque (Leça)
P. opercularis, L.	Romeiras (Povoa)
Anomia ephippium, L.	Corninho (Espinho), Madreperola (Leça)
Ostrea edulis, L.	Ostra
O. angulata.....	Ostra
GASTEROPODES	
Patella vulgata, L.....	Lapa
P. athletica, Bean.....	Lapa
P. lusitanica	Lapa

---

1 Domingos Vandelli — *Specimen fauna et floræ Lusitaniæ,* ap. A. Nobre, *Historia da malacologia em Portugal.*

2 Camões — *Lusiadas,* canto VI, est. XVI e XVIII, ed. cit.

Digitized by Google

Helcion pellucidum, L.....	Barquinho (Leça)
Tectura virginea, Müller.....	Covella (?) (Povoa)
Fissurella reticulata, Donov.	Lapa (Povoa)
Aplysia depilans, L.....	Bebeda (Leça), Vinagreira?(Povoa)
Turritella communis, Risso.....	Fuso (Povoa)
Littorina littorea, L.....	Borrelho (Lisboa)
Natica monilifera, Lamk.	Caracol (Espinho)
Chenopus pes-pelecani, L.....	Bandeira (Povoa), Chave (Ibd.)
Murex trunculus, L.	Busio (Lisboa)
M. brandaris, L.	Busio (Lisboa)
Triton nodiferus, Lamk.....	Busina, busio
Cassis Saburon, Brug.....	Busio (Espinho)
Nassa incrassata, Müller.....	Alcofinha, cornetinha (Leça)
Cypræa Europœa; Montg.	Beijinhos
CEPHALOPODES	
Octopus vulgaris, Lamk.....	Polvo
Loligo vulgaris, Lamk.....	Lula
Sepia officinalis, L.....	Chôco

E', como se vê, avultado, o numero de designações populares que existem para um grupo zoologico cuja importancia e inferioridade numerica pouco tem de comparavel com as outras secções do reino animal, superiores em organisação. O povo das costas, dadas as condições de vida e de meio que o tornam contemplativo e observador, creou um vocabulario proprio, relativamente extenso, com uma aptidão especial que não é commum entre as classes medianamente instruidas. Os nomes em geral são originados pela comparação com os objectos de uso mais frequente, ou sejam caseiros ou utensilios de officio. E' o que se dá, para o primeiro caso, com o *Chenopus* (bandeira, chave) cujas digitações alongadas e annexas ao corpo principal da concha, lhe dão effectivamente a apparencia dos objectos designados pelos dois qualificativos populares; e, para o segundo, com o *Helcion*, (barquinho) onde o contorno exterior marca, em miniatura, uma justa semelhança com o objecto de que foi tirado o nome. As

Digitized by Google

mesmas considerações poder-se-hiam estender ás *facas, funis, pentes, leques, bebedas, fusos,* etc. A par, designações existem cuja interpretação nos escapa, não só pela novidade dos vocabulos, como pelo exotismo da comparação. E' o que acontece para a *Tectura* (covella) ou para o *Donax* (cadellinha).

As semelhanças grosseiras entre especies de generos proximos, leva muitas vezes o povo a incluir, sob o mesmo nome, individuos bastante distanciados em organisação. Confirma-se esta affirmativa attendendo á denominação de *busio* dada a especies dos generos *Cassis*, *Triton* e *Murex*. Parallelamente, porém, varias especies possuem mais do que um nome e na mesma localidade, como se observa nas *Pinnas* (conchilhão, funil), ou nas *Nassas* (alcofinha, cornetinha).

Terminadas estas notas convém ainda repetir que a Arruda Furtado se deve a iniciativa da investigação aprofundada da terminologia zoologica popular. A ultima parte d'esta memoria não é mais do que a applicação do seu methodo ao estudo dos molluscos. Ella verifica até certo modo e tacitamente confirma as opiniões de Furtado ácerca das aptidões do povo portuguez reveladas *no grau de acerto dos qualificativos populares.* [1] Estudos congeneres nos outros ramos superiores da zoologia, na botanica e na mineralogia, mais valiosos e mais uteis serão para o estudo natural e social do nosso povo.

Maio, 89.

ROCHA PEIXOTO.

---

[1] Op. cit.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

J. F. Nery Delgado — SUPPLEMENTO ao ESTUDO SOBRE OS BILOBITES E OUTROS FOSSEIS DAS QUARTZITES DA BASE DO SYSTEMA SILURICO EM PORTUGAL — 1 vol. in-4.º, 74 pag. e x planch. (com traducção franceza). Lisboa, 1888.

Entre os trabalhos geologicos mais notaveis que em Portugal se teem realisado avulta o estudo ainda recente do snr. Nery Delgado sobre os Bilobites do siluriano portuguez. Em 1886 o nosso eminente geologo dava á estampa uma extensa memoria na qual as celebradas impressões encontradas em differentes regiões do paleozoico inferior de Portugal, eram meticulosamente analysadas e as hypotheses feitas ácerca da sua natureza e origem discutidas com o mais sabio e lucido criterio.

O nome, até certo ponto improprio, de Bilobites é destinado a denominar certas impressões que, pela sua exclusiva presença nas quartzites da base da fauna segunda, constituem um caracter importante para a distincção das camadas silurianas inferiores. Estas impressões, de ordinario bilobadas, lisas ou com estrias, teem sido objecto da mais viva e acalorada controversia relativamente á causa que as produziu, ou ellâ seja de ordem mechanica, e então rastos da passagem de animaes, ou de natureza organica, e n'este caso moldes de algas ou de espongiarios. Na defesa da primeira conjectura empenham-se, entre outros, o naturalista sueco Nathorst; ao passo que a favor da segunda collocam-se, além de mais, os snrs. Delgado, Lebesconte e Saporta. Posta a questão n'estes termos, isto é, inclinando-se uns a suppôr os Bilobites simples vestigios da marcha d'um ser, pendendo outros em referil-os a organismos perfeitamente definidos, o nosso geologo collige o maior numero possivel de exemplares, reune no Museu da *Commissão dos trabalhos geologicos* a collecção mais importante de especimens que com certeza existe actualmente, e, figurando-os na memoria referida, expõe com a maior nitidez e clareza os motivos da opinião que perfilha. A argumentação é notabilissima e com pezar nos restringiremos a apresentar apenas os topicos mais geraes.

Depois de se occupar largamente na demonstração da sua hypothese com a ajuda dos phenomenos e caracteres tirados do modo de fossilisação, o snr. Nery Delgado faz notar a constancia de fórma nas mais distantes regiões. As experiencias do naturalista sueco realisadas com a marcha de animaes actuaes no lodo, haviam ellas mesmo demonstrado que um certo ser póde deixar vestigios diversos da sua passagem, ao passo que, por outro lado, animaes distinctos produzem, em varios casos, rastos eguaes. Como é pois que, estas duas ordens de factos pódem depôr em auxilio da citada conjectura se é certo que a mesma especie animal, difficil e pouco uniformemente reproduziria, nas regiões mais affastadas, uma impressão egual e morphologicamente definida?

Digitized by Google

Por outro lado, considerando os Bilobites rastos de animaes marinhos, como se comprehende que elles se encontrem apenas em certos horisontes d'um systema, quando nas edades posteriores, formações analogas deveriam ter conservado os vestigios da passagem de outros seres? Não pezará esta consideração a favor d'uma certa flora ou fauna (algas ou espongiarios), correspondendo a um determinado e circumscripto periodo geologico?

A ausencia de substancia organica é um dos argumentos suppostos mais solidos para destruir a supposição d'um corpo organisado; e todavia é certo que varios lamellibranchios e brachiopodes silurianos deixaram apenas no schisto o molde externo da concha.

Completam esta discussão, além d'outros argumentos valiosos, as questões levantadas ácerca do cruzamento dos Bilobites, bem como as que se referem ao, quando muito, egual pezo especifico da alga e da agua, o que não permitte, segundo o modo de vêr dos antagonistas do snr. Delgado, a deposição conveniente do vegetal para uma moldagem nitida. O precioso volume acompanhado d'uma traducção franceza, encerra XLII planchas figurativas dos exemplares mais notaveis, archivados nas carteiras da Commissão geologica. Uma grande parte da obra é destinada á descripção detalhada das especies, no numero das quaes, cinco são novas para a sciencia.

Ora algum tempo depois da publicação d'esta preciosa memoria, o precitado naturalista scandinavo, snr. Nathorst, distribuiu uma série de novas observações com o intuito de annular as theorias admittidas por muitos, no numero dos quaes se inclue o nosso eminente geologo, que, na obra referida, é tratado por vezes com uma urbanidade pouco commum á proverbial delicadeza e serenidade das discussões scientificas. As affirmações do sabio sueco não são novas, nem tão pouco a natureza das observações, deixando nós de referir, como é natural, umas experiencias artificiaes com um rôlo de madeira, de resto bastante engenhoso.

O snr. Nery Delgado aproveita a occasião de apresentar em *Supplemento,* novos materiaes, e discute, com a mais lata amplitude, todas as presumpções de Nathorst. Desenvolve o nosso illustre sabio a defesa relativa a questões já tratadas, taes como a existencia dos Bilobites n'um determinado deposito, a impossibilidade de rastos sempre uniformes, a ausencia absoluta de sêres aos quaes fosse possivel reportar as impressões de marcha, o cruzamento, etc. O snr. Nery Delgado toma as affirmativas de Nathorst, cataloga-as, numera-as e destroe, a par e passo, tudo o que ellas pretendem certificar. Isto, porém, não o faz o naturalista sueco; serve-se apenas do que lhe convém, abandona propositalmente a discussão, uma por uma, das clausulas propostas pelo nosso geologo, e pouco mais faz do que repisar no que estava dito ha muito. Entre outras cousas curiosas, Nathorst lembra que não ha hoje alga que se assemelhe a um Bilobite; todavia é necessario fazer alguma hypothese, e para isso suppõe, como se sabe já, que a marcha d'um animal produziu a impressão. E' certo, porém, que esse animal não appareceu; o sueco inventa-o, dá-lhe fórma, inclue-o mesmo na escala zoologica: é um crustaceo. De modo que, ao passo que não tolera a existencia d'um organismo inferior n'um periodo geologico a que seria mais satisfacto-

Digitized by Google

riamente adequado, cria um ser superior cuja existencia poderá ser menos natural entre os primitivos habitantes da terra!

O snr. Nery Delgado lança mão d'este crustaceo imaginario e demonstra que, conforme os contornos suppostos e indicados, elle era incapaz de produzir certos moldes de Bilobites.

Não nos permitte infelizmente o espaço de que dispômos, referirmo-nos mais demoradamente ao valiosissimo livro do nosso illustre geologo. O snr. Nery Delgado pôz na obra que nos occupa todos os recursos das suas notaveis aptidões e da mais bem dirigida observação; a sua memoria, pois, enthusiasma pela honestidade, pelo methodo, pela analyse, pelo criterio e pelo trabalho. Se não fôra o valor intrinseco do assumpto e a alta superioridade como é tratado, bastaria a grande qualidade que logo resalta na leitura da sua obra: sem o amedrontarem presumpções de consagrados, fazendo-o tibiamente duvidar do seu valor, o snr. Nery Delgado com a força do seu saber e a consciencia do seu esforço, é um convencido.

ROCHA PEIXOTO.

Wenceslau de Lima — RELATORIO GERAL DO CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA (Sessão de outubro de 1888) in 8.º, 26 pag. Lisboa, 1889.

Por uma acertada deliberação do Conselho Superior de Instrucção Publica, foi o snr. dr. Wenceslau de Lima encarregado de elaborar a resenha das propostas e decisões levadas a fim pela referida corporação scientifica. O *Relatorio geral*, bem que por vezes queira significar um progressivo desenvolvimento do ensino em Portugal, patenteia sem rebuço a nossa esterilidade no dominio das sciencias naturaes, derivada da protecção minima que os poderes publicos lhes dispensam. Se effectivamente as resoluções do Conselho merecessem dos governos o defferimento que pela justiça e bom senso lhes assiste, um grande numero de propostas discutidas teria já a sancção official para a sua proxima e logica execução. Não acontece assim, todavia, restando-nos esperar que passem algumas dezenas de annos, para se solverem questões cujo emprehendimento se impõe desde já pela sua importancia e actualidade.

O relatorio que nos occupa refere-se ao desdobramento das cadeiras de zoologia e mineralogia na Universidade e d'est'ultima na Polytechnica do Porto. Documenta e comprova esta resolução do Conselho, a impossibilidade de desenvolver cabalmente durante um anno, as disciplinas referidas, acontecendo em Coimbra *pouco ou nada* se estudar de petrographia e paleontologia e *a zoographia ser sempre e necessariamente sacrificada*. Na Academia do Porto, unica em Portugal onde existe o curso de engenheria de minas, a vastidão da mineralogia sacrifica tam pouco os estudos geologicos, dimanando d'aqui a acquisição de conhecimentos pouco precisos e incompletos sobre a sciencia que, na carreira relatada, tem um grande valor e pezo. A authenticida-

Digitized by Google

de d'estes factos está ao abrigo de toda a controversia. Só a divisão das cadeiras póde obstar aos prejuizos que redundam d'uma tam mal administrada accumulação de materias; e se nos fosse licito esperar dos governos a attenção para este melindroso assumpto, chegariamos finalmente a conseguir individuos regularmente orientados ácerca dos propositos e methodos geognosticos, infelizmente ainda hoje crassamente ignorados pela quasi totalidade do publico ledôr e *instruido*.

Propoz tambem o Conselho que, para o provimento das cadeiras, a faculdade de philosophia se divida em duas secções — physico-chimicas e historico-naturaes, — obrigando-se o candidato a provas comprehendidas só nos limites de cada um d'estes ramos, conforme a disciplina que se propozesse reger. Esta ideia faz-nos suppôr que em breve resolver-se-ha em definitiva o estabelecimento de dois cursos perfeitamente distinctos e autonomos. Porém a sua viabilidade já acarreta, no que diz respeito ao curso de Sciencias Naturaes, difficuldades serias, pois não só seria necessario que os preparatorios fossem outros, dispensando, pela sua perfeita organisação, os conhecimentos auxiliares e indispensaveis da Physico-Chimica superior, mas tambem urgia dar provimento aos diplomados. Isso seria no entanto bem simples, se não tratassemos da instrucção portugueza. Uma lei que obrigasse as capitaes de districto, ou pelo menos, provinciaes, a subsidiarem os seus laboratorios e museus regionaes, forneceria assim meios de trabalho aos individuos cujas aptidões os houvessem chamado a realisar taes cursos.

Indica ainda o relatorio a necessidade de se conceder um subsidio para a conveniente installação d'uma collecção de invertebrados que o nosso illustre consocio e lente da Universidade, o snr. Paulino de Oliveira, offerecia ao Museu de Coimbra, e procura regular os vencimentos dos naturalistas-directores dos gabinetes, tam injustamente desiguaes e por vezes nullos. Realmente não se comprehende *que a nação seja mãe para uns e para outros madrasta.*

Referindo-se á Polytechnica do Porto diz que na *desmantelada cimalha d'este estabelecimento se poderia escrever — miseria.* Assim é. N'este desolante instituto, *vegetando em ruinas,* sem casa, sem material, sem pessoal adjuncto, e, dizendo-o nuamente, sem vintem, resta apenas que lhe supprimam os professores para attingir os fins que o paiz lhe destina.

Taes são as referencias mais importantes do *Relatorio* ás sciencias naturaes. O snr. dr. Wenceslau de Lima sabe descrever com toda a nudez a roída engrenagem do nosso ensino. E' um opusculo escripto pela mão d'um experimentado—no pensamento, no saber, no trabalho e até na agrura que o seu espirito eminentemente iniciador e propagandista lhe tem acarretado da parte dos invejosos e dos impotentes. A despeito, comtudo, d'estes ultimos, o opusculo precitado exprime claramente a alta capacidade intellectual do illustre membro do Conselho de Instrucção, bem como documenta parallelamente o seu dedicado e elogiavel esforço por este assumpto tam particularmente importante como prejudicialmente descurado.

R. P.

Digitized by Google

OS MORTOS

XAVIER PINHEIRO

A *Revista* tem hoje a registar a morte de Alfredo Xavier Pinheiro um dos cinco primitivos socios fundadores da *Sociedade Carlos Ribeiro.* Não só pelos trabalhos iniciados em materia ethnologica para os quaes já tinha reunido os mais interessantes e pittorescos documentos, em curiosidades archeologicas que iniciára n'um trabalho começado sobre os *Pelourinhos em Portugal,* mas tambem, e sobretudo, pelas suas qualidades superiores de artista, a morte do nosso amigo representa para a nossa aggremiação uma perda incalculavel.

Um dos trabalhos mais interessantes e mais pittorescos de Xavier Pinheiro, que a *Revista* tencionava publicar em breve, cheio de illustrações originaes de fórma variadissima, era um *Estudo sobre a ceramica popular portugueza,* para o qual elle já tinha reunido os documentos mais curiosos de linha, em que as pequenas amphoras d'uma elegancia tão finamente artistica, os bonecos das nossas romarias do Minho e arredores do Porto, na sua attitude bizarra de *manipansos,* os objectos de uso commum, vasos de ornato, animaes e santos, davam pelas suas variantes, a nota mais interessante e de mais valia sobre a orientação esthetica do nosso povo. E Xavier Pinheiro possuia a rara perspicacia de um observador, descobrindo n'uma curva de aza, no bojo de uma bilha, no contorno geral de um vaso, a nota intima da filiação dos typos que em logares diversos e em momentos varios de civilisação, vinham constituindo o laço de parentesco dos differentes grupos ceramicos. O motivo pequeno e tendo soffrido todas as variantes impostas nas modificações das faculdades estheticas, encontrava-o Xavier Pinheiro no traço mais ligeiro, na linha mais apagada que ainda ficava como um vestigio — resto perdido de animal extincto encontrado n'uma camada geologica.

No trabalho, em preparação, de Rocha Peixoto, *Estudo anthropologico e ethnographico dos povos do littoral,* devia Xavier Pinheiro collaborar como artista, n'uma serie de interessantes illustrações sobre esse viver curiosissimo das nossas povoações maritimas,—a fórma das suas industrias, os documentos da sua religiosidade e das suas superstições, os apparelhos variadissimos da vida do mar, processos de salgar o peixe, e todas essas mil manifestações da sua vida collectiva, que representam os documentos mais seguros para a sciencia ethnographica.

Ricardo Severo tencionava levantar um *Mappa archeologico de Portugal* e ainda aqui vinha trazer, o nosso saudoso consocio a nota valiosa da sua collaboração.

A *Sociedade Carlos Ribeiro* perdeu assim em Xavier Pinheiro não só os documentos ethnographicos dos seus curiosissimos estudos, mas, e principalmente, a collaboração artistica nos trabalhos em preparação, desenhos a que elle dava pela originalidade do seu talento, uma fórma tão pessoal e tão superior.

J. B.

Digitized by Google

PEREIRA DA COSTA

Pereira da Costa foi um dos dedicados trabalhadores que collaboraram na serie de estudos geologicos e archeologicos iniciados pelo nosso Carlos Ribeiro.

Luctando contra todos os obstaculos que sempre levanta a introducção official de qualquer melhoramento de ordem scientifica, destacou-se desde 1857 um grupo de espiritos lucidos, a quem devemos o que se sabe de geral sobre a nossa prehistoria e geologia.

São todos bem conhecidos para dispensarem n'esta occasião menção especial, de resto bem merecida. Se a maioria do nosso publico os não conhece, a elles não magoa a imbecilidade d'essa indifferença, nem tão pouco moveu o desejo d'essa gloria; antes bem mais glorioso lhes é que os seus nomes unicamente sejam relembrados por uma minoria, que os comprehende e lhes avalia condignamente o merito e o trabalho.

Pereira da Costa, se não foi de todos esses trabalhadores o que mais se distinguiu, deixa comtudo estudos cujo valor é innegavel como documentos valiosos, que agora são de incontestada utilidade para todos os que estudarem entre nós qualquer d'estas especialidades.

As suas obras publicadas pela Secção dos Trabalhos Geologicos, são:

Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo: Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço d'Arruda — 4.º, 40 pag., 7 est. — Lisboa, 1865.

Molluscos fosseis: Gasteropodes dos depositos terciarios de Portugal — 4.º, 252 pag., 28 est. — Lisboa 1866-68.

Monumentos prehistoricos: Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal — 4.º, 97 pag., 3 est. — Lisboa, 1868.

Como monographias, qualquer d'estes trabalhos tem a maxima importancia, quer para estudos analogos e especiaes, pela coordenação rigorosa dos factos, quer para a synthese, como materiaes estudados e classificados.

Os que agora trabalham, sobre uma fundação de materiaes já solidos, poderão certamente produzir muito mais, mas não devem esquecer-se os esforços dos espiritos que primeiro trabalharam n'um campo de tentativas, em que tudo é obscuro e indeciso.

E' um trabalho sem resultados immediatos, em que apenas se antevê, na pureza dos methodos, a possibilidade de uma solução rasoavel, e, atravez a consciencia da lucta propria, uma gloria posthuma, disputada e espesinhada, sempre apoucada e mesquinha.

Basta, porém, que essa dedicação seja imitada pelas gerações que vão surgindo.

R. S.

Digitized by Google

PUBLICAÇÕES AVULSAS

DA

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

ROCHA PEIXOTO

I — *O Museu municipal do Porto*, 8.°, 49 pag. Porto, 1888.

RICARDO SEVERO

II — *Les âges préhistoriques d'Espagne et du Portugal de M. Émile Cartailhac*, 8.°, 123 pag. Porto, 1888.

ROCHA PEIXOTO

III — *As deficiencias de trabalho na Academia Polytechnica*, 8.°, 23 pag. Porto, 1889.

Digitized by Google

REVISTA

DE

SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

A *Revista* sahirá regularmente quatro vezes por anno em fasciculos de 48 pag., 8.º

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORTUGAL—Anno ou serie de 4 numeros	1:200 reis
Numero avulso	300 »
PAIZES COMPREHENDIDOS NA UNIÃO POSTAL—	
Anno	8 fr.
Numero avulso	2 »

Para os outros paizes não fazendo parte da União, accresce o porte do correio.

As publicações enviadas á *Revista* serão annunciadas ou analysadas consoante a sua importancia.

A correspondencia relativa á administração e redacção deverá ser dirigida a Ricardo Severo, rua de Santa Izabel, 39, ou a Rocha Peixoto, rua da Paz, 126—Porto.

AOS ASSIGNANTES

O presente numero é ainda distribuido a todos os individuos a quem foi enviado o primeiro, não obstante devermos suspender a remessa d'este a alguns dos assignantes que não satisfizeram ainda os respectivos recibos. Roga-se-lhes queiram enviar á administração o importe das quantias n'elles designadas. Irregularidades da administração, actualmente vencidas, motivam a não observancia da clausula estipulada; todavia obrigar-nos-hemos a suspender o envio do 3.º numero, uma vez este pedido não seja satisfeito.

Digitized by Google

REVISTA

DE

SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS

DA

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

PRIMEIRO VOLUME

NUMERO III

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66, RUA DA FABRICA, 66

1889

Digitized by Google

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

Sobre os conhecimentos ethnicos dos gregos e dos romanos, por ADOLPHO COELHO ..... pag. 97
Nouvelles publications sur les dépots mésozoïques du Brésil, par PAUL CHOFFAT ..... pag. 115
Contribuições para a anatomia das Siphonarias, por AUGUSTO NOBRE ..... pag. 122

BIBLIOGRAPHIA

Ensaios de Philosophia Actual, de M. A. Ferreira Deusdado, por BAZILIO TELLES ..... pag. 130
Paleoethnologia Portugueza—Les Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal, de M. Em. Cartailhac — de Ricardo Severo, por FONSECA CARDOSO ..... pag. 139

NOTICIAS

Curso de Microscopia Vegetal na Academia Polytechnica do Porto, por R. P. ..... pag. 143

OS MORTOS

José Augusto de Souza, por R. P. ..... pag. 144

PLANCHA

Anatomias de Siphonarias.

Digitized by Google

SOBRE OS CONHECIMENTOS ETHNICOS

DOS

GREGOS E DOS ROMANOS

II

Herodoto tracta no liv. II [1] (104-105) da ethnogenia dos colchos. Essa passagem é eminentemente caracteristica. Os pontos essenciaes do methodo da ethnogenia estão alli applicados por aquelle observador zeloso e *de visu*. Podemos dizer que este exemplo não foi excedido na antiguidade. O historiador grego pretende que os colchos são egypcios. Essa opinião baseia-se nos seguintes factos:

I. Typo physico. 1) *a tez*. Colchos (e egypcios) teem a tez negra, são μελαγχροές; 2) *a forma do cabello*. Teem o cabello encarapinhado, são οὐλότριχες. Herodoto attendeu pois a dois dos principaes caracteristicos de raça, os quaes, por assim dizer, se impõem, é verdade, ao observador. Mas elle considerou insufficiente essa prova, que julgou corroborada por outra, abaixo referida, tirada dos costumes. Melhor dissera que do conjuncto de todas as similhanças é que nascera a sua convicção.

II. Elementos da vida social. 1) *costumes*. « O genero de vida dos dois povos é similhante. » E' uma indicação vaga, que se reproduz por exemplo em Strabão a proposito de celtas e ligures. Herodoto só cita em particular a

[1] Escripto, segundo A. Kirchhoff, entre 445 e 443 a. C. Sobre a viagem de Herodoto á Colchida, vid. Matzat in *Hermes* VI, 416-417.

Digitized by Google

circumcisão. Os unicos homens que, segundo elle, a praticam desde a origem são os colchos, os egypcios e os ethiopes. Os phenicios e os syrios da Palestina (os judeus) confessam ter tomado essa pratica dos egypcios; desde pouco sómente é que os syrios do Thermodonte e do rio Parthenio, assim como os Macrones, vizinhos d'esses, a receberam dos colchos, como elles proprios dizem. Herodoto não pode affirmar se o costume é originariamente egypcio, se ethiope: apresenta-se como muito antigo dos dois lados. E' esse argumento que em particular parece ao historiador grego corroborar o tirado do typo physico. A sua discussão prova um grau já adeantado de logica applicada á ethologia; 2) *industria*. Os colchos e os egypcios são os unicos que tecem o linho do mesmo modo; 3) *a tradição*. Depois de ter formado a opinião de que os colchos eram d'origem egypcia, Herodoto interrogou os dois povos. Os colchos lembravam-se mais dos egypcios que estes d'aquelles; entretanto os egypcios opinavam que os colchos faziam parte do exercito de Sesostris; 4) *a lingua*. A lingua dos colchos é similhante á dos egypcios.

Apesar do rigor com que a demonstração parece dada, quantas duvidas não suggere ella em o nosso espirito! Hoje ainda na divisão das raças negras e ulotrichias se fazem entrar typos tão diversos como os hottentotes, os papuanos, os negros guineanos e cafreaes. Demais (e esse ponto é aqui capital) o typo egypcio não pode hoje de modo algum ser incluido dentro d'aquella divisão: o egypcio, com o berber seu parente, com o fellah seu descendente, pertence ao typo branco de tez e lissotrichio de cabello. Os termos μελαγχροές e οὐλότριχες tinham pois para Herodoto uma extensão de sentido muito maior do que a que lhes damos hoje; exprimiam talvez uma opposição geral com a tez alva e o cabello não encarapinhado,

Digitized by Google

nem encrespado ou frizado do helleno [1]. Com relação á lingua não são menores as duvidas acerca da exactidão do pae da historia, como lhe chamou Cicero. Verdadeiro grego, Herodoto não conhecia as linguas extrangeiras; como poude elle concluir que o colcho era identico ou similhante ao egypcio? Pela toada? Por informações alheias? Por inferencia, vendo, por exemplo, colchos entenderem-se com egypcios? Em qualquer dos casos falta ao seu testemunho a verdadeira auctoridade, que só poderia ser indubitavel se elle nos apresentasse algumas provas glottologicas sufficientes da sua these. E' no que respeita aos costumes que as asseverações do historiador grego teem mais valor e ainda neste ponto, visto elle insistir apenas em dois factos particulares, não podemos affirmar que seja inteiramente fundada a proposição de que o modo de vida dos colchos e dos egypcios seja perfeitamente similhante; o auctor facilmente se deixaria arrastar á enunciação como regra geral do que só se verificava em certos casos. As differenças, se as havia, não tendo importancia para a sua these, seriam passadas em claro.

---

[1] Herodoto faz a distincção entre homens de cabellos direitos (ἰθύτριχες) e homens de cabellos encarapinhados, que foi reproduzida por anthropologos dos nossos dias. No liv. VII, em que descreve o exercito de Xerxes, falla dos ethiopes do Oriente (70) que vinham com os indios, e só se differençavam dos ethiopes da Lybia em terem os cabellos direitos, em quanto os ultimos eram de todos os homens os que tinham cabello mais encarapinhado. Herodoto parece pois ter incluido os cabellos frisados nos encarapinhados, como d'outro lado incluia os ondeados, ondulados ou annelados, nos rectos, reduzindo a duas as quatro classes de cabello estabelecidas por Topinard a p. 276 dos seus *Éléments d'anthropologie générale.* Popularmente os termos *negro* e *encarapinhado* teem ainda hoje um sentido muito largo, que não é raro encontrar tambem em livros até de sciencia. A noção do negro comprehende as do moreno e do trigueiro, como a do alvo pode, segundo os observadores, comprehender a do trigueiro e do moreno. Na Odyssea (XVI, 175) μελαγχροιής caracterisa a face queimada do loiro Ulysses.

Digitized by Google

Como já indiquei, o methodo ethnogenico nunca se elevou entre os antigos acima do nivel em que o collocou Herodoto.

A sciencia hoje deve ser minuciosa, rigorosa, proceder segundo plano bem definido na analyse e comparação dos caracteres ethnicos: os antigos contentavam-se com traços geraes, muitas vezes incertos, ao acaso.

O que gregos e romanos nos dizem do typo physico dos povos é geralmente vago e sempre insufficiente, prestando-se por isso a interpretações diversas. Assim para fundamentar a sua these de que os silures tinham proveniencia iberica, falla-nos Tacito dos seus *colorati vultus et torti plerumque crines* e é essa a unica passagem dos antigos pela qual sabemos que os silures, como os iberos portanto, tinham *torti crines,* designação que entraria talvez no sentido extenso dos οὐλότριχες de Herodoto, como os *colorati vultus* no de μελαγχροές do mesmo. E como se deve traduzir na linguagem rigorosa d'hoje *torti crines?* Uns interpretam essa expressão por *cabellos frisados,* outros por *cabellos annelados,* outros por *cabellos encarapinhados,* sem que os versos de Marcial, o poeta de Bilbilis, dirigidos a Charmenion, grego de Corintho (x, 65 ed. Schneidewin)

> Tu flexa nitidus coma vagaris,
> Hispanis ego contumax capillis...

nos permittam resolver a questão com inteira firmeza [1]. Mas Tacito nada diz da côr dos cabellos dos silures (e dos iberos). Belloguet teve que ir a Jordanis buscar o accrescento que os cabellos dos silures (e portanto os dos iberos) eram negros.

---

[1] Vid. sobre essa questão R. de Belloguet, *Ethnogénie gauloise* II, 135 seg. As figuras das moedas são importantes para a questão.

Digitized by Google

E' ainda vulgarissimo hoje generalisar-se com relação ao typo physico d'um povo. Assim o inglez é considerado popularmente como devendo ser sempre alto, de tez clara, olhos azues e cabello louro; um inglez baixo (ou mesmo alto) de tez menos clara, olhos castanhos ou pardos e cabello escuro *não parece* inglez. Os antigos procediam naturalmente como se faz hoje popularmente. Nos povos extranhos o typo que os impressionava, e que era naturalmente o que se afastava mais do proprio, era considerado o typo por excellencia e se em tal povo havia ainda outro ou outros typos esse ou esses eram esquecidos por completo [1]. D'esse processo derivam as asserções exclusivas relativamente a celtas e germanos, apesar de serem os

[1] Goethe definiu comicamente o francez (se não me falha a memoria) — um sujeito de suissas louras, que não sabe geographia. J. Beddoe fallando das discrepancias que existem entre os observadores quando se tracta de descrever o typo predominante dos teutões, dos slavos ou d'outro povo, cita um viajante que nota «as madeixas rudes e negras do cabello» dos croatas, emquanto outro acha no mesmo povo «os caracteristicos slavonicos dos olhos azues e cabello louro.» *The Races of Britain*, (p. 1-2. «Finally, observa o mesmo anthropologista, the descriptive statements of ancient geographers and historians, even when obviously intended to be careful and accurate, are liable to two qualifications, one of which is our ignorance of the precise shade of meaning their contemporaries and countrymen attached to certain adjectives of colour, and the other is our ignorance of the personal equation of the observer, the latter objection, of course, applying equally to the statements of modern travellers and naturalists, whose nomenclature of colours and shades often differs very widely. Thus almost all French anthropologists say that the majority of persons in the north of France are blond; whereas almost all Englishmen would say they were dark, each set of observers setting up as a standard what they are accustomed to see around them when at home. What is darkish brown to most Englishmen would be chestnut in the nomenclature of most Parisiens and perhaps even blond in that of Auvergne or Provence; an ancient Roman might probably enough have called it sufflavus or even flavus.» *Ob. cit.*, p. 3.

Digitized by Google

celtas de todos os povos aquelles de que os romanos e ainda os gregos tiveram maior conhecimento. Esse processo ethnographico não deve causar-nos surpreza, nem excitar a nossa censura contra os antigos. Ainda hoje que erros graves do mesmo genero se commettem, ainda quando se está armado dos instrumentos da sciencia! E' vêr, por exemplo, a discussão sobre a brachycephalia ou dolichocephalia dos bascos da Hispanha. Topinard confessa ter-se enganado na descripção do typo berber, por ter tomado por base d'observação um arabe [1]. A sciencia dá um grande passo quando se affirma e vulgarisa o facto da existencia de berberes louros. Estamos convencidos de que o berber primitivo não era louro: anthropologicamente esse berber acha-se representado pelo berber de tez baça, cabello escuro; mas ethnicamente o berber louro é tão berber como o outro, embora esse typo seja devido a uma incrustação extranha. Quando pois, desde Edwards, os anthropologos acham, onde os gregos e romanos collocaram celtas ou gallos, dois ou mais typos humanos de que só um corresponde á descripção classica, não devemos ficar nem surprehendidos, nem forçados a quebrar essa unidade ethnica, lançada sobre tal diversidade anthropologica, visto aquella nos ser affirmada pela communidade de elementos de vida social e sobretudo pela lingua.

As tão imperfeitas e incompletas observações do typo physico que os antigos podiam fazer bastavam-lhes ainda assim só por si para base de classificações ethnogenicas, independentemente de outras provas. Tacito considera os caledones como d'origem germanica só pelo facto d'elles terem cabello ruivo e elevada estatura [2]. Com relação aos

---

[1] No livro *L'anthropologie* 2.º ed. (1877), p. 476-77; vid. *Éléments d'anthropologie générale*, p. 205.

[2] Rutilæ Caledoniam habitantium comæ, magni artus, Germanicam originem adseverant. *Agricol.* c. 11. ed. C. Halm.

Digitized by Google

silures a tez escura e os *torti crines* combina-se com a posição geographica para concluir a sua origem iberica [1]. Noutros casos Tacito não diz absolutamente nada em particular do typo physico dos povos que classifica e recorre a outros criterios, por exemplo a lingua e o culto, ora separadamente, ora conjunctamente [2]. Veremos qual o rigor que devemos attribuir a essas classificações pela lingua.

Com relação aos elementos da vida social, com excepção da lingua, dos diversos povos de que os gregos e os romanos tiveram conhecimento, ministram-nos os auctores classicos dados muito mais numerosos e em geral mais seguros que com relação ao typo physico. As armas, o vestuario, as habitações, a alimentação, a industria, os costumes propriamente dictos, os cultos, etc. chamavam a attenção dos gregos e dos romanos que o simples prazer de viajar, o interesse scientifico, a guerra, os cargos administrativos ou outras causas punham em contacto com os barbaros. Eram sobretudo os aspectos em que a vida barbara mais se differençava da grega e da romana, as curiosidades, que attrahiam a attenção d'aquelles observadores. Infelizmente não só os trabalhos originaes dos observadores directos que chegaram até nós são geralmente muito succintos, incompletos, faltos de dados de que carecemos para o estudo da ethnographia e da ethnogenia da antiguidade, mas muitos perderam-se ou d'elles só chegaram até nós noticias fragmentadas, transmittidas em

---

[1] Silurum colorati vultus, tortique plerumque crines et posita contra Hispania Hiberos veteres traiecisse eosque sedes occupasse fidem faciunt. *Ibid.* Os antigos suppunham as ilhas britannicas dispostas parallelamente á costa septentrional da Hispania e muito mais proxima d'esta do que realmente são. Vid. d'Arbois de Jubainville, *Revue celtique* VII, 382-83.

[2] Marsigni et Burii sermone cultuque Suebos referunt. *De moribus Germanorum,* c. 43. ed C. Halm. Cotinos gallica, Osos pannonica lingua coarguit non esse Germanos. *Ibid.*

Digitized by Google

redacções, adaptações ou interpretações de auctores que por vezes se serviam d'ellas, modificando-as a seu sabor, para defenderem hypotheses ou systemas caducos, como se faz ainda hoje. No aproveitamento de todas essas noticias tem que se proceder com a maxima precaução. Já os observadores directos podiam ter observado mal, transmittido indicações inexactas, havidas de interpretes, generalisado a um povo o que era só observavel numa fracção d'elle, ou ao contrario attribuido a uma fracção ou a um só povo o que era commum a todo o povo ou a um grupo de povos, commettido emfim um sem numero de erros de que os viajantes d'hoje ainda podem dar-nos exemplos novos. Ephoro no IV livro da sua *Historia,* intitulado Europa (devemos esta noticia a Strabão 7, 3, 9) criticava já os auctores que attribuiam a todos os povos scythas e sauromatas os mesmos costumes; uns, dizia elle, são anthropophagos, emquanto outros se abstem de comer até a carne dos animaes. Ao contrario da ferocidade attribuida pelo geral dos historiadores aos scythas, com o fim de impressionarem os seus leitores, ha scythas que mereceram o epitheto de *os mais justos dos homens.* Tribus inteiras dos scythas nomadas, accrescentava ainda Ephoro, alimentam-se exclusivamente de leite. Nota-se algumas vezes exforço critico nos antigos ethnographos para chegarem a noção clara das relações dos costumes dos povos. Assim Strabão (7, 5, 5) observa que os dalmatas teem o costume particular de fazer todos os oito annos nova repartição das terras, emquanto o habito de realisar sem dinheiro transacções commerciaes (por troca), se os distingue dos povos do littoral, é commum a muitas nações barbaras. Os japodos teem, segundo aquelle escriptor (7, 5, 4) o mesmo modo de se armar que os celtas e o habito de se tatuar commum a todos os povos illyrios e thracios, e essa indicação, coordenada com outras, levou a conjecturar nos japodos um povo mixto.

Digitized by Google

Relativamente aos cultos, as observações dos antigos eram perturbadas, como succede ainda hoje com muitos viajantes, pelas suas proprias concepções religiosas. Em geral punham aos deuses barbaros os nomes dos seus proprios deuses, processo que se nota já em Herodoto, assim como mais tarde em Julio Cesar, de modo que um nome de deus barbaro escapado á identificação é sempre para o investigador moderno da antiguidade um achado precioso, quer elle se ache num texto litterario, quer numa inscripção. E ainda os raros nomes de deuses barbaros que os auctores nos conservaram nem sempre são apresentados na sua relação effectiva com o que elles designaram. Herodoto, por exemplo, levado pela terminação, apresenta-nos Mithra como uma deusa (1,131).

A tradição foi um criterio ethnogenico muitas vezes aproveitado pelos antigos. Vimos já Herodoto fazer uso d'elle. Os investigadores modernos teem por vezes dado demasiada fé ao que nesse genero nos transmittiram gregos e romanos. Poude affirmar-se que não ha tradição historica oral [1]. A poesia, a lenda precedem a historia, que só pode começar quando existe desenvolvido sufficientemente o uso da escripta. Os povos perdem com facilidade prodigiosa a tradição das suas origens. Que sabiam gregos, romanos, celtas, germanos, slavos, quando entre elles se começou a escrever a historia propriamente dicta, das suas origens communs, da sua sede originaria, das suas migrações? Mas não faltaram homens que, fundados em vagas lendas, em observações de natureza varia, ordenassem lendas, relativas ás origens, em que o re-

[1] Gaston Paris fez na *Revue critique*, 1882, 2 Out., n.º 40, algumas excellentes observações sobre essa questão que nos excitam o desejo de ver esta tractada com completo desenvolvimento por tão profundo conhecedor das tradições populares.

Digitized by Google

cente se funde com o antigo de modo inextricavel e que mais tarde foram tomadas por boas fontes historicas.

Inventores de systemas d'origens davam muitas vezes a essas lendas o caracter d'uma velha tradição recebida d'um povo, enchiam com conjecturas apresentadas como factos as enormes lacunas que achavam no passado e accomodavam tudo a chronologias de phantasia [1]. A critica tem já feito bastante, mas resta-lhe ainda muito que fazer para banir todas as phantasmagorias levantadas neste dominio. O conhecimento que os escriptores classicos tinham das tradições dos barbaros eram quasi sempre muito deficientes, attento o desconhecimento das linguas extrangeiras e essas tradições, já de si productos muito distinctos da verdade historica, eram ainda deturpadas por esses escriptores. Temos d'isso um exemplo curioso no que Strabão nos diz de Moysés (16, 2, 35-36) e, fundado no que, nos affirma (16, 2, 34) que «os egypcios são os antepassados directos dos judeus d'hoje».

As noticias ethnographicas dos antigos carecem pois de ser examinadas criticamente, tanto quanto possivel antes de serem aproveitadas. O confronto dos auctores que escreveram independentemente sobre o mesmo assumpto, dos que beberam d'uma fonte commum perdida (para restituir esta tanto quanto possivel na sua fórma original), a comparação das fontes litterarias com os dados archeologicos de toda a especie, emfim a observação dos factos modernos, são outras tantas pedras de toque para avaliar aquellas noticias. De todos esses casos apresentarei exemplos no meu terceiro artigo, que terá por objecto especial

---

[1] Em breve examinarei algumas lendas ethnogenicas dos antigos, assim como as celeberrimas tradições celticas sobre as migrações para as ilhas britannicas.

Digitized by Google

parte das noticias ethnicas dos antigos que se referem á nossa peninsula [1].

Em verdade não podem applicar-se á classificação ethnogenica d'um povo, senão com grandes precauções, os dados relativos aos elementos da sua vida social. A moderna ethnographia comparada revelou-nos coincidencias profundas nos costumes, nas crenças, na arte e em todos os outros elementos da vida social de povos muito diversos, as quaes não podem explicar-se nem por passagem de povo a povo, nem por origem ethnica commum e em que é forçoso ver o resultado de processos psychologicos identicos e de condições de meio similares. E' um assumpto que carece de ser estudado áparte, aproveitando a larga quantidade de observações que se possuem já. D'outro lado é certo tambem que diversos elementos da vida social se transmittem a distancia, sem mistura de sangue, sem fusão ethnica. Considere-se ainda que povos d'origem commum chegam a ter graus de desenvolvimento diverso, a modificar-se emquanto aos elementos da sua vida social, e ver-se-ha que a comparação d'esses elementos, como criterio ethnogenico deve ser feita, como disse já, com grandes precauções e em regra nunca tomada como base exclusiva de classificação. Os antigos não foram inteiramente alheios a essas considerações, como provam algumas passagens acima citadas e muitas outras que por brevidade omitto; mas esqueciam numerosas vezes taes

[1] Com relação aos povos orientaes (incluindo egypcios) as fontes litterarias modernamente interpretadas na Europa vem confirmar umas vezes, invalidar outras os testemunhos classicos. Por exemplo Herodoto (3, 31) diz-nos que Cambyses casou com uma irmã, comquanto os juizes reaes dissessem que não acharam lei que permittisse tal casamento. Ora os livros sagrados dos iranios parecem mostrar que o casamento entre irmãos era permittido. Como me communica o meu collega e amigo G. de Vasconcellos Abreu a interpretação do texto avestico, nas passagens que interessam a essa questão, não é perfeitamente segura.

Digitized by Google

principios e bastava-lhe ás vezes um simples dado ethnographico para uma conclusão ethnogenica. Um exemplo frisante nos é ministrado por Strabão (4, 6, 2) quando nos diz ter-se supposto que os ligures eram gregos por usarem escudos de bronze.

O caracter, o genio nacional, é um elemento importante para a ethnogenia. E' elle que imprime aos diversos elementos da vida social o seu cunho particular. Ha um genio italiano, como um genio hispanhol, um genio francez, um genio allemão que diversos escriptores se teem exforçado com mais ou menos exito por definir, embora seja essa tarefa das mais arduas, das mais delicadas, das mais complexas que um espirito pode propôr-se. Segundo Gerland [1], a persistencia do caracter d'um povo, apesar até da adopção de lingua extranha parece ser uma lei geral ethnologica, a que elle não conhece excepção e pela qual se pronunciam importantes razões psychologicas.

A adopção de lingua (accrescento eu) não se faz em regra sem mistura de sangue extranho; mas o elemento ethnico predominante absorve o elemento ethnico extranho e adoptando os novos elementos de vida social que elle lhe traz, modifica-os mais ou menos pelo padrão do genio nacional. O imperio romano lançou, por exemplo, na Gallia e na Hispania a uniformidade da sua lingua, da sua administração, da sua architectura e doutros muitos elementos da vida social; o christianismo traz depois maior uniformidade religiosa; mas no momento em que a litteratura christã latina dos dois paizes surge como vegetação nova das ruinas da litteratura pagã, a Gallia revela em Paulino de Nola e Sidonio Apollinario as feições principaes de toda a sua litteratura como a Hispania manifesta as da sua em Prudencio Aurelio; os dois pri-

[1] Em Gröber's *Grundriss der romanischen Philologie* 1, 329.

Digitized by Google

meiros escriptores são tão legitimos representantes do genio gallo-romano, como o ultimo o é do genio ibero-romano [1]. Todavia não só a lei universal da mudança tem no seu dominio o caracter nacional, como o resto, mas ainda condições similares de meio podem imprimir a povos diversos feições psychologicas analogas, de modo que o genio nacional não é criterio absoluto de classificação ethnica. Pretendeu-se já, por exemplo, que o genio maritimo dos portuguezes lhes viesse dos ligures, firmando-se na hypothese não sufficientemente baseada d'um elemento ligurico importante na Lusitania e no facto dos genovezes, descendentes em parte dos ligures, terem sido navegadores notaveis.

Mas pode derivar-se tambem esse nosso genio navegador d'um elemento iberico (basco) da nossa ethnogenia, visto os bascos serem afamados marinheiros. Emfim uma terceira these, a da communidade d'origem de ligures e iberos (bascos) foi já affirmada varias vezes e serviria para conciliar as outras duas, se não fosse possivel derivar tambem o genio maritimo dos genovezes, dos bascos e dos portuguezes das condições de meio exterior.

Os gregos e os romanos não foram extranhos á consideração do caracter nacional dos povos que conheceram e deixaram-nos até nesse dominio observações valiosas, por exemplo, sobre o caracter dos celtas; mas os factos d'ordem mais exterior chamavam naturalmente de preferencia a sua attenção.

A lingua é, apesar das considerações que precedem, um criterio ethnogenico de primeira ordem. Communidade de lingua implica sempre maior ou menor commu-

---

[1] Vid. A. Ebert, *Histoire générale de la littérature du moyen-âge en Occident* (trad. fr.) liv. I, c. 10 e liv. III, c. 10.

Digitized by Google

nidade de sangue [1], prova necessariamente contacto historico. Emquanto as comparações de costumes como criterio ethogenico podem enganar, porque povos de diversas origens podem ter independentemente de communidade d'origem ou de contacto historico costumes simulares ou eguaes, como já disse, a comparação das linguas feita segundo os methodos rigorosos, prova sempre essa communidade ou esse contacto, porque nunca dous povos chegaram a ter independentemente a mesma lingua. Ao contrario, se d'um lado vemos a ethnologia e a mythologia comparada revelarem-nos por toda a parte costumes, ritos, mythos profundamente similhantes, a glottologia determina um grande numero de systemas de linguas que parecem irreductiveis.

Comquanto o caracter nacional nos seus aspectos essenciaes permaneça o mesmo apesar da troca de lingua, não foi sem inteira razão que um notavel escriptor disse: «pour un peuple, changer de langue, c'est presque changer d'âme [2]». A lingua não vae só: com ella vão elementos innumeros da vida social, modos novos de ver as coisas.

Com relação ás linguas as noticias dos antigos são deficientissimas. De todos os dados ethnographicos que nos transmittiram são os que merecem menos credito. Nunca elles pensaram em colher paradigmas de declinações e conjugações, textos das linguas barbaras; conservaram-nos apenas palavras avulsas, geralmente substan-

[1] Concebe-se a possibilidade d'um povo impor a outro a sua lingua ou um povo aprender por si a lingua d'outro e esquecer a propria sem mistura de sangue. Historicamente não se deu o facto, que supporia num ou outro caso um adiantado estado de civilisação.

[2] Gaston Paris, *La littérature française au moyen-âge* (1888) p. 11.

Digitized by Google

tivos, d'essas linguas, cujo numero não é avultado [1]. Um poeta comico de Roma, Plauto (c. 254-184 a. C.) deixou-nos por excepção uma passagem punica. Em geral gregos e romanos não estudavam as linguas dos barbaros que aquelles por desprezo chamavam αγλοσσοι e era por meio de interpretes nascidos pela maior parte em paizes barbaros ou de paes barbaros que elles se entendiam com esses povos. Se Themistocles conheceu a lingua dos persas, Cesar conquistou a Gallia e escreveu os seus Commentarios de guerra nesse paiz sem conhecer a lingua ou linguas que nelle se fallavam [2].

Quando Tacito nos affirmou que os estios (Aestii) se aproximavam pela lingua dos bretões, não fez mais do que pôr-nos de sobreaviso relativamente á verdade das noticias do mesmo genero que nelle e noutros escriptores da antiguidade se nos deparam [3]. Sabemos que os estios eram os antepassados dos prussos, lituanos e lettos, dos povos portanto que constituem o ramo chamado baltico ou lettico dos indo-europeus [4]; a sua lingua, comquanto da mesma origem que o celtico, devia já no tempo de Tacito divergir tanto da ultima que um romano não po-

---

[1] Para ver quão pouco gregos e romanos nos deixaram das linguas dos povos que chamavam barbaros basta ver as dissertações que se acham á frente da edição de Londres (1816-18) do *Thesaurus linguæ græcæ*, o *Lexikon* nas *Origines europææ* de L. Diefenbach, o *Glossaire gaulois*, vol. I da *Ethnogénie gauloise* de R. de Belloguet, o opusculo *Fremwörter in Griechische und Lateinische* de A. Vanicek. Cf. ainda A. Fick, *Phrygische Glossen* in Kuhn's *Beitrage zur vergl. Sprach, forschung* VII, 358 384.

[2] Sobre o estudo das linguas estrangeiras entre os gregos e os romanos, vid. Max Müller, *Lectures on the Science of Language*, first Series, lect. III.

[3] Ergo iam dextro Suebici maris litore Aestiorum gentes adluunt ir, quibus ritus habitusque Sueborum, lingua Britanicæ proprior. *De mor. Germ.* c. 45, ed. C. Halm.

[4] Vid. K. Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde* II, 11 ss.

Digitized by Google

desse achar relações mais claras entre o estio e o celtico dos bretões que entre o estio e o germanico. Mais intimas relações existiam entre o celtico e o latim que entre aquelle e o estio e todavia nenhum investigador da antiguidade suppoz um só momento que celtico e latim fossem linguas da mesma origem.

Dentre os elementos da lingua, os nomes ethnicos representam um papel importante nas theorias ethnogenicas dos antigos, como o representam ainda hoje nas theorias dos modernos. Era-se e é-se em extremo inclinado a concluir da identidade de nome para a identidade ethnica assim como da differença de nome para a differença ethnica. A identidade de nome fez suppor origem commum a iberos do oriente e iberos do occidente e esse velho pesadello, já repellido por Appiano, persegue ainda em nossos dias o douto hispanhol P.e Fidel-Fita [1], do mesmo modo que a identificação de cimbros e cimmerios, sonhada por Posidonio (Strabo 7, 2, 2) se reproduz ainda hoje nas obras dos anthropologos e se complica ainda com a identificação com kymris [2]. Doutro lado Cesar e outros separaram os celtas dos belgas, apesar dos estudos modernos nos revelarem a affinidade ethnica d'esses dois povos, porque o nome *celtae* ou *galli* não se estendia aos belgas.

Os processos de denominação ethnica dos antigos devem ser estudados cuidadosamente para cada caso especial. 1) Um nome geographico convertia-se em nome ethnico, p. ex. *Iberi*. 2) Um nome ethnico convertia-se em nome geographico, ao qual a seu turno se dava sentido ethnico, erroneo na sua extensão; p. ex. *Celtica*. 3) O nome ethnico ora provinha, ora não do povo deno-

---

[1] Vid. o meu artigo na *Revista de Guimarães* III, n.º 4, p. 173 e seg.

[2] Vid. a minha memoria em *Congrès internat. d'anthrop. et d'archéol. préh. Compte-rendu de la 9.e session à Lisbonne* p. 472-482.

Digitized by Google

minado; dos gallos diz Cesar; «qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur». E' muitas vezes difficil dizer de que lingua provem a denominação ethnica. Os teutões foram chamados *Germani*, com uma denominação que ha as maiores razões para crer d'origem celtica. 4. Por ignorancia o nome d'um povo foi estendido a outro ou outros, dando logar a confusões ethnicas; assim, até Cesar, na denominação *Celtae* confundiram-se celtas e teutões (germanos); na epocha dos poetas hesiodicos *Ligyes* era a denominação geral para todos os povos do occidente, como mais tarde a foi o nome de *Celtae*. Suppor baseado sobre taes denominações, o occidente todo povoado de ligures ou de celtas, num dado momento é dar prova de falta absoluta de critica. Para alem dos Pyrineus ainda hoje muita gente pensa que na peninsula iberica só ha hispanhoes e no Levante, como na Abessinia, os europeus foram todos considerados francos. Note-se a extensão que se deu ao nome de indios. 5. O mesmo povo apparece com denominações diversas. Assim *Galli*, *Celtae*, *Galatae* foram synonymos. Ainda modernamente o povo que chamamos *allemão* é chamado *tudesco* pelos italianos, *german* pelos inglezes, *deutsch* (da mesma fonte que *tudesco*) por elle proprio. O nome de *allemão* é ainda hoje o d'uma fracção d'esse povo.

Para completar este quadro rapido dos conhecimentos ethnicos dos antigos, mencionarei ainda as frequentes contradicções em que elles se acham uns com outros ou o mesmo auctor comsigo mesmo, em materia geographica e ethnographica ou ethnogenica. Por exemplo o celebre astronomo Hipparcho escreveu um *Exame da geographia* de Eratosthenes, em que esta era objecto de graves criticas, parte das quaes confirma, parte regeita Strabão. Polybio, citado por Strabão (1, 4, 4) accusa o mesmo Eratosthenes de ignorar a geographia da Iberia e de se contradizer muitas vezes; assim depois de ter mostrado toda

Digitized by Google

a costa atlantica da Iberia, até Gadira, habitada pelos galatas, que effectivamente occupavam (segundo Polybio ou Strabão?) toda a parte occidental da Europa até Gadira, Eratosthenes, esquece-se do que disse, não mencionando em nenhuma outra parte os galatas ao descrever as costas da Iberia. Se o mesmo geographo ainda tornou mais confuso o que disse ácerca da nossa peninsula chamando-a ligustica, como se tem dicto com fundamento em Strabão 2, 1, 40 e 2, 4, 8, é ponto para discutir noutra parte.

Concluindo estas considerações geraes sobre as noticias ethnographicas e ethnogenicas dos gregos e dos romanos, condensarei as minhas observações dizendo que se elles muitas vezes acertaram, erraram tambem muitas vezes por falta de methodo rigoroso de exame, de modo que os textos classicos, importantes para nós pela falta ou escassez de documentos d'outra natureza, devem ser aproveitados com as maiores precauções e sujeitos sempre que seja possivel a contraprova!

F. Adolpho Coelho.

Digitized by Google

NOUVELLES PUBLICATIONS

SUR

LES DÉPOTS MÉSOZOÏQUES DU BRÉSIL

—

Une commission pour l'exploration géologique du Brésil fut établie en mai 1875, sous la direction du professeur Hartt, de New-York, qui pendant les dix années précédentes avait fait plusieurs voyages scientifiques dans ce pays, le premier en compagnie de Louis Agassiz.

Cette commission n'eut qu'une durée éphémère, elle s'éteignit en janvier 1878, peu après la mort de Hartt, agé de 38 ans.

Malgré le peu de durée de cet établissement, les résultats acquis furent considérables; les traits généraux de la géologie du Brésil étaient fixés, des études détaillées étaient commencées et des matériaux d'une valeur extraordinaire avaient été recueillis.

La dissolution de la commission fit perdre à jamais la majeure partie de connaissances péniblement acquises, mais encore trop incomplètes pour être publiées; par contre les collections restèrent en possession du Musée national de Rio de Janeiro, dont la section géologique est confiée à la direction de M. Orville A. Derby, l'un des anciens membres de la commission géologique.

En 1880, les fossiles crétaciques de cette collection furent soumis à un paléontologiste américain, M. C. A.

Digitized by Google

White, et donnèrent lieu à un mémoire d'une haute importance qui ne fut publié qu'en 1888. [1]

L'un des résultats de cette publication fut d'amener l'un des membres de la commission dissoute, le professeur J. Branner, géologue de l'état d'Arkansas, à donner à la publicité les résultats de ses études dans le Brésil. [2]

Il prévient que ses études ont été interrompues avant d'être terminées, que son mémoire doit par conséquent plutôt être présenté comme observations statistiques que comme étude d'ensemble, mais qu'il sera pourtant d'un grand secours à ceux qui continueront l'étude du sol brésilien.

Des affleurements de terrains mésozoïques se trouvent disséminés le long des côtes du Brésil depuis l'île S. Francisco dans la province de S.ª Catharina, jusqu'au Rio Piábas dans la province de Pará. On en connait en outre dans l'intérieur, dans les vallées de S. Francisco et des Amazones. Examinons un à un ces divers affleurements en nous dirigeant du Sud au Nord.

S. Francisco do Sul, (province de S.ª Catharina). — Ce gisement situé dans une petite île, peu éloignée de la côte, n'est connu que par quelques fossiles recueillis accidentellement. Ces fossiles, principalement des gastropodes, n'ont pas été étudiés par M. White et ce n'est que par supposition qu'on les rapporte au Crétacique. On a même émis l'opinion qu'ils pourraient avoir été apportés en ce point comme ballast. Il serait donc bienimportant de visiter de nouveau cette localité.

---

[1] Charles A. White.—*Contribuições á paleontologia do Brazil.* (Com o original em inglez.) 4.º 273 p., XXVIII est. (Vol. VII dos Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1888).

[2] John C. Branner. — *The cretaceous and tertiary geology of the Sergipe — Alagoas Basin of Brazil.* 4.º, 66 pag. (Transactions of the American Philosophical Society, vol. XVI, 1889).

Digitized by Google

Iles Abrolhos. — Les roches sédimentaires ressemblent pétrographiquement à celles de Penedo dans le bassin de Sergipe-Alagoas. Elles n'ont fourni que quelques mauvaises impressions de végétaux, et sont recouvertes par des roches éruptives.

Bahia de Todos os Santos. — Les sédiments mésozoïques de ce gisement ont été déposés dans un bassin d'eau douce et sont par ce fait complètement distincts de ceux de tous les autres gisements brésiliens.

Les conditions stratigraphiques ont occupé plusieurs auteurs et ont été décrites en dernier lieu par O. Derby [1]; l'âge en a été fixé par l'étude des vertébrés.

Les vertébrés ont été décrits par M. Cope et par M. Marsh et les entomostracés par M. Rupert Jones. D'après M. White, les mollusques sont représentés par 11 espèces appartenant à des types vivant encore actuellement dans l'hémisphère occidentale, ce qui prouve une fois de plus que les mollusques d'eau douce se sont propagés presque sans changements depuis des temps fort reculés jusqu'à nos jours.

Sergipe-Alagoas. — M. Branner considère l'étude de cette contrée comme la plus importante pour la géologie du Brésil, à cause de la belle série de strates qui y est découverte et à cause de leur nature fossilifère.

Au point de vue purement paléontologique, la faune du Crétacique y est peut-être moins intéressante que la faune lacustre de Bahia, vu le peu de connaissances que l'on possède sur les fossiles d'eau douce du Mésozoïque, mais cette faune offre plus d'utilité pour le stratigraphe, puisqu'elle lui permet de trouver les relations entre le Mésozoïque du Brésil et celui des autres contrées.

---

[1] Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. III pag. 135-138.

Digitized by Google

Au point de vue géognostique, M. Branner donne la division suivante:

I — La contrée basse et plate, d'origine récente et quaternaire, bordant immédiatement la côte et les fleuves.
II — Les plateaux tertiaires.
III — Les collines crétaciques.
IV — Les serras, ou région paléozoïque.
V — Le trans-serra ou région archéene.

Notre but étant de parler des terrains mésozoïques, nous ne suivrons pas l'auteur dans l'aperçu qu'il donne de chacune de ces divisions, ni dans les détails relatifs au Tertiaire, qui forment un chapitre spécial.

L'auteur entre aussi dans de nombreux détails sur les différentes localités de la contrée qu'il nomme bassin de Sergipe-Alagoas, contrée qui formait le but des études qu'il a malheureusement dû interrompre.

Nous remarquerons seulement qu'il considère ce bassin comme ayant été séparé du bassin lacustre de Bahia pendant sa formation La limite entre deux se trouvait entre Catú dans la province de Bahia et Estancia dans celle de Sergipe.

On manque encore d'observations pour pouvoir dire si ce bassin était relié au Nord avec celui qui déposa les sédiments crétaciques de *Pernambuco*. Les fossiles de ces derniers gisements paraissent indiquer un âge un peu plus récent que ceux de Sergipe-Alagoas.

Les gisements de *Parahyba* sont encore moins connus; ils n'ont livré que peu de fossiles et paraîssent être la continuation des gisements de Pernambuco.

Dans l'intérieur de la province de *Ceara* se trouvent des affleurements ayant fourni des poissons fossiles qu'Agassiz a considérés comme crétaciques, tandis que M. M. Cope et

Digitized by Google

Newberry les ont décrits comme jurassiques. Le deuxième de ces éminents paléontologistes serait revenu dernièrement à l'opinion d'Agassiz.

Un autre gisement à poissons a été découvert dans la vallée de S. Francisco, au dessus des chutes de *Paulo Affonso*. Il contient, en outre, des ossements de reptiles et du bois silicifié, ce dernier en grande abondance.

Revenant aux côtes, nous trouvons encore des affleurements crétaciques sur le *Rio Mossoro* dans la province de Rio Grande do Norte; on ne les connait que par l'aspect de la roche, tandis qu'un affleurement sur le *Rio Piabas*, dans la province de Pará a fourni de nombreux mollusques fossiles analogues à ceux de Pernambuco.

Enfin des ossements de reptiles mésozoïques ont été rencontrés dans la vallée des Amazones, dans le lit du *Rio Aquiry*, à sa jonction avec le Rio Purus.

Examinant les gisements mésozoïques du Brésil au point de vue de leur âge, M. Branner fait observer qu'ils reposent en discordance sur le Paléozoïque et qu'ils sont recouverts par des strates sans fossiles, attribuées au Tertiaire. La classification des strates mésozoïques ne peut donc avoir lieu que par l'examen de leurs propres caractères.

Nous avons déjà vu que le doute s'est élevé sur l'âge jurassique ou crétacique des poissons des dépôts de l'intérieur. Le même doute s'est reproduit en partie au sujet des mollusques de la région Sergipe-Alagoas, dont les uns sont incontestablement crétaciques, tandis que d'autres ont un caractère jurassique bien prononcé.

M. White motive l'adoption de la période crétacique en disant que la majeure partie des types est caractéristique de cette période, et que les types à aspect jurassique

Digitized by Google

ne peuvent être identifiés à aucune espèce connue dans le Jurassique des autres pays.

Il pouvait y avoir des doutes sur la manière dont les fossiles ont été récoltés c'est à dire sur le fait que les fossiles a aspect jurassique peuvent provenir de couches plus anciennes que celles qui contiennent les types crétaciques.

En outre on avait émis l'opinion que les fossiles à aspect jurassique ont été remaniés de leurs gisements primitifs et empâtés dans les sédiments crétaciques.

M. Branner affirme le non-fondé de cette dernière opinion, émise par une personne n'ayant pas vu les fossiles dans leurs gisements, et au moyen de profils comparatifs des différents gisements, il fait voir que les couches contenant un mélange de fossiles crétaciques et de fossiles à aspect jurassique, reposent sur des couches ne contenant que des fossiles crétaciques.

Il y a donc eu au Brésil une prolongation de l'existence des types jurassiques, comme c'est aussi le cas dans l'Inde et dans la colonie du cap de Bonne Espérance. Dans cette dernière contrée se trouve la Uitenhage-formation, considérée par les géologues anglais comme appartenant au Jurassique, tandis que les géologues des autres contrées la considèrent comme un Crétacique contenant quelques espèces à aspect jurassique.

M. Branner fait en outre remarquer que les fossiles à aspect jurassique ne se présentent que dans les régions de Sergipe-Alagoas et dans le district de Crato (province de Ceara), tandis que les gisements situés plus au Nord contiennent un mélange de fossiles à aspect tertiaire, d'où il émet l'hypothèse que ces dernières localités pourraient bien appartenir à un horizon supérieur à celui des premières.

Je terminerai cette analyse en faisant remarquer l'analogie de faune qui existe entre une partie des formes crétaciques du Brésil publiées par M. White, et celles de la province d'Angola, remarque que je n'ai pas pu faire

Digitized by Google

lorsque j'eus à m'occuper de cette faune, [1] car l'ouvrage de M. White n'avait pas encore été livré au public.

Je citerai en premier abord les nombreuses formes du groupe de *Schlœnbachia inflata*, qui présentent plusieurs analogies dans les deux pays. En outre, *Ammonites planulatus* et *Am. Hopkinsi*, du Brésil sont bien voisins de *Puzosia sp. aff. difficilis* et de *P. Welwitschi* d'Angola; enfin à en juger par les figures, *Ammonites offarcinatus*, White, se rapproche de certains exemplaires européens d'*Acanthoceras mamillare*, tandis que l'espèce type se trouve à Angola.

Cette analogie n'a rien de surprenant si l'on considere que ces contrées sont situées vis-à-vis l'une de l'autre, et que pendant la période crétacique, elles devaient être baignées par la même mer, présentant les mêmes conditions climatologiques. Dans sa carte des mers jurassiques, M. Neumayr [2] réunit auc ontraire les deux contrées comme formant les bords d'un grand continent qu'il nomme Brésiliano-éthiopien. La découverte des faunes crétaciques du Brésil et d'Angola n'infirme pas cette hypothèse, car ce continent peut avoir existé à l'époque jurassique et n'avoir été recouvert par les eaux marines que lors de la grande transgressivité qui eut lieu vers le milieu de la période crétacique.

PAUL CHOFFAT.

---

[1] Choffat et de Loriol. Matériaux pour l'étude stratigraphique et paléontologique de la province d'Angola. — Genève 1888.

[2] *Die geographische Verbreitung der Juraformation.* (Mémoires de l'Académie des sciences de Vienne, 1885 pl. 1).

Digitized by Google

CONTRIBUIÇÕES

PARA A

ANATOMIA DAS SIPHONARIAS

Ha uma pequena familia nos molluscos Pulmonados, caracterisada pela estranha particularidade de apresentar o apparelho respiratorio constituido por um verdadeiro pulmão e uma branchia, perfeitamente organisada e identica á dos Prosobranchios. E' a das Siphonarias.

Em nenhuns outros Pulmonados o apparelho respiratorio apresenta tão curiosas modificações; apenas a familia das Amphibolas que constitue com as Siphonarias a sub-ordem dos Thalassophila, creada por Gray, possue um pulmão e uma branchia, mas esta é simplesmente rudimentar. Nas Siphonarias é, pelo contrario, muito desenvolvida e inteiramente similhante á das Patellas.

A fórma externa do animal e o seu *habitat* foram os dados sufficientes para que as Siphonarias fossem ainda em classificações bem recentes, collocadas ao lado das Patellas.

Effectivamente pelo exame do seu esqueleto externo, a concha, ninguem ousaria affirmar que ellas pertenciam a animaes de organisação muito diversa. A asymetria da concha distinguia-as apenas genericamente.

O *habitat* d'estas duas familias, Siphonarias e Patellas é identico. Ambas vivem sobre os rochedos e em igualdade de condições. Duas vezes por dia são mergulhadas no mar e envolvidas n'uma atmosphera humida.

A anatomia mostrando um sacco pulmonar analogo ao dos Auriculas, veio separar as Siphonarias dos Proso-

Digitized by Google

branchios e collocal-as nos Pulmonados, fornecendo ao mesmo tempo mais um documento comprovativo do valor secundario que a concha representa na classificação.

Comtudo ha outros factos que devem ser notados.

O hermaphroditismo que nos Prosobranchios constitue uma excepção ou uma anomalia, encontra-se nos Pulmonados.

As Siphonarias são dioicas, approximam-se portanto dos Prosobranchios; pelo pulmão são Pulmonados; pela branchia, pela fórma da concha e pelo *habitat* approximam-se d'alguns Prosobranchios (Patella).

A presença d'um pulmão que nos Pulmonados é regra, nos Prosobranchios é uma anomalia.

Do mesmo modo o hermaphroditismo que é geral nos Pulmonados e Opistobranchios é uma excepção nos Prosobranchios.

As Ampullarias fornecem-nos um curioso exemplo d'um animal branchifero, possuindo um pulmão. [1]

Sabe-se tambem que a presença das branchias não é condição essencial para que os animaes que as possuem vivam mergulhados na agua. Os exemplos são numerosos. Os Cyclostomideos são animaes exclusivamente terrestres e no entanto possuem uma camara branchial. As Ampullarias, possuem uma branchia e um pulmão.

As Truncatellas que durante muito tempo foram consideradas como Pulmonados foram ultimamente collocadas nos Prosobranchios em vista do resultado das observações feitas pelo snr. Vayssiére. [2]

---

[1] E. L. Bouvier.—*Système nerveux, morphologie générale et classification des Gastéropodes prosobranches*. p. 96. Thèse de doctorat, Paris, 1887;—Étude sur l'organisation de l'Ampullaire. (in Bol. Soc. Philomatique 1888).

[2] A. Vayssiére.—*Étude sur l'organisation de la* Truncatella truncatula (in Journal de Conchyliologie, p. 253 tom. xxv; 1885). Paris.

Digitized by Google

As Patellas e emfim todos os Docoglossos fornecem-nos exemplos identicos.

Em vista d'estes factos, a collocação das Siphonarias nos molluscos Pulmonados não será talvez uma classificação exacta e rigorosa.

Ha tanta razão para crer que a branchia é uma anomalia como o pulmão. São orgãos egualmente perfeitos, e que se encontram n'um animal que vive n'um meio liquido ou simplesmente n'uma atmosphera humida.

Só o conjuncto de todos os outros caracteres anatomicos poderia resolver a questão, e indicar talvez, precisamente, o logar que estes animaes devem occupar entre os molluscos.

Feitas estas reservas sobre a classificação dos «animaes mais estranhos dos molluscos pulmonados» como lhes chama o snr. P. Fischer, [1] entraremos no estudo anatomico d'uma Siphonaria, (S. Jonasi, Dunker) proveniente da costa occidental de Africa, de Loanda.

Encontramos alguns exemplares d'esta pequena especie, n'uma interessante remessa de crustaceos e molluscos que nos foi amavelmente enviada pelo snr. Major Alexandre Custodio Monteiro, residente em Loanda.

A fórma externa do animal apresenta muitas similhanças com as Patellas. A cabeça é pouco saliente e constituida por dois lobulos achatados, separados por uma fenda vertical e desprovida de tentaculos. Não consegui distinguir os olhos em resultado da pigmentação do manto que é muito densa.

Todo o bordo do manto é dividido em lobulos, mas só os da parte anterior, e superior da cabeça, são bem

---

[1] P. Fischer.—*Manuel de Conchyliologie et de Paléontologie conchyliologique.* Paris, 1883.

Digitized by Google

distinctos. Os da parte posterior do animal e os da região lateral direita onde os orgãos digestivos e respiratorios communicam com o exterior accentuam-se mais que todos os outros, que são muito pequenos e apenas visiveis com a ajuda d'uma lente.

A meio da fenda que separa a parte anterior da cabeça em dois lobulos vê-se um orificio que é a abertura boccal.

A massa que constitue o bolbo boccal é bastante volumosa, situada na parte anterior e inclinando-se um pouco para o lado esquerdo do animal. Na parte superior do bolbo encontram-se as glandulas salivares que se prolongam um pouco por sobre o esophago.

Este, desde que parte do bolbo, descreve uma pequena curva para o lado esquerdo onde fórma uma dilatação que se contorna sobre si dirigindo-se para o eixo maior do animal e depois quasi em linha recta e encostado á face ventral, até ao estomago.

O esophago á excepção da dilatação que fórma ao lado esquerdo, apresenta em todo o seu percurso um diametro egual. E' muito longo, quasi que se estende até á parte posterior do animal, e é bastante espesso e enrugado; internamente é forrado de pregas parallelas.

A passagém d'este para o estomago é rapida, não apresentando augmento sensivel no seu diametro.

O estomago é formado por uma bolsa alongada apresentando ao meio um pequeno estrangulamento. A parte posterior termina em ponta que fica voltada para o lado esquerdo do corpo. D'este mesmo lado e ao nivel do estrangulamento parte o tubo intestinal, a principio dilatado e apresentando depois um calibre menor mas igual. O intestino dirige-se para a parte anterior approximando-se da dilatação do esophago, passando ao nivel do figado envolve-o n'uma longa circumvolução desapparecendo novamente para a parte posterior d'este orgão descreve uma

Digitized by Google

nova circumvolução, mas mais pequena; quasi na margem esquerda do corpo para descer mesmo ao nivel do estomago e passando encostado á base do prolongamento conico d'este, sobe novamente, passando pela parte superior do figado e n'uma larga curva vae abrir-se ao lado direito, um pouco anteriormente, e ao nivel da cavidade branchial.

A extremidade do tubo digestivo é forrada de pregas longitudinaes e abre-se por uma fenda vertical.

O figado dividido em lobulos, occupa toda a região posterior do corpo, prolongando-se do lado esquerdo até ao nivel do coração.

Tirando a membrana que protege a face dorsal do animal encontra-se ao lado esquerdo e um pouco anteriormente, o orgão de Bojanus, em fórma de lança e achatado. D'este orgão parte um canal estreito que descreve uma curva pela parte posterior do corpo e vae abrir-se ao lado direito na extremidade da cavidade intestinal. Todo o canal é envolvido por uma membrana pigmentar.

O apparelho respiratorio das Siphonarias é muito interessante.

Além do sacco pulmonar, particular aos molluscos Pulmonados, possuem uma branchia que partindo do lado esquerdo do animal descreve uma curva pela parte posterior e vem abrir-se na cavidade branchial, sobrepondo-se em todo o trajecto ao canal excretor do orgão de Bojanus.

E' constituida por uma série de lamellas quasi triangulares, isoladas em grupos de duas ou tres.

Foi inteiramente impossivel estudar o apparelho circulatorio por causa das diminutas dimensões do animal e pela sua conservação no alcool. Toda a tentativa de injecção foi infructifera.

O coração está situado ao lado esquerdo, na parte anterior do figado e quasi todo encoberto pelo orgão de Bojanus,

Digitized by Google

Da parte lateral da auricula parte a aorta que se ramifica pelo figado.

As Siphonarias são dioicas. Os orgãos reproductores encontram-se isolados e do lado direito.

O orgão reproductor macho está collocado na parte anterior, ao nivel do musculo adductor anterior. Os orgãos femeas estão collocados posteriormente. O conducto excretor vem abrir-se ao lado externo do musculo adductor anterior. Os ovarios são bastante desenvolvidos e estão collocados na parte posterior.

Do systema nervoso apenas apresentamos um rapido esboço porque as pequenissimas dimensões do animal não nos permittiram seguir todos os nervos e apenas o pudemos estudar n'um só individuo. Completaremos o estudo do systema nervoso assim como dos orgãos reproductores na *Siphonaria Algesiræ,* das costas portuguezas, que em breve estudaremos.

Os dois ganglios cerebroides encontram-se sobre o bolbo boccal separados pela glandula salivar. Estão unidos por uma commissura encoberta pela glandula salivar. E' d'estes dois ganglios que partem os dois nervos acusticos que são terminados pelos octocystes, mas não pudemos determinar precisamente a sua innervação. Foram estes os unicos nervos dos ganglios cerebroides que podemos seguir durante algum espaço.

Os ganglios sub-esophagicos são cinco. Do ganglio *a* situado ao lado esquerdo partem os dois nervos *d* e *d'* que se dirigem para a cavidade branchial. Do lado direito parte a commissura que liga este ganglio ao ganglio *a'*. Da parte interior do ganglio *a* partem dois nervos *e* e *f* que penetram na face dorsal do animal.

Do ganglio *e* partem dois nervos *c'* e *c''*. O nervo *c''* é muito mais fino que o nervo *c'*. Dirigem-se ambos para a parte lateral e superior do animal.

Do ganglio *a'* partem do lado posterior tres nervos;

Digitized by Google

um *e'* prolonga-se pela face dorsal do animal, perdendo-se quasi na parte posterior do corpo. O outro *e''* curva-se para o lado direito, indo perder-se pouco além da origem. O nervo *f'* parece provir da parte inferior do ganglio *a'* ou então vem do ganglio *a* da parte posterior e abaixo da commissura.

Além d'estes ha mais quatro nervos que partem do ganglio *a'*. O nervo *g* parte da face inferior do ganglio e os outros *g'*, *g''* e *g'''* do bordo esquerdo. Todos se dirigem para a extremidade do manto.

Do ganglio *f* parte um nervo *b''* que parece dirigir-se para as glandulas salivares, e da face anterior um feixe de nervos finissimos que se dirigem para o bolbo boccal. Do ganglio *b* partem tambem quatro nervos que se dirigem para a região anterior do animal.

Esperamos porém poder completar o estudo anatomico das Siphonarias para poder tirar algumas conclusões relativas ao logar que estes molluscos devem occupar na serie zoologica.

AUGUSTO NOBRE.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

EXPLICAÇÃO DA PLANCHA

Fig. 1.ª—Animal com a concha, tamanho natural.

Fig. 2.ª—Animal visto pela face dorsal sem a concha; amplificado.

Fig. 3.ª—Cabeça vista de frente, mostrando a fenda da abertura boccal.

Fig. 4.ª—Tubo digestivo na posição natural.

Fig. 5.ª—Porção da maxilla amplificada. Oc. 4, obj. D. (Zeiss) Desenho feito á camara clara.

Fig. 6.ª—Coração.

Fig. 7.ª, 8.ª, 9.ª—Dentes da radula. Oc. 4, obj. D. (Zeiss) Desenho á camara clara.

Fig. 10.ª—Porção da branchia, mostrando as manchas pigmentares.

Fig. 11.ª—Orgãos reproductores femeas.

Fig. 12.ª—Systema nervoso central.

Fig. 13.ª—Octocystes.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

M. A. Ferreira-Deusdado — ENSAIOS DE PHILOSOPHIA ACTUAL

I

Na curta advertencia que precede as paginas do seu volume define o auctor a sua posição no mundo philosophico, apresentando-se como neo-kantista, e como evangelisador no nosso pequeno meio, tão refractario a investigações d'esta ordem, das doutrinas fundamentaes do grande philosopho allemão. É pois natural que, dado assim o ponto de vista nitidamente demarcado, o livro de que vamos fazer uma rapida analyse, offerecesse uma completa homogeneidade de pensamento, tanto nas ideias de conjuncto como na apreciação de doutrinas parciaes, que o auctor vai encontrando a cada passo sob a sua penna. É comtudo o que lhe falta totalmente, não tendo pois os «Ensaios» a primeira e, a meu vêr, a mais necessaria das condições d'um verdadeiro livro. O snr. M. Ferreira sentiu certamente este defeito capital, quando na referida advertencia nos informa de que o seu livro representa uma compilação de artigos publicados em tempo na «Revista de Educação e Ensino» de que era um dos mais assiduos collaboradores. Esta circumstancia, embora attenuante, não nos parece constituir uma justificação sufficiente, visto que um volume organisado d'este modo póde muito bem offerecer a mais absoluta coherencia de opiniões e até uma rigorosa gradação na disposição relativa dos capitulos, como acontece, por exemplo, com o notavel livro de De Quatrefages *Charles Darwin et ses précurseurs français*, e tantos outros de que não seria difficil multiplicar a lista. É que De Quatrefages, como Littré nos seus *Etudes sur les barbares*, como A. Léfèvre na sua pequena obra — *L'homme à travers les âges*, — além de possuirem no espirito um conjuncto de doutrinas perfeitamente elaborado, prevêem sempre ao escrevêl-as a hypothese de as publicar ulteriormente em volume. E ao snr. M. Ferreira não estava de fórma alguma vedada a applicação de identicos processos. Dizemos mais—deveria ter desde logo submettido os seus trabalhos parciaes a um plano d'esta ordem, se, como pretende, se propunha a fazer entre nós a evangelisação das doutrinas kanteanas, salvo o caso unico de não lhes querer dar no futuro a importancia de capitulos d'um livro. Uma certa falta de habito em escrever com semelhante proposito entra para muito na heterogeneidade dos assumptos tractados, e, concedemos até, a necessidade de seguir as questões consignadas no programma da philosophia elementar, posto não seja toleravel que um escriptor tenha de subordinar o pensamento ás exigencias de quaesquer programmas por bem concebidos que sejam.

Mas não entrará n'uma mais larga parte a confusão, por vezes indecifravel, das suas opiniões, quer dependente da propria obscuridade

Digitized by Google

da philosophia do mestre, quer d'uma assimilação imperfeita e um pouco precipitada de quanto a mania furiosa de philosophar vasa quasi cada anno sobre nós?

A nós parece-nos que sim. Adquirir um systema philosophico d'uma maneira consciente, integral-o no espirito com todos os elementos que o constituem, organisar seguidamente um criterio, ao mesmo tempo, flexivel e comprehensivo, entendemos que não e empreza facil, ainda que se possua, como o snr. Ferreira, uma variada erudição e recursos intellectuaes consideraveis. Ha um factor cuja influencia decisiva nas acquisições mentaes, o snr. Ferreira, familiarisado como está com as theorias evolucionistas, deve ter apreciado na sua brilhante, posto que curta, carreira de professor e de estudante. Esse factor é o tempo, e nenhuma applicação, por tenaz e demorada, e nenhum talento, por feliz e vigoroso, é capaz em casos similares, de o substituir com vantagem. Porisso fallamos ha pouco n'uma assimilação imperfeita e precipitada dos multiplos e variadissimos trabalhos da sciencia contemporanea.

* * *

Resulta d'esta familiarisação irregular e quasi soffrega com a intensa producção intellectual do nosso tempo, além d'outros inconvenientes que não nos demoraremos a enumerar, um dogmatismo tão estreito, como vago e inconsistente, se olhamos as ideias no ponto de vista da sua organisação subjectiva, e uma exposição tão rigida, como obscura e dispersiva, se as encararmos na sua realisação em linguagem. Inutil será accrescentar que o espirito labora assim na contradicção permanente, além de nem sempre se saber quando o auctor falla em seu proprio nome, ou se limita a registrar as opiniões alheias.

E' o que claramente se observa no primeiro capitulo dos «Ensaios» em que se expõe e se procura discutir o methodo da sciencia psychologica, e se tenta precisar as relações que entreteem entre si o corpo e o espirito. Quando o snr. Ferreira escreve – «Os methodos *especiaes* usados em psychologia dão a esta sciencia um caracter *particular*» (pg. 2); quando affirma (pg. 15) — «No estudo dos phenomenos psychologicos observou-se que a *consciencia* é o verdadeiro *santuario* da vida mental, principio e centro d'essa substancia indefinivel e inaccessivel que se denominou espirito»; quando avança (pg. 18) — «O estudo mais minudencioso d'anatomia cerebral e de physiologia do systema nervoso *não accrescenta nada* ao conhecimento intimo d'estes phenomenos. Enganam-se aquelles que, *fechando o livro da consciencia*, querem reduzir a psychologia a uma questão d'estatistica, a uma questão d'estudo dos annaes da historia ou á collecção de indicações fornecidas pelos viajantes», e mais abaixo, « estes elementos não supprem de modo nenhum os productos da *observação introspectiva*»; quando assevera (pg. 17) — «Ha a mais *profunda* e *radical* differença entre o espirito e a materia; — Observamos pensamentos, sentimentos, phenomenos volitivos pela consciencia, estes phenomenos constituem um *mundo á parte* e a sciencia que se occupa d'elles deve ser *differente* de todas as outras»; como póde conciliar estas asserções lançadas sobre nós n'um tom tão peremptorio e d'uma maneira tão rude com estas, não menos dogmaticas, nem menos decisivas — «E' o methodo *experimental* ou

Digitized by Google

objectivo que tem feito a *renovação* dos estudos do mundo psychologico: Stuart Mill, Littré, Mandsley, Bain, Wundtt, Th. Ribot, Taine, Spencer e Dumont, etc., em *nome d'esse methodo*, fizeram d'estes estudos uma das sciencias mais formosas do nosso seculo». (pg. 15) — «*A consciencia é absolutamente individual*» .. «ora não ha sciencia do individuo». (pg. 6 e 7) — «Segundo as observações physiologicas quotidianamente repetidas, *está provado* que existe uma correspondencia intima entre os differentes estados e operações do espirito, e entre os orgãos da vida corporea e que as diversas modificações nos graus de evolução noologica andam sempre a par com as mudanças no organismo, *provando assim* que entre a vida psychica e somatica ha *estreitas relações* de união, de *dependencia* e de simultaneidade» — «Póde dizer-se tambem que o pensamento é uma *resultante* dos movimentos cerebraes». — «O psychologo não póde esquecer que o objecto da sua sciencia *está condicionado pela vida physiologica, que é nos hemivoides cerebraes onde se coordenam as impressões, se formam as ideias, e se elabora o pensamento*, por isso grande deve ser a sua attenção para o estudo d'estes factos»?

Como conciliar ainda as seguintes — «As leis que descobre o psychologo, não sendo susceptiveis d'expressões numericas, ficam *sempre vagas e pouco determinadas*». - «Ainda que os phenomenos de consciencia não possam sujeitar-se no laboratorio a uma analyse palpavel, como um gaz ou um liquido, não deixam por isso de ser susceptiveis d'uma verificação *segura* e d'uma demonstração *rigorosamente* scientifica»? Embora o snr. Ferreira se sirva na segunda proposição do termo *phenomenos* em vez de *leis*, empregado na primeira, é evidente que a ideia que quiz exprimir por estes dois termos distinctos é necessariamente a mesma, porque phenomenos não se demonstram, constatam-se simplesmente. E ainda estas — «Teem-se aventado, é verdade, muitas hypotheses temerarias (ácêrca da união da alma com o corpo), mas entre ellas *ha algumas* que são *confirmadas* pelos factos». — «Alguns philosophos querendo levantar a ponta do veu impenetravel que cobre o *mysterio* das relações intimas entre o espirito e o organismo, apresentaram as hypotheses que vamos ennumerar, as quaes *provam* a *impotencia* dos systemas que n'ellas se fundam para resolver o problema das relações do espirito e do corpo», (pg. 22); e mais adiante (pg. 29) — «*Todas* as hypotheses imaginadas para dar a explicação da acção reciproca dos phenomenos psychicos e physiologicos teem sido *inexactas* e *pouco satisfactorias* mas a curiosidade do espirito humano ainda não renuncia a esta pretensão». E a pg. 33 — «Ha quem supponha que a theoria das localisações cerebraes tem lançado uma luz inesperada na solução do problema das relações da alma com o corpo; *taes hypotheses porém são muito controversas*».

E que quererá o snr. Ferreira dizer quando sustenta que ao methodo introspectivo *pertence mais conhecer a intuição (?) das coisas*, e ao methodo experimental a *investigação das leis* (pg. 19); que o *methodo objectivo é util e fecundo, mas elle não nos daria nada privado (?) das relações previas (?) da consciencia* (pg. 9); e ainda, *que o homem de sciencia limita-se a procurar a causa como sendo a acção (?) que produz o phenomeno e a investigar a condicção, que é um estado (?) sem o qual o phenomeno não podia ser produzido* (pg. 13)?

E este *gallimatias* lançado d'um folego — «O espirito humano tem interpretado a natureza, sob o aspecto da especulação religiosa e

Digitized by Google

philosophica, de diversos modos, mas o fundo de todas as cousas é sempre o mesmo, só as formas variam.

«Todo o erro no conhecimento sensivel tem origem na interpretação inexacta das sensações. A elaboração dos phenomenos psychicos é um facto muito complexo; a serie das ideias não é linear, uma não é ligada sómente a outra, mas a um grande numero d'ellas, em todos os sentidos e em todas as direcções. As percepções que se renovam frequentemente, mudam em completo o curso do pensamento. Todas as nossas ideas teem entre si alguma cousa de commum, e a elaboração d'uma provoca a intervenção d'outras. Toda a ideia é como um ponto onde se cruzam em todos os sentidos os caminhos que conduzem para toda a parte, como um centro onde o pensamento póde irradiar n'uma infinidade de direcções»?

Não se pense que isolamos de proposito as passagens que acabamos de citar com o intuito, aliás altamente reprehensivel, de encontrarmos umas tantas contradicções, facilmente explicaveis pelo contexto. Já dissemos e o leitor poderá vêr pelo tom decisivo d'estas phrases, escolhidas é certo, mas não arrancadas violentamente do meio d'outras que as justificam, que tal é de facto o espirito do auctor, dogmatico, imperativo, avido de affirmações absolutas, e portanto, diffuso, incoherente, contradictorio. Uma unica de todas as proposições mencionadas se faz seguir d'uma pequena attenuante. Quando porém o snr. Ferreira nos diz que «o pensamento é uma resultante dos movimentos cerebraes», e accrescenta — «porém a mais minuciosa analyse não póde dizer-nos o que ha commum entre um movimento e um pensamento» — poderá alguem suppôr que a segunda proposição invalida o alcance da primeira? Para honra mesmo do auctor não nos parece que as cousas devam ser assim interpretadas; a contradicção seria demasiado flagrante para que uma intelligencia, por mais impetuosa e precipitada, deixasse de attentar n'ella.

* * *

Admittamos porém a procedencia do reparo; supponhamos por um momento que estas obscuridades e contradicções são apenas apparentes e resultantes do confronto de passagens destacadas, separadas entre si por largos intervallos de exposição de ideias e de factos que as relacionam mutuamente, destruindo assim o que possam ter de incompativel, e tentemos extrahir do que se nos affigura um cahos, um systema coherente e harmonioso de opiniões.

Qual é o methodo que no pensamento do auctor deve ser considerado fecundo nas investigações psychologicas? Esse methodo será unico, e especial da sciencia psychologica, ou não terá, pelo contrario, nada de especifico, sendo apenas a applicação a um novo terreno de phenomenos, do methodo geral conhecido pelo nome de methodo experimental? E no caso de ser duplo, qual o seu dominio proprio, e como conciliar os resultados obtidos?

Se considerarmos que o snr. Ferreira affirma energicamente mais d'uma vez que o mundo psychologico constitue um mundo á parte, radicalmente differente do mundo da phenomenalidade exterior ou cosmica, que a consciencia pertence ao fôro intimo, pessoal, e até inacessivel á cu-

Digitized by Google

riosidade alheia e que as coisas reveladas por este sentido interior são absolutamente indubitaveis, fóra do alcance do scepticismo, não podemos deixar de convencer-nos que o chamado methodo introspectivo é o unico capaz de nos desvendar o mysterio da organisação psychica. E não faltam provas irrefragaveis de que tal é de facto o pensamento do auctor dos « Ensaios ».

Mas se, por outro lado, attendemos a que o snr. Ferreira attribue a renovação dos estudos psychologicos aos pensadores contemporaneos que, cortando pela rotina, regeitaram a introspecção e preferiram o methodo experimental, e que insiste frequentemente no condicionalismo psychico pela vida physiologica, sendo em ultima analyse a phenomenalidade espiritual uma emergencia apenas das energias nervosas, somos levados a crêr igualmente que o methodo tal qual o praticam as sciencias naturaes com os admiraveis resultados conhecidos, é o unico fecundo, o só que pela variedade dos seus multiplos recursos, consegue tornar positiva a sciencia psychologica. E não nos diz, com effeito, o snr. Ferreira, que a consciencia frequentemente interrogada se parece com o homem submettido á tortura que responde o que se quer? E não observa tambem s. ex.ª com a mais completa justeza que o mundo do espirito representa a mais complexa, a mais perfeita, e portanto a mais obscura, na interpretação das producções da natureza? E não sabe admiravelmente bem que, segundo uma observação profunda de Comte, á medida que, na escala ascendente do saber, o facto scientifico se complica, se multiplicam do mesmo par os nossos recursos logicos? E que outro methodo, além do experimental, possue este poder de plasticidade, esta verdadeira ubiquidade de applicações?

Ha, pois, n'estas duas doutrinas relativas ao methodo psychologico um flagrante antagonismo, ou em termos que lhe devem ser caros, uma antinomia fundamental.

Como a resolve o snr. Ferreira? Acceitando ambos os methodos. Mas então é forçoso demarcar-lhes a sua área d'acção, mas então importa precisar quando, como e para que especie de manifestações psychicas se deve preferir este ou aquelle, d'outro modo a sua interferencia reciproca, deverá tornar singularmente incertas as conclusões que se tirarem. Alguma coisa é talvez possivel deduzir-se da leitura cuidadosa d'este primeiro capitulo dos « Ensaios », posto que o nimbo que quasi sempre envolve, na sua opacidade nevoenta o pensamento do auctor, torna muito difficil e precaria qualquer tentativa de interpretação. A julgar pelo que escreve a pg. 9, o methodo introspectivo ou subjectivo, impotente, como s. ex.ª mesmo confessa, para constituir a sciencia mental, deveria ser empregado sobretudo para o simples trabalho de descrever e classificar os phenomenos do espirito, visto que s. ex.ª regeitando a ideia do seu uso exclusivo, nos garante ficar a psychologia, n'esta hypothese, reduzida a « um ramo de saber puramente descriptivo e ennumerativo, caracter este que não constitue sciencia ». E ao methodo experimental caberia de preferencia a funcção incomparavelmente mais importante, de « investigar as leis », segundo (pg. 19) a phrase do snr. Ferreira, citada ha pouco. Ora como sem leis não ha sciencia, mas apenas uma massa de factos mais ou menos interessantes, mais ou menos bem coordenados, este instrumento logico assumiria assim o papel, mais eminente sem duvida alguma, de verdadeiro organisador da sciencia do espirito. Receiamos porém laborar n'um equivoco, traduzindo d'esta fórma o pensamento do auctor, porquanto, sendo « a consciencia abso-

Digitized by Google

lutamente individual» pg. 6), e portanto «incapaz de nos dar informações da vida espiritual da creança, do adulto indouto, e do enfermo de espirito.» (pg. 8), como poderá ella desempenhar-se das suas funcções descriptivas e enumerativas? Pois não reconhece o snr. Ferreira com Wundt «que só os factos elementares e as faculdades inferiores», que precisamente caracterisam a creança, o adulto indouto, sem fallar no povo e no homem primitivo, se prestam a investigações experimentaes? E não põe o snr. Ferreira em duvida que «o espirito humano seja por toda a parte identico na sua essencia» (pg. 7), duvida que fôra desde logo de impotencia a observação subjectiva, considerada mesmo como processo descriptivo, duvida que o auctor affirma — estranha incoherencia! — só poder ser «resolvida pelo methodo experimental»?

Quando, por esta serie de razões, imaginavamos que o snr. Ferreira tinha invalidado perante a sua propria intelligencia toda a pretendida fecundidade do methodo introspectivo, eis que nos apparece a pg. 14 a levantar do solo o phantasma derrubado nas seguintes palavras textuaes — «A psychologia *scientifica* deve occupar-se dos phenomenos de consciencia, tendo como *apoio* a observação interna, e como *documento verificador* as acções dos individuos em todas as condicções da sua existencia».

O tal methodo experimental, que viamos ha pouco a investigar as leis, a resolver umas duvidas preliminares do espirito do snr. Ferreira, a supprir as deficiencias radicaes da introspecção, a dar emfim á psychologia o caracter d'uma sciencia positiva, achamol-o assim — quem o diria! — reduzido ás proporções acanhadas d'um processo de verificação!... E' o caso de se perguntar, como o soldado que procura reconhecer-se na confusão da batalha — *qui vive?* Não sabemos em verdade, se quem vive é o methodo experimental, se o methodo subjectivo. A supposta conciliação, se por ventura existe, não a conseguimos surprehender nós no decurso da exposição do snr. Ferreira.

* * *

Demais, similhante conciliação, admittindo a sua possibilidade, presuppunha, além do trabalho preliminar da demarcação rigorosa das funcções respectivas dos dois methodos, uma differença radical entre o phenomeno e a lei, entre o facto e o principio que o explica; ou n'outros termos, que para alcançar o conhecimento da norma reguladora dos phenomenos, o espirito sentisse a necessidade absoluta de regeitar o instrumento que tinha servido a investigar esses phenomenos. A conciliação estaria, acceite a hypothese, n'esta exigencia fundamental do entendimento. Quem ha porém ahi que sustente um absurdo tão palpavel? Quem quer que conheça, mesmo superficialmente, as sciencias naturaes ou sociaes, com quem a psychologia mantem estreitas relações de parentesco, sabe muito bem que a lei, não sendo d'uma natureza differente dos phenomenos que tem de resumir e explicar, se obtem precisamente por meio das operações que os distinguem, os descrevem e os classificam, isto é, por inducção. Pois se ella, sobretudo nas sciencias cuja complicação não consente ás suas formulas a rigorosa precisão de um theorema, não passa d'uma generalisação mais ou menos comprehensiva e luminosa dos factos, e portanto, d'um facto ainda!

Digitized by Google

Não tratamos de averiguar, é claro, se alguns cerebros privilegiados, que chamamos geniaes, logram chegar, por uma especie de antecipação divinatoria, ao conhecimento da lei, sem o estudo previo, muitas vezes penoso, d'um grande numero de phenomenos. O genio, que tanto n'este como n'outros ramos de actividade mental se deve admittir, apezar da opinião de Kant, está fóra da questão. Não uma apenas, mas muitas intuições geniaes, não bastam para constituir sciencia; a sua verificação ulterior, forçosamente inductiva ou experimental, torna-se sempre indispensavel. No mundo psychologico tambem o genio d'alguns philosophos tem deixado fundos vestigios da sua passagem luminosa: e todavia quasi nos sentimos tentado a provar que a maior parte das verdades obtidas são menos a obra d'um pretendido methodo subjectivo, interpretação erronea das intuições do genio, do que do exame objectivo das manifestações espirituaes.

* * *

N'estas ultimas palavras acha-se implicitamente contida a nossa opinião sobre o methodo da sciencia psychologica. E comquanto saia para fóra do plano exclusivamente critico que nos proposemos seguir, que o snr. Ferreira nos releve o pequeno desenvolvimento que segue.

Se o mundo para o investigador é um puro mecanismo, o espirito, simples engrenagem d'esse mecanismo, não póde fazer uma excepção, abrindo uma larga lacuna na extructura geral do universo. Isto poderá affectar dolorosamente as almas timidas ou poeticas, envolvidas no manto protector de velhas crenças do passado, ou acostumadas a cantar em todos os tons as excellencias ou as miserias do extranho animal que se chama o homem. Todavia este ser que se suppunha privilegiado, producto sublime d'um bom ou de um mau genio n'uma hora de capricho creador, não foi tão resolutamente como serenamente, incluido na escala dos seres vivos? Não se procura actualmente a sua filiação em especies anteriores menos perfeitas, e não se busca a sua origem no jogo das puras forças da materia, em vez de a descortinar nas intenções mysteriosas d'uma vontade omnipotente? Será, porfim, util, será prejudicial esta curiosidade insaciavel de resolver, pelos recursos só da intelligencia humana, o enygma do mundo? Não sabemos; apenas affirmamos que, boa ou má nas suas consequencias ulteriores, esta irreverencia, se o é, torna-se necessario pratical-a. Só com esta condição se faz sciencia. Ora o espirito não passa d'um aspecto, muito mais interessante se quizerem do todo-homem, e, como tal, tem de ser encarado pelas nossas faculdades analyticas. Não sendo possivel adivinhal-o, é forçoso estudal-o. De que maneira?

Acceitando como ponto de partida a generalisação empirica, de que o espirito se revela por tres ordens de manifestações, referidas classicamente a tres faculdades distinctas, entendemos que se deveria começar por isolar no conjuncto d'essas manifestações a parte que se refere á intelligencia, a que pertence ao sentimento e a que é a obra especial da vontade. Haverá alguma producção do entendimento, pura de todo o elemento emocional e alheia a qualquer interesse pratico, pelo menos, immediato? Ha, responde a historia do espirito humano no seu desenvolvimento secular. Essa producção, ou construcção systematica,

Digitized by Google

em que todas as aptidões, todos os recursos, todas as energias elementares ou derivadas, do pensamento entram em jogo chama-se — sciencia. E' portanto na sciencia, encarada, não como corpo de doutrinas, mas como a grande creação da intelligencia pura, que a estructura intima d'esta faculdade deve ser investigada.

E' mais difficil encontrar no mundo do sentimento uma creação correspondente, tão livre como a sciencia, de quaesquer influencias estranhas. Além do particularismo emocional das raças e dos povos, as relações intimas e profundas que prendem entre si o sentimento ao funccionalismo da machina viva, são um obstaculo serio a uma indagação efficaz. Aqui mesmo, todavia, o isolamento. indispensavel a um estudo verdadeiramente scientifico, não deixa, embora incompleto, de ser sufficiente. Nas creações artisticas, sobretudo litterarias, e nas creações religiosas, posto que um elemento intellectual entre como factor inilludivel, devemos encontrar, pensamos nós, os documentos mais completos e os testemunhos mais candidos d'esta esphera especial da vida animica. Numero, qualidade, força, direcção das molas sentimentaes do homem collectivo, e portanto do homem individual, mera unidade d'um organismo mais vasto — taes são os problemas sobre que lançará uma immensa luz o exame d'essas criações.

Nas instituições politicas e juridicas dos povos acharemos de preferencia os dados mais importantes para a solução do problema complexo da vontade humana, porque, se é certo que em toda a instituição em geral, se traduz mais ou menos um proposito determinado, isto é, uma premeditação mais ou menos clara e definida, parece-nos igualmente incontestavel que é na vida politica d'um povo no sentido mais largo da expressão, que um maior esforço consciente se revela. Nas instituições politicas, portanto, quer consideradas estaticamente, como typos de morphologia social, quer vistas dinamicamente, na sua progressiva realisação historica, o pensador encontrará, pelo menos, os elementos mais essenciaes para resolver esta questão psychologica. Junte se a isto a observação attenta da maneira como cada individuo faz, no periodo educativo, a acquisição do conhecimento elaborado pela collectividade, manifesta gradualmente e successivamente cada especie de faculdades, e reage nos primeiros conflictos com o meio, e ter-se-ha o que poderemos chamar a primeira phase do methodo de investigação psychica.

Achados assim os elementos ultimos, irreductiveis a elementos espirituaes mais simples, queremos dizer, não susceptiveis de se tornarem percebidos pela mais delicada consciencia, procurariamos referil-os ás condições puramente organicas de que dependem, ás particularidades da estructura nervosa, sobretudo cerebral. Seria, pois, esta a segunda phase d'aquelle methodo tão importante como a primeira, e porventura mais difficil. Mas comprehender-se-ha, sem muito custo, que n'um e n'outro caso, o processo seja fundamentalmente o mesmo, processo analogo ao que empregam as sciencias naturaes, e que consiste em observar, em comparar, em induzir, em deduzir, e não em pretender encontrar no proprio espirito aquillo que só póde dar o largo conhecimento da maior parte dos outros. Tambem o physiologista regista por vezes os phenomenos da sua circulação, da sua respiração ou digestão. Pobre sciencia, seria porém essa, que se contentasse com factos tão pessoaes e tão incertos. Como discriminar o que a preoccupação do observador introduziria de anormal no funccionalismo regular da machina animada?

Digitized by Google

*
* *

Fechado este parenthesis, que não temos direito de prolongar demasiado, analysemos rapidamente, para concluir estas observações ao primeiro capitulo dos «Ensaios», o que nos diz o snr. Ferreira ácêrca das relações da alma com o corpo.

Em rigor poderiamos sem inconveniente deixar de proseguir n'esta analyse, porquanto o snr. Ferreira concordaria certamente comnosco em que não só nenhuma novidade nos diz sobre esta questão tão debatida, mas tambem que é actualmente impossivel, dado o estado rudimentar da psychologia, considerada como sciencia positiva, construir uma theoria plausivel. E assim fariamos, com effeito, se não tivessemos aqui um novo ensejo de mostrar que, ao lado d'uma real erudicção, o espirito do auctor dos «Ensaios» manifesta uma fluctuação de opiniões não menos real. E' sobretudo adoravel de ingenuidade a maneira peremptoria como o snr. Ferreira principia por declarar que já *provou* «a relação estreita e intima que existe entre a vida psychica e a vida somatica», e que vae continuar a provar «a constancia d'esta *harmonia* no desenvolvimento da sua coexistencia considerada sobre diversos aspectos» (pg. 20), quando era tão facil provar ao snr. Ferreira precisamente o contrario, lembrando-lhe, por exemplo, que combatendo a opinião dos positivistas s. ex.ª escreve (pg. 15) que «as duas ordens de funcções (somaticas e psychicas) estão a muitos respeitos n'uma *opposição radical*, começando pela sua propria natureza», e que, enumerando as hypotheses produzidas com esse intuito, s. ex.ª acaba por as capitular de absurdas ou extremamente aventurosas. E não affirma o snr. Ferreira a pg. 16 que «a mais minuciosa analyse não póde dizer-nos o que ha commum entre um movimento e um pensamento»? De que serve então obstinarmo-nos em querer achar uma solução para um problema previamente julgado irresoluvel? Se uma differença fundamental de natureza separa o corpo do espirito, se um abysmo improfundavel escancara o seu negrume entre as duas ordens de phenomenos, porque não faremos nós esta coisa tão singela — cuspir-lhe dentro e seguir avante? Escusavamos assim de vêr o snr. Ferreira insurgir-se contra a *harmonia prestabelecida* de Leibnitz, regeitando a unica ideia que, no fim de contas, póde, sem grande esforço, coadunar-se com as suas asserções tão cathegoricas. Mas s. ex.ª não a acceita, como não acceita as classicas hypotheses do *influxo physico*, do *mediador plastico*, das *causas occasionaes*, como igualmente põe de lado as concepções materialista, idealista, pantheista, espiritualista, como regeita a doutrina de Luys, guardando apenas uma tal ou qual complacencia pela theoria das *localisações cerebraes*, precisamente aquella que, pelo seu caracter brutalmente physiologico, e, permitta-nos a phrase, grosseiramente material, lhe devia repugnar. Para onde iria, com effeito, a opinião do snr. Ferreira de que existe «a mais profunda e radical differença entre o espirito e a materia» (pg. 17), se porventura se provasse que a nobre faculdade de abstrahir dependia, *verbi gratia*, do modesto *pé do hyppocampo*, ou que a abjecta resignação nacional perante a expoliação do Zaire, consummada em Berlim, e o roubo do Zambeze em vesperas de se consummar em Londres, em vez de explicar-se por umas quantas fatalidades historicas, não seria, em ultimo caso, mais que o desenvolvimento anormal do *corno d'Ammon* no cerebro do portuguez?

BAZILIO TELLES.

Digitized by Google

Ricardo Severo — PALEOETHNOLOGIA PORTUGUEZA — *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal* de M. Em. Cartailhac — 1 vol. in-8.º, 23 pag.—Porto, 1888.

Dezesete annos depois do nosso Carlos Ribeiro ter achado nas camadas terciarias de Otta e Carregado as provas da existencia do periodo eolithico em Portugal, reunia-se em 1880 em Lisboa o nosso congresso d'anthropologia e archeologia prehistoricas afim de analysar e discutir esta questão ainda hoje debatida e contestada, bem como outras de não menos interesse para a sciencia paleoethnologica, como a trepanação e a anthropophagia, estudadas pelo illustre geologo o snr. Nery Delgado e os *kjoekkenmœddings* do valle do Tejo, explorados por Pereira da Costa.

Mostraram os nossos homens de sciencia, pelos estudos feitos, que as differentes phases prehistoricas porque passou a humanidade no resto da Europa se tinham succedido no nosso paiz.

As tres edades da pedra, do bronze e do ferro, verificadas por Thomsen no norte da Europa, generalisaram-se na sua ordem chronologica a este extremo do Occidente.

Assim, a industria chelleana do valle do Somma existiu no valle do Tejo; os povos que viveram nas costas da Dinamarca, alimentando-se essencialmente de molluscos, tiveram os seus representantes nas margens portuguezas; e as raças de Cro-Magnon e de Furfooz, sepultando os seus mortos em rudes cryptas megalithicas e praticando a trepanação como os habitantes neolithicos do Lozére, legaram-nos os restos da sua civilisação nas antas e nas grutas espalhadas desde a bacia do Minho á do Guadiana. Quem sabe até se a descoberta da metalurgia teve a sua origem na nossa peninsula, como parecem mostrar os trabalhos de Siret no sudeste da Hespanha.

«A peninsula iberica, diz o snr. Cartailhac, tem a dupla vantagem de terminar um continente e de servir de passagem da Europa para a Africa; estende-se pela extremidade do nosso Mediterraneo ao occidente do velho mundo».

Apresentando esta dupla vantagem, o nosso solo devia ter recebido as colonias e as emigrações de muitos povos, que, mesclando e modificando o typo ethnico das populações autochtonas, lhe dessem a feição caracteristica que actualmente apresenta. Vê-se pois quanto esta facha de terreno interessa sob o ponto de vista ethonologico e anthropologico.

A resolução de muitas incognitas que hoje escurecem o problema ethnogenico dependerá talvez dos nossos estudos paleœthnologicos.

Com um campo tão rico para as suas indagações, a nossa paleoethnologia, em seguida ao Congresso de Lisboa que lhe remata uma pagina brilhante da sua historia, deveria ter augmentado em desenvolvimento. Mas não aconteceu assim. Devido á perda deploravel do seu iniciador, o illustre Carlos Ribeiro, ao indifferentismo normal do nosso publico e á não protecção dos governos, ella paralysou. A questão do anthropopithecus Ribeiroii lá está despregada nas margens do lago tortoniano d'Otta; o segredo das cividades permanece nas ruinas mudas de Briteiros e de Sabroso ou sepultado, sob uma espessa camada d'humus, nos planaltos dos montes minhotos.

Digitized by Google

Ha oito annos que nada se tem avançado. E apesar d'isso as descobertas dão-se dia a dia.

Em 1886 appareceu um livro importantissimo sobre a prehistoria da peninsula iberica, devido á pena d'um dos mais illustres paleoethnologistas estrangeiros, o snr. Emilio Cartailhac. E' o melhor trabalho de synthese que possuimos; pois, apesar de já termos um feito por Filippe Simões, o de Cartailhac sobreleva o pelo rigorismo do methodo e espirito critico moderno em que está escripto.

Infelizmente essa obra quasi passou desapercebida no nosso paiz. Poucos foram os que a leram; e, apesar do snr. Boule emittir, nos *Matériaux pour l'histoire de l'Homme*, o desejo de que ella seria depressa traduzida e espalhada para além dos Pyrineus, a obra *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, não só não foi traduzida, mas muito menos tornada conhecida do publico portuguez.

Passados dois annos é que a Sociedade Carlos Ribeiro, quebrando este indifferentismo triste, deu á publicidade, como seu segundo trabalho, o estudo bibliographico d'aquella obra feita pelo meu amigo e dedicado paleoethnologista Ricardo Severo.

*

Ricardo Severo não se limita só á apresentação do livro de Cartailhac. Analysando-o capitulo por capitulo, trata de frizar bem, como diz no fim do seu bem feito estudo, o estado geral da Paleoethnologia portugueza. E mostra-o, confrontando o movimento dado á nossa prehistoria com o realisado lá fóra, discutindo com imparcialidade e fino criterio as questões suscitadas pelas descobertas dos nossos homens de sciencia e lamentando, como de costume, o despreso votado ás nossas antiguidades nacionaes — titulos demonstrativos da vitalidade d'um povo que deseja ser sempre independente.

N'esta breve apreciação deter-me-hei apenas nas questões que particularmente affectam a nossa prehistoria e as quaes Ricardo Severo analysa mais detidamente.

Juntos temos trabalhado e juntos temos discutido os problemas pendentes na Paleoethnologia, de modo que as minhas opiniões não virão mais do que reforçar as do nosso auctor.

A primeira questão ventilada é a do chamado *homem terciario*.

Confirmada por uns, contestada por outros, a existencia de um ser intelligente, trabalhando o silex nas camadas terciarias do globo, está passando pelas mesmas phases porque passou a descoberta do homem quaternario. Bourjeois, Rames e Carlos Ribeiro, luctaram com a hostilidade dos homens de sciencia aos quaes repugnava admittir a talha dos silex terciarios, como Boucher de Perthes ao ousar apresentar os productos da industria do *homem antidiluviano*.

Mais infelizes do que o immortal antiquario d'Abbeville, Bourgeois e Carlos Ribeiro não conseguiram vêr inteiramente admittidas as suas descobertas. Ainda ha quem não creia na intencionalidade da talha dos silex de Thenay e de Otta. Não entrarei n'esse numero; para mim esses silex são lascados intencionalmente, quer o seu fabricante usasse do fogo, como o thenaysiano, quer applicasse o percutor como o cournyano ou o ottaiano.

Digitized by Google

A descoberta de Carlos Ribeiro veio lançar por terra o ultimo argumento, alliaz nada sensato, empregado contra as affirmativas de Bourgeois: Se os pretendidos silex dos marnes aquitanianos de Thenay são realmente talhados, qual a razão porque se não tem feito eguaes descobertas em outras camadas do globo?

No congresso de Lisboa, no qual a importante descoberta do nosso eminente geologo foi discutida e verificada nos proprios terrenos, trez questões se proposeram; 1.º—se os terrenos seriam terciarios; 2.º—se os silex viriam da superficie ou do interior das camadas; 3.º—se a presença d'um conchoide e até de varios n'um silex, provaria a intencionalidade da talha.

Não se poz em duvida a edade do jazigo; os membros em geral, concordaram que elle era bem terciario. O snr. Belucci. extrahindo na presença de varios membros do congresso um silex talhado e descoberto por elle «na parte inferior do labio superior d'uma cavidade d'erosão» (De Mortillet), mostrou a proveniencia dos silex do interior das camadas. Discordou-se, porém. quando se tratou da terceira questão. Nos specimens exhibidos por Carlos Ribeiro, haviam alguns, apresentando um duplo conchoide. Mas isso provaria que mão intelligente os lascára?

Para a formação d'um conchoide, póde-se admittir uma causa natural; mas a existencia d'um segundo, dado em eguaes circumstancias, ellimina qualquer ideia d'essa casualidade. Além d'isso, como insiste Ricardo Severo, a intencionalidade não é só provada pela existencia d'um conchoide, com esquirolamento e plano de percussão; a intencionalidade verifica-se no modo de agrupamento e na disposição das trez modalidades da talha, e emfim no cunho especial que apresenta o lascamento intencional, como para dar ao pedaço de silex uma fórma determinada e preconcebida. Ora alguns dos silex de Otta apresentam estes caracteres, similhantes aos das pontas mousterianas.

O snr. Cartailhac, que no congresso de Lisboa defendeu com tanto ardor e convicção os silex do nosso tortoniano, hesita agora em consideral-os como talhados intencionalmente. «Les traces irrécusables de l'homme terciaire sont encore à décrouvrir» finalisa elle a questão.

Esta hesitação provém de que até hoje ainda não appareceu peça alguma orteologica do fabricante dos silex eolithicos. Pena foi que, juntamente com os silex, Carlos Ribeiro não apresentasse uma maxilla como a de Moulin Quignon, porque assim teria sido universalmente admittida a talha dos silex e posta em duvida a identidade da maxilla.

Convem comtudo lembrar que as camadas terciarias do globo ainda não foram completamente exploradas. Quando se começaram a fazer os estudos paleontologicos, todos eram unanimes em não admittir o macaco e o homem fossil; e hoje já conhecemos, áparte outras especies, o *Oreopithecus Bamboli*, o *Pliopithecus antiquus*, o *Driopithecus Fontani* e o *Mesopithecus Pentelici*, mais ou menos visinhos do homem, e mais proximos ainda do homem neanderthaloide, fabricante dos silex chelleanos.

Ainda ha muito que fazer. Esperemos pois, admittindo desde já, pelos restos industriaes do aquitaniano de Thenay e do tortoniano de Otta e Puy-courny, e pelas leis da paleontologia, a existencia do Anthropopitecus de Mortillet.

Entre nós, apezar do snr. de Quatrefages affirmar no prefacio do livro de Cartailhac que «les temps quaternaires, considerés au point

Digitized by Google

de vue ethnographiques, montrent en Portugal comme ailleurs des types se rapportant aux epoques chellcenne, mousterienne, solutrenne et magdalénienne» apenas conhecemos a primeira epocha, caracterisada pela fauna de Villa Nova da Rainha, grutas das Fontainhas e de Peniche. e pelos instrumentos chelleanos achados n'esta ultima e nos arredores de Leiria. E' d'esperar, no entretanto, que as outras epochas sejam assignaladas no nosso solo ainda inexplorado. As pesquizas dos snrs. Luiz Lartet e Eduardo de Harlé, nas grutas de Peña la Miel e de Altamira, deram-nos a conhecer que a ultima epocha paleolithica ultrapassou os Pyrineus. Conhecendo-se pois na peninsula as duas epochas que extremam os tempos quaternarios, a existencia das intermedias impõe-se ao nosso espirito ou, no caso contrario, teremos uma scisão no evolucionar da humanidade n'este extremo occidente — um hiatus como o que parece existir entre o paleolithico e o neolithico. Estudos futuros o mostrarão.

O periodo neolithico é o que está melhor estudado entre nós. Devido ás pesquizas de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa. Nery Delgado e outros, nós podemos definir a civilisação neolithica em quasi todas as suas manifestações: no kjoekkenmoedding. na gruta natural e na artificial, no dolmen e no campo entrincheirado. até receber a influencia metallurgica. Os kjoekkenmoeddings do nosso paiz tornam-se muito interessantes por conterem os restos osteologicos dos seus habitadores, facto este que os faz divergir das outras estações humanas costeiras do resto da Europa. Os esqueletos tomam uma posição dobrada no interior dos amontoamentos de retalhos de cosinha.

Alguns paleoethnologos quizeram explicar este apparecimento dos ossos humanos por meio da anthropophagia, praticada pelos povos d'estas estações. Cartailhac nega esta prática e Ricardo Severo secunda-o nas suas affirmativas.

Com effeito, a dispersão dos ossos deve ser attribuida á deslocação das camadas. A anthropophagia não podia alem d'isso ser devida á fome, porque o homem tinha em abundancia os molluscos nas praias visinhas e os animaes terrestres que ia caçar ao interior; a antropophagia religiosa muito menos se póde admittir; e essa deve-se ter dado em epochas mais proximas da historia.

Quanto á explicação dada por Cartailhac de que «peut-être les grands ossuaires recevaient les corps qui avaient déjá sejourné dans les sèpultures provisoires, par exemple dans leur hutte delaissée, soit sur les hauts lieux» fundando-se para isso nos costumes d'alguns povos selvagens modernos, necessita de confirmação. Não nos embrenhando pois em meras concepções theoricas, tratemos de buscar mais luz n'estas problematicas estações.

As excellentes e methodicas explorações do snr. Nery Delgado nagrutas neolithicas de Cesareda e da Furninha forneceram mais argumentos aos defensores do cannibalismo.

O snr. Nery Delgado não deu outra explicação á desproporcionalidade dos ossos, á sua fragmentação e ao vestigio de fogo. n'alguns d'elles, phenomenos estes, notados sobretudo na ultima gruta; já o seu difficil accesso e as suas más condições de vida deixam fóra de duvida a sua utilisação como sepultura e não como logar de habitação do homem neolithico. A fractura dos ossos e a sua desproporcionalidade, devem-se interpretar por outras causas, que não a anthropophagia, porque esses factos dão-se n'alguns dolmens — incontestaveis cryptas fu-

Digitized by Google

nerarias onde piedosamente se sepultavam os mortos e não logares de festins cannibalescos.

Ricardo Severo ainda apresenta, para a gruta da Furninha, a par de muitas outras causas de destruição dos esqueletos, a acção violenta do mar que, penetrando em dias de borrasca na gruta, revolvesse e arrastasse o que lá encontrava. Quanto aos ossos queimados não se poderá vêr, como julga Cartailhac, um principio de incineração, uso tão espalhado nas edades subsequentes?

(Conclue).

FONSECA CARDOSO.

NOTICIAS

Curso de microscopia vegetal na Academia Polytechnica do Porto

No mez de novembro inaugurou-se, na Academia Polytechnica do Porto, um *Curso Livre de Microscopia Vegetal*, o primeiro que com tal caracter, se fundou entre nós. O organisador do Curso referido, snr. Amandio Gonçalves, teve em vista, levando a cabo tam elogiavel emprehendimento, iniciar todos os que queiram, nos trabalhos praticos da anatomia e histologia botanica, methodo racional e proficuo de se alcançar com certo exito conhecimentos seguros de phytologia, até aqui restrictamente limitados a exclusivas noções theoricas ou a classificações quasi estereis. O Laboratorio está montado com o material indispensavel para uma sequencia de investigações ordenadas e methodicas; apenas lamentaremos que da parte do Governo não haja a coadjuvação que era de justiça esperar, coadjuvação que traria sem duvida uma maior amplitude de material technico a par d'umalocação desaffogada. Registre-se pois que á iniciativa do snr. Amandio Gonçalves se deve o estabelecimento de tal Curso, iniciativa que representa esforços de toda a ordem, e cuja retribuição é apenas o elogio a que obriga o seu pouco commum desinteresse e uma não menos vulgar dedicação pelo desenvolvimento scientifico do instituto de que faz parte.

O snr. Amandio Gonçalves convidou, para o auxiliar, o nosso estimado collaborador snr. Augusto Nobre, que occupa o logar de naturalista-adjunto. Ainda na escolha o snr. Amandio Gonçalves obrou acertadamente, visto que o distincto malacologista, além dos estudos especiaes, tem a prática e o estudo alcançados no *Muséum* de Paris.

A obra do illustre professor não precisa de encomios; basta lembrar que depois de instituidos lá fóra, ha cerca de 50 annos, cursos congeneres, é elle o que, em Portugal, estabelece pela primeira vez aulas praticas de anatomia e histologia.

R. P.

Digitized by Google

OS MORTOS

JOSÉ AUGUSTO DE SOUSA

Ha poucos mezes que o Museu Nacional perdeu, na pessoa de José Augusto de Sousa, um dos seus naturalistas mais intelligentes e dedicados. Desde 1863 que o illustre extincto fazia parte do nosso primeiro estabelecimento zoologico, dedicando todo um periodo de actividade e integro cuidado ao estudo, determinação e coordenação das collecções ornithologicas. O snr. Barboza du Bocage, emerito zoologo e notavel director do nosso principal Museu de Historia Natural, traça no *Jornal* da Academia o perfil sympathico e honrado do que foi um dos seus mais dilectos companheiros. E é d'essa noticia, cheia de sincerissima condolencia e amarga tristeza que destacamos os titulos de alguns dos trabalhos de Augusto de Sousa, documentos incontestaveis de assignalados serviços postos a favor d'uma sciencia tam desprotegida dos governos como pobre de dedicados:

Noticias sobre duas especies de Plectropterus d'Africa occidental, 1869, *Jornal* da Academia, t. II. p. 157.
Note sur le Bucorax pyrrhops, 1884, id., t. x, p. 168.
Lista das aves colligidas pelo snr. Serpa Pinto no Ibo, id., t. XI, p. 82.
Lista das aves colligidas em Africa de 1884 a 1885 pelos snrs. Capello e Ivens, id , 1886. t. XI, p. 76.
Additamento ás aves colligidas em Africa pelos snrs. Capello e Ivens. id., 1886, t. XI, p. 151.
Aves de Angola, id., 1886, t. XI, p. 154.
Aves da Ilha do Principe colligidas pelo snr. F. Newton, id., 1867, t. XII, p. 42.
Lista das aves de Moçambique colligidas pelo snr. A. Cardozo, id., 1887, t. XII, p. 42.
Aves de Angola, id., 1887, t. XII, p. 84.
Descripção de duas especies de aves de Angola da exploração do snr. Anchieta, id., 1887, t. XII, p. 105.
Enumeração das aves de S. Thomé, id., 1888, t. XII p. 151.
Aves de Angola da exploração do snr. Anchieta, id., 1888, t. XII, p. 216.
Contribuitions pour la faune ornithologique d'Angola, id., 1888, t. XII, p. 233.
Aves de Huilla remettidas pelo R. P. Antunes, id., 1889, t. I, p. 37.
Aves de Angola da exploração do snr. Anchieta, id., 1889, t. I, p. 41.

R. P.

Digitized by Google

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A Sociedade Carlos Ribeiro tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista:*

PAUL CHOFFAT — *Observations sur le pliocène du Portugal,* 8.°, 5 pag., Bruxelles, 1889.

JULES DAVEAU — *Plumbaginées du Portugal,* 8.°, 51 pag., Coimbra, 1889.

JULES DAVEAU — *Promenades botaniques aux environs de Lisbonne,* 8.°, 12 pag., Lisbonne, 1889.

AUGUSTO NOBRE — *Contribuições para a fauna malacologica da Madeira,* 8.°, 16 pag., Coimbra, 1889.

GABRIEL DE ALMEIDA — *A ilha de S. Miguel,* 8.°, 78 pag., Ponta Delgada, 1885.

GABRIEL DE ALMEIDA — *A vinha,* 8.°, 94 pag., S. Miguel, 1887.

PRINCIPAUTÉ DE MONACO — *Résultats des campagnes scientifiques du yacht l'HIRONDELLE,* 8.°, 31 pag., Paris, 1889.

Boletim da Sociedade Broteriana, Coimbra, vol. VI, fasc. 1 a 3.

Instituto, Coimbra, vol. XXXVI desde o n.° 9 e vol. XXXVII até n.° 4.

Jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, Lisboa n.os

Revista de Guimarães, Guimarães, vol. VI, n.° 2.

Revista de Portugal, Porto, n.os 1-6.

Revista archeologica, vol. III, n.os 11 e 12.

Revue scientifique, Paris, n.os 13-27.

Revue celtique, Paris, n.os 1-2.

Revue de philologie française et provençale, Paris, n.° 3.

Archives de l'anthropologie criminelle et des sciences pénales, Paris, n.° 23.

Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für anthropologie, ethnologie und Urgeschichte, Berlin, n.os 1-7.

Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien, Vienna, n.os 1-4.

Bulletin de la Société belge de Microscopie, Bruxelles, n.os 1-11.

Digitized by Google

Annales de la Société belge de Microscopie, Bruxelles, fasc. 1.º
Bulletin de l'Institut Égyptien, n.º 9.
Bulletin du Comité Géologique de S.t Pétersbourg, S. Petersburg, n.os 1-5.
Supplément au tom VIII des bulletins du Comité Géologique de S.t Pétersbourg.
Mémoires du Comité Géologique de S.t Pétersbourg, vol. VIII, n.º 4.
Journal de Médecine et de Pharmacie de l'Algérie, n.º 2-8 e 11.
Mémoires de la Société des Naturalistes de Kiew, tome X, livrais. 1.
Procés-Verbal de la Soixante-douziéme séance général de la Société des Arts de Génève, N.º LXXII.
Mésuline, tom. V, n.º 1.
Bulletin de la Société Vaudoise des sciences naturelles, n.º 100, vol. XXV.

REVISTA
DE
SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

A *Revista* sahirá regularmente quatro vezes por anno em fasciculos de 48 pag., 8.º

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORTUGAL—Anno ou serie de 4 numeros	1$200 reis
Numero avulso	300 »
PAIZES COMPREHENDIDOS NA UNIÃO POSTAL—	
Anno	8 fr.
Numero avulso	2 »

Para os outros paizes não fazendo parte da União, accresce o porte do correio.

As publicações enviadas á *Revista* serão annunciadas ou analysadas consoante a sua importancia.

A correspondencia relativa á administração e redacção deverá ser dirigida a Ricardo Severo, rua de Santa Izabel, 39, ou a Rocha Peixoto, rua da Paz, 126—Porto.

Digitized by Google

REVISTA

DE

SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS

DA

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

PRIMEIRO VOLUME

NUMERO IV

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
66, RUA DA FABRICA, 66

1890

Digitized by Google

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

Uma obra da arte primitiva, por Santos Rocha..... pag. 145
Primeiros vestigios do periodo neolithico na provincia de Angola, por Ricardo Severo..... pag. 152
Recherches anatomiques et histologiques sur le cynops boscai, Lataste, par Augusto Nobre..... ..... pag. 162

BIBLIOGRAPHIA

Ensaios de philosophia actual de M. A. Ferreira-Deusdado (conclusão), por Bazilio Telles..... pag. 178
Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal de *M. Émile Cartailhac*, de Ricardo Severo (conclusão), por Fonseca Cardoso..... ..... pag. 182
Étude géologique du tunnel du Rocio, de Paul Choffat, por R. P..... ..... pag. 184
Observations sur le pliocène du Portugal, de Paul Choffat, por R. P..... ..... pag. 185
Plumbaginées du Portugal, de Jules Daveau, por R. P.. pag. 186
Recherches des animaux marins, de S. A. o Principe de Monaco. — *Résultats des campagnes scientifiques du yacht l'*hirondelle, de Mosticher, por R. S..... pag. 186
29 opusculos de Émile de Munck, por R. S. .... pag. 187
Procès verbaux de la Société belge de Géologie, de Paléontologie et d'Hydrologie, por R. S..... pag. 188

NOTICIAS

A Sociedade Carlos Ribeiro, por Rocha Peixoto ..... pag. 189

PLANCHAS

Uma obra da arte primitiva..... ... . pag. 151
Instrumentos africanos de pedra polida. .... pag. 161

Digitized by Google

UMA OBRA DA ARTE PRIMITIVA

Ha no museu provincial de Valladolid um objecto de pedra que nos parece bastante digno da attenção dos que se dedicam aos estudos paleoethnologicos.

A sua fórma é verdadeiramente excepcional, e cremos até que unica: pelo menos ainda não vimos cousa igual, nem temos conhecimento de que tenha sido encontrada em qualquer estação da edade da pedra.

Comtudo este objecto jaz esquecido n'aquelle estabelecimento, no meio de obras d'arte de outras edades. Nenhum escripto dos que nós temos noticia, incluindo a obra do sr. Cartailhac, falla d'elle; ninguem, ao que parece, ainda o estudou; e a propria direcção do museu ignora o logar e as circumstancias em que foi achado, assim como o destino que teria.

Nós fizemos a este respeito as possiveis indagações, por intermedio do distincto academico de Valladolid, o sr. D. Jezus Asensio Ibañez; e nada obtivemos, a não ser a indicação de que o objecto era proveniente da Hespanha e fôra offerecido ao museu por um particular, alguns annos antes da nossa visita (1889).

Tambem fallamos n'elle ao illustre antiquario de Leon, o sr. D. Ramon Alvarez de la Braña, chefe da Bibliotheca e secretario da Commissão de Monumentos da provincia; mas nada nos poude informar, porque nem vira o objecto, nem lêra noticia alguma sobre elle.

Digitized by Google

O que nós conseguimos foram os desenhos, devidos ao lapis do sr. Ibañez; o que nos permitte dar uma descripção assaz comprehensivel d'esta curiosa peça archeologica.

A sua configuração é a de uma ferradura; mas apresenta no bordo exterior seis pontas muito desenvolvidas. É de silex castanho, reduzido a uma lamina bastante delgada pela extracção de lascas e escamas mais ou menos volumosas.

O arco tem um desenvolvimento de $0^m,29$, medidos pelo bordo interno da peça; a corda, partindo do meio d'elle até a qualquer das extremidades, mede $0^m,13$; o diametro attinge $0^m,111$; a largura da lamina no meio é de $0^m,023$; nas extremidades da base termina em ponta; e a distancia entre estas ultimas é de $0^m,11$.

As seis pontas que guarnecem o bordo externo são de dimensões deseguaes, a maior de $0^m,026$ d'extensão, as mais pequenas de $0^m,011$, e distam tambem desegualmente umas das outras.

A fig. 1.ª representa o seu contorno no tamanho natural; a fig. 2.ª os detalhes de uma das faces, que são ambas retocadas do mesmo modo.

A regularidade do contorno, como se vê, nada tem de geometrica. Mas apresenta certa symetria que lhe dá o aspecto de um objecto de luxo.

Seria este effectivamente o seu destino, um mero adorno? Em tal caso como era usado? Seria antes um instrumento de trabalho, um simples amuleto, ou ainda uma insignia?

Difficil é resolver semelhantes questões.

Não ha duvida que o fim é que dá a fórma aos objectos; de sorte que por esta devia determinar-se aquelle. Mas quando nós estamos muito longe de uma epocha ou

Digitized by Google

de um certo estado de civilisação, ignorando as ideias, as instituições, as crenças, necessidades e habitos dos povos que n'elles viveram, o problema archeologico é muitas vezes insoluvel. A mesma fórma, segundo os nossos conhecimentos e modo de viver actuaes, póde corresponder a diversos fins; e, por conseguinte, no seu estudo não será facil em muitos casos sair do dominio das conjecturas.

E é n'este campo sómente que nós tentamos uma resposta ácerca do destino do objecto em questão, dando assim ensejo a que os eruditos procurem estudal-o e possam levar mais longe as suas investigações.

A lamina é fina e tem os bordos mais ou menos acuminados; e todavia o simples exame d'ella persuade que era impropria para o mister de cortar, attendendo á sua fórma.

No bordo externo tem as seis pontas de que fallamos; mas estas eram tambem improprias para o uso de furar, em vista das suas dimensões, disposição e fórma achatada.

Confirmam-se estes assertos pelos resultados já obtidos na archeologia prehistorica; pois que é bem sabido que os instrumentos cortantes e perfurantes da edade da pedra são todos muito diversos do nosso exemplar.

Se quizessemos fazer d'elle um utensilio proprio para qualquer outro trabalho, n'uma epocha em que quasi todos os trabalhos eram bastante rudes, teriamos ainda contra a hypothese a fragilidade da peça, a sua fórma nada maneavel, a difficuldade da apprehensão, a falta d'instrumentos de trabalho da mesma natureza entre os povos das epochas lithicas, etc.

E d'este modo somos levados a suppor que o trabalho minucioso do objecto e a sua fórma indicam uma peça de particular estimação, e que as pontas seriam uma representação symbolica ou meros ornamentos. Isto equi-

Digitized by Google

vale quasi a restringir a questão ás hypotheses do amuleto, da insignia ou do adorno.

Mas ainda entre estas ha preferencias. Um amuleto representa uma superstição, uma crença religiosa ; e estas não são attributo de um só homem, mas de um povo, tribu ou collectividade qualquer. Por conseguinte parece que n'essa hypothese outros objectos similares deveriam já ter apparecido nas estações humanas primitivas, sobretudo nas sepulturas da epocha neolithica, que têem um caracter profundamente religioso.

A insignia, representando um poder qualquer ou uma distincção social, tambem não devia naturalmente ficar restricta a um unico exemplar. A um chefe ou homem poderoso succedem-se outros e outros ; e nas distincções sociaes, por castas ou classes, são sempre muitos os contemplados.

Pelo contrario um adorno é obra de phantasia, que diverge d'individuo para individuo e produz fórmas variaveis indefinidamente, fórmas que pódem não se repetir. Por isso esta é, no estado actual dos nossos conhecimentos, a hypothese mais favoravel para a solução do nosso problema.

De facto não custa a admittir que na edade da pedra um capricho selvagem e infantil fizesse excepcionalmente fabricar o objecto de que tratamos, cuja fórma poderia ser suggerida pela configuração natural que a lasca tomasse ao separar-se do nucleo, e utilisal-o em seguida como ornamento do corpo. Estes factos singulares não são raros ainda no nosso tempo. Em 1867 M. Simonin, fazendo uma viagem ao noroeste da America, encontrou entre os Indios do Prados adornos verdadeiramente excepcionaes e unicos; e um nosso amigo viu ainda não ha muitos annos a cabeça de um regulo africano ornada com um pedaço de lata, tirado d'uma caixa de sardinhas de Nantes.

Digitized by Google

Quanto ao modo como seria usado, lembram-nos duas hypotheses: ou se fixava pelas extremidades da base em algum objecto que porventura se trazia na cabeça, ou era suspenso sobre o peito por alguma fibra ou corrêa que o ligasse pelo meio do arco.

Se abstrairmos das pontas que guarnecem o bordo exterior da peça, a fórma arqueada, embora com diversas modificações, não é desconhecida nos adornos ou amuletos do homem primitivo. O sr. Mortillet falla dos crescentes da epocha neolithica, arcos de pedra mais ou menos desenvolvidos, quasi todos com orificios de suspensão a que attribue o caracter de amuletos. [1]

Mas com um arco de fórma semelhante ao do exemplar que estudamos, só encontramos em metal, na edade do bronze, epocha chamada *larnaudianna*, os dois objectos de que o mesmo sr. Mortillet apresenta os desenhos nas figuras 984 e 985 do seu *Museu*, objectos de pequenas dimensões e com um appendice ou annel de suspensão.

Com fórma muito mais approximada do crescente do que os objectos de pedra mencionados com este nome pelo illustre paleoethnologo francez, achamos nós na estação neolithica da Varzea de Lirio uma pequena lasca de silex cinzento, com uma particularidade notavel, que faz lembrar a peça do museu de Valladolid. Apresenta, como ella, no bordo exterior, algumas pequeninas pontas disseminadas, das quaes cinco, pelo menos, são bem distinctas. Mede $0^{m},027$ d'abertura entre as pontas que formam as extremidades do arco, e $0^{m},016$ de largura no meio.

Mas esta lasca, comquanto tenha os caracteres da per-

[1] *Préhistorique*, pag. 565 e 567; *Musée préhistorique*, figura 644.

Digitized by Google

cussão intencional, tomou *naturalmente* a sua fórma arqueada e ponteaguda. Não interveio para esta o trabalho minucioso dos retoques, trabalho que deveria revelar-nos o proposito de dar-lhe esse singular aspecto.

Verdade é que entre algumas das pontasinhas a aresta da lasca acha-se fracturada em um ou outro ponto; mas estas fracturas não nos parecem intencionaes. São irregulares, como que realisadas ao acaso, pouco profundas, sem contiguidade e sem a apparencia que geralmente apresentam os retoques. Além d'isto, observando attentamente o dorso da lasca, isto é, a face opposta ao conchoide, nota-se uma circumstancia que julgamos decisiva; é que cada uma das pontas, incluindo as das extremidades do arco, corresponde a uma das numerosas arestas do nucleo de que foi extrahida. Isto prova, com effeito, que a disposição d'essas saliencias é obra de mero acaso.

Assim, nenhuma relação ethnographica liga, a nossa vêr, o objecto da Varzea de Lirio com aquelle que procuramos estudar.

Nem nos desenhos gravados pelos homens da edade da pedra se encontra cousa alguma semelhante. Apparece sim o crescente, como na massa de calcareo descoberta pelo distincto paleoethnologo sr. Carlos Ribeiro na sepultura neolithica da *Folha das Barradas*, descripta na sua Memoria sobre os monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas (pag. 83 e figuras 87 e 88); mas da fórma de ferradura e das pontas a guarnecer o bordo exterior não temos noticia alguma.

Entretanto ainda ha muito que explorar na Hespanha e em Portugal sobre a edade da pedra: centenares de dolmens e grutas aguardam o paciente investigador; e por conseguinte pódem ainda descobrir-se outros objectos semelhantes ou que concorram para explicar d'outro modo aquelle de que nos temos occupado.

De resto o trabalho que n'elle se manifesta, com-

Digitized by Google

quanto seja menos delicado do que o de muitas pontas de dardo e setta que temos encontrado nas antas dos arredores de Brenha, não nos parece pertencer a epocha diversa. Se os retoques são muito maiores do que os que se notam nas superficies d'aquellas pontas, comtudo a sua perfeição, a convexidade das faces do objecto e a habilidade com que este em geral foi trabalhado, estabelecem certa affinidade com os das nossas estações.

Os que classificam estes ultimos como pertencentes ao fim da epocha neolithica poderão talvez attribuir aquelle a tempos anteriores da mesma epocha. Mas, pela nossa parte, julgamos este juizo pouco seguro. Dentro da mesma anta temos nós recolhido umas peças muito menos perfeitas do que outras. Ha, por exemplo, um dardo das Carniçosas, que pela sua imperfeição mais parece simplesmente lascado do que retocado; e todavia no mesmo megalitho achámos nós os dardos melhor retocados que temos visto.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

Digitized by Google

PRIMEIROS VESTIGIOS DO PERIODO NEOLITHICO

NA

PROVINCIA DE ANGOLA

Um dos factos notaveis verificados pela Paleoethnologia é certamente a semelhança que liga nos seus termos simples as differentes civilisações dos mais afastados continentes.

Este facto, de resto já intuitivamente admittido como a solução natural de um postulado ethnologico, desperta entre os especialistas o mais vivo interesse na sua amiudada constatação á custa de materiaes sempre novos, de uma importancia crescente nas analogias que aclaram ou nos contrastes que levantam.

De todos os continentes têem concorrido para o estudo da Prehistoria com documentos valiosos, que, definindo caracteristicamente as civilisações proprias, conservam no entanto um ou outro traço de semelhança commum em que se antevêem circumstancias identicas de adaptação a necessidades universaes de existencia. Assim se tem verificado que — posta de lado toda a ideia de synchronismo e qualquer pretenção a uma chronologia absoluta — nos differentes povos as mesmas civilisações se succederam em serie evolutiva, desde o periodo eolithico ao actual, caracterisadas em periodos e epochas pela materia prima da industria e a feição especial dos utensilios, calculadamente adaptados ás exigencias imperteriveis do meio e do progresso.

Digitized by Google

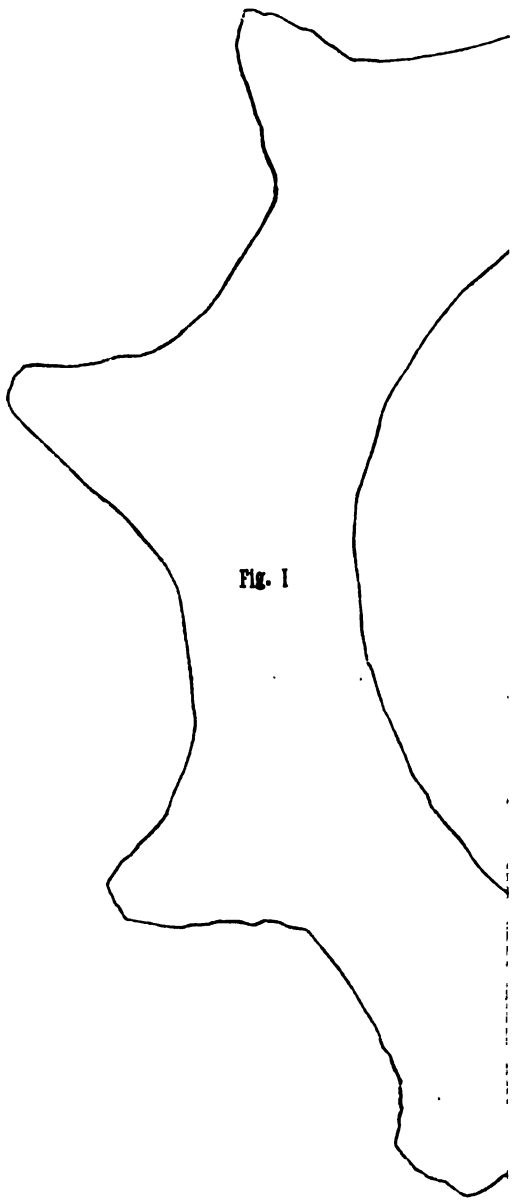


Fig. I

Digitized by Google

Digitized by Google

Emquanto, porém, em alguns paizes a Prehistoria tem adquirido um desenvolvimento notavel, em outros reduz-se a numero insignificante de documentos, de que por vezes se desconhecem as condições precisas de situação e jazida.

Entra n'esta cathegoria, entre outras regiões distantes, a zona central do continente africano. E d'esta longa facha de mar a mar, tão escura ainda de mysterios, especialisarei a região littoral de Oeste, em que predomina pela extensão do territorio a nossa provincia de Angola.

São d'ahi os dois instrumentos de pedra polida que veem desenhados na estampa IV, originaes na sua fórma pouco vulgar em collecções archeologicas, e com o valor particular que lhes dá o facto de pertencerem ao pequeno numero de objectos descobertos n'aquella parte da Africa Occidental.

Os esclarecimentos sobre estes objectos foram-me enviados com uma photographia pelo meu attencioso amigo o sr. José Anchieta, como resposta a umas cartas em que lhe pedia algumas observações sobre as primitivas civilisações d'aquella região africana. E as unicas indicações que possuo sobre a descoberta dos dois instrumentos estão comprehendidas no periodo da sua carta (9-2-87) em que se refere a elles: «Reduz-se unicamente a dois instrumentos cortantes de pedra polida, encontrados em uma excavação, feita não sei para que fim, em um valle do Quanza, tudo quanto se conhece da Prehistoria d'Africa Occidental, na Guiné inferior. Ha mais de dous annos que o Dr. Troni me mandou a photographia d'estes dois objectos, que lhe offereço».

Pouco mais ou menos por esta epocha o capitão de artilheria Zboïnski, enviado em missão ao Congo pelo rei dos Belgas, em 1884 e 1885, observou na margem esquerda d'este rio, na região das cataractas junto a Manyanga-Sud, um campo coberto de fragmentos de quart-

Digitized by Google

zite, rocha afflorante n'aquella região [1]. Nos cinco specimens que lhe foram apresentados não hesitou o sr. Ed. Dupont em reconhecer a fórma do raspador e punção, muito vulgares nas estações neolithicas europeias. «La découverte de M. Zboïnski — accrescenta este auctor — a une sérieuse importance ethnographique. Elle ne nous fait pas seulement connaître la présence d'outils en pierre dans cette partie de l'Afrique; il y a en outre lieu de croire qu'en ce point du Congo, la pierre était extraite et taillée sur place et non apportée des localités plus ou moins lointaines. Ce serait, en d'autres termes, un atelier de taille».

De Mossamedes trouxe o sr. Zboïnski algumas peças de silex cujo trabalho grosseiro as approxima das quartzites de Manyanga. No Cabo da Boa-Esperança, especialmente em Table-Bay e Graham's-town [2], encontraram-se tambem silex nas mesmas condições que em Manyanga, proximo ao logar de fabricação, analogamente ao que se dá em algumas regiões da bacia do Mediterraneo. [3]

---

[1] *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'Homme*, 1888, pag. 308.

[2] Marquis de Nadaillac — *Les premiers hommes et les temps préhistoriques* — Paris, 1881 — Tome premier, pag. 34.

[3] Em 1868 já o sr. Busk apresentava ao Congresso de Norwich utensilios de quartzite e jaspe, provenientes do Cabo. D'esta região possue tambem o sr. Evans uma collecção notavel.

A respeito d'estes silex e quartzites poder-se-hia levantar a questão do lascamento natural, que n'este clima se podia dar sob o calor ardente do sol dos tropicos ou o orvalho fresco das manhãs. De facto, esta questão foi levantada por Lepsius a respeito dos silex encontrados no Egypto, corroborada com as observações de Désor no Sahara, de Levingstone na Africa Central, de Wetztein junto a Damasco e de Fraas nas margens do Nilo.

Mas, como faz notar o sr. De Nadaillac, e já em 1878 declarava o capitão Burton á Associação Britanica de Dublin, não ha tão grande semelhança de caracteres entre as pedras trabalhadas pelo homem e as

Digitized by Google

E assim temos toscamente delineados os caracteres geraes de uma edade da pedra, demonstrando-se em circumstancias identicas, com a sua feição especial, e ligando pontos destacados de uma região, onde hoje é desconhecida uma tal industria, e onde os costumes como os typos ethnicos são bem diversos e quasi oppostos.

D'aqui resalta o valor ethnologico d'estas analogias, que novos factos irão definindo melhor, e que faz d'estes pequenos estudos, para muitos de um valor minimo, documentos preciosos nas questões primordiaes da anthropologia geral e elementos essenciaes ás formulas syntheticas da Sciencia.

Relativamente á industria da pedra lascada na região do Sul d'Africa, se alguns materiaes se contam nas condições exigidas pelos methodos de estudo, o mesmo não acontece com relação á pedra polida. E a par da abundancia de peças simplesmente lascadas, descobertas na região do littoral, os instrumentos polidos pódem considerar-se raros nas regiões até hoje exploradas.

Este facto, que alguns auctores já haviam notado nos planaltos algerianos e no Sahara, era não ha muito verificado na Tunisia pelo doutor R. Collignon, que considerava constante em toda a região a ausencia de instrumentos polidos, como machados, cinzeis, martellos, etc. [1]

As razões que apresenta, porém, bem applicadas a Gafsa, local estudado pelo auctor com especial minucia, é que de fórma alguma poderemos generalisar, a ponto

---

lascadas por effeito do calor solar ou da frescura da manhã, que possa levantar confusões ou fazer hesitar os archeologos, mesmo os menos experimentados.

[1] *Mat.*, 1887 — *Les âges de la pierre en Tunisie* — pag. 189.

Digitized by Google

de se estenderem á região que agora estudamos, em condições actuaes muito diversas [1].

Apesar d'isto, alguns exemplares ha de machados de pedra polida, trazidos do continente africano. O sr. De Mortillet affirma que se têem encontrado nas regiões do centro, occupadas por selvagens conhecendo o ferro, «ce qui démontre qu'une industrie robenhausienne a dû, là comme ailleurs, précéder la connaissance des métaux». [2]

Os museus de Leyde e Copenhague conservam machados de pedra polida, provenientes da costa d'Africa, etiquetados com a designação de *pedras de raio* e *pedras de Deus* [3]. Do paiz dos Niams-Niams trouxe tambem Gordon, o heroe do Sudan, machados polidos de ferro oxydulado amorpho, que, sob o nome de *pedras cahidas do céo*, eram objecto de um culto supersticioso entre os indigenas, os primeiros a desconhecerem-lhes o uso e proveniencia [4].

Como é sabido a denominação de *pedra de raio* dada ao machado neolithico é muito vulgar na Europa, e são realmente notaveis as analogias entre as superstições que o definem e as designações que os differentes povos applicam a este utensilio robenhausiano, generalisando-se

---

[1] As causas attribuidas pelo Dr. Collignon á ausencia de instrumentos polidos são: 1.º, falta no paiz de rochas podendo servir de polidores; 2.º, utilidade menor d'estes instrumentos em uma região, onde as arvores são tão raras, que seria quasi um sacrilegio a sua destruição, em que não ha barcos nem moveis a construir, porque a palmeira não se presta a este uso, e onde, emfim, as casas são ainda actualmente simples cabanas construidas de terra, cobertas com ramos de palmeira.

[2] *Le Préhistorique* — Paris, 1883 — pag. 503.

[3] M. de Nadaillac — Loc. cit. — Tome 1 — pag. 34.

[4] *Mat.*, 1887, pag. 114 — Apud: Bulletin de l'Institut Egyptien, n.º 14, 1886.

Digitized by Google

por todos os continentes com variantes de fórma raramente discordantes.

D'estas relações se têem occupado quasi todos os especialistas, e já em outro trabalho muito vagamente apresentei esta questão, sem comtudo pretender explical-a por quaesquer relações mais ou menos intimas de raça ou civilisação — este facto averiguado nas regiões do Sul d'Africa vem mais uma vez demonstral-o. Deveremos admittir, para determinados phenomenos de um caracter universal commum, um certo polygenismo, a que de longe me referi nos primeiros periodos d'este pequeno estudo, e que, explicando-os de uma fórma racional, está melhor de accordo com o cyclo evolutivo que segue a civilisação de cada povo. Nas expressões proprias d'estes modos de evolução nota-se claramente a constancia absoluta dos seus termos geraes, como realisando-se sob o imperio de certo fatalismo, caracteristico de todas as leis fundamentaes da Natureza.

Por considerações oppostas a este raciocinio é que variegadas theorias, fundadas muitas vezes em longinquas analogias, que só a preoccupação falsa de um dogmatismo theorico podia approximar, tem lançado no campo da ethnologia um numero grande de hypotheses verdadeiramente gratuitas, que os methodos experimentaes tendem modernamente a eliminar da sciencia.

E é na realidade para esperar, com a orientação dos actuaes processos de estudo, que os problemas fundamentaes sejam resolvidos, senão de um modo definitivo — havia em muitos casos impossibilidade de comprovação — pelo menos de um modo racional e mais verosimil.

Como esta, outras questões havia tambem a tractar, algum tanto relacionadas com o assumpto, mas que, afastando-se qualquer d'ellas do caracter especial d'este estudo, não vem para aqui desenvolver.

Digitized by Google

Os dois instrumentos polidos africanos representados na estampa IV, têem, como ahi se vê, a fórma cylindrica, de geratrizes sensivelmente parallelas.

Esta fórma, apezar das referencias que a ella fazem alguns paleoethnologos, póde considerar-se rarissima, senão nova, entre os mobiliarios do periodo neolithico.

O sr. De Mortillet considera-a entre as formas geraes, que classifica de cylindricas, quadrilateraes e triangulares [1]. A pag. 542 acrescenta: «Dans les haches cylindriques ou en bourrelet, la coupe au milieu décrit un cercle. Mais le cercle parfait est une rare exception. Cette coupe forme généralement un ovale, allant depuis l'ovale presque rond jusqu'à l'ovale le plus étroit et le plus allongé. (*Musée préhistorique*, n.os 446 à 448)».

Apesar d'estas considerações, na apparencia perfeitamente de accordo com os exemplares que temos á vista, o facto é que, percorrendo o seu *album prehistorico*, não se encontra specimen algum com a fórma das fig. I e II.

O machado francamente cylindrico, ou mesmo o escopro, não apparecem ahi mencionados; são antes solidos de natureza geometrica muito diversa, cujas secções variam por gradações successivas da oval ao circulo.

Por uma certa ordem de considerações mechanicas e de melhor resistencia ao choque, foi conduzido o fabricante de machados a dar-lhes a fórma em amendoa e cunha, espalmando para a linha de córte. E' esta ainda a fórma modernamente adoptada que, se algumas modificações tem soffrido, é de accordo com as propriedades especiaes da materia prima, em outras condições de dureza e malleabilidade.

O cinzel ou escopro, subjeito em uma das extremidades ao choque directo do percutor, exige uma outra

---

[1] *Le Préhistorique*, pag. 541.

Digitized by Google

fórma que a experiencia reduziu ao prisma ou cylindro, disposição depois confirmada por considerações de ordem theorica. Tendo no outro extremo de cortar em gume acerado como o machado, naturalmente se lhe applicou ahi a fórma d'este, em condições superiores de resistencia.

E esta fórma, perfeitamente racional, que hoje a sciencia demonstra com a applicação de principios theoricos e longas deducções, já a vimos claramente evidenciada no instrumento chelleano, no silex terciario ou na lasca produzida naturalmente pelo choque de dois geodos no fundo pedregoso de qualquer riacho.

Nas luctas tenebrosas das primeiras civilisações, estes factos mostram-se, como pontos luminosos, esvahindo-se no negrume do passado; e se, guiados pelas indicações da sciencia, acompanharmos a linha representativa da evolução, fatalmente os encontramos, reduzidos á fórma simples de unidades e meio perdidos no escuro das primeiras epochas, esses primitivos embryões das monumentosas civilisações d'agora.

Não são synchronicos estes factos, mas succedem-se em todos os paizes, e não era para admirar que, encontrando-se na Europa a fórma especial de instrumentos a que me refiro, a vamos agora observar em Africa, nas regiões por longo tempo desconhecidas ao velho mundo e tanto para além das afamadas *columnas*.

Na grande percentagem, porém, de instrumentos polidos europeus com as fórmas geraes, um que apparece da fórma apresentada na estampa IV, não passa de um specimen exotico; e como tal póde ser classificada entre os mobiliarios neolithicos a fórma puramente cylindrica.

Em uma interessante memoria que ha pouco recebi do sr. Phillippe Salmon — *L'age de la pierre à l'Exposition Universelle de 1889* — vejo pela primeira vez um cinzel de silex polido sensivelmente cylindrico — *Abbeville, Plateaux — collection d'Ault du Mesnil.* Por esta razão o dese-

Digitized by Google

nhei na estampa adjuncta a este pequeno trabalho, unico processo de tornar bem claras todas as analogias, dispensando ao mesmo tempo uma descripção minuciosa.

A classificação dos instrumentos africanos é algum tanto difficil de se fazer de um modo rigoroso, pela falta de dados relativos ás suas dimensões — a photographia que possuo nada póde dizer a este respeito.

Pela sua fórma, poderiam ter sido cinzeis, e como taes são classificados á primeira vista. Com as reservas, porém, a que me obriga a falta de indicações precisas — principalmente no que diz respeito á materia prima — chamar-lhes-hei antes machados (haches) pois que, suppondo-lhes, como é de crer, uma certa massa, superior á que exige o manuseamento especial e bem diverso do cinzel ou escopro, era um pouco forçada a sua classificação entre esta especie de utensilios.

No exemplar da fig. I vê-se bem claro um pequeno conchoide produzido por percussão sobre a extremidade do utensilio. Este facto poderia servir de base á sua classificação como cinzel, considerando-o o effeito do percutor. Não havendo, porém, indicios que comprovem a antiguidade do facto, poder-se-hia tambem attribuir a uma causa ulterior que occasionalmente o produzisse.

A presença d'este conchoide, nitido nos seus contornos, mostrando o esquirolamento de percussão e ligeiras nervuras concentricas, póde, porém, levar-nos a concluir que este instrumento foi construido de uma rocha dura — analoga á diorite, em que se produzem fracturas semelhantes por percussão — de fractura finamente granulosa com a das rochas dioriticas, quartzosas ou serpentinosas. As mesmas considerações servem portanto n'este caso para eliminar da serie dos materiaes, aptos pela sua natureza mineralogica a serem aproveitados para instrumentos polidos, o silex, rochas graniticas, porphyricas, jaspoides, etc.

Digitized by Google

I

II

INSTRUMENTOS AFRICANOS DE PEDRA POLIDA

III

CINZEL DE SILEX POLIDO

Abbeville, Plateaux — Collection d'Ault du Mesnil

R. Severo, des.

Digitized by Google

Digitized by Google

Considerando estas pequenas irregularidades, e vestigios de trabalho, que se encontram nos dois instrumentos em questão, devem da mesma fórma notar-se as que se vêem na fig. II proximamente a um terço das extremidades, e que poderiam ser tomadas como devidas a um polido imperfeito ou vestigios do encabamento, e ainda como sendo feitas intencionalmente com o fim de facilitar a ligação do utensilio ao cabo.

Além d'isto, attendendo ao modo particular de encabamento, tal como era usado no periodo neolithico, ha na fórma cylindrica dos machados vantagens superiores de segurança e maior facilidade de ligação, como não acontece com os exemplares de fórma amygdaloide.

RICARDO SEVERO.

Digitized by Google

RECHERCHES

ANATOMIQUES ET HISTOLOGIQUES

SUR LE

CYNOPS BOSCAI

Les recherches que j'ai entrepises sur le *Cynops Boscai*, Lataste, sp. *(Pelonectes)* ont été faites dans le but de contribuer à l'histoire naturelle de cet intéressant batracien, le seul représentant de ce genre en Europe et par conséquent plein d'intérêt pour la science. Je n'ai pas l'intention de faire un travail complet, je n'ai que le désir de contribuer au développement de ce genre de travaux qui ont été commencés chez nous par mon ami et regretté naturaliste Arruda Furtado (1). A une époque aussi avancée que la nôtre il est bien décourageant que l'on soit à peine en voie de commencement.

En effet, notre science officielle n'a pas encore compris la nécessité pressante d'instituer les travaux pratiques

(1) Les travaux sur l'anatomie zoologique publiés par Arruda Furtado sont :

Viquesnelia atlantica. Morelet et Drouet (in *Jornal de sc. math. phys. e nat.*; n º XXXII. 1882. Lisbonne) *in.* 8.º, 4 p. et 1 pl.

Sur une nouvelle espèce de céphalopode appartenant au genre *Ommatostrephes; in* 4.º. 18 p. e 2 pl.: Lisbonne 1887.

Sur le *Bulimus exaratus,* Müller, (in *Journal de Conchyliologie*, tom. XXVIII, 1888) Paris; *in* 8.º, 6 p. et 2 pl

Outre ces trois mémoires j'en ai publié de mon côté deux autres. C'est tout ce qui, d'après mes connaissances, a été fait jusqu'aujour d'hui, ce qui est excessivement peu d'ailleurs.

Digitized by Google

dans les établissements de l'enseignement supérieur, qui à l'étranger constituent depuis longtemps un enseignement obligatoire, parce qu'en sciences naturelles on ne peut rien faire de vraiement scientifique sans les connaissances pratiques.

Outre l'absence de cette partie, la plus importante dans l'enseignement des sciences naturelles, on trouve encore le manque des moyens de travail, et par conséquent, les difficultés que l'on trouve à chaque pas sont décourageantes et il n'est pas rare de voir échouer parfois une bonne volonté ou une disposition profitable, d'où il y aurait beaucoup à attendre.

Les deux excellents et uniques musées de Zoologie que nous avons ne sont que d'un profit bien limité, en raison du peu d'intérêt que les études officielles de la Zoologie font naître chez les élèves. Généralement on n'étudie la Zoologie que pour satisfaire à une exigence officielle, et on quitte les cours avec une confusion de faits théoriques accumulés qui disparaissent bientôt.

On peut comprendre facilement la force de volonté extraordinaire et la dédication au-dessus de tout éloge de ces travailleurs infatigables a qui l'on doit la fondation de ces deux musées, et de ceux qui ont contribué de leur mieux à leur agrandissement. La réussite de leur idée, voilà la seule récompense de leur travail et de leur bonne volonté.

Je commettrais une faute de gratitude si je passais sous silence l'expression de la plus vive reconnaissance envers tous ceux à qui je dois la réussite du désir que je n'ai pu réaliser pendant mes études, regrettant de ne pouvoir correspondre tout de suite, par des travaux dignes des maîtres que j'ai eus. C'est avec une extraordinaire satisfation que je cite les noms de M. Edmond Perrier, l'illustre et savant professeur au Muséum de Paris, qui avec une bienvaillance extrême a bien voulu m'admettre à tra-

Digitized by Google

vailler dans son Laboratoire de Zoologie Comparative et m'a prêté tous les renseignements dont j'avais besoin; et là, entouré de tous les égards, j'ai commencé mes études de zoologie pratique sous les yeux de M. Perrier et de M. F. Bénard qui ont été d'une extrême dédication pour mon avancement.

Je ne puis oublier non plus l'excellent accueil que j'ai reçu à la Faculté des sciences, de la part de M. M. Bonnier, Vellain et Meunier-Chalmas, et plus tard à la Station Zoologique de Cette de la part de M. Sabatier, le savant professeur et doyen de la Faculté de Montpellier et directeur de la Station Zoologique, et de M. Rouzaud, chef des travaux, qui ont bien voulu me donner tous les renseignements que je nécessitais et qui m'ont reçu avec une affectueuse complaisance.

À tous ces messieurs je témoigne l'expression de ma reconnaissance la plus vive et la plus sincère.

Historique — La description de cette espèce est due à M. F. Lataste qui l'a présentée à la Société Zoologique de France dans la scéance du 18 février 1879; il en a publié la diagnose latine dans la Revue Internacionale des sciences (1) de la même année. Les exemplaires qui ont servi à M. Lataste pour établir cette nouvelle espèce, provenaient de l'Espagne et avaient été envoyés par M. Ed. Boscá. Pendant la même année, M. Alfred de Tourneville publiait dans de Bulletin de la Société Zoologique de France une description de cette espéce (2).

Je ne connais pas de travail plus complet que celui que je viens de citer, bien qu'il ne nous donne que des

---

(1) Tom. III, p. 275.

(2) A. de Tourneville — Description d'une nouvelle espèce de batracien urodèle d'Espagne *(Pelonectes Boscai)*.

Digitized by Google

renseignements sur les caractères extérieurs. À cette description je n'ai rien à ajouter.

L'étude des larves qui n'avait pas jusqu'alors appellé l'attention des naturalistes a été faite par M. Mattoso dos Santos (1).

Dans la notice publiée par M. Mattoso dos Santos on ne trouve étudiés que les caractères extérieurs de l'urodèle qui fait le sujet de cette étude.

Le savant professeur de d'École Polytechnique de Lisbonne a compris cette espèce dans le genre *Cynops* de Tschudi, d'accord avec l'opinion de Bolanger.

La description présentée par M. Mattoso est très intéressante et vient compléter parfaitement la description qui avait été déjà présentée par M. de Tourneville.

Dernièrement M. le Dr. O. Boettger dans le memoire qu'il a fait paraître sur les reptiles et les batraciens du Portugal et des Açores a compris cette espèce dans le genre *Molge* (2).

Distribution géographique — Cette espèce semble limitée et toute spéciale à la péninsule ibérique.

En Portugal on la trouve depuis le nord jusqu'au sud; elle est très-commune dans les environs de Porto. Les exemplaires qui ont servi pour mon étude ont été recueillis aux environs de Boa Vista et dans le ruisseau de Ervilha à l'Est de Foz do Douro. Les premiers exemplaires envoyés par M. Bosca ont été recueillis à Caracollera (Ciudad-Real). Peu de temps après, cet intéressant urodèle a été recueilli sur divers points de l'Espagne.

Le Muséum de Lisbonne posséde une intéressante

(1) Sur le têtard du Cynops *(Pelonectes)* Boscai, in *Jornal de Sciencias Physicas Mathematicas e Naturaes*, Lisbonne.

(2) *Verzeichniss der von Hrn. Dr. H. Simroth aus Portugal und von den Azoren mitgebrachten Reptilien und Batrachier*, in 4.°, 20 p., Berlin, 1887.

Digitized by Google

collection d'individus de ce batracien, provenante de diverses localités du pays.

Mœurs — Pendant l'époque de la ponte le *C. Boscai* vit dans les ruisseaux à faible courant ou dans les eaux tranquilles et limpides parmi les plantes aquatiques ou caché sous les cailloux.

Il nage avec facilité mais les individus adultes sont beaucoup moins agiles que les larves. Ils sont inoffensifs et ils font parfois entendre des cris très-légers quand ils se sentent pris.

Chez quelques individus conservés dans un aquarium j'ai fait quelques remarques sur leurs moeurs. Ils semblent sociables, et restent d'ordinaire indolents parmi les plantes aquatiques ou dans le fond. Ils viennent souvent à la surface de l'eau et s'y conservent sans point d'appui et sans faire de mouvements.

Leur aliment consiste en petits crustacés (Cypris, etc.) vers, etc. Je leur donnais comme aliments de petits morceaux de viande qu'ils avalaient avec avidité.

Ils sont assez voraces mais peuvent rester assez longtemps sans prendre aucun aliment.

Les larves nagent avec une extrême agilité et sont très-vives.

J'ai conservé mes exemplaires jusqu'au commencement de juillet, les ayant cherchés peu de jours aprés dans les eaux où je les avais trouvés, je n'en ai pas vu un seul, ils avaient complètement disparu.

D'après les informations fournies par M. Boscá à M. de Tourneville ces batraciens peuvent séjourner dans l'eau au mois d'août pendant les plus fortes chaleurs.

En avril de l'année dernière j'avais déjà trouvé quelques individus sous les pierres avec leur *tenue* de terre dans les lieux humides et sombres. En janvier de cette année-ci j'ai pu trouver quelques larves, dont quelques-unes n'étaient pas encore arrivées au terme de leur déve-

Digitized by Google

loppement et quelques autres déjà parfaitement développées respirant seulement par les poumons.

Je ne parlerai pas des caractères extérieurs de cet urodèle parce qu'ils ont déjà été bien décrits par M. M. de Tourneville et Mattoso dos Santos.

Peau — En examinant la peau du dos de l'animal par transparence et en l'observant sur sa face inférieure on voit les glandes cutanées en grand nombre, éparses et séparées les unes des autres par de nombreuses tâches pigmentaires également isolées. Les glandes sont arrondies et d'un jaune clair.

La peau de la face ventrale vue sur sa face supérieure se présente sous un aspect curieux. On voit des bandes semblables à des parois cellulaires, d'un blanc pâle jaunâtre enveloppant des espaces d'un jaune clair et dans lesquels on remarque encore une petite zone blanchâtre correspondant à l'ouverture des glandes. Sur les flancs de l'animal commencent à apparaître les tâches pigmentaires isolées par groupes et constituant une zone noirâtre sur le dos de l'animal.

Dans les tâches pigmentaires des flancs on observe des points blanchâtres qui correspondent à l'ouverture des glandes cutanées.

La coupe de la peau nous montre l'épiderme constituée par deux assises de cellules dont la supérieure renferme des cellules plus allongées et étroites.

L'épiderme a une épaisseur d'environ un sixième de l'épaisseur de toute la peau. Une étroite couche de cellules pigmentaires sépare l'épiderme du chorion. Celui-ci contient un grand nombre de glandes cutanées.

Système digestif. L'ouverture buccale a été déjà décrite par M. de Tourneville.

Le pharynx est large et à parois épaisses et l'ésophage est court à parois également épaisses et dilatables.

L'estomac est une bourse allongée cylindrique et de

Digitized by Google

grande capacité, il occupe la partie moyenne depuis l'origine des membres antérieurs et postérieurement au cœur jusqu'aux deux tiers de la cavité abdominale.

Il a en moyenne 11 c. de longueur et 4 $^1/_2$ de largeur; la surface externe est assez luisante, et la muqueuse qui tapisse cet organe ne présente point de cannelures.

Dans une coupe transversale de cette muqueuse nous observons la structure suivante, qui n'a rien de particulier. La structure de cette muqueuse est à peu près la même que chez tous les autres vertébrés.

On voit à la surface la couche épaisse de cellules épithéliales calciformis. En contact avec cette couche externe on voit l'épithélium glandulaire. Les cellules de cet épithélium se présentent en couche épaisse à sa partie supérieure; à la partie interne elles s'accolent de préference aux faisceaux de fibres musculaires lisses qui montent vers la surfaee depuis la *muscularis mucosæ*. Des tubes glandulaires s'y trouvent aussi épars et parfois ils se pressent les uns contre les autres. Au-dessous de celle-ci on trouve la *muscularis mucosæ* recouverte par la couche musculaire externe.

Par un pylore étroit l'éstomac communique avec l'intestin.

On remarque dans celui-ci des variations de forme chez les divers individus.

Il est en général un tube allongé constitué par une membrane transparente.

Dans les parties les plus étroites les parois sont plus épaisses et dans les dilatations que l'on voit parfois dans le trajet du tube intestinal les parois sont plus transparentes.

Le tube intestinal n'offre pas de divisions assez distinguées; outre les ditalations à peu près sphériques que j'ai remarquées plus haut, le diamétre de l'intestin se montre sensiblement égal partout, sa longueur est d'environ de 48 c.

Digitized by Google

Le nombre des dilatations n'est pas non plus toujours le même. Chez un individu mâle que j'ai recueilli en janvier, le tube intestinal, à partir de l'estomac, montrait la série curieuse de huit dilatations presque sphériques.

Chez d'autres individus recueillis en avril je n'ai observé qu'une dilatation tout près du cloaque.

C'est celle-ci la forme la plus habituelle.

Pour terminer cette description du tube digestif je dois signaler encore une autre anomalie très intéressante observée chez un individu recueilli à la même époque que ceux dont je viens de me rapporter.

L'estomac, au lieu de former une bourse allongée et droite, avait dans toute la région moyenne un étranglement qui constituait un tube étroit et petit, et qui reliait la première dilatation de l'estomac à une autre penchée vers le côté gauche.

L'intestin était divisé en deux parties aussi; l'une, la première, était dilatée et régulière, l'autre plus étroite et opaque; il était suivi par une dilatation presque sphérique et par la dilatation qui se termine dans la cloaque par un étranglement un peu allongé.

Les dilatations présentaient, comme en général d'ailleurs, les parois transparentes tandis que la partie étroite était opaque.

Le pancréas est placé du côté gauche et sur la partie postérieure de l'estomac.

Il est un organe aplati, d'une forme elliptique et d'une couleur chair.

Par sa partie supérieure il est relié au sac pulmonaire et à l'estomac.

Du tiers supérieur sortent les canaux qui le relient à l'estomac et à l'intestin.

Les plis mésentériques le relient encore aux organes voisins, sacs pulmonaires, estomac et intestin.

Digitized by Google

Le foie est aplati et allongé enveloppant presque toute la cavité abdominale par sa partie antérieure. Il est divisé en deux lobes à peine distingués à leur base.

Le lobe gauche est plus développé et se prolonge en pointe en s'éloignant de la ligne centrale. Il est d'une couleur jaunâtre, densement ponctué de noir. Des agglomérations de ces ponctuations noirâtres, forment des tâches éparses à la surface de l'organe.

La vésicule biliaire est placée presque sur la division des deux lobes et un peu penchée sur la droite.

Appareil génito-urinaire mâle. Les testicules sont d'une couleur jaune claire, le plus souvent divisés en trois corps et parfois en deux à peine.

Leurs extrémités supérieure et inférieure sont terminées par des pointes coniques, effilées. Le corps moyen de chaque testicule est en général plus petit et plus arrondi que les autres.

Chez un individu en parfait état de développement, recueilli en janvier, les testicules se présentaient constitués par deux corps, le supérieur beaucoup plus développé que l'inférieur et tous deux réunis par un canal étroit.

Les deux pointes supérieures sont reliées presque aux extremités des sacs pulmonaires, et les deux autres inférieures se rapprochent et presque s'unissent au-dessus des reins et à leur extremité inférieure.

Les spermatozoïdes sont assez longs et munis d'un filament très-fin, plus grand que la queue du spermatozoïde. La tête allongée et pointue a près de 1/4 de la longueur totale du spermatozoïde.

La séparation de la tête de la partie terminale du spermatozoïde est signalée par um petit renflement.

Le filament s'étend en spirale au long de la queue.

Par toute la masse du testicule on voit sur le porte-objet du microscope les spermatozoïdes réunis en fais-

Digitized by Google

ceaux épais, qui tournent assez rapidement selon un mouvement spiralé, ayant les têtes réunies dans un noyau et les queues étirées et dressées dans le même sens.

Les coupes histologiques faites transversalement, paralèllement, ou sous un angle plus ou moins grand, en relation à l'axe du testicule et coloriées au picro-carmin, nous montre toujours une structure identique: les faisceaux des spermatozoïdes coloriés en rouge, enroulés selon diverses orientations et des agglomérations de points correspondants aux sections des spermatozoïdes.

Chacun des testicules est relié par cinq canaux éfférents, de diamètre très-petit, au canal défférent ou de Wolff.

Les canaux de Wolff sont placés à la partie antérieure des reins et sont enveloppés par une membrane pigmentaire.

Les circumvolutions faites par ces canaux sont en général nombreuses à sa partie moyenne. À la partie inférieure, depuis le point d'origine, ils sont presque en ligne droite ainsi qu'à la partie supérieure.

Les canaux de Wolff communiquent avec les reins par petits conduits plus nombreux à la partie inférieure qu'à la partie supérieure.

Les reins ont la forme de cônes très-allongés, se prolongeant depuis le cloaque jusqu'au tiers supérieur de la cavité abdominale. Ils sont d'une couleur rosée.

Ils restent accolés l'un à l'autre et sont en contact avec la paroi postérieure de la cavité viscérale.

La coupe transversale du rein nous montre une structure analogue à celle des autres reins des vertébrés.

Les canalicules urinifères sont constitués par des tubes transparents, d'un blanc laiteux.

Ils partent de la partie inférieure et latérale des reins et, depuis qu'ils se réflèchissent presque en angle, ils vont se réunir en un seul faisceau au conduit de Wolff, inférieu-

Digitized by Google

rement, dans le cloaque. Ces canalicules sont dilatés à leur partie médiane et effilés à leur extremité. Quelques uns se divisent dichotomiquement.

La véssie est une bourse transparente et allongée s'ouvrant par un canal assez vaste dans le cloaque en derrière la vêsicule séminale.

Les conduits urinifères et les canaux de Wolff s'accolent et viennent déboucher de chaque côté, antérieurement aux reins et postérieurement à la vessie. À la partie antérieure de cet organe on trouve la vésicule séminale.

Les glandes prostatiques, placées en avant de cette bourse, sont constituées par de nombreux canalicules enchevêtrés et formant une masse aplatie enveloppée par une membrane pigmentaire et embrassant la région antérieure et inférieure du bassin.

Organes génito-urinaires femelles. Les ovaires sont placés de chaque côté des reins, ils sont divisés par des cloisons intérieures. Les oviductes sont d'un blanc laiteux et disposés sur les reins; ils débouchent dans la cavité abdominale presque au niveau des membres antérieurs. Les anneaux de ces canaux, qui, à la partie inférieure, sont de forme arrondie se brisent en angle droit depuis sa partie moyenne. Leur surface est ornée de cannelures longitudinales. Le passage d'un œuf fait disparaître ces plis par la grande dilatation que prend le canal, d'environ trois fois leur diamètre à l'état normal.

Ils sont placés à la partie antérieure des reins qui ont la même forme que chez les individus mâles.

La partie supérieure de l'oviducte n'est pas aussi régulière, chez quelques individus, que je l'ai déjà décrit plus haut, et les anneaux se présentent accumulés et confus ne suivant pas une ligne droite comme chez les autres.

L'ouverture génitale de la femelle est très saillante, ayant quatre séries de plis disposées selon le plus grand diamètre de l'ouverture.

Digitized by Google

Les oviductes viennent déboucher dans le cloaque, à la partie inférieure, par deux fentes. Les urethères courent latéralement, accolés aux oviductes, et viennent s'ouvrir aussi sur le côté externe des oviductes. Chez la femelle les canalicules uriniféres sont courts et presque droits, ils se réunissent de chaque côté en un seul canal, l'urethère.

La vessie est identique à celle des individus mâles.

Œuf. L'œuf est petit et un peu élliptique, de couleur jaunâtre, avec la partie la plus renflée densement ponctuée de brun.

Les coupes faites, après durcissement préalable, sur des ovaires ne m'ont pas donné les résultats que j'attendais, puisque je n'ai vu dans la série nombreuse des coupes que j'ai faites qu'une masse uniformement jaunâtre de cellules vitellines.

La pigmentation m'a semblé tout-à-fait superficielle, je n'ai pas réussi à observer les trainées de pigment ou les figures claviformes que M. Bambeke (1) a examinées dans des œufs de plusieurs batraciens.

Peut-être les œufs qui m'ont servi d'exemple n'avaient-ils pas acquis tout leur développement. C'est un fait que je désire éclaircir lorsque j'aurais occasion d'étudier le développement de cet intéressant urodèle.

Mes observations sur l'œuf fécondé sont encore bien restreintes; j'ai pu me procurer à peine deux œufs fécondés adhérents aux feuilles des plantes qui vivaient dans une petite flaque d'eau à Boa Vista, et où habitait exclusivement cet urodèle.

Les ayant transportés à mon aquarium j'y ai assisté aux diverses phases de développement jusqu'à l'éclosion de l'œuf.

---

(1) Charles Van Bambeke — *Recherches sur l'embryologie des Batraciens*; Bruxelles, 1876.

Digitized by Google

Depuis que les œufs se trouvent liés aux feuilles ils sont glaireux et transparents et toutes les phases évolutives sont faciles à accompagner pas à pas.

Ayant détaché les œufs des feuilles auxquelles étaient liés et les ayant transportés sur un verre de montre, pour mieux les observer à la loupe, je remarquai le déplacement de l'embryon à chaque secousse imprimée au verre qui le contenait.

Le déplacement était d'un demi tour et l'embryon, que présentait déjà les bourgeons branchiaux, retournait la tête et la queue vers le côté opposé.

Corps adipeux. Ils sont deux, placés symétriquement et de chaque côté, allongés et étroits et d'une brillante couleur jaune d'œuf.

Ils sont placés à la partie antérieure des testicules ou des ovaires et se rapprochent de la face ventrale à mesure que l'individu accomplit son développement.

Ces deux glandes sont constituées par un grand nombre de cellules sphériques, mais qui en masse et par compression se présentent sous une forme polyédrique.

Le liquide huileux que ces cellules contiennent se transforme en petites goutelettes dès qu'il en sort. Toutes les cellules sont enveloppées par une membrane fine et transparente. La coupe histologique nous donne simplement un réseau cellulaire.

Chez les larves déjà bien avancées en développement les corps adipeux apparaissent déjà; ils se trouvent à la partie postérieure du tube intestinal, accolés aux reins. Ils sont trés-petits encore, mais la couleur intense qu'ils possèdent est déjà la même que chez les adultes.

Chez les individus en complet étât de développement on les observe lorsqu'on ouvre la cavité abdominale, mais elles peuvent faire défaut parfois, au moins j'ai constaté deux de ces cas en mâles adultes.

Digitized by Google

Ces glandes se trouvent attachées aux sacs pulmonaires par leurs extrémités supérieures, cependant elles sont libres par leurs extrémités inférieures. Par leur partie moyenne elles se trouvent en communication avec l'aorte descendante.

Respiration et circulation. Ces deux fonctions s'effectuent comme chez tous les autres urodèles, il n'y a même qu'une petite remarque à faire au sujet du cœur.

Les poumons sont deux longs sacs transparents et blanchâtres et ils se prolongent jusqu'à la base des testicules lorsque l'individu a acquis tout son d'éveloppement.

La respiration, pendant la période larvaire, s'effectue comme chez tous les autres urodèles par trois paires de branchies qui se développent de bonne heure dans les embryons, pendant les derniers jours de leur vie dans l'œuf.

Les branchies sont touffues et se conservent chez l'individu jusqu'à une époque assez avancée.

Pendant les derniers temps de la respiration branchiale le cœur du *Cynops Boscai* se présente sous une forme déjà très-complète; il a un ventricule épais et développé et une oreillette ayant deux cavités distinctes.

À l'état adulte jai remarqué des modifications dans la disposition du ventricule et de l'oreillette.

Je l'ai eu sous une forne à peu près triangulaire, le ventricule étant placé un peu antérieurement et superieurement à l'oreillette. Le plus habituellement le ventricule et l'oreillette sont placés justement à côté l'un de l'autre et dans le même plan.

Système nerveux. À l'exception du cerveau, le système nerveux du *Cynops Boscai* ne présente pas de modifications importantes.

Les nerfs spinaux sont assez visibles sur la face ventrale et le sympathique, bien moins visible, est assez peu developpé.

Je n'aborderai pas ici une description detaillée du

Digitized by Google

système nerveux périphérique puisqu' on y trouve à peu près la même disposition que dans les autres batraciens bien connus. Seul le système nerveux central peut offrir quelque interêt.

Le cerveau est relativement développé.

Les lobes olfactoires sont allongés et aplatis à leur extremité antérieure; ils ont une forme régulièrement elliptique, mais un peu effilée à leur base.

Ils sont reliés aux hémisphères cérebraux par le côté extérieur de ceux-ci et au moyen de petits trabercules.

Les hémisphères cérébraux, ont à peu près les mêmes dimensions que les lobes olfactoires mais ils sont un peu plus développés et arrondis.

À la partie postérieur de ces derniers on voit la glande pinéale.

Les lobes optiques sont relativement bien plus petits.

Ils sont arrondis à leur base, mais à leur partie antérieure ils prennent une forme à peu près triangulaire due à leur compression contre la base également arrondie des hemisphères cérébraux.

Le cervelet forme une bande étroite accolée aux lobes optiques et à la partie antérieure de la médulle allongée.

Sur la face inférieure du cerveau il ya à remarquer la forme intéressante des tubes cinereus, un peu différant tant soit peu de ceux de quelques autres batraciens, la petitesse des dimensions de la glande pituitaire et la dilatation latérale qui prend la médulle allongée un peu audessous de son origine.

Les ventricules des lobes optiques sont peu distincts l'un de l'autre, ils forment à peu près une cavité centrale où l'aqueduct de Sylvius est presque imperceptible. Par contre le troisième ventricule prend la forme d'une fente profonde.

Les ventricules latéraùx sont placés presque à la périphérie des hémisphères cérébraux et enfin le quatrième ventricule forme une cavité triangulaire assez vaste.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIE

Wiedershein — *Salamandrina perspicillata und Geotriton fuscus; Versuch anatomie der Salamandrinen;* 207 pag., 17 pl. Würzburg, 1875.

Van Bambeke — *Recherches sur l'embryologie des batraciens;* 41 pag., 2 pl. Bruxelles, 1876.

A. de Tourneville — *Description d'une nouvelle espèce de batracien urodèle d'Espagne (Pelonectes Boscai,* Lataste) 23 pag., 1 pl. Paris, 1879.

B. Scott and F. Osborn — *On the Earey Development of the Courmon Newt;* 28 pag., 2 pl. London, 1879.

P. Fraisse — *Beiträge zur anatomie von Pleurodeles Waltlii;* 32 pag., 1 pl. Würzburg, 1880.

S. Jourdain — *Recherches sur le système lymphatique de la* Rana temporaria, L.; 17 pag., 3 pl. Montpellier, 1881.

O Böttcher — *Beiträge zur anatomie von* Chioglossa lusitanica (Barboza du Bocage) 47 pag. Nordhausen, 1883.

M. Bedot — *Recherches sur le développement des nerfs spinaux chez les Tritons;* 34 pag., 1 pl. Genève, 1884.

A. Kölliker — *Histologische Studien an Batrachier larven;* 40 pag., 2 pl. Würzburg, 1885.

F. Mattoso dos Santos — *Sur le têtard du Cynops (Pelonectes) Boscai;* 4 pag. (in Jornal de Sciencias mathematicas, physicas e naturaes, n.º XLII, junho de 1886) Lisbonne, 1886.

O. Boettger — *Verzeichniss der von Hrn. dr. Heinr. Simroth aus Portugal und von den Azoren mitgebrachten Reptiliend und Batrachien;* 20 pag., (Sitzung der physicalisch-mathematischen Classe von 3 März) Frankfurt (Main) 1887.

A. Milnes Marshall — *The Frog: an introdution to anatomy, histology and embryology;* 146 pag. illust. Manchester, 1888.

AUGUSTO NOBRE.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

M. A. Ferreira-Deusdado — ENSAIOS DE PHILOSOPHIA ACTUAL

(Conclusão)

Bem desejavamos nós, embora fosse por simples intuito da rectificação de doutrinas que nos parecem falsas e incompletas ou de methodos que se nos affiguram hesitantes e, ás vezes, contradictorios, seguir pouco a pouco o auctor nos diversos capitulos da sua obra. Infelizmente, nem o tempo exigido por outras occupações, nem o espaço requerido n'esta «Revista» para trabalhos de homens eminentes do nosso pequeno meio scientifico, nos permittem realisar este desejo. Limitar-nos-hemos, portanto, a algumas reflexões acêrca do cap. III dos «Ensaios», onde, a avaliar pelo summario do assumpto, se deviam debater questões d'um interesse theorico palpitante e de consequencias praticas importantissimas.

Não foi casual a escolha que fizemos do capitulo III para estas divagações de critica despretenciosa sobre as qualidades do espirito do auctor, o numero e a natureza das suas ideias capitaes, o seu processo de trabalho e o estado actual da sua erudição. Foi, ao contrario, perfeitamente intencional, porque n'elle, mais talvez que em qualquer outro, se justificam as considerações já feitas no nosso anterior artigo. E, com effeito, são de tal modo graves as questões que se procura resolver, de tal modo implicam um vasto saber organisado, uma critica profunda e subtil, e um methodo seguro e efficaz, que, á *priori* pelo menos, o leitor tinha o direito de vêr em luminosa applicação todos os recursos da intellectualidade do sr. Ferreira-Deusdado. Ninguem, de certo, contestará que uma philosophia da religiosidade, uma «theoria da religião» e «concepções philosophicas sobre a Providencia e o mal» não sejam materia mais que larga para um espirito moderno exhibir toda a pujança da sua individualidade e dar um solemne testemunho da superioridade dos seus pontos de vista, cortando pela rotina, o preconceito, e considerações pusillanimes pelas opiniões de mestres atrazados ou de turbas ignorantes

E assim, antes de procedermos á leitura d'esta parte do trabalho do auctor dos «Ensaios», deixamos por um pouco divagar a nossa phantasia sobre a maneira provavel como o sr. Ferreira teria tractado estes assumptos transcendentes Consideraria o sr. Ferreira a religiosidade, como uma caracteristica do homem, um elemento simples e irreductivel da sua organisação psychologica, incapaz de se resolver pela analyse em elementos conhecidos, interiores e exteriores, sem caracter algum especifico? Encara-la-hia como phase temporaria do desenvolvimento historico, dependente da existencia no espirito de determinadas

Digitized by Google

emoções, gradualmente eliminadas por uma mais exacta observação dos factos, isto é, pela accumulação do conhecimento scientifico e pela degenerescencia ligada á natureza mesma da emoção? Suppondo a questão resolvida no primeiro sentido, qual a parte verdadeiramente irreductivel das construcções religiosas, visto um grande numero dos seus elementos constituintes entrarem como parte integrante do saber positivo? Acceita, pelo contrario, a segunda solução, qual a natureza e as condições provaveis de existencia, do sentimento chamado religioso, adstricto inseparavelmente ás civilisações antigas, e hoje singularmente enfraquecido, senão obliterado, na consciencia dos povos cultos?

Indispensavelmente, o exame d'este problema teria de ser feito em face dos documentos religiosos que possuimos do passado, e não com o simples auxilio de doutrinas philosophicas *à priori*, impondo aos factos as suas conclusões imperativas, em vez de receber d'elles a sua comprovação definitiva. Porque, todo o systema philosophico que aspira a predominar na intelligencia tem, sob pena de morrer, de sujeitar-se ás condições em que ella actualmente se exerce, e reconhecer os novos aspectos que o progresso do saber introduz n'estas questões controvertidas. Ora, por processos dialecticos, e fóra do campo vastissimo e fecundo da observação historica, não é permittido a ninguem ter pretensões a resolver o problema religioso.

Esta reflexão deveria, sem a menor duvida, ter occorrido ao espirito do auctor dos «Ensaios», visto incluir na epigraphe geral d'este capitulo uma Theoria da religião. E foi precisamente baseado na aproximação d'estes dous themas correlativos — religiosidade e religião — que, como acima diziamos, principiamos a phantasiar sobre o seu contheudo philosophico.

Que o sr. Deusdado, appoiado na doutrina do mestre, se sentiria inclinado a encarar a religião como a expressão d'uma necessidade moral imperiosa, era para nós ponto indiscutivel. O importante para nós era averiguar se, na sua opinião, essa necessidade seria radical e indestructivel, segundo a orthodoxia da escóla, ou accidental e transitoria, como proclamam varios hereges obstinados dos modernos tempos.

* * *

E assim viamos, na nossa phantasia estimulada pela magnitude d'estes obscuros problemas, o sr. Deusdado lendo attentamente as inscripções accadicas, decifrando com difficuldade os hieroglíphicos dos velhos templos egypcios, curvado em profunda meditação sobre os mil e tantos hymnos do Rig-Véda, fazendo o instructivo confronto entre o grande monumento indiano e o Avesta, de maneira a surprehender a concepção primordial, ao menos para os tres grupos eminentes da familia humana — os hamitas, os semitas e os aryas.

E d'ahi, uma vez fixado o sentido das criações embryonarias, surgindo espontaneamente do cerebro do homem nos valles do Nilo, do Euphrates e do Tigre, na região do Saptasindhu e no grande planalto do Iran, derivar naturalmente para as orlas do Mediterraneo, Lydia e Phrygia sobretudo, seguir as emigrações hellenicas, procurar em Hesiodo

Digitized by Google

os destroços das antigas crenças, assistir com Homero ao reinado dos olympicos, chegar offegante até Eschylo e Pindaro, Sophocles e Phidias, celebrando com os grandes genios a gloria dos deuses immortaes. Em seguida, regressando á Mesopotamia, descer um pouco mais para sudoeste até á Phenicia e Palestina, a admirar o temeroso Melkarth e o formidavel Iahveh, prescrutando na veneração profunda dos crentes a origem mysteriosa d'aquelles tyrannos do ceu. Viamol-o, de Biblia em punho, carpir com o inconsolavel Jeremias, bradar com o vehemente Ezechiel, rugir com o vulcanico Isaias, extrahindo dos gemidos e dos anathemas a alma de fogo do grande Deus nacional; vir assistir em companhia de Tito, Tiberio Alexandre, Agrippa II, Flavio Josepho á crise final do sombrio e magestoso Personagem, debatendo-se, no Templo em chammas, contra os legionarios furiosos. E seguidamente, dominada a commoção produzida por este espectaculo incomparavel, acompanhar a dôce figura de Jesus, emergindo, como visão consoladora da cidade em ruinas, avultando, cada vez mais pura e luminosa, na consciencia dos fieis, chegando a offuscar com o seu brilho incomparavel a radiosa belleza do Apollo delphico; fita-la um momento no mais alto do azul, vê-la a breve trecho embaciar-se, empallidecer e desapparecer, vago espectro, nas brumas pezadas que se levantam no horizonte.

Correlativamente á contemplação absorvente d'estas prodigiosas formações collectivas, representavamos o sr. Ferreira, ao menos para cada uma das grandes epochas religiosas, a examinar com escrupulo a gestação do pensamento individual, desde o auctor do hymno X, 129, do Rig até *Çakya-muni*, desde Onomacrito até Platão e Aristoteles, desde Moysés até Judas Gaulonita, desde S. Paulo até Santo Agostinho e S. Thomaz, sem esquecer os rebeldes irredutiveis, levantando em frente á montanha da crença as enormes babeis da heresia.

Ao cabo d'este trabalho consideravel de inventariação e de critica, realisado com tenacidade e com fervor, proseguido com audacia e com paixão, esperavamos vêr surgir o sr. Deusdado dos tenebrosos meandros da meditação e do exame, trazendo nos labios tremulos a palavra do enigma.

Qual seria ella? Que nos diria o sr. Ferreira n'esse capitulo III, que suppunhamos uma synthese luminosa dos profundos trabalhos da erudição moderna? Que principio novo, que ponto de vista original, que lei desconhecida, esquivando-se até hoje á sagacidade critica, nos iria desvendar a leitura d'essa parte dos «Ensaios», que para nós resumia todo o interesse do livro?

E lançamo-nos avidamente na leitura. Lêmos, não ha duvida; e todavia ainda nos custa a acreditar. Sae-se d'este capitulo III, como quem sae d'um manicomio, atordoado, embrutecido, com dôres de cabeça e com o firme proposito de não voltar a experimentar n'aquelle cahos a resistencia da cabeça.

Uma serie interminavel de citações, atropelando-se, confundindo-se, sobrepondo-se, n'uma espantosa desordem, trechos sabios extrahidos de obras ponderosas ao lado de curiosidades scientificas apanhadas em livros de *gens du monde*, Spencer empurrando Flammarion, Max-Müller de braço com o sr. Janet e o sr. Charles, anedoctas em vez de factos, palavras em vez de ideias, *tirades* em vez de razões — tal é o mais extranho kaleidoscopio que em nossa vida temos visto.

O sr. Ferreira cita longamente o philosopho inglez a proposito das

Digitized by Google

theorias correntes sobre a origem do universo, e revolta-se em meia duzia de linhas contra o seu *agnoticismo* implacavel, sophistico e *perigoso*, na opinião do auctor dos «Ensaios» Refuta-o com as mesmas armas da psychologia e da dialectica, corrige-o, contrapondo á critica demolidora do eminente pensador factos ou argumentos de importancia? Não; limita-se a replicar-lhe com um longo extracto d'um trabalho vulgarisador de Max-Müller — *Origine et développement de la religion* — furtando-se pouco airosamente ás difficuldades da questão nas palavras, que passamos textualmente a transcrever: «Não queremos n'estas ligeiras considerações tractar um tão difficultoso assumpto, nem como uma questão de hierologia pura nem como de palpitante dialectica.. » (pag. 102). Se não tinha pretenções a acceitar o problema nos termos em que o auctor de «*The first principles*» o collocou, para que é que o cita, para que tão desenvolvidamente o deixa desdobrar a sua these assim como quem, cheio de generosidade e de desdem, se prepara para uma terrivel obra de pulverisação de erros e de chimeras?

Se não queria discutir esse «difficultoso assumpto», para que principia por estabelece-lo, com as proprias palavras de Spencer, na maior altura a que porventura póde ascender uma intelligencia?

Mas continua o sr. Deusdado: «. delinearemos apenas uns traços geraes, considerando a religião especialmente como um facto psychologico, no seu desenvolvimento ininterrupto e progressivo.» E' um outro aspecto da questão e, a nosso vêr, muito mais importante e radical para assentarmos definitivamente opinião sobre a origem d'esse estranho e magnifico phenomeno que tem enchido seculos e seculos da historia e inspirado as paginas mais eloquentes e as obras mais heroicas de milhares de gerações. Seja! E como o tracta o sr. Deusdado? Da mais lamentavel maneira que é possivel conceber se. Depois das estopantes citações que são em s. ex.ª, ao que parece, um vicio incorrigivel, leva-nos, surprehendidos e desgostosos, a desfiar o mais extravagante rosario de erros crassos e de anedoctas banaes que escriptor algum jamais ousou pôr deante dos olhos dos seus leitores, a proposito de historia religiosa.

Uma ligeira amostra para que se possa avaliar até que ponto a leviandade de espirito póde confundir-se com o charlatanismo ignorante e sem escrupulos:

«O homem, no estado da natureza, *devia* ter sensações limitadas ás simples necessidades...:» — «O sol attrahiu a attenção do selvagem; este *tomou o astro* que anima tudo pelo *pae* da natureza; e o *culto dos astros foi um dos primeiros*. Reverenciaram-se *depois os homens habeis* que fizeram alguns beneficios aos seus similhantes, ...» — «*Notaram tambem* os homens que esta vida é nomeada de penas; e d'ahi o temor *do deus* do mal, dando-se-lhe um culto. Appareceram os sacerdotes, intitularam-se ministros dos deuses, e foram mais *felizes e ricos*, n'uma veneravel *indolencia*, do que os infelizes por quem dirigiam as orações. Instituiram-se *então* os sacrificios *ao deus* do mal que era necessario apaziguar. Os deuses beneficos receberam *menos honras*, .. »—«Os mexicanos derramavam ondas de sangue humano nos altares do deus do mal; alguns povos asiaticos tinham o abominavel Moloch; e o Egypto adorava o crocodilo (!!).» — «Não ha terras no mundo em que mais singulares do que no Industão sejam as penitencias e os excessos do fanatismo. Uns vivem 40 e mais annos n'uma gaiola. Outros toda a vida com ferros aos pés. Andam uns com as mãos sempre fechadas, ...» —

Digitized by Google

«Agarram-se outros a ramos de arvores, ...» etc., etc., (pag. 128 a 131). Seria um nunca acabar.

Perguntamos agora — é isto serio? Póde algum escriptor, sem córar, vir exhibir em publico uma tal ignorancia do que ha de elementar em historia religiosa, — a ordem de successão dos cultos. a origem e a significação do sacerdocio. o caracter decadente dos cultos idolatricos, o contraste do optimismo aryco, especialmente vedico, e do pessimismo semitico. a elevação de ideias dos hamitas do Egypto? Póde alguem, em tão deploraveis condições de erudição e de senso critico, assumir o eminente papel de apostolo de uma philosophia, como se pretende na advertencia dos «Ensaios»?

O' Kant! O' doce e profundo pensador, quantos crimes se não commettem em teu nome!

BAZILIO TELLES.

Ricardo Severo—PALEOETHNOLOGIA PORTUGUEZA—*Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* de M. Em. Cartailhac — 1 vol. in-8.º, 123 pag.—Porto, 1888.

(Conclusão)

Outra questão é a da trepanação, costume verificado entre nós n'um craneo de Cesareda. Este craneo incompletamente trepanado, mostrou como é que se operava para se obter a rodella craneana: serrando e não raspando como suppunha Broca.

Para que serviria a trepanação? A theoria de Broca e de Pruniéres é para mim mais acceitavel que a de Cartailhac. A trepanação cirurgica teria por fim a cura de certas affecções cerebraes e as rodellas extrahidas serviam de amuletos que a superstição indicava como preservativos d'essas molestias; a trepanação posthuma praticava-se com o fim unico de obter esses amuletos. O habito, conservado ainda hoje pelos montenegrinos, de se trepanarem para curarem os seus males de cabeça (1), é uma confirmação d'esta theoria.

Ricardo Severo detem-se em seguida nas grutas sepulchraes artificiaes de Palmella onde se encontraram as contas de callaite. O apparecimento d'este mineral utilisado no fabríco d'objectos d'adorno, em algumas estações francezas, que formam com as nossas quatro centros distinctos, Vanes, Ossum, Arles e Lisboa (Cartailhac), deu motivo a que se interrogasse sobre se a callaite d'estes quatro centros, teria uma origem commum e qual seria essa origem. Nada porém se póde dizer; o que é certo que a nossa callaite, distinguindo-se da estrangeira, em formar uma nova variedade—Ribeirite (Ben-Saude)—parece invalidar essa proveniencia commum.

(1) Barão de Baye—*L'archeologie préhistorique*, pag. 151.

Digitized by Google

E com esta questão, muitas outras ainda pezam infelizmente sobre o nosso neolithico, como a das celebres placas de schisto que necessariamente representaram um papel muito mais importante que o de simples adorno — talvez como amuleto ou insignia de auctoridade — os cylindros calcareos de Palmella e Cascaes, as pedras com covinhas das nossas antas e outras de importancia secundaria.

Da era dos metaes na nossa Peninsula, pouco se tem a dizer e isto devido á insufficiencia dos materiaes descobertos.

Vilanova e Tubino admittiam uma edade do cobre succedendo-se á da pedra. Baseavam-se elles no apparecimento frequente dos objectos d'aquelle metal. Cartailhac inclina-se para as theorias dos dois archeologos hespanhoes — je ne suis pas éloigné de croire que le Portugal et l'Espagne ont possedé une époque du cuivre ayant duré un certain temps et à laquelle appartiendraient la plupart de leurs sépultures de transition.

Mas, quando Cartailhac escrevia estas phrases ainda os srs. Siret não tinham feito conhecer o resultado das suas descobertas no Sudeste de Hespanha. Aquelles snrs. apresentaram não só os jazigos de transição do neolithico para o cobre e d'este para o bronze, como tambem estações puramente d'essa edade. Hoje pois não póde haver duvida a tal respeito; uma edade do cobre seguiu-se na peninsula ao periodo lithico.

A civilisação do cobre teria sido introduzida nas nossas populações neolithicas ou seria aqui que ella teve a sua origem?

Siret admitte a primeira hypothese; os vestigios porém, de antigas explorações mineiras, as escorias cupricas e, o que é mais, a descoberta d'uma serie de formas do machado de cobre, mostrando evolutivamente a sua derivação do machado neolithico, levam Ricardo Severo a admittir — opinião que perfilho — que a metallurgia do cobre teve a sua origem na peninsula iberica.

Já o mesmo não succede com a do bronze e a sua subsequente, a do ferro; estas duas civilisações introduzindo-se uma após outra na Europa, deixaram entre nós os seus vestigios, uma nos machados morgianos de talão e duplo annel e nos larnaudianos de alvado; a outra na necropole de Alcalá que nos deu as celebres espadas de antennas, os sabres curvos como os alfanges e as pontas de lança com alvado, nas quaes Mazard quiz vêr os *Saunions* dos lusitanos.

Estes objectos dos primeiros periodos do ferro, mostram as relações dos nossos povos com os paizes do Mediterraneo, com a Italia e com a Grecia.

Nada mais se póde adeantar sobre a nossa protohistoria, porque ella carece de materiaes. As Citanias de Briteiros e Sabroso, tão bem exploradas por Martins Sarmento, mas ainda incompletamente decifradas, nada elucidáram o problema ethnologico d'este ultimo periodo da nossa paleoethnologia. As outras cividades que encimam a maioria dos montes minhotos e cujas explorações tanta luz lhe viriam dar, esperam talvez o momento de desapparecerem completamente sob a charrua do lavrador.

Impossibilitado se está, pois, de definir os povos que habitaram o nosso solo n'essas epochas, e debalde se cruzam a este respeito as theorias e as hypotheses, a solução do problema subsiste da mesma fórma incognita.

A anthropologia de que ha tudo a esperar, pouco tem feito. Apenas pelos trabalhos do mallogrado Paula Oliveira, sobre os restos hu-

Digitized by Google

manos dos kjoekkenmoeddings de Mugem e dos dolmens dos arredores de Lisboa, ficou assente que as raças dolichocephalas de Cro-Magnon e brachycephalas de Furfooz existiram no nosso solo, mesclando e formando as populações neolithicas dos valles do Tejo e do Sado.

« Encore une fois sachons attendre; et demandons á de nouvelles recherches plus de lumières ».

Com estas palavras de Cartailhac, fecha Ricardo Severo o seu bom e prestante estudo bibliographico, que afinal de contas passou despercebido á maioria do nosso publico, como a magnifica obra de Cartailhac cuja alta valia esse estudo tinha por fim principal tornar conhecida.

E' que o sopro de enthusiasmo que fez levantar dos solos italiano e francez a historia do seu passado remotissimo ainda não chegou até nós.

FONSECA CARDOSO.

Paul Choffat — ÉTUDE GÉOLOGIQUE DU TUNNEL DU ROCIO (Avec un article paléontologique par M. Berkeley Cotter et un article zoologique par M. Albert Girard) 1 vol., in-4.º, 106 pag., VII pl. — Lisbonne, 1889.

Da *Comissão dos Trabalhos Geologicos* recebemos ha tempos esta notavel publicação firmada por um nome já sobejamente conhecido por uma serie importante de trabalhos sobre o solo geologico portuguez. Occupa-se, como se deprehende do titulo, do reconhecimento scientifico do tracto de terreno por onde é aberto o chamado tunnel do Rocio. E' pois, e sobretudo, um livro de geologia applicada, emprehendido e realisado com o lucidissimo criterio que define a sabia e solida physionomia scientifica d'este illustre geologo. A introducção, de per si, constitue, por varios motivos, um trabalho interessantissimo; é a exposição das vantagens immediatamente derivativas da technologia geognostica, apoiando se o auctor, para a exemplificação do seu proposito, em factos curiosos sobre a abertura de vias ferreas, exploração mineira, construcção dos cemiterios, perfuração de poços, problemas de hydrologia, agricultura e topographia. D'este capitulo, que desejariamos vêr vulgarisado, destacariamos factos singulares sobre cousas nossas, se tal comportasse o espaço de que dispomos. Segue-se-lhe a serie de estudos realisados antes do começo da abertura e immediatamente o resumo das observações geologicas, abrangendo estas a situação e profundidade dos poços, espessura dos terrenos atravessados, sua natureza petrographica, temperatura, etc. O auctor, tendo conta de que muitos dos leitores careciam por ventura de conhecimentos especiaes de geologia, explica com toda a simplicidade e clareza a significação dos termos technicos que, de resto, são em numero tão restricto quanto é possivel. Seguidamente, entrando no detalhe das observações, o sr. Paul Choffat descreve, com todas as minucias, cada uma das formações, ás quaes annexa uma lista critica dos animaes encontrados no terciario atravessado pela galeria, lista que subscreve o sr. Berkeley Cotter, adjuncto distin-

Digitized by Google

cto da *Commissão*. O capitulo IV é indubitavelmente o mais interessante pois n'elle se faz referencia ampla a todo o solo de Lisboa, na sua natureza, edade, deslocações, formações, depositos, situação, etc. Intercallado apparece um estudo critico do sr. Albert Girard, distincto naturalista do Museu Nacional, relativo aos animaes encontrados n'uma sondagem em Alcantara.

O volume fecha com perfis, cortes geologicos e phototypias elucidativas do texto.

Como se vê, apezar d'estas linhas não serem mais do que a ementa do indice, o valor da obra do nosso estimado collaborador é capital; e não só pelo seu alevantado cunho scientifico como pela feição technica, verdadeiro modelo que desejariamos vêr seguido em obras de importancia não inferior á do tunnel de Lisboa.

R. P.

Paul Choffat—OBSERVATIONS SUR LE PLIOCÈNE DU PORTUGAL (Extrait du Bulletin de la Société belge de Géologie, de Paléontologie et d'Hydrologie, III). 8.º, 5 pag. Bruxelles, 1889.

O opusculo do sabio geologo suisso começa por indicar que Carlos Ribeiro havia reconhecido o pliocène ou, porventura, o pleistocène nas camadas sobrepostas aos depositos marinhos do sul de Portugal e dos arredores de Lisboa bem como aos de agua dôce que se encontram mais a norte. Acha difficil a solução definitiva sobre a edade das camadas emquanto os subsidios paleontologicos não forem encontrados; Saporta, a quem haviam sido enviados exemplares de fosseis vegetaes, inclina-se a attribuil-as ao pliocène inferior.

Ha uns trinta annos, porém, o snr. Nery Delgado descobriu ao sul de S. Martinho uma facha do molasso; o snr. Choffat visitando ultimamente a região examinou-lhe o facies estratigraphico e, recolhendo os fosseis encontrados, enviou-os aos snrs. Van den Broeck e Vincent, os quaes se pronunciaram pelo pliocène, mesmo não muito inferior, o que affasta claramente a ideia do pleistocène.

Uma jazida fossilifera das proximidades das Caldas da Rainha denuncia, ao que parece, que se está em presença do pliocène superior. E analogamente depositos d'outras localidades—Monte-Real, Carnide, Aveiro e cercanias de Leiria—serão provavelmente considerados ém breve como pliocènes. E' todavia difficil delimitar o que é pliocène do que é pleistocène, havendo comtudo a esperar muito d'um estudo petrographico prolongado das camadas respectivas.

Os terrenos de Selir e Aguas Santas encontrando-se n'um dos valles tiphonicos descriptos pelo sabio geologo permittem-lhe fazer as seguintes deducções: 1.º as deslocações que pozeram a nu o infraliassico são anteriores ao pliocène; 2.º o fundo do valle soffreu um abaixamento posterior ao pliocène.

Tal é, em resumo, o objecto do opusculo do nosso erudito e infatigavel collaborador.

R. P.

Digitized by Google

Jules Daveau—PLUMBAGINÉES DU PORTUGAL (Extrait du Boletim da Sociedade Broteriana, VI). 8.º, 51 pag., 1 pl. Coimbra, 1889.

A excellente monographia do snr. Jules Daveau abre com um historico desenvolvido ácerca das plumbagineas portuguezas e um commentario intelligente sobre as referencias feitas a este grupo de vegetaes pelos botanicos que d'elles se teem occupado, taes como Clusius, Tournefort, Vandelli, Brotero, Link, Willkoum e Lange e outros.

Das 40 especies mencionadas, 25 pertencem ao genero *Armeria*, 12 das quaes são especiaes ao nosso paiz. Este facto é sobremodo interessante, e importa referir que Maury, a quem se deve um notavel trabalho sobre as plumbaginaceas, considera a Peninsula Iberica como o centro de dispersão d'este genero. As observações do nosso estimado collaborador levam-o muito sensatamente a accrescentar que a affirmativa de Maury é mais verdadeira no que toca a Portugal, visto que na Hespanha em 23 especies ha apenas 6 endemicas.

A uma exposição sobre a classificação do grupo segue-se a enumeração dos generos e especies, 10 das quaes são referidas pela vez primeira em Portugal. A *Armeria Rouyana*, Daveau, é figurada n'uma plancha.

Ha muito a esperar da actividade d'este distincto naturalista e nós só desejamos ensejo de mencionar nas paginas da *Revista* os resultados das suas locubrações, sempre interessantes, sempre valiosas.

R. P.

Prince Albert de Monaco—RECHERCHE DES ANIMAUX MARINS. PROGRÈS RÉALISÉS SUR «L'HIRONDELLE» DANS L'OUTILLAGE SPÉCIAL. Paris, 1889.

Mosticher — RÉSULTATS DES CAMPAGNES SCIENTIFIQUES DU YACHT «L'HIRONDELLE». Paris (Pavillon du Monaco), 1889.

Estes dois trabalhos referem-se especialmente ás modificações introduzidas nos apparelhos de captagem dos animaes marinhos. Muito simplificados na sua fórma primitiva, os apparelhos usados posteriormente ás campanhas da Hirondelle, de fórma alguma satisfaziam ao rigor exigido pelos modernos processos de observação e ás questões complexas que se propunha estudar o Principe Alberto de Monaco.

A somma de esforços que mede este grande trabalho, iniciado pelo Principe e ampliado pelos seus distinctos collaboradores, a par dos resultados obtidos para a zoologia e hydrographia, é testemunho do quanto deve a sciencia ao talento e dedicação do Principe de Monaco, extremamente sympathico nas suas modestas aspirações de sabio naturalista.

São tres os pontos de vista que abrangem as suas pesquizas: questões hydrographicas (correntes, marcha do Gulf-Stream, sondagens),

Digitized by Google

zoologicas (fauna marinha da superficie e das aguas profundas), e finalmente uma terceira questão, altamente humanitaria, dizendo respeito á alimentação dos naufragos em pleno mar.

Sobre cada uma d'estas secções do seu interessante programma é vastissima a serie de observações, d'onde sobresahe por vezes o estudo duplamente valioso de algum facto inedito

Por meio da sua *goélette* de 200 toneladas l'*Hirondelle*, nas quatro campanhas de 1885 a 1888, conseguiu-se a constatação de phenomenos hydrographicos e zoologicos a que se ligam questões interessantissimas, discutidas pela sua vasta generalidade em ramos diversos da sciencia actual. Entre estes estudos destacam-se, por vezes, os de algumas especies novas entre as quaes o celebre *Conchognathus Grimaldii*, novo tambem no genero; basta, porém, notar, para ajuizar da riqueza dos materiaes recolhidos, que se escreveram até hoje a respeito d'estas excursões da *Hirondelle*, sessenta monographias — vinte e tres originaes do Principe Alberto —, além de muitos outros artigos em differentes jornaes scientificos.

No elegante pavilhão do Principado de Monaco, no Campo de Marte, estavam expostos os resultados d'estas campanhas com a galeria dos apparelhos, engenhosamente construidos para este fim, e que tivemos occasião de examinar miudamente, emquanto o ciceróne, um intelligente marinheiro da *Hirondelle*, nos contava, cheio de devoção, as excellencias do seu Principe. Ha entre estes apparelhos alguns que são verdadeiras curiosidades mechanicas, á construcção dos quaes presidiu sempre a maxima perspicacia na suppressão de todas as difficuldades que levantam trabalhos d'esta natureza. Tudo isto mostra bem o escrupuloso cuidado que houve n'estas expedições em organisar o material, pessoal e programma, ao que se deve especialmente o resultado esplendido das campanhas da *Hirondelle*.

R. S.

Émile de Munck. Secretario da Sociedade d'Archeologia de Bruxellas.—Offerta de 20 opusculos.

Do nosso excellente amigo o snr. Em. de Munck, recebemos a amavel offerta de todas as suas publicações dizendo respeito em especial á prehistoria da Belgica. A lista das publicações é bastante longa para a inserirmos aqui. A algumas d'ellas já nos haviamos referido em outro trabalho, e não temos mais do que confirmar o elogio da imparcialidade, clareza e fino criterio que sempre preside á série grande de trabalhos do snr. Em. de Munck, um valente trabalhador a que se devem algumas monographias interessantes sobre questões especiaes da paleoethnologia belga.

Podiamos citar uma ou outra, que tem dado logar a questões longas entre os especialistas, se a estreiteza do espaço não fosse prejudicar qualquer esboço bibliographico que tentassemos fazer.

Limitamo-nos a registrar publicamente os nossos agradecimentos

Digitized by Google

e a expressão da profunda sympathia que nos despertou a alta dedicação dos trabalhadores belgas, brilhantemente evidenciada no ultimo Congresso de Anthropologia e Archeologia prehistoricas.

R. S.

Procés Verbaux DE LA SOCIÉTÉ BELGE DE GÉOLOGIE, DE PALÉONTOLOGIE & D'HYDROLOGIE. Bruxelles.—Tom. I, II e III (Fasciculos 1 a 4).

Estes *procès-verbaux*, fazendo parte das publicações da Sociedade belga de geologia, paleontologia e hydrologia, são uma sabia collecção de interessantes documentos em que, á medida que se expõe o movimento da Sociedade, são apresentadas pequenas noticias e valiosos estudos sobre as questões referentes á Belgica ou a alguns paizes estrangeiros. Começando em 1887, absolutamente desprotegida, sem mesmo ter casa para arrecadar as publicações recebidas, esta sociedade, devido aos esforços de um grupo distincto de geologos belgas e ao auxilio do Estado, tomou hoje um grande desenvolvimento, bem evidente n'estes boletins e na serie das suas memorias.

O primitivo numero dos seus associados (105) achava-se elevado em fins de 1888 a 335; este numero que no estrangeiro não póde surprehender, onde ha uma geral deferencia pelas questões scientificas, é causa de justificado espanto entre nós, onde é extraordinariamente difficil constituir aggremiações scientificas de qualquer especialidade.

Annualmente a Sociedade belga prepara excursões geologicas pelo paiz, algumas das quaes deram logar a relatorios interessantissimos; ao mesmo tempo que são um incentivo para o estudo da geologia, estas expedições, sempre ferteis em episodios agradaveis, preparam estudos detalhados e especiaes, e permittem muitas vezes a resolução em commum de algumas questões importantes.

O periodo de formação da Sociedade belga de Geologia, perfeitamente analogo ao que atravessa agora a nossa Sociedade, em lucta constante contra a falta de recursos, torna-se para nós altamente sympathica, coincidencia que mais veio confirmar a admiração que nos despertam a dedicação e talento dos seus iniciadores.

R. S.

Digitized by Google

NOTICIAS

A SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

A impossibilidade de levar a cabo, isoladamente e com vantagem, certos emprehendimentos relativos á Historia Natural do paiz, originou, entre alguns espiritos que o acaso havia reunido, a ideia da organisação d'uma sociedade na qual, uma desinteressada mutualidade de serviços auxiliasse proficuamente as tentativas individuaes e procurasse. resolver em commum, algumas das questões que mais directa e proximamente interessassem o progredimento scientifico de Portugal. Convencionaram-se verbalmente as bases da aggremiação; e, posto que se evidenciasse desde o principio a não completa viabilidade dos seus elogiaveis desejos, não só pela falta de numero sufficiente e competente de trabalhadores, mas tambem pela natural indifferença publica, concluiu-se ainda assim que a futura Sociedade Carlos Ribeiro buscaria motivos de estudo em tres ordens de trabalhos:

1.º, na sciencia pura. pela publicação de memorias archeologicas, anthropologicas, ethnologicas, ethnographicas, zoologicas, botanicas e geologicas;

2.º, na technologia. investigando e indicando a utilisação industrial dos nossos productos naturaes;

3.º, na propaganda relativa á organisação de estabelecimentos e corporações scientificas instituidas e subvencionadas pelo Estado, taes como Laboratorios de anthropologia, Museu central e Commissão permanente e nacional para a conservação e estudo das antiguidades prehistoricas e historicas portuguezas. Laboratorios de zoologia. Estações aquicolas, Museus regionaes. districtaes ou provinciaes, Museus das escholas superiores normaes, industriaes, secundarias e primarias, etc.

Assim, se por motivos inesperados e supervenientes, a Sociedade Carlos Ribeiro não conseguir levar a effeito alguma das memorias relativas á norma exposta, cabe-lhe a prioridade, entre todas as instituições portuguezas de caracter particular, do desejo e vontade na consecução dos propositos relatados. Comprehende-se, de resto, que os organisadores e futuros adherentes de tal associação scientifica não poderão talvez fazer obra em todos os problemas que apontamos; a necessidade da sua satisfactoria resolução, bem que se nos imponha com toda a importancia, accusa-nos sobejamente a irrealisação absoluta de tam alevantados intuitos, dados os nossos meios de auxilio e de trabalho. Todavia, no campo referido, urge que alguma cousa se faça; e é entre os limites d'essas linhas geraes que os membros da sociedade tentarão executar alguma obra, orientados conforme as suas naturaes aptidões e

Digitized by Google

completamente desembaraçados de qualquer especie de orthodoxia scientifica, imposta pela collectividade.

O primitivo programma da Sociedade Carlos Ribeiro foi uma *Norma provisoria*, assignada por Fonseca Cardoso, João Barreira, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Xavier Pinheiro e encerrando, em poucos artigos, o pensamento que presidiu á sua fundação Algum tempo depois as illustres e valiosas adhesões dos snrs. Bazilio Telles e Julio de Mattos trouxeram um impulso bastante vigoroso e progressivo; a *Norma* referida foi então substituida por um Estatuto, que recebeu, com o alvará de 2 de agosto de 1888, a approvação official. A não ser um maior desenvolvimento dos artigos, os novos estatutos differenciam-se apenas dos primeiros pela introducção d'uma secção de sciencias sociaes, indispensavel á amplitude das sciencias anthropologicas.

Exemplares d'estes programmas foram distribuidos pelos principaes estabelecimentos scientificos do paiz, e á Sociedade Carlos Ribeiro reuniram-se-lhe, como socios effectivos os snrs. Fernando Mattoso, lente da Eschola Polytechnica, Paulino de Oliveira, lente da Universidade, Santos Rocha, distincto archeologo da Figueira, e recentemente Alfredo Ben-Saude, o sabio mineralogista da Commissão Geologica.

Mais tarde a associação recebeu, como socios benemeritos, os snrs. Flavio Paes e Vasco Ortigão.

A este pequenissimo nucleo ha porém a accrescentar o auxilio de toda a ordem dispensado não só pela grande maioria dos naturalistas portuguezes, mas mesmo pelos estrangeiros. D'estes ultimos destacaremos apenas o eminente sabio francez, o snr. A. de Quatrefages. N'uma carta dirigida ao secretario-geral ha as seguintes phrases relativas á Sociedade Carlos Ribeiro: «... j'ai vu avec joie une société scientifique se constituer sous les auspices du regretté Carlos Ribeiro. Les quelques relations que j'ai eues avec votre éminent compatriote, me l'avaient fait aimer autant qu'estimer. En vous plaçant sous son patronage, vous avez élevé à sa mémoire le monument qu'il aurait lui même choisi.»

Seguidamente o notavel anthropologo promptifica-se a pôr a Sociedade Carlos Ribeiro em relações com os principaes gremios congeneres francezes, sempre que ella o deseje. E percebe-se quam agradavel é registrar este facto de alta dedicação scientifica e ao mesmo tempo de significativo preito de admiração ao geologo portuguez, considerando a alta posição do emerito sabio da França no mundo scientifico.

Em Portugal recebeu a instituição applausos calorosos e incitamentos notaveis dos trabalhadores mais distinctos que o nosso pequeno meio scientifico abrange. Alongar-se-hia de mais, e nem talvez nos permittisse o seu caracter particular, a publicação dos extractos de cartas que nos foram dirigidas pelos snrs. Adolpho Coelho, Barbosa du Bocage, Berkeley Cotter, Ferraz de Macedo, Fernando Mattoso, Jules Daveau, Julio Henriques, Martins Sarmento, Paul Choffat, Paulino de Oliveira, Santos Rocha, Theophilo Braga, etc. A demonstração mais eloquente de sympathia pela nossa modesta instituição está na gloriosa lista de collaboradores que a sociedade reuniu para a sua *Revista*.

Porém, a gratidão mais intensa exige que a Sociedade Carlos Ribeiro registre especialmente o nome do snr. Joaquim Filippe Nery Delgado, chefe da Commissão dos Trabalhos Geologicos, como o mais prestante, obsequioso e devotado protector da aggremiação. O nosso

Digitized by Google

eminente geologo, o mais illustre companheiro de Carlos Ribeiro e o mais notavel continuador da sua obra, tem dispensado á associação serviços assignalados. As suas manifestações de dedicação e sympathia não soffreram ainda intercadencia; constante e sabia, a collaboração do nosso geologo nos emprehendimentos da sociedade, constitue para nós o mais justificado motivo de orgulho e de honra.

A bibliotheca da sociedade encerra perto de 400 volumes, na maior parte dizendo respeito a assumptos portuguezes. Para a organisação do seu futuro Museu, entre outras valiosas promessas, destacam-se as do nosso illustre consocio, o snr. Santos Rocha. O snr. Paulino de Oliveira, sabio e incansavel director do Museu da Universidade e membro activo da sociedade, offereceu tambem a sua importantissima coadjuvação, recorrendo ás interessantes collecções particulares que possue. A sociedade não poude por emquanto acceitar as obsequiosas offertas que lhe teem sido feitas, em virtude de deficiencias de installação que procura remover.

O movimento interno da associação foi presidido, em 1888, por uma direcção composta dos snrs. dr. Julio de Mattos, presidente, Bazilio Telles, vice-presidente, Rocha Peixoto, secretario-geral e Fonseca Cardoso, thesoureiro, direcção reconduzida nos annos seguintes.

Registou a *Revista*, em tempo competente, a perda irreparavel do nosso querido amigo e consocio Alfredo Xavier Pinheiro. Foi, como se disse, um dos fundadores da sociedade; da sua cooperação nos estudos do dominio ethnographico e ainda mais da sua insubstituivel collaboração artistica, não pôde desgraçadamente a nossa associação aproveitar-se. Ha notas dispersas, numerosos factos colligidos, esboços mesmo que o prematuro desapparecimento do querido artista não permittiu ordenar para serem dados á publicidade.

Poucos mezes depois João Barreira pediu a demissão de membro, que foi acceite.

A sociedade, além de ter encetado a publicação do seu orgão, de que sahiram quatro numeros e cujos delineamentos geraes veem exarados no primeiro sob a fórma solida e lucida do claro espirito de Bazilio Telles, publicou os seguintes opusculos avulsos:

I.—*O Museu Municipal do Porto*, de Rocha Peixoto, 8.º, 49 paginas. Porto, 1888.
II.—*Les âges préhistoriques d'Espagne et du Portugal de M. Émile Cartailhac*, de Ricardo Severo, 8.º, 113 paginas. Porto, 1888.
III—*As deficiencias de trabalho na Academia Polytechnica*, de Rocha Peixoto, 8.º, 23 paginas. Porto, 1889.
IV—*A probidade scientifica do snr. João Bonança*, de Rocha Peixoto, 8.º, 16 paginas. Porto, 1890.

A Sociedade Carlos Ribeiro estabeleceu relações com varias academias e associações portuguezas e estrangeiras — França, Belgica, Suissa, Inglaterra, Russia, Allemanha, Italia, Austria, Estados-Unidos, Algeria, Egypto, etc. — Tem sido brindada ainda com offertas espontaneas, algumas de muito valor, taes como a de S. A. o Principe de Monaco, do barão Jules de Guerne, dos snrs Émile de Munck, Julio Henriques, etc.

Do Congresso Anthropologico realisado o passado anno em Paris

Digitized by Google

fez parte Ricardo Severo na qualidade de nosso representante official. O respectivo relatorio será publicado n'um dos proximos numeros.

Resta-nos referir com mais detalhe a campanha promovida pela sociedade a favor da reorganisação do Museu municipal do Porto Isso será objecto d'uma noticia especial que opportunamente se publicará.

ROCHA PEIXOTO,
Secretario-geral.

Digitized by Google

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A Sociedade Carlos Ribeiro tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*.

PRINCE ALBERT DE MONACO.—*Recherche des animaux marins. Progrés réalisés sur l'*HIRONDELLE *dans l'outillage spécial*, 8.º. 27 pag., I pl. Paris, 1889.

NERY DELGADO.—*Relatorio ácerca da decima sessão do congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas*, 4.º, 46 pag. Lisboa, 1890.

PAUL CHOFFAT.—*Étude géologique du Tunnel du Rocio. Contribuition à la conaissance du sous-sol de Lisbonne*, 4.º, 106 pag., VII pl. Lisbonne, 1889.

— *Espagne et Portugal*. Extrait de l'Annuaire Géologique Universel, 8.º, 15 pag. 1889.

P. DE LORIOL.—*Description de la Faune jurassique du Portugal*. Embranchement des echinodermes. Échnides réguliers ou endocycliques 4.º, 109 pag., XVIII pl. Lisbonne, 1890.

AUGUSTO NOBRE.—*Recherches histologiques sur le* PODOCARPUS MANNII, Hooker, 8.º, 14 pag., III pl., Coimbra, 1889.

LIST *of the Geological Society of London*, Novembre Ist. 1889.

REGO LIMA.—*Tentativas Micrographicas*. Resenhas de rochas portuguezas, 8.º, 38 pag. Lisboa, 1890.

— *Algumas palavras sobre as condições de adaptação da industria siderurgica em Portugal*, 8.º, 40 pag. e I map. Lisboa, 1890.

EM. DE MUNCK.—*Une méthode à suivre pour l'étude des migrations des peuplades des âges de la pierre*, 8.º, 13 pag. Namur, 1886.

— *Exposé des principales découvertes archéologiques faites à Obourg dans le courant des années* 1879-1886, 8.º, 12 pag. Bruxelles, 1887.

— *Proposition de modification à apporter au projet de loi sur la Conservation des Monuments Historiques*, 8.º, 10 pag. Bruxelles, 1889.

— *Vœu adopté en assemblée générale du Congrés de la Féderation Archéologique et Historique de Belgique tenu à Namur en 1886*, 8.º, 5 pag. Bruxelles, 1887.

— *Note sur la mémoire de M. Jennepin intitulée: Principales découvertes à Consolre, à Bousignies et aux environs*, 8.º, 7 pag., Bruxelles, 1889.

— *Note sur les principales découvertes se rettachant à l'époque paléolithique faites en Belgique et sur la présence de silex taillés dans les dépots cailloteux quaternaires d'Elonges*, 8.º, 10 pag., Bruxelles, 1889.

— *Observations présentées à la Société d'archéologie de Bruxelles au sujet de la conservation des objets découverts dans les travaux publics et pouvant offrir un intéret scientifique et artistique*, 8.º, 15 pag., Bruxelles. 1888.

— *Note sur quelques antiquités belgo-romaines recueillies à Tongres et sur l'âge des tourbières de la vallée de la Haine*, 8.º. 9 pag. Bruxelles, 1889.

Digitized by Google

— *Rapport sur l'état des collections de la S. d'archéologie de Bruxelles*, 8.º, 3 pag. Bruxelles, 1888.

— *Recherches sur l'origine de deux tertres situés dans la province du Hainaut*, 8.º, 4 pag. Bruxelles, 1889.

— *Compte-rendu des sciences de la première section de la Fédération Historique et Archéologique de Belgique*, 8.º, 32 pag. Bruxelles, 1889.

— *Fouilles d'un puits de l'époque néolithique* (Communication), 8.º, 4 pag. Bruxelles, 1888.

— *Découvertes d'antiquités préhistoriques faites aux environs de Lanaeken, Suetendael et Asch*, 8.º, 5 pag. Bruxelles, 1888.

— *Note préliminaire sur des silex quaternaires découverts dans le Hainaut*. 8.º, 2 pag. Bruxelles, 1887.

Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal, tom. II, fasc. I. Lisboa, 1889.

Annaes de Bibliographia Portugueza, n.os 1-2, Porto, 1889.

Boletim da Sociedade Broteriana, tom. VII, fasc. 2-3, Coimbra, 1889.

Revista de Guimarães, tom. VI, n.os 3-4, Porto, 1889.

Revista de Obras Publicas e Minas, tom. XXI, n.os 241-244. Lisboa, 1890.

Revista Archeologica, tom. IV, n.os 2-7. Lisboa, 1890.

Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes, tom. I, série 2.ª, n.º 2, Lisboa, 1889.

Instituto, tom. XXXVII, n.os 5-10. Coimbra.

Bulletin de la Société Zoologique de France, tom. XV, n.os 1 5, Paris, 1890.

Revue de Philologie française et provençale, tom. III. fasc. 4, Paris, 1889.

Revue Scientifique, tom. 44, n.os 24-26, tom. 45, n.os 1-26, 89-90.

Feuille des jeunes naturalistes, anno 20, n.os 229-237, Paris, 89-90.

Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für anthropologie, ethnologie und Urgeschichte, numeros de junho-dezembro, 1889 e janeiro, 1890.

Bulletin de la Société belge de Microscopie, anno 6.º, n.os 1-7, Bruxelles, 1890,

Annales de la Société belge de Microscopie, tom. XIII, fasc. 3, Bruxelles, 1890.

Procés verbaux de la Société belge de Géologie, de Paléontologie et d'Hydrologie, tom, I e II e fasc. 1-5 do tom. III, Bruxelles, 89-90.

Abstracts of the procedings of the Geological Society of London, n.os 527-560, London. 89-90.

Mémoires de la Société des Naturalistes de Kiew, tom. X. fasc. 2, Kiew, 1889.

Journal de Médecine et de pharmacie de l'Algérie, tom. 15, n.os 1-4, Alger.

Verhandlungen der kaiserlich—königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien, tom. XXXIX, n.os 5-7, Vienna, 1889 90

Bulletin du Comité Géologique de S. Pétersbourg, tom VIII, n.os 6-10, S. Pétersbourg, 1889-90.

Mémoires du Comité Géologique de S. Pétersbourg, vols. IX e XI, S. Pétersbourg, 1889.

Revue de traditions populaires, tom. V. n.os 4-5, Paris, 1890.

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

PUBLICAÇÃO DA

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Digitized by Google

Digitized by Google

REVISTA

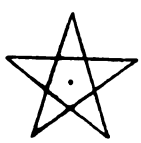
DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

VOLUME II



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1893

Digitized by Google

Digitized by Google

INDICE

MEMORIAS ORIGINAES

PALEOETHNOLOGIA

PAG.

SANTOS ROCHA.—Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira 112

ETHNOLOGIA

THEOPHILO BRAGA. — O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Istar na tradição occidental 1

ANTHROPOLOGIA

ROCHA PEIXOTO. — A tatuagem em Portugal . . . . 97 e 145

PHILOLOGIA

LEITE DE VASCONCELLOS. — Notas sobre a linguagem vulgar do Porto . . . . . 19 e 49

ZOOLOGIA

ALBERT GIRARD. — Liste des odonates du Portugal et note critique sur les ONYCHOGOMPHUS GENEY, *Selys* e HAGENII, *Selys* 26

AUGUSTO NOBRE. — Contribuições para a fauna malacologica da Madeira 77

Digitized by Google

Pag.

VARIA

ALFREDO BENSAUDE. — O diamante 159
PAUL CHOFFAT. — Éffects de la semi-domestication sur le daim *(Dama vulgaris)* d'aprés M. Keilhack. . 46
RICARDO SEVERO. — Os trabalhos paleoethnologicos no Algarve, do snr. Estacio da Veiga. 126
—— Um vaso romano de barro cosido 130
SANTOS ROCHA. — Explorações archeologicas. . . . 85

BIBLIOGRAPHIA

JULIO DE MATTOS. — *Crime et criminel*, par le Docteur F. Ferraz de Macedo 185
RICARDO SEVERO. — *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal* . . . . . 88 e 132
ROCHA PEIXOTO. — *Nota sobre os cephalopodes de Portugal*, de Albert Girard 135
— *Études maritimes*, de Paul Sébillot 135
— *Passeio geologico de Lisboa a Leiria*, de Paul Choffat. 136
— *Sur les plus anciennes Dicotylées européennes observées dans le gisement de Cercal, en Portugal*, de G. de Saporta. 136
Description de la faune jurassique du Portugal, de P. de Loriol 136

NOTICIAS

JOÃO BARREIRA. — As conferencias do dr. Julio de Mattos sobre o caso Charles Petit. 91
RICARDO SEVERO. — O museu agricolo-florestal de Lisboa 138
— O museu de mineralogia, geologia e paleontologia da Academia Polytechnica do Porto. 139

Digitized by Google

PAG.

OS MORTOS

FONSECA CARDOSO. — Estacio da Veiga 190
RICARDO SEVERO. — Vilhena Barboza 142
—— Borges de Figueiredo 143
Estacio da Veiga 144
ROCHA PEIXOTO. — Pereira Guimarães 48

GRAVURAS

Um vaso romano 130

PLANCHAS

Tatuagens portuguezas (VIII pl.) 158

Digitized by Google

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo — N.º 5

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66, Rua da Fabrica, 66

1891

Digitized by Google

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Istar na tradição occidental, por THEOPHILO BRAGA . . . . pag. 1
Notas sobre a linguagem vulgar do Porto, por J. LEITE DE VASCONCELLOS . . . . . pag. 19
Liste des odonates du Portugal et note critique sur les ONYCHOGOMPHUS GENEI. Selys *et* HAGENII. Selys, par ALBERT GIRARD . . . . . pag. 26

VARIA

Effects de la semi-domestication sur le daim (Dama vulgaris) *d'après M. Keilhack*, par P. C. . . . . pag. 46

OS MORTOS

Antonio Roberto Pereira Guimarães, por R. P. . . . . pag. 48

Digitized by Google

REVISTA

DE

SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

ORGÃO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

O MYTHO

CHALDEO-BABYLONICO DOS AMORES DE ISTAR NA TRADIÇÃO OCCIDENTAL

(ESTUDO SOBRE O CYCLO ROMANESCO DE JULIANA E JORGE)

DEPOIS de termos determinado nos romances da *Gayarra* das Asturias, e da *Serrana de la Vera*, da Extremadura, que matam todos os seus amantes, os vestigios do antigo mytho da deusa Istar, da civilisação accádica, o Diabo-Venus da Edade média, outros desenvolvimentos do mesmo mytho apparecem no romance popular de *Juliana e Jorge*, commum a quasi todos os povos da Europa. Este romance, reduzido á simplicidade do seu thema, resume-se no castigo que uma amante dá ao namorado, no momento em que lhe annuncia que vae casar com outra mulher. A mesma simplicidade ou vulgaridade do assumpto faria com que o romance se decompozesse em prosa anedoctica, se é que elle tivesse origem n'uma idealisação da realidade; a sua conservação em povos diversissimos, e sempre na fórma poetica, explicam-nos que essa persistencia é devida á universalidade de um mytho, que se transformou em lenda

Digitized by Google

popular, e se adaptou entre aquelles povos em que existiam concepções analogas, apesar da diversidade das raças em que elle se encontra.

As duas mulheres rivaes, são *Istar* e *Allat,* as duas manifestações divinas do principio feminino Belit; *Istar,* era adorada no planeta Venus, com as suas apparições ao anoitecer e de madrugada, (1) ou a luz dos dois crepusculos matutino e vespertino. *Allat,* é a noite, ou o Paiz immutavel da região escura do Inferno. Comprehende-se a antinomia entre as duas deusas, a que é a manifestação do mundo das estrellas, e a que é a Grande Senhora da Terra, a deusa chtoniana e infernal. Douzi, Douwasi (Thammuz) o esposo mysterioso de Istar, apresenta um caracter solar indiscutivel; a sua entrada na região das sombras, no Paiz immutavel cahindo sob o poder de Allat, mostra como o mytho nasceu da personificação do phenomeno da natureza. Lenormant, caracterisando o aspecto planetario nas religiões chaldeo-babylonicas como consequencia de uma systematisação dos antigos elementos, conclue: «A unica divindade, que desde os tempos mais antigos apresenta uma physionomia planetaria bem determinada é Istar. Em contraposição, nada mais claro e mais bem estabelecido do que o caracter solar de seu esposo Douzi ou Thammuz; reconheceu-se desde longo tempo na religião da Phenicia, onde, demais, desempenhava uma acção muito mais consideravel na mythologia babylonica. Estes deuses, que morrem e resuscitam periodicamente, proprios do culto da Asia anterior, são personificação do Sol nas phases successivas do seu curso diurno e da sua carreira annual.» (2)

A idealisação d'este phenomeno, o Sol descendo ao occaso, ou para as trevas da Noite, e para o solsticio do

(1) Lenormant, *Magie,* p. 108.
(2) Id. ib., p. 120.

Digitized by Google

Inverno, deu-se tambem nos povos áricos, e é a base geral da sua mythologia. O aspecto planetario é exclusivamente chaldeo-babylonico, mas os mythos baseados sobre elle, podem facilmente adaptar-se ao aspecto crepuscular e solar das mythologias indo-europêas.

Como Istar, a deusa com as duas apparições da estrella da tarde e da manhã, e esposa de Thammuz, Allat é tambem a esposa do Sol. Diz Tiele, na *Historia comparada das antigas Religiões:* « Os Babylonios tinham tambem a sua Allat, a rainha do imperio dos mortos, a esposa do Sol, residindo no mundo infernal, *a sombria deusa que lança veneno nas vêas d'aquelles que violam os seus juramentos*, de sorte que resultam as mais terriveis doenças. » (1) No romance de *Juliana e Jorge*, é com veneno que ella castiga o perjurio do amante que lhe annuncia que se vae desposar com outra mulher; e elle, montado no seu cavallo, sente que lhe vae faltando a luz. Esta tradição apparece em uma duma da Ukrania *(Gregorio)*, em um canto da Suecia *(a Historia de Olaf)*, em um canto da Escossia *(Lord Randal* e *Sir William)*, na Bretanha franceza *(J'ai fait un rève)*, nas Asturias *(El Convite)*, na Catalunha *(La inoble venganza)*, e em Portugal, em Traz-os-Montes *(D. Ausenia)*, ilhas dos Açores *(O caso de Juliana e Jorge)*, no Brazil, Ceará e Pernambuco *(Juliana e Jorge)* e em um Pliego suelto castellano do seculo XVI *(Moriana)*. A quasi universalidade d'esta tradição entre povos tão diversos, como slavos, scandinavos, germanicos, bretãos e romanicos, prova-nos a profundidade primitiva das suas raizes ethnicas, e os varios gráos de transformação do thema primordial fundado sobre uma concepção mythica.

A transformação dos mythos chaldeo-babylonicos

(1) Tiele, op. cit., p. 199.

Digitized by Google

operou-se ainda na grande civilisação da Asia anterior; basta recordar a relação entre a lenda de *Semiramis* com o mytho de *Samouramat,* o céo elevado, do Peixe *Oannes* com o mytho de *Hea* ou *Ea-Han* ou *Dagan,* o peixe Salvador, que ainda persiste nos Contos populares europeus.

Nas dez versões do romance de *Juliana e Jorge* ha differentes gráos de elaboração do mesmo thema; na tradição scandinava, a Historia de Olaf representa o conflicto de dois amores do mancebo entre o Elf e a noiva; conserva ainda o elemento mythico, quando o Sol no seu giro atravessando a floresta, é vencido pelo crepusculo da noite ou a Aurora vespertina sobre os amores da Aurora matutina. Na tradição da Finlandia, onde os vestigios turanianos são mais persistentes como se observa pelo estudo da epopêa mythica do *Kalevala,* a tradição desenvolve-se na fórma de lenda, e o noivo que sacrifica a sua namorada é envenenado. Sabendo-se como nas povoações primitivas da Europa entrou um elemento mongoloide, da mesma raça que na Asia anterior creou a grande civilisação accádica, e conhecendo-se como persistem vestigios de superstições e cultos chtonianos, que os monumentos da Chaldêa hoje explicam, torna-se logico o acceitar a proveniencia d'estes vestigios poeticos conservados no Romanceiro popular, a que já se referia Strabão maravilhado da sua enorme antiguidade.

Nas Notas aos *Cantos populares do Brazil,* (t. II, p. 199) aproximando os paradigmas do romance de *Juliana e Jorge,* fomos levado pela versão da Catalunha á seguinte affirmação: « O nome de Gudriana faz-nos lembrar o da heroina germanica *Gudruna,* e o quadro descripto esse thema violento das cantilenas normandas da epopêa allemã. Sigurd, segundo a tradição epica do Edda, esquece-se de Brunhilde com quem estava para casar, por effeito de uma bebida magica que lhe deu a mãe de Gudruna, com a qual elle depois casa. Como o Jorge, do

Digitized by Google

romance insulano e brazileiro, Sigurd tambem tem um cavallo, o Grani que atravessa o fogo.» Esta primeira interpretação não contradiz a conclusão actual, porque a situação de Sigurd entre os dois amores deriva da sua origem como *heroe solar*.

A referencia mais antiga conhecida d'este romance na tradição peninsular, acha-se em uma Ensalada ou folha-volante de Romances, da Bibliotheca de Praga, publicada por F. Wolf, onde apparecem dois versos de um romance que não chegou a ser colligido no seculo XVI:

1) ¿Que me diestes, Mariana
Que me diestes en el vino?

Menendez Pidal, nos *Viejos romances asturianos*, notou que estes dois versos pertenciam ao cyclo de Juliana e Jorge, conhecido nas Asturias sob o titulo *El Convite*.

Gil Vicente allude ao canto popular *Moliana, Moliana;* e nas ilhas dos Açores ainda se diz em tom de ameaça: «Heide-te fazer *cantar a Moliana.*»

Aproximaremos todas as versões d'este romance pela ordem em que as fomos encontrando nas lições oraes ou escriptas, para se deduzir da mutua similaridade o seu indiscutivel caracter mythico.

2) *A.* — JULIANA (VERSÃO DE PERNAMBUCO)

— Deus vos salve, Juliana,
No teu estrado assentada.
• Deus vos salve, rei Dom Jóca
No teu cavallo montado.
Rei Dom Jóca, me contaram
Que tu estavas p'ra casar?
— Quem t'o disse, Juliana,
Fez bem em te desenganar.

Digitized by Google

«Rei Dom Jóca, se casaes,
Tornae ao bem querer,
Poderás enviuvar
E tornar ao meu poder.
— Eu ainda que enviuve,
E que torne enviuvar,
Acho mais facil morrer,
Do que comtigo casar.
«Espera ahi, meu Dom Jóca,
Deixa subir meu sobrado,
Vou vêr um cópo de vinho,
Que p'ra ti tenho guardado.
— Juliana, eu te peço
Que não faças falsidade,
Vejaes que somos parentes,
Prima minha da minha alma.

Que me deste, Juliana,
N'este copinho de vinho,
Que estou co'a rédea na mão,
Não conheço o meu caminho?
A minha mãe bem cuidava
Que tinha o seu filho vivo!
«A minha tambem cuidava
Que tu casavas commigo.
— Oh meu pae, senhora mãe
Me bote a sua benção,
Abrace bem apertado
O meu maninho João,
Meu pae, senhora mãe
Me bote a sua benção;
Lembranças á Dona Maria,
Tambem á Dona Cellerencia.
A minha alma entrego a Deus,
O corpo á terra fria,
A fazenda e o dinheiro
Entregue a Dona Maria.
— «Cale a bocca, meu Dom Jóca,
Ponde o coração em Deus,
Que este copo de veneno
Quem te hade vingar sou eu.

Digitized by Google

— Já acabou-se, já acabou-se,
Oh flor de Alexandria!
Com quem casará agora
Aquella moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se,
Já acabou-se, já deu fim,
Nossa Senhora da Guia
Queira-se lembrar de mim.

B. — VERSÃO DO CEARÁ

Dom Jorge se namorava
D'uma mocinha mui bella;
Pois que apanhando servido
Ousou logo de ausentar-se,
Em procura de outra moça
Para com ella casar.
Juliana que isto soube
Pegou logo a chorar;
A mãe lhe perguntou:

— De que choras, minha filha?
« É Dom Jorge, minha mãe
Que com outra vae casar.
— Bem te disse, Juliana,
Que em homens não te fiasses;
Não era dos primeiros
Que as mulheres enganasse.

— « Deus te salve, Juliana,
No teu sobrado assentada!
« Deus te salve, rei Dom Jorge,
No teu cavallo montado.
Ouvi dizer, rei Dom Jorge
Que estavas para casar?
— « É verdade, Juliana,
Já te vinha desenganar.

Digitized by Google

« Esperae, rei Dom Jorge,
Deixa eu subir a sobrado;
Deixa buscar um copinho
Que tenho p'ra ti guardado.

— « Eu lhe peço, Juliana,
Que não haja falsidade;
Olhe que somos parentes,
Prima minha da minha alma.
« Eu lhe juro por minha mãe,
Pelo Deus que me creou,
Que rei Dom Jorge não logra
Esse seu novo amor.
— « Que me deitas, Juliana
N'este seu copo de vinho?
Estou com as redeas nas mãos
Não enxergo meu rucinho?
Ai, que é do meu paesinho,
Por elle pergunto eu?
Eu morro, é do veneno
Que Juliana me deu.

— Morra, morra o meu filhinho,
Morra contrito com Deus,
Que a morte que te fizeram
Ella quem vinga sou eu.
— « Valha-me Deus do céo
Que estou com uma grande dôr;
A maior pena que levo
É não vêr meu novo amor.

C. — VERSÃO DA ILHA DE S. MIGUEL

« Deus te salve, Juliana,
Sentada no teu estrado!
— Deus te salve a ti, D. Jorge,
Em cima do teu cavallo!

Digitized by Google

« Eu venho-te convidar
Se queres ir ao meu noivado?
— Espera-me ahi, D. Jorge,
Espera-me um poucachinho,
Emquanto-te vou buscar
Uma taça com bom vinho.

« Que me deste, Juliana,
N'esta taça com bom vinho?
Que tenho o freio na mão,
Não enxergo o cavallinho?

— Ahi servirá de exemplo
A quem o quizer tomar;
Quem deve as honras alheias
Comsigo ira pagar.
« Já minha madre o sabe
Que não tem o seu menino!
— Já minha madre o sabe
Que eu não tenho meu marido.

D. — VERSÃO DE TRAZ-OS-MONTES

— Apeia-te, oh cavalleiro,
Vamos d'ahi merendar.
« Tu que tens, oh Dona Ausênia
Guardado para me dar?
— Tenho vinho de ha sete annos
Guardado para te dar.
« Eu não sei, oh Dona Ausênia
Se será muito guardar. .
....
Dona Ausênia, Dona Ausênia,
Que botaste a este vinho?
— Eu botei-lhe resalgar,
E pós de lagarto moido.

Digitized by Google

« Oh meus filhos sem ter pae,
Minha mulher sem marido!
— Triste de ti, Dona Ausênia
Co'o teu credito perdido.

3) LA INNOBLE VENGANZA (VERSÃO DA CATALUNHA)

Aqui esta la Gudriana
En su jardi delicado,
Collintne lindas floretas
Per su lindo enamorado.
Mientras las estay cullendo
Don Guespo n'es arribado.

— Deu la guart, la Gudriana!
« Don Guespo ben arribado.
— Domingo eu sun de bodas;
Aqui vincho á convidarla.
« Que se senti aqui, Don Guespo,
En esta pedra picada,
Tomará un bocadito
Y en beurá una vegada.

Quant Don Guespo ho que begut
Ya no veya el seu caballo.
— Que m'has dat la Gudriana,
Que no veo mi caballo?
« L'hi dada una medicina
Qu'el Doctó no l'ha ordenado.
— Si tingués papé y tintero
Per escriure una carta
A la triste de mi madre
Que no'm veurá torná á casa.
A diez horas de la noche
Guespo malo yá n'estaba,
A las doce de la noche
Guespo muriendo ya n'estaba;

Digitized by Google

La punta de l'alba clara
Guespo enterrado estaba,
Ya portan la Gudriana
Que l'anavan á cremarla.

4) EL CONVITE (VERSÃO DAS ASTURIAS)

— Vengo brindado, Mariana,
Para una boda el domingo..
« Esa boda, Don Alonso,
Debiera ser comigo.
— Non es comigo, Mariana,
Es con un hermano mio.
« Siéntate aqui, Don Alonso
En este escaño florido,
Que me lo dejó mi padre
Para el que case comigo.

Se sentára Don Alonso,
Presto se quedó dormido;
Mariana como discreta
Se fue á un jardin florido.
Tres onzas de soliman
Cuatro de acero molido,
La sangre de tres culebras
La piel de un lagarto vivo,
Y la espinilla del sapo,
Todo se la echó en el vino.

« Bebe vino, Don Alonso,
Don Alonso, bebe vino.
— Bebe primero, Mariana,
Que asi está puesto en estilo.
Mariana, como discreta,
Por el pecho lo ha vertido,
Don Alonso, como joven
Todo el vino se ha bebido.
Con la fuerza del veneno
Los dientes se le han caido.

Digitized by Google

— Que es esto, Mariana?
Que es esto que tiene el vino?
« Tres onzas de soliman,
Cuatro de acero molido,
La sangre de tres culebras,
La piel de un lagarto vivo,
Y la espinilla del sapo
Para robarte el sentido.
— Sáname, buena Mariana,
Que me casaré contigo.

« No puede ser, Don Alonso,
Que el corazon te ha partido.
— Adios esposa del alma,
Presto quedas sin marido;
Adios padres de mi vida,
Presto quedaron sin hijo.
Cuando sali de mi casa
Sali en un caballo pio.
Y ahora voy para la iglesia
En una caja de pino.

Nos Cantos populares da Ukrania, colligidos por Chodakowshi, e publicados em 1834 em Moscou por Maximowicz *(Piesni Ukrainskic, wydane pzez P. Maxymowiza)* encontra-se uma *duma*, ou narrativa epica tradicional, cujo thema é em tudo similhante ao romance portuguez de *Juliana e Jorge*. Transcrevemol-o, da traducção publicada na Revista britanica (1845, t. 1, p. 634):

5) Oh! não vás á festa esta noite,
Gregorio, oh Gregorio!
Ha bruxas entre as raparigas formosas;
Gregorio, oh Gregorio!
Acautella-te da de cara trigueira,
Gregorio, oh Gregorio!
Porque ella deita-te o olhado fatal;
Gregorio, oh Gregorio!

Digitized by Google

Ella desenterrou a erva do domingo,
Ai! foi para ti, Gregorio!
Segunda feira de manhã lavou-a,
Ai! para o Gregorio!
Na terça feira ferveu a erva venenosa,
Ai! para o Gregorio!
Na quarta a peçonha estava feita,
Ai! para o Gregorio.
Quando na quinta, elle veiu, já não respirava,
Gregorio, oh Gregorio!
Na sexta feira levaram-no para a cova,
Gregorio, oh Gregorio!
A mãe bateu na filha, no sabbado
Gregorio, oh Gregorio!
— Filha ruim, porque o mataste tu?
Gregorio, oh Gregorio?
« Mãe, oh mãe, a afflicção não conhece justiça;
Gregorio, oh Gregorio!
Porque é que elle fez promessas fingidas a duas raparigas,
Gregorio, oh Gregorio?
Agora, elle já não pertence nem a uma nem a outra;
Gregorio, o perfido Gregorio!
Elle sustenta-se de terra fria e humida,
Gregorio, o falso Gregorio!
Tiveste a paga que mereceste
Gregorio, falso Gregorio!
Quatro taboas e um coval estreito e negro.
Gregorio, falso Gregorio!
Que os moços saibam o que os espera,
Gregorio, oh Gregorio!
Quando dão a palavra mentida a duas donzellas,
Gregorio, oh Gregorio!
Agora a tua sorte é ser pasto dos bixos,
Gregorio, oh Gregorio!
Emquanto eu vou logrando alegrias da vida,
Gregorio, oh Gregorio!
Oh judia, vem cá, traze-me o copo de vinho,
Gregorio, oh Gregorio!
Quero entoar o canto funeral do traidor
Gregorio, oh Gregorio!

Digitized by Google

Na *Historia do Lied, ou a Canção popular na Allemanha*, Edouard Schuré, traz uma ballada de origem sueca, intitulada *A historia de Olaf*, que pertence ao mesmo thema tradicional de Juliana e Jorge (p. 106 a 108):

6) Olaf, de noite pela floresta cavalgava destemido,
para o convite da boda; cantarolava divertido.

Os Elfs, dançaritando, atravessam-se lhe no caminho,
e a rainha da selva estende-lhe a sua mão branca.

— Salve, senhor Olaf! muito bemvindo seja!
Não foi para dansar commigo que viestes aqui?

« Dansar? não, eu não posso, não me apetece dansar.
Ámanhã, ao romper do dia é o meu casamento.

— Ouve lá, bello Olaf, vem dançar commigo,
Tenho duas esporas de ouro que guardo para ti.

Tenho o mais bello vestido, e o mais rico manto,
Meus dedos o teceram, e a lua os córou.

« Dansar? não, eu não posso, eu não quero dansar,
Ámanhã, ao romper do dia devo de estar casado.

— Ouve lá, bello Olaf, vem dansar commigo
No meu verde palacio tenho um montão de ouro para ti.

« De ti um montão de ouro bem quizera acceitar,
Mas, por amor de Deus, eu não posso dansar.

— Pois então, tu recusas-te a dansar commigo?
Que sem demora a morte vá comtigo na garupa.

Ella levanta o braço e toca-lhe sobre o coração.
« Meu Deus, que senti eu? Meu Deus, que dor!

E depois collocando-o pallido sobre o seu cavallo:
— Vae dansar ámanhã com tua amada no baile.

Digitized by Google

E quando elle chegou ao limiar do seu castello
Sua mãe o esperava, e lhe disse logo:

— Meu filho, o que é que tens? Filho, metes-me medo.
Porque trazes os olhos tão baços? de que é essa pallidez?

« Socegue, minha mãe! minha mãe, não tenha medo,
Uma Elfe das florestas me bateu sobre o coração.

— Deita te, filho querido; seja o teu somno socegado,
Á tua noiva, ai! o que é que lhe contaremos?

« Dizei-lhe que eu cavalgo por montes e por valles,
Que experimento na caça os meus cães e cavallos.

Elle deitou-se e dormiu. Ao romper da alvorada
Chegou a noiva, já pelo caminho cantando.

— « Que é isto? choraes, mãe? o que tendes? dizei-m'o.
Porque é que o meu amado não está ao pé de ti?

— Oh filha, elle cavalga por montes e por valles,
Experimenta na caça os seus cães e os cavallos.

A donzella levantou a coberta bordada a ouro,
E o senhor Olaf estava ali pallido e morto.

Nos Cantos populares da Escossia, ha um com o titulo *Lord Randal*, que é o mesmo thema da *Juliana e Jorge:*

7) — Onde estiveste, lord Randal, meu filho? Onde é que estiveste, meu lindo rapaz.

« Andei pelo bosque, minha mãe; fazei-me a cama depressa, pois que venho cansado da caça, e preciso deitar-me.

— Onde é que jantaste, lord Randal, meu filho? Onde é que jantaste, meu lindo rapaz?

« Jantei em casa da minha fiel amada, minha mãe; arranjae-me a cama depressa, porque venho cansado da caça, e preciso bastante deitar-me.

Digitized by Google

— O que é que tu comeste ao jantar, lord Randal, meu filho? Que foi que comeste ao jantar, meu lindo rapaz.

« Comi enguias cosidas, minha mãe; arranjae-me a cama depressa, porque venho cansado da caça e preciso bastante deitar me.

— Que é dos teus cães, lord Randal, meu filho? Que é feito dos teus cães, meu lindo rapaz?

« Elles incharam e morreram, minha mãe; arranjae-me a cama depressa, pois que eu venho cansado da caça, e bem preciso deitar-me.

— Oh! desconfio que estás envenenado, lord Randal, meu filho! Receio que estejas envenenado, meu lindo rapaz.

« Oh, sim, eu estou envenenado, minha mãe. Arranjae-me a cama depressa, porque estou a arder por dentro, e preciso deitar-me.

Walter Scott, *Cantos populares das fronteiras meridionaes da Escossia*, t. III, p 252. Trad. Artaud.

Aproxima-se mais da versão sueca este outro canto da Escossia, *Lord William:*

8) « William era o mais destemido cavalleiro, que a bella Escossia alimentava; e, ainda que afamado em França e Hespanha, caiu sob a mão de uma dama.

« Passeava sósinha uma donzella na orla d'esta floresta sombria, quando ella ouviu telintar umas rédeas; e desejou que este ruido fosse signal de uma aventura feliz.

« — Vem a meus braços, meu caro William, sê o bem vindo na minha casa; ali terás boa meza, vasta lareira e archotes em barda.

« — Eu não quero parar, não me atrevo a parar; não quero ir a teus braços: uma donzella mais linda do que tu dez vezes espera-me em Castlelaw.

« — Mais linda do que eu, Willie! donzella mais linda dez vezes do que eu, isso nunca viram os teus olhos.

« Inclinou-se sobre a sella para abraçal-a antes de partir; e com um punhalsinho muito agudo, ella lhe atravessou o peito.

« — Galopa, galopa, sir William, galopa, crava ambos os acicates; a tua linda menina de Castlelaw desespera de te não vêr chegar.

« Então fallou um bello passaro no alto de uma arvore: — Para que mataste este senhor tão nobre? Elle vinha para te desposar... (1)

(1) Chants populaires de l'Écosse, III, 234.

Digitized by Google

No resto do canto a donzella esconde o corpo do assassinado no seu aposento e só ao fim de um anno é que o disse á dama que a servia, deitando ambas o cadaver a uma corrente larga e profunda onde se sumiu.

9) (VERSÃO DA BRETANHA FRANCEZA)

—J'ai fait un rêve cette nuit
Que m'amie était morte,
Sellez, bridez-moi mon cheval,
Que j'aille voir m'amie.

Son cheval il s'est arreté
Près d'un buisson de roses.
De trois l'amant prit le plus beau
Pour donner à s'amie.

— Tenez, belle, prenez mon coeur,
Ce beau bouton de roses
La bell', je viens vous convier
De venir à mes noces.
La bell', la bell', si vous m'aimez
Ne changez pas de robes.
La première est de satin blanc,
L'autre est de satin rose.
La troisième est de beau drap d'or
Pour fair'voir qu'elle est noble.

Du plus loin qu'on la voit venir
« Voici la mariée !
— La mariée point ne la suis,
Je suis la délaissée.

L'amant vient, la prend par la main,
Et la mène à la danse
Après le quatrième tour
La belle est tombée morte.

Digitized by Google

Elle est tombée du côté droit
L'amant du côté gauche.
Tous les gens qui étaient présents
S'disaient les uns aux autres:

« Voilà le sort des amoureux
Qui en épousent d'autres. (1)

O nome de Jorge conserva a reminiscencia ligada ao typo de *S. Jorge e da Donzella*, que em Portugal apresenta os caracteres do mytho solar; o parentesco com a donzella é a relação do Sol com a Aurora; a circumstancia do cavallo define melhor o aspecto solar, que vae festejar o seu casamento no Domingo, dia consagrado ao Sol. É á meia noite, que Don Guespo succumbe, e enterrado ao despontar da alvorada, quando prevalece o crepusculo matutino. Nas versões da poesia do norte define-se melhor o caracter da amante: a cara trigueira, de olhar fatal, é o crepusculo vespertino, e o cavalleiro, que atravessa a floresta escura é seduzido pelo elf e encontrado morto pela noiva que o vem procurar de madrugada. Uma simples aventura romanesca de rivalidade amorosa não podia encontrar uma tão vasta idealisação; essa extensão nas tradições das Asturias e Catalunha, de Traz-os-Montes, ilha de S. Miguel, Ceará e Pernambuco, da Ukrania, da Suecia, da Escossia e da Bretanha, leva-nos á inferencia da constante elaboração de um mytho.

THEOPHILO BRAGA.

(1) J. J. Ampère, nas *Instructions relatives au Recueil de Poesies populaires de la France* traz este canto colligido na Bretanha pelo Dr. Roulin.

Digitized by Google

NOTAS

SOBRE A LINGUAGEM VULGAR DO PORTO (1)

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal.

CAMÕES, *Lus.*, VI, 52.

No nosso país, pelo que respeita á linguagem litteraria, não ha só incertezas e hesitações na orthographia, ha-as tambem quando se falla; ainda assim, a lingua escrita é mais uniforme que a oral. Num e noutro caso ha certos typos communs. Com relação á falla, tem-se, por exemplo, como culto pronunciar o *s* e o *z* á maneira do Porto (para a gente do Norte e de parte do centro do país), ou á de Lisboa (para a gente do Sul e do restante do país) em vez do *s* e *z* reversos, não confundir o *v* com o *b*, dizer *al*, *el*, etc. por *áur*, *éur* (minhotos), dizer *-ã* e *-ão* por *-ão* e *-óum* (id.), etc.; ainda assim, se uma pessoa bem educada nunca em caso algum dirá *v* por *b*, *áur* e seus congeneres, por *al*, etc., não raro porém á gente do Norte se ouve o *s* reverso e o *b* por *v*, mesmo fallando quanto ao resto com perfeição litteraria. Certos sons, como *ê* por *ei* (meridional), que não devem

(1) D'este artigo far-se-ha uma edição separada em volume, com o titulo de *Dialectos interamnenses*, IX (Linguagem vulgar do Porto),— como continuação de outros artigos que com aquelle titulo tenho publicado na *Revista de Guimarães*, d'onde tambem se fizeram edições em separado. Indico isto por causa das citações e referencias bibliographicas dos meus artigos ulteriores.

Digitized by Google

occorrer na linguagem culta, e que destoam completamente do que se passa nos dialectos septentrionaes, ouvem-se tambem uma vez ou outra no extremo Sul (Alemtejo e Algarve) ás pessoas instruidas; assim, em pleno parlamento, ouvi uma vez um deputado alemtejano dizer *ribêra* (= ribeira).

Em summa: postoque a lingua escrita represente um padrão, notam-se quasi sempre na pronúncia influencias locaes. De modo que muitas das particularidades provincianas não são apenas populares, pertencem juntamente ás pessoas civilizadas. A regra geral é ésta: quando essas particularidades não destoarem muito do que se escreve ou do que se tem como norma, não se evitam. Todo o bom portuense dirá, por exemplo, embora inconscientemente, *Pŭôrto, mŭôrto*, etc., e substituirá com facilidade o *b* ao *v*, dizendo *binho*, etc.; a mim mesmo, que não sou do Porto, e pertenço a uma região dialectal onde o *ô* se não ditonga em *ŭô*, já no fim dos dez annos que vivi naquella cidade, e apesar da natureza dos meus estudos, os ouvidos da gente do Sul me notaram ás vezes tal pronúncia. Vê-se d'aqui como a linguagem é em grande parte extremamente automatica.

O estudo dos dialectos tem pois maior significação do que parece á primeira vista, porque nelles não se encerra só a linguagem estrictamente popular.

É certo que, ao lerem isto que estou escrevendo, muitas pessoas, d'aquellas proprias que dizem *Pŭôrto* e *binho*, hão-de negar a minha affirmação, porque nestas questões de linguagem o hábito inveterado de escrever de certo modo, e o cuidar-se que se diz tambem de tal ou qual maneira, não deixam reflectir nos sons que realmente se pronunciam: mas nem por isso o que digo é menos verdadeiro. Já uma occasião me aconteceu notar eu na pronúncia de um meu condiscipulo beirão o *s* especial da sua terra (š), e elle, que tinha mais vaidade do que prática

Digitized by Google

de observar, responder-me enfurecido: *não ṣinhor, não ṣinhor...*, proferindo ao mesmo tempo, inconscientemente, e com grande emphase, o tal *s!*

Interessa por muitos motivos o estudo dos dialectos populares: em primeiro logar interessa á linguistica, porque elles, alem de serem boa e regular linguagem, fallada pela maioria da população do pais, e cujas relações com o latim e as outras linguas importa conhecer, dão ás vezes grande luz ás questões da linguagem litteraria, que não raro só por elles em muitos pontos se explica; em segundo logar interessa á psychologia e á glottologia geral, porque, tendo elles desenvolvimento mais livre e mais espontaneo do que a lingua culta, que está em parte muito subordinada á tradição litteraria, e sujeita, no estylo, no vocabulario, e ainda na syntaxe, aos caprichos dos escriptores de fama, podem então as leis vivas da linguagem ser mais facilmente surprehendidas na sua acção; em terceiro logar interessa á anthropologia, porque, do mesmo modo que a constituição geologica, a flora, a fauna, o clima caracterizam physicamente uma região, os dialectos, como os costumes, o typo anatomico, as aptidões estheticas, intellectuaes e moraes, as tendencias morbidas, caracterizam de certo modo as populações que se servem d'elles; por último, ainda o seu estudo aproveita aos tribunaes para a averiguação da identidade de pessoa, aos criticos para a determinação da procedencia de certos escritos, e aos romancistas, dramaturgos e folhetinistas, que a cada passo põem nos labios dos seus personagens o fallar do povo.

Estas considerações, postoque summarias, e sem exemplificação, justificam o vir eu occupar-me aqui da linguagem vulgar do Porto, — com quanto o que principalmente me mova a tal estudo seja a necessidade que tenho de conhecer por meudo, e classificar, todos os nossos idiomas locaes, para organizar por completo um dia a

Digitized by Google

Dialectologia Portuguesa, que absorve ha alguns annos grande parte da minha actividade.

Sobre a linguagem vulgar do Porto, além de uma ou outra observação isolada, devida a este ou áquelle investigador, não existe, que eu saiba, nenhum trabalho especial, a não ser um pequeno artigo publicado pelo Sr. Soeiro de Brito in *O Elvense*, n.º 151, de 9 de Julho de 1882, com o titulo de *Carta da Foz do Douro*, III. O auctor não pôs a mira em fazer um artigo philologico, e sim sómente em apresentar ligeiras considerações a correr, como *dilettante*; por isso não devo sujeitá-lo á critica: senão eu diria que quasi todas as suas observações são inexactas ou mal expostas. Desejo porém tocar num ponto. Diz o Sr. Soeiro de Brito: « Talvez pela grande affluencia de gente vinda do Brazil, de Inglaterra e outras partes, nestas terras as inflexões são diversas das do resto do pais, e os sons por vezes emittidos com uma falta de pureza que faz lembrar a lingua britannica ». Uma das questões mais difficeis da glottologia é determinar as causas primeiras das mutações phoneticas; todavia as pessoas estranhas ao assumpto julgam a este proposito com a maior facilidade. Evidentemente o Sr. Soeiro de Brito não poderia provar a sua affirmação, porque todos os sons da linguagem do Porto se manifestam, quer isoladamente, quer em grupos mais ou menos extensos, nos diversos pontos do pais. Não pareça isto contradicção com asseverar eu adeante que o *e* do ditongo *ei* e *em (œi, œ̃i)* se aproxima do *a* inglês de *bad* e *man*; se fallei aqui no inglês foi a titulo de comparação, e não porque eu reconhecesse ao som portuense origem britannica. Tambem se podia dizer que o som *ch* do Norte está proximo do do *c* italiano antes de *e* e *i*, e ninguem supporia que elle viesse de Italia. Ha em todas as linguas muitos sons iguaes ou parecidos que tem origem differente. Por tanto ás palavras do Sr. Brito opponho eu a seguinte proposição: NEM NA PHONETICA, NEM NA

Digitized by Google

MORPHOLOGIA, NEM NA SYNTAXE, HA NA LINGUAGEM PORTUENSE UM UNICO PHENOMENO QUE POSSA ATTRIBUIR-SE A INFLUENCIA BRAZILEIRA OU INGLESA. Com relação mesmo ao vocabulario, que é cousa perfeitamente externa e accidental, não conheço factos que demonstrem que no Porto a proporção dos vocabulos de origem estrangeira seja maior do que no demais Portugal.

Eu quisera no presente escrito offerecer aos leitores maior número de considerações, tanto mais que tenho pela cidade do Porto o affecto que se tem por uma segunda patria; mas, sendo-me preciso organizar estas notas á pressa, para satisfazer o pedido da redacção da *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro*, foi-me impossivel ser mais extenso por agora, e só noutra occasião completarei o estudo. Como porém vou em breve publicar um longo artigo sobre a linguagem de Guimarães, a qual tem intimas relações com a do Porto, fica em parte attenuada essa falta.

A) PHONETICA

OBSERVAÇÕES SOBRE A PRONÚNCIA

1. O *s* do Porto differe do de Lisboa, e é exactamente igual ao que eu ouvi a um natural do concelho de Olivença, provincia de Badajoz, em palavras taes como *soy, santo*, etc. Na minha *Evolução da linguagem*, Porto 1886, pag. 28-29, descrevi este som como uma *lingual dorso-apical, gingival superior, dental inferior*, i. é, como um som que se obtem tocando com o extremo dorsal da lingua nas gingivas superiores, e a ponta nos dentes in-

Digitized by Google

feriores. Ao *s* corresponde a sonora *z* (1). O *s* e o *z*, que, para commodidade representarei aqui por ç e *z*, só tem este som quando iniciaes e mediaes. O *s* e *z* finaes e antes de consoante surda, excepto *ch*, parece-me serem o *s* beirão attenuado, que aqui represento por *š*; antes de consoante sonora, excepto *j* e *rr*, parece-me serem o *z* beirão, tambem attenuado, que aqui represento por *ž*: assim temos *çá*, *pásta*, *nóš*, *nóço* (=nosso), e *zánga*, *cáza*, *páš* (=paz) (2). Antes de *ch*, *j* e *rr*, o *s* e *z* finaes confundem-se com o som seguinte. Antes de *s* porém não posso dizer agora se ha assimilação geral, se não; apenas posso dizer que a algumas pessoas cultas do Porto tenho ouvido pronunciar *aš çálas* (=as salas).

2. As vogaes são gutturalizadas, ao contrário do que succede no Sul; ésta gutturalização, augmentada da abertura da vogal, dá a certas nasaes um tom mui esquisito para os ouvidos meridionaes. — Cfr. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue port.*, pag. 9, nota.

3. O ditongo *ou*, quer oral, quer nasal, é aberto, i. é, pronuncia-se *òu*. Cfr. § 7-*a*.

4. O ditongo *ei*, quer oral, quer nasal (representado neste caso na lingua litteraria por *-em*), parece ter um som especial, comprehendido entre *éi* e *âi*, onde o som do *e* se aproxima do do *a* na palavra inglesa *man*, *bad*,

(1) Tanto o *s* como o *z*, em virtude do íntimo apêrto dos orgãos factores, produzem grande sibillo, que se torna muito sensivel ás pessoas estranhas á pronuncia portuense.

(2) Nos dois casos digo *parece-me*, porque talvez sejam *x* e *j* attenuados,—em todo o caso *x* e *j* diversos dos de Lisboa nas mesmas condições. Esses sons são difficeis de precisar, e eu não pude fazer ainda a observação completa.

Digitized by Google

etc. Este som não é especial ao Porto. Representando-o por *æ*, temos assim *ræi* (= rei), *bæ̃i* (= bem), *óntæ̃i* (= ontem), etc. — Tambem Barbosa Leão, nos *Elementos de grammat. port.*, Porto 1886, pag. 97, se aproxima da verdade quando escreve: «... o ditongo de *mãi* é um, e o de *bem* é outro» (pag. 97); mas elle imaginava que em *bem* era *êi* nasal, o que não é. Este som *êi* nasal só se manifesta no Sul. — Cfr. adeante.

5. O *p* é levemente aspirado em *pĭêna*, *prĕncípio* (o segundo *p*), *ópio*, etc.

Nota. Por commodidade typographica não noto estes diversos sons com signaes proprios, mas fique sabido que *em* final vale *æ̃i*, que *ei* vale *æi*, e o *ç* e o *z*, bem como o *s* final e antes de consoante conforme as posições, tem os valores assignalados no § 1.

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.

Digitized by Google

LISTE DES ODONATES DU PORTUGAL

ET NOTE CRITIQUE SUR LES

Onychogomphus Genei, Selys et Hagenii, Selys

Depuis plusieurs années je réuni des Odonates de tous les points du territoire portugais, dans le but de publier un travail étendu sur leur distribution géographique. Le résultat de ces recherches, que je crois pouvoir considérer comme à peu près complet, paraitra bientôt, mais je crois utile de publier déjà, quand ce ne serait que pour prendre date, la liste des espèces qui habitent notre pays, et je profite de l'occasion pour faire connaitre une des plus intéressantes l'*Onychogomphus Genei.*

Je dois la découverte de cette espèce à un des mes plus zélés correspondants mon regretté ami M. Antonio Guimarães, aide-naturaliste au Muséum, qui m'en a adressé un couple de Coruche en 1883. Cet envoi fut bientôt suivi de plusieurs autres, mais comme l'étude des *Onychogomphus* de ce groupe est très difficile et que je manquais de types de comparaison j'ajournai leur étude. Récemment M. le Prof. Achilles Costa ayant eu l'extrême obligeance de me communiquer un des mâles types de son *Gomphus excelsus* de Sardaigne je suis en demeure de publier mes observations sur la rare Gomphine portugaise, interessante addition à la faune de la Péninsule.

Section Zoologique du Muséum — Ce 10 Septembre 1890.

Digitized by Google

I.—LISTE DES ODONATES DU PORTUGAL

Un très petit nombre d'auteurs s'est jusqu'à présent occupé des odonates de la Péninsule; en réunissant toutes leurs citations relatives au Portugal on ne trouve mentionnées que 40 espèces dont trois doivent certainement être retranchées, ce sont *Lestes macrostigma*, *Erytromma najas* et *Platicnemis pennipes*. Aux 37 espèces restantes que j'ai toutes retrouvées, mes recherches me permettent d'en ajouter 12, ce qui porte à 49 le nombre total des espèces authentiques de notre pays. Dans la liste suivante j'ai marqué d'un astérique (*) les espèces que l'on a aussi signalées en Espagne et du signe ‡ celles que j'ai récemment découvertes.

Fam. 1. LIBELLULIDÆ

Sub-fam. 1. LIBELLULINÆ

‡ * *Diplax vulgata*, L.
* » *striolata*, Charpentier
* » *meridionalis*, Selys
* » *Fonscolombii*, Selys
* » *flaveola*, L.
‡ * » *sanguinea*, Müller
* *Libellula depressa*, L.
‡ * » *quadrimaculata*, L.
* *Libella cœrulescens*, Fab.
* » *brunnea*, Fonscolombe
‡ * » *nitidinervis*, Selys
‡ * » *barbara*, Selys
‡ * » *cancellata*, L.
* *Crocothemis erythrœa*, Brull.

Digitized by Google

Sub-fam. 2 CORDULINÆ

* *Oxygastra Curtisii*, Dale.

Fam. II. ÆSCHNIDÆ

Sub-fam. 1. GOMPHINÆ

‡ * *Onychogomphus uncatus*, Chp.
* » *forcipatus*, L.
‡ * » *Genei*, Selys
* *Gomphus simillimus*, Selys
* » *pulchellus*, Selys
» *Graslinii*, Ramb.
* *Cordulegaster annulatus*, Latr.

Sub-fam. 2. ÆSCHNINÆ

* *Anax formosus*, v. d. Linden
* *Aeschna cyanea*, Latr.
» *juncea*, L.
* » *mixta*, Latr.
* » *affinis*, v. d. L.
‡ » *rufescens*, v. d. L.
* *Fonscolombia irene*, Fonsc.

Fam. III. AGRIONIDÆ

Sub-fam. 1. CALOPTERYGINÆ

* *Calopteryx virgo*, L.
* » *splendens*, Harris
* » *hæmorrhoidalis*, v. d. L.

Digitized by Google

Sub-fam. 2. AGRIONINÆ

* *Lestes viridis*, v. d. L.
* » *nympha*, Selys
* » *virens*, Chp.
* » *barbara*, F.
* *Sympicna fusca*, v. d. L.
* *Platycnemis acutipennis*, Selys
‡ » *diversa*, Rbr.
* » *latipes*, Rbr.
* *Pyrrhosoma minium*, Harris
* » *tenellum*, De Villers
* *Ischnura Graellsii*, Rbr.
* *Enallagma cyathigerum*, Chp.
‡ * *Agrion pulchellum*, v. d. L.
* » *puella*, L.
‡ * » *cœrulescens*, Fonsc.
* » *Lindenii*, Selys.

Cette liste montre qu'à l'exception de cinq, toutes nos espèces ont déjà été signalées en Espagne et qu'au point de vue des Odonates notre pays ne présente aucun facies caractéristique. Par contre l'ensemble de la Péninsule forme peut-être une des faunes les mieux caractérisées de l'Europe.

Aux espèces déjà citées pour l'Espagne il faut ajouter:

Diplax pedemontana, All.
Libella albystila, Selys
Urothemis advena, Selys
Brachytron pratense, Müll.
Lestes macrostigma, Eversman
Platycnemis pennipes, Pallas
Ischnura pumilio, Chap.
» *elegans*, v. d. L.

Digitized by Google

et deux espèces douteuses, *Erythromma najas* et *Platycnemis pennipes*, ce qui porte à 57 le chiffre total des espèces Péninsulaires. Quand on considère cependant la situation géographique, la variété de climats et l'extension de l'Espagne, on a lieu de croire ce chiffre bien au dessous de la vérité quand l'Italie renferme 85 espèces, la France 74 et la Belgique 61.

De ces 57 espèces, une seule *Urothemis advena*, est spéciale à l'Espagne; deux *Libella nitidinervis* et *Onychogomphus Genei*, ne se retrouvent en Europe qu'en Sicile ou en Sardaigne, et deux autres *Libella barbara* et *Ichnura Graellsi*, ne se retrouvent pas en Europe, mais sont communes avec l'Algérie.

II.—NOTE SUR L'ONYCHOGOMPHUS, Genei

L'*Onychogomphus Genei* forme avec les *O. Hagenii*, Selys et *pumilio*, Rbr. un groupe très naturel dont les espèces sont très difficiles à distinguer, ceci tenant d'une part à ce que quelques caractères disparaissent presque par dessication, d'une autre part au petit nombre d'échantillons étudiés et en troisième lieu à ce que les deux sexes ont été pris isolément.

On a longtemps ignoré quel était le vrai mâle du *G. Genei* ♀ décrit par De Selys en 1841. Sa découverte en Sardaigne en 1882 par le professeur A. Costa, un an avant que je l'ai reçu du Portugal, est venue combler un grand desiderata des entomologistes.

M. de Selys n'a décrit que la femelle du *G. Genei* et M. Costa n'a publié qu'une diagnose du mâle, et il me parait indispensable de donner la description complète des individus du Portugal, que j'ai précédée de la synonimie

Digitized by Google

de toutes les espèces avec lesquelles on a confondu le *G. Genei*, ce qui fera sentir tout l'intérêt que présente la Gomphine portugaise.

BIBLIOGRAPHIE

DES

Onychogomphus Hagenii, Selys, Genei, Selys et pumilio, Rbr.

1817.—Savigny, J. C.—*Description de l'Égypte; Névropt.* pl. I, fig. 13 ♂; fig. 14 ♀.

L'auteur figure deux individus de ce groupe sans les nommer.

1838.—Burmeister—*Handbuch der Entomologie: Zweiter Band*, p. 832.

Burmeister rapporte les figures précédentes au genre *Diastatoma*.

1841.—Selys Longchamps, E. de.—*Nouvelles Libellulidées d'Europe;* Rev. Zoologique, p. 246.

L'auteur donne le signalement d'une Gomphine femelle qu'il a examinée au Musée de Turin, lors d'un voyage en Italie et qui a été recueillie en Sicile par Victor Ghiliani. Il la nomme *Gomphus Genei* en supposant que le mâle doit appartenir à la Section du *Gomphus unguiculatus*.

1842.—Rambur, *Hist. Nat. des Insectes Nèvroptères.*

Le *Gomphus pumilio* est décrit d'après un individu mâle d'Egypte de la coll. du Mus. de Paris; Rambur rapporte à cette espèce le couple figuré par Savigny.

Digitized by Google

1850.—Selys Longchamps, E. de et Hagen, H. — *Revue des Odonates ou Libellules d'Europe;* pp. 101 et 384.

Dans ce traité classique des Odonates on trouve d'abord avec peu de différence la caractéristique du *G. Genei* ♀ publiée en 1841 et à l'appendice à cet ouvrage une description complète du même individu. M. Hagen, collaborateur de M. de Selys croit pouvoir rapporter au *G. Genei* une femelle reçue d'Egypte qui se trouve au Mus. de Berlin.

1854.—Selys Longchamps, E. de—*Synopsis des Gomphines*, p. 17.

Dans cet ouvrage qui est le Prodromus de la monographie l'auteur mantient les *O. Genei* et *pumilio* et assigne pour patrie au premier la Sicile (Mus. de Turin) et l'Egypte d'après un couple existant au Mus. de Berlin.

1858.—Selys Longchamps, E. de et Hagen, H.—*Monographie des Gomphines*, Mém. Soc. Roy. Sc. Liège.

M. de Selys, tout en reconnaissant que l'*O. pumilio* diffère à peine de l'*O. Genei* de Sicile, maintient ces deux espèces; l'*O. Genei* étant connu par la femelle prise en Sicile et le couple d'Egypte; l'*O. pumilio* par un mâle type incomplet du Mus. de Paris, par deux individus pris en Egypte (coll. Selys), par un mâle de Chartum (Alyssinie) recueilli par Müller, par plusieurs rapportés de la même contrée par le Dr. Ruppell et par d'autres provenant d'Egypte et se trouvant au Mus. de Berlin.

M. Hagen figure en outre l'extrémité abdominale et les organes génitaux des deux espèces : pour l'*O. Genei* d'après le couple d'Egypte (fide Selys, Odon. Alg., p. 9).

1871.—Selys Longchamps, E. de.—*Nouvelle Révision des Odonates de l'Algérie;* — Ann. Soc. Ent. de Belg., tom. XIV, p. 9.

Une Gomphine recueillie à Oran par M. C Van-Volxem est considérée par l'auteur comme le vrai mâle de l'*O. Genei*. M. de Selys le décrit, figure les appendices et reconnait qu'il a réuni à tort à la femelle de Sicile le couple d'Egy-

Digitized by Google

pte examiné par M. Hagen et propose de le nommer *Hagenii*, en remarquant qu'il est extrèmement voisin du *pumilio* dont il se sépare par de légères différences.

1873.—Selys Longchamps, E. de.—*3èmes additions au Synopsis des Gomphines.*

L'auteur caractérise de nouveau les *O. Genei* et *Hagenii*: le *Genei* d'après le mâle d'Oran et la femelle de Sicile. l'*Hagenii* d'après le couple du Musée de Berlin, en remarquant qu'il est tellement voisin du *pumilio* qu'on ne peut l'en séparer que par des caractères très minutieux qui font croire à M. Hagen que ces deux espèces sont distinctes. Dans l'appendice, sur la liste des Gomphines connues, l'*O. Hagenii* est indiqué « Race de pumilio?»

1876.—Brauer, F.—*Die Neuropteren Europa's und insbesondere Oestesreich mit Kücksicht auf ihre geographische verbeitung.* Wien.

L'*O. Genei* est cité d'Italie (Turin) et d'Oran.

1878.—Selys Longchamps, E. de.—*4èmes additions au Synopsis des Gomphines.*

M. de Selys dit avoir reçu un mâle de l'*O. Hagenii* de Beyrut (Asie mineure) Dr. Standinger, en avoir examiné un autre de l'Abyssinie (coll. Mc Lachlan) et que le Dr. Hagen l'a reçu de Syrie communiqué per Lederer. L'examen de ces indiv. le conduit à considérer l'*O. Hagenii* décidément distinct du *pumilio*,

1879.—Pirotta, Romualdo.—*Libellulidi Italiani.*

Dans cet excellent mémoire l'auteur cite l'*O. Genei* de Turin? et de Sicile, et il fait remarquer que M. Brauer a certainement signalé par erreur cette espèce de Turin et non de Sicile, parceque l'exemplaire unique trouvé en Sicile est au Mus. de Turin.

Digitized by Google

1883.—Costa, Achille.—*Notizie ed osservazioni sulla Geofauna Sarda;* memoria seconda.

En publiant ces intéressantes recherches sur la faune terrestre de la Sardaigne, M. Costa décrit une Gomphine nouvelle le *G. excelsus,* Costa recueillie par lui en Mai et Juin 1882. En Sept. de l'année précedente l'auteur avait dejá signalé une femelle de cette rare espèce.

1885.—Selys Longchamps, E. de.—*Rectification concernant l'O. Genei;* Compt. R. Ent. Belg. XXIX, p. CXLVI.

M. de Selys ayant examiné un couple du *G. excelsus,* Costa reconnait que la femelle est identique avec le type ♀ de Sicile de l'*O. Genei* et que le mâle qui y appartient certainement était inconnu jusque là, tout au moins comme exemplaire européen.

Il propose d'appeler *O. Costæ,* Selys l'exemplaire d'Oran considéré à tort comme le mâle du *Genei* de Sicile et reconnait que l'*O. Hagenii* est très voisin des types de Sardaigne dont il est peut-être une simple race locale.

En réunissant toutes ces données la synonimie de ces *Onychogomphus* doit être établie ainsi:

ONYCHOGOMPHUS GENEI (SELYS)

1841.—*Gomphus Genei,* ♀ Selys, *Nouv. Libell. Europe,* l. c., p. 246.

1850—*Gomphus Genei,* ♀ Selys, *Rev. Odonates,* pp. 101 et 384.

1854—*Onychogomphus Genei,* ♀ (pars) Selys, *Synopsis des Gomphines,* p. 17.

1858—*Onychogomphus Genei,* ♀ (pars) Selys, *Monogr. des Gomphines,* l. c., p. 311.

Digitized by Google

1873—*Onychogomphus Genei*, (pars) ♀ Selys, *3.ème add. Syn. Gomph.* p. 9.
1883—*Gomphus excelsus*, ♂ ♀ Costa, *Geo-fauna Sarda*, mem. 2.ª, p. 89.
1885—*Onychogomphus Genei*, Selys. *Rectif.* l. cit., p. CXLVI.

Extens. géog.—1 ♀ Sicile (V. Ghiliani) Mus. de Turin
1... ♀... Siliqua, Nuoro, Env.ª Oristano (Sardaigne) en Mai, Juin, Septembre (A. Costa).

ONYCHOGOMPHUS HAGENII, SELYS

1850— — — ♀, Selys, *Rev. Odonates*, p. 384 (citation).
1854—*Onychogomphus Genei* ♂; ♀ (pars) Selys, *Syn. Gomph.*, p. 17.
1858—*Onychogomphus Genei* ♂: ♀ (pars) Selys, *Mon. Gomph.*, l. c., p. 311.
1871—*Onychogomphus Hagenii*, Selys *Nouv. Rév. Od. Algérie*, l. c., p. 15 (rectification).
1873—*Onychogomphus Hagenii*, ♂, ♀ Selys, *3.ème add. Syn. Gomph.* p. 11.
1878—*Onychogomphus Hagenii*, Selys, *4.ème add. Syn. Gomph.*, p. 21.

Extens. géog.—
1 ♂, 1 ♀—Egypte (Mus. de Berlin).
1 ♂,—Abyssinie (Coll. Maclachlan)
1 ♂—Beyrut (Syrie) Dr. Staudinger (Coll. Selys).
?—Syrie, Lederer (Coll. Hagen).

Digitized by Google

ONYCHOGOMPHUS PUMILIO (Rbr.)

1817— — — ♂ ♀, Savigny, *Descript. Egypte, Névropt.*, pl. 1, fg. 13 et 14.
1842—*Gomphus pumilio*, ♂, Rambur, *Hist. Névropt.* p. 154.
1854—*Onychogomphus pumilio*, ♂ ♀ Selys, *Syn. Gomph.*, p. 18.
1858—*Onychogomphus pumilio*, ♂ ♀ Selys, *Monogr. des Gomph.*, l. c., p. 314.

Extens. géog.—1 ♂, Egygte (Mus. Paris).
2 ? (id.) (coll. Selys).
1 ♂ Chartum, Abyssinie (coll. Selys).
♂... (Abyssinie) Dr. Ruppell.
?... Egypte (Mus. Berlin).

ONYCHOGOMPHUS COSTÆ, Selys

1871—*Onychogomphus Genei*, ♂ Selys, *Nouv. Rev. Od. Algérie*, l. c., p. 14.
1873—*Onychogomphus Genei* (pars) ♂, Selys, 3.èmes add. Lyn. Gomph., p. 9.
1885—*Onychogomphus Costæ*, Selys, *Rectification Onyc. Genei*, l. c., p. cxlvi (Rectification).

Extens. géog.—1 ♂ Oran (Cam. V. Volxem), Coll. Selys.

Digitized by Google

ONYCHOGOMPHUS GENEI, *SELYS* DU PORTUGAL

DESCRIPTION

♂ ADULTE (D'APRÈS 11 INDIVIDUS)

TÊTE—Lèvre inférieure gris-perle; supérieure blanche légèrement verdâtre, à peine roussâtre à la base sur les côtés.

Face et front vert-gai; front proéminent, échancré, un peu déprimé au centre, ayant à la base devant les antennes, une bande brune, étroite, sinueuse, interrompue au milieu.

L'espace des ocelles et celles-ci, noir.

Vertex et occiput jaunes, séparés par une impression un peu roussâtre. Occiput plat; lame presque droite, légèrement garnie de poils jaunâtres, courts, présentant sur deux individus une petite dent noirâtre de chaque côté, et sur trois autres une seule d'un côté.

Yeux gris-verdâtre; postérieurement jaune légèrement lavés de roussâtre.

PROTHORAX —Jaunâtre, brun noir au-milieu et un peu sur les côtés, bord postérieur un peu élevé, arrondi, non échancré.

THORAX—Vert comme le front, tirant sur le jaune postérieurement, et en dessous lavé de jaune un peu roussâtre et marqué de plusieurs traits d'un brun clair.

Les bandes bien visibles d'un roux ferrugineux. Médianes à peine séparées par l'arète verdâtre, étroites postérieurement, arquées en dehors, très larges antérieure-

Digitized by Google

ment ou elles sont confluentes avec les anté-humérales. Celles-ci un peu sinueuses, assez épaisses, assez rapprochées des humérales jusqu'aux deux tiers de leur hauteur, où elles tendent à leur envoyer un petit prolongement, puis s'en écartant et s'amincissant pour se joindre aux médianes et renfermer un espace allongé. Humérales droites, épaisses, touchant par en bas les anté-humérales. 1.ère latérale réduite à un vestige inférieur, noirâtre, 2.me complète, presque aussi large que l'humérale, 3.me nulle. Toutes trois réunies en dessous par une bande flexueuse noirâtre.

Attaches des ailes marquées de noir.

Ailes—Hyalines, quelques fois très légérement lavées de jaunâtre le long du bord costal à reticulation noire.

Costale jaune pâle en dehors jusqu'au pterostigma qui est grand, un peu dilaté, jaune-vert, entre deux nervures noires très épaisses, et largement bordé de noirâtre antérieurement.

Deux rangs de cellules postrigonales aux quatre ailes, précédés presque toujours de trois cellules aux inférieures, très rarement aux supérieures. Bord anal très excavé, denticulé dans l'excavation. Angle droit.

Membranule blanche, presque nulle.

Pieds courts. Fémurs jaune-vert à épines noires, fortes, très courtes. Les 4 postérieurs noirs en dedans. Sur les quatre antérieurs extérieurement une bande rousse, sur les postérieurs trois lignes brunes dont deux plus au moins réunies. Tibias jaunes en dehors, noirs en dedans, à épines longues noires. Une ligne noire extérieure sur les quatre premiers, double sur les postérieurs.

Tarses noirs; les 4 antérieurs jaunes en dehors, les postérieurs un peu roussâtres.

Digitized by Google

Abdomen - Cylindrique, épaissi au 1.er et 2.e segments, diminuant à la base du 3.e, très mince du 3.e au 6.e, les 4 derniers épaissis. Les 8.e et 9.e ont les bords très dilatés en feuilles. Le 10.e est court d'uns tiers moins long que le 9.e, large, á bord largement échancré peu denticulé.

Feuille du 8.e segment augmentant rapidement de la base jusqu'aux deux tiers du segment, puis paralléle et prolongée en un lobe arrondi, qui recouvre sensiblemente la feuille du segment suivant. Celle-ci arrondie en demi-cercle, un peu prolongée postérieurement, et presqué aussi large que la précédente.

Couleurs—1.er segment en dessus jaune vert avec une tache basale brune atteignant le milieu, sur les côtés d'un jaune plus pur.

2.e jaune-vert en dessus, d'un beau jaune sur les côtés, avec un cercle basilaire brun à peine séparé par le fond d'un demi-cercle noir situé aprés le tiers basal ; tous deux divisés par l'arête dorsale. Deux points médians noirs un-peu après le milieu. Une tache brune après les oreillettes qui sont vertes.

3.e 4.e 5.e 6.e à articulations étroitement cerclées de noir, d'un jaune-vert en dessus et sur les côtés ; blancs en dessous. Un cercle étroit noir au tiers antérieur, formant une petite croix avec l'arête dorsale de même couleur, et se croisant avec une bande latérale longitudinale brun noirâtre, inclinée d'avant en arrière, entière ou divisée au milieu. Au tiers postérieurs deux points médians noirs, entourés de brun qui augmente insensiblement du 3.me au 6.me segments, où il occupe tout le tiers postérieur.

7.me de même que les précédents, mais le fond est d'un jaune plus pur, les lignes noirs ont presque entiérement desparu, les latérales sout reduites à un vestige postérieur, et les deux points forment en dessus une ta-

Digitized by Google

che noirâtre bilobée en avant occupant le tiers postérieur.

8.me en dessus d'un jaune brunâtre, plus clair sur les côtés; bordé en dessus aux deux extrémités de noirâtre qui s'étend quelquefois plus au moins longitudinalement jusqu'à séparer du fond une tache en forme de trêfle, n'atteignant par les bords. Deux points medians noirs.

9.e même couleurs, mais la bordure noirâtre antérieure est seule un peu prolongée en angle de chaque côté. Pas de points médians noirs. Feuilles latérales de ces 2 segments largement bordées de noirâtre.

10.me comme le 9.me mais d'un jaune plus pur au milieu du dessus et en dessous, et 2 points medians noirs à peine visibles.

Parties génitales—Appendices anals supérieurs jaunâtres, à pointe brune, presque aussi longs que les deux derniers segments, épaissis à la base, comprimés dans leur première moitié, sub-cylindriques ensuite, bifides à leur extrémité; écartés autant que leur épaisseur jusqu'à leur milieu, où se termine un petit sillon interne supérieur, puis contigus et courbés régulièrement vers le bas.

Appendice inférieur jaunâtre, plus ou moins bordé de brun, de moitié plus court, divisé après son milieu en deux branches d'abord écartées, puis se touchant à leurs extrémités, et portant après leur origine un coude extérieur, puis une très petite dent, separés par une échancrure; le bout interne renflé, arrondi, cilié.

Vu de profil cet appendice est recourbé en haut dans ces deux premiers tiers et sa tête qui est dans le plan de l'abdomen a une double courbure qui fait presque insensiblement suite à la première.

Parties génitales du 2.me segment peu proeminentes. Pièce antérieure jaune à base noirâtre.

Hameçons antérieurs tout noirs, postérieurs jaunes

Digitized by Google

avec le bord supérieur noir. Cuieller, penis et sa gaine, noirs excepté la coulisse qui est jaunâtre.

Les oreillettes du 2.ᵉ segm. sont assez fortes triangulaires, à dentellures variables.

♂ JEUNE diffère de l'adulte par :

La face et le front d'un blanc grisâtre; le thorax jaune légèrement verdâtre et les bandes plus claires, les médianes à peine visibles et représentées par un vestige figurant leur bord externe, la première latérale un peu moins rudimentaire ; le Ptèrostigma jaune pâle entre deux nervures noires épaisses et non bordé de noirâtre ; les Fémurs jaunes ; le fond des 1.ᵉʳ-6.ᵉ segments de l'abdomen jaune très légèremement verdâtre, les dessins noirs du 8.ᵉ-10.ᵉ segments brun clair et un peu oblitérés.

♀ ADULTE (d'aprés 6 individus).

Ressemble au mâle adulte pour la coloration ; voici les principales différences :

1.°—Bande brune devant les antennes plus étroite à peine marquée.

2.°—Lame occipitale présentant de chaque côté 4-7 petites dentellures noirâtres à peine visibles.

3.°—Bandes du thorax plus claires, moins distinctes; l'anté-humérale un peu plus fine et un peu plus éloignée de l'humérale.

4.°—Ailes un peu plus lavées de jaunâtre; ptérostigma jaune moins bordé de noirâtre antérieurement.

5.°—Lignes des fémurs moins marquées, tarses postérieurs plus clairs, presque comme les antérieurs.

6.° -Abdomen mince, un peu comprimé, èpaissi aux deux premiers segments et un peu vers l'extrémité; bords des 8.ᵐᵉ et 9.ᵉ seg. à peine dilatés.

7.°—3.ᵉ-7.ᵉ segments comme chez le mâle, mais l'arête dorsale noire est à peine marquée et les deux points

Digitized by Google

médians ne sont pas entourés de brun; 8.e et 9.e bordés de noirâtre seulement aux deux extrémités; 10.e tout jaune, à bord postérieur noir au dessus.

8.°—Abdomen terminé par une protubérance conique, à pointe émoussée, presqu'aussi longue que le 10.e segment, jaune, séparant les appendices qui sont très minces, trés pointus, jaunes à pointe brune, doubles de la protubérance.

9.°—Écaille vulvaire courte, triangulaire, jaune bordée de noir, divisée en deux pointes aigues par une échancrure étroite, quadrangulaire.

10.°—Oreillettes du 2.e segments, rudimentaires.

♀ JEUNE diffère de l'adulte par;

La face et le front d'un blanc grisâtre; la bande devant les antennes reduite à quelques traits peu marqués; le thorax jaune légèrement verdâtre; les bandes médianes nulles, la 1.e latérale un peu moins rudimentaire; le ptérostigma jaune très pâle non bordé de noir; les fémurs jaunes: le fond des 1.er-6.e segments de l'abdomen jaune très legèrement verdâtre.

♀ TRÈS JEUNE. Voici ses différences de la femelle jeune:

Fond de la couleur jaune pâle, excepté les lèvres, le rhinarium, les côtés du thorax, et la poitrine blanchâtres.

Bande brune devant les antennes, nulle.

Espace des ocelles jaune pâle.

Lame occipitale inerme.

Lobes du prothorax séparés par une impression brunâtre.

Bandes du thorax d'un jaune roussâtre, à peine visibles.

Médianes plus subitement élargies en avant; 1.e et 3.e latérales complétes.

Nervures jaunes et brunes excepté la médiane noire; bord anal plus arrondi.

Digitized by Google

Les pieds jaunes excepté un vestige en ligne brunâtre à l'extrêmité des fémurs, les postérieurs un peu plus longs.

2.ᵉ-7.ᵉ segments tout jaunes excepté un cercle étroit noir au tiers antérieur interrompu au milieu et deux points medians au tiers postérieur, marqués aussi sur le 8.ᵉ; tout les autres entièrement jaunes.

App. anals un peu plus courts, plus épais moins pointus, tout jaunes. Protubérance pointue.

Échancrure de l'écaille vulvaire un peu moins étroite.

Hab. en Portugal—Coruche, sur les bords du Rio Sorraya en Juin et Juillet (Antonio Guimarães).

Digitized by Google

DIMENSIONS (1)

	♂			♀			♂ de Sardaigne
	Moyenne (2)	Minimum	Maximum	Moyenne (2)	Minimum	Maximum	
Longueur total	46	43	47	46	44	48	44
Abdomen	30-31	28	31 1/2	—	31	34 1/2	31
Appendices anals supérieurs	3	—	—	1 1/2	1 1/4	1 2/3	3
Fémurs postérieurs	4 1/2	4	4 1/2	4 1/2	4 1/2	5 1/2	4 1/2
Largeur de la tête	6 2/3	6 1/3	7	7	6 1/2	7 1/3	6 1/2
Longueur des ailes supérieures	25-26	25	27	28	27 1/2	29	25
» » » inférieures	23 1/2	23	25	26 1/2	25 1/2	27	23
Largeur des ailes supérieures	6 1/3	5 2/3	6 1/2	7	6 1/2	8	6 1/3
» » » inférieures	8	7 1/2	8 1/3	8 1/2	8 1/4	9	7 2/3
Ptérostigma	—	3	3 1/3	3 1/2	3 1/4	4	3
Cellules qu'il surmonte	4-5	3	6	4	3	5	6-5 4-5
Nervules anténodales : aile supérieure	12	10	14	12-14	11	14	11-11
» » » inférieure	9-10	8	10	9-10	8	10	9-9
» postnodales : » supérieure	5-6	4	8	6-7	5	8	5-4
» » » inférieure	6-7	5	10	7-8	6	8	6-6

(1) en millimètres.
(2) fréquence maximum.

Digitized by Google

Rapports et différences.—Le mâle de Sardaigne est parfaitement identique à quelques individus du Portugal et la ♀ type De Sicile décrite par de Selys ne diffère pas des femelles presque adultes que j'ai sous les yeux.

Quand à l'*Onychogomphus Hagenii*, voici en quoi Il différe:

Taille un peu plus petite; ailes relativement un peu plus courtes;

Ptérostigma un peu plus court, surmontant 3 cellules et demi; 10 à 12 nervules anténodales aux ailes superieures, 6-9 aux inférieures; 5 à 6 post-nodales aux quatre ailes;

Feuilles du 8.ème segment paraissant moins parallèle et prolongée par un lobe moins arrondi;

Appendice anal inférieur un peu plus élargi vers l'extrémité et appendices supérieurs paraissant plus bifides que chez le *Genei*.

L'écaille vulvaire de la femelle est identique.

Obs.—Les différences indiquées montrent que l'*O. Hagenii* est extrêmement voisin du *Genei* dont il ne constitue certainement qu'une race habitant la Syrie, l'Egypte et l'Abyssinie.

Les deux formes se distinguent mieux de l'*O. pumilio* quoique par des caractères très minutieux, mais les appendices du mâle sont très différents.

Quand à l'*O. Costœ* il appartient au groupe de l'*O. grammieus* par ses appendices anals.

Albert A. Girard.

Digitized by Google

VARIA

Éffets de la semi-domestication sur le daim (Dama vulgaris), **d'après M. Keilhack.** (1)

Le daim, originaire des contrées méditerranéennes, a été introduit dans l'Europe centrale et septentrionale pendant l'ère chrétienne et il n'y a même que quelques siècles qu'il a été introduit dans l'Allemagne du Nord.

Ce fut donc une découverte fort intéressante que celle d'une armure complète de daim faite à 10 lieues de Berlin, dans des alluvions préglaciaires.

M. Keilhack mesura 16 dimensions sur cette armure, et mit les chiffres obtenus en regard des mêmes dimensions mesurées sur les 30 plus grandes armures provenant de daims actuels de l'Allemagne du Nord.

Ce tableau comparatif fait voir une série de différences entre le daim fossile et le daim actuel. La meule, la perche, les andouillers et la palmature ont une épaisseur plus grande ; l'andouiller inférieur parait avoir été dévié vers le bas et l'andouiller supérieur dévié vers le haut. La longueur totale du bois est moindre, ce qui concourt avec sa plus grande épaisseur pour le faire paraitre plus ramassé. L'angle formé par la base des deux bois est moins obtus, ce qui les fait paraitre plus rapprochés. L'armure du daim actuel montre donc une tendance à l'affaiblissement, au bénéfice de l'élégance.

M. Keilhack voulut constater si la même tendance se trouve aussi chez les daims habitant les contrées considérées comme leurs pays

(1) *Keilhack.* Ueber einen Damhirsch aus dem deutschem Diluvium. (Jahrbuch der Preussischen geologischen Landesanstall und Bengakademie für 1887. Berlin, 1888, p. 283-290, pl. XI).

Digitized by Google

d'origine et, dans ce but, demanda des renseignements à Lisbonne et à Athènes.

L'armure du daim grec se rapproche d'une façon remarquable de l'armure fossile, tandis que la plus grande armure qui se trouvait alors au musée de Lisbonne (1) présente exactement les caractères de celles qui proviennent des daims actuels de l'Allemagne du Nord.

Or il est à remarquer que le daim vit en Grèce à l'état sauvage, tandis qu'en Portugal il est entretenu dans des parcs, exactement comme en Allemagne, où il subit depuis plusieurs siècles une semi-domestication à laquelle on peut attribuer les modifications précitées.

Ayant eu dernièrement à faire une excursion au Monte Junto (point culminant, 566^{m}), j'entendis les vieillards de la contrée dire qu'il y a une cinquantaine d'années cette montagne était couverte d'une épaisse forêt qui abritait des daims et des loups, animaux actuellement complètement disparus de cette contrée. Ils admettent que les daims s'étaient échappés d'un parc des environs d'Alcoentre, mais ne donnent pas de preuves à l'appuis.

Il semble plus naturel de considérer le Monte Junto comme le dernier refuge du daim sauvage dans cette partie du Portugal. En tous cas, cette montagne a été habitée par des cervides depuis les temps les plus reculés, car des fouilles faites dans les cavernes ont fourni des restes de cervides de l'époque néolithique. En outre, une grotte situé sur la crête orientale, à environ 1200^{m} au N. E. du signal trigonométrique d'Espigão, et à l'altitude d'environ 370 mètres parmi lesquels ceux des cervides se trouvent en grande quantité.

Mentionnons encore la présence de cervides dans des depôts d'une autre contrée, d'âge intermédiaire entre ceux de l'époque quaternaire et ceux de l'époque néolithique, les kjoekkenmœdding de la vallée du Tage.

Malheureusement les bois ne sont représentés que par des fragments, aussi bien dans ces derniers dépôts que dans les précédents.

P. C.

(1) Cette armure n'appartient pas au Musée national, elle avait été envoyée au préparateur par un habitant de la ville.

Digitized by Google

OS MORTOS

ANTONIO ROBERTO PEREIRA GUIMARÃES

Foi Pereira Guimarães quem succedeu a Felix de Brito Capello no estudo e determinação das collecções carcinologicas e ichtyologicas do Museu Nacional. Tam infeliz como o seu antecessor, Pereira Guimarães falleceu depois de uma longa e afflictiva doença, deixando um espolio scientifico que affirma bellas qualidades de intelligencia e de trabalho e do qual destacamos os estudos seguintes:

Liste de quelques espèces de poissons d'eau douce de l'intérieur d'Angola, in *Jornal* da Academia, vol. VIII, n.º XXX, Lisboa, 1881.

Description d'un nouveau poisson du Portugal, in *Jornal* da Academia, vol. VII, n.º XXXI, Lisboa, 1881.

Lista dos peixes da ilha da Madeira, Açores e das possessões portuguezas da Africa, que existem no Museu de Lisboa, in *Jornal* da Academia, vol. IX, n.º XXXIII, Lisboa, 1882.

Description d'un nouveau poisson de l'intérieur d'Angola, in *Jornal* da Academia, vol. IX, n.º XXXIV, Lisboa, 1882.

Diagnoses de trois nouveaux poissons d'Angola, in *Jornal* da Academia, vol. X, n.º XXXVII, Lisboa, 1884.

Supplemento a Lista dos peixes da Madeira, etc., in *Jornal* da Academia, vol. X, n.º XXXVII, Lisboa, 1884.

R. P.

Digitized by Google

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda de sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A Sociedade Carlos Ribeiro tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista:*

Em. de Munck. — *Proposition pour l'organisation d'une excursion géologico-archéologique à faire à Maëstricht*, 8.°, 7 pag., Bruxelles, 1888.

— *Documents pour servir à l'étude des mœurs judiciaires et des usages au XVIII siècle dans le Luxembourg belge*, 8.°, 8 pag., Bruxelles, 1888.

— *Les Micault belges*, 8.°, 47 pag., III pl., Bruxelles, 1889.

— *Mémoire de Em. de Munck répondant en partie aux questions: — 1.° l'homme a-t-il vécu à l'époque tertiaire? — 2.° Quel est l'état de la question de l'homme tertiaire en Belgique?* 8.°, 23 pag., Bruxelles, 1888.

— *Étude à faire sur les gisements, les caractères physiques, chimiques, minéralogiques et paléontologiques des roches taillés pour l'homme préhistorique*, 8.°, 11 pag., Bruxelles, 1887.

Prince Albert de Monaco. — *Expérience de flottage sur les courants superficiels de l'Atlantique-nord*, 8.°, 14 pag., Paris, 1890.

— *Sur la faune des eaux profondes de la Méditerranée au large de Monaco*, 4.°, 3 pag., Paris, 1890.

Sociedade de Geographia de Lisboa. — *Mensagem, ao rei, sobre o Tratado Luso-britannico*, Lisboa, 1890.

F. Adolpho Coelho. — *Contos populares portuguezes*, 8.°, 165 pag. Lisboa, 1879.

Silva Vieira. — *Materiaes para a historia das tradições populares do concelho de Espozende*, in-16.°, 114 pag., Espozende, 1888.

— *Ramalhete de canções populares colhidas no concelho de Espozende*, in-16.°, 15 pag., Espozende, 1887.

Armando da Silva. — *Folk-lore e Dialectologia de Espozende* (Noticia bibliographica) in-16, 32 pag., Espozende, 1890.

Soeiro de Brito. — *Linguagem infantil*, in-16.°, 18 pag., Espozende, 1890.

— *Litteratura popular alemtejana: — As Brotas*, in-16.°, 9 pag., Espozende, 1890.

— *A poesia popular alemtejana*, in-16, 51 pag., Espozende, 1890.

Paul Choffat. — *Sur une station préhistorique à Obidos et sur la dispersion de l'Ostrea edulis aux temps préhistoriques*, in 8.°, 2 pag., Lisboa, 1890.

Paul Sèbillot. — *Les pendus*, 8.°, 19 pag., Vannes, 1890.

— *Études maritimes* (Les coquillages de la mer. Les zoophytes. Les crustacès), 8.°, 20 pag. Vannes, 1890.

Digitized by Google

Revista Bibliographica e de Geographia, fasc. 1-4, Lisboa, 1890-91.
Revista Archeologica, Tom. IV, n.º, Lisboa, 1890.
Revista de Guimarães, Vol. VII, n.os 3-4, Guimarães, 1890.
Revista do Minho (para o estudo do *Folk-lore*), Vol. VI, n.º 10. Espozende, 1890.
Boletim da Sociedade Broteriana, Tom. VII, fasc. 4 e tom. VIII, fascs. 1-2, Coimbra, 1889.
O instituto, Vol. XXXVII, n.os 11-12 e vol. XXXVIII, n.os 1-3, Coimbra, 1890.
Revista de Obras publicas e minas. Vol. XXI n.os 249-250, Lisboa, 1890.
Revue scientifique. Tom. 46. n.os 1-2 e tom. 47, n.os 12 14, Paris, 1890.
Mélusine. Tom V. n.os 2-8. Paris. 1890.
Revue de philologie française et provençale, Tom. IV, fasc. 2-4, Paris, 1889.
Bulletin de la Société Zoologique de France, Tom. XV, n.os 6-10 Paris. 1890.
Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Etnologie und Urgeschichte, n.os de fevereiro-dezembro, Berlin, 1890.
Bulletin de la Société Vaudoise des sciences naturelles, Vol. XXV, n.os 101-102, Lausanne, 1890
Feuille des jeunes naturalistes, Tom. XX, n.os 238-241, Paris, 1890.
Bulletin de l'Institut Egyptien, 2me série, n.º 10, Cairo, 1890.
Bulletin de la Société des Sciences historiques et naturelles de Semur, 2me série, n.º 4, Semur, 1890.
Bulletin du Comité géologique de St. Pétersbourg, Tom. IX, n.os 1-8, St. Pétersbourg, 1890.
Supplément aux Bulletins du Comité géologique de St. Pétersbourg, 1890.
Mémoires du Comite Géologique de St. Pétersbourg. Tom. IV, n.º 5, Tom. V, n.º 1 e 5 e Tom. X, n.º 1, St. Pétersbourg, 1890.
Verhandlungen der kaiserlich-koniglichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien, N.os de outubro-dezembro de 1890, Vienna.
The journal of the anthropological institute of Great Britain and Ireland, N.º de Fevereiro de 1890, Londres.
Annales de la Société belge de microscopie, Tom. XIV, Bruxellas, 1890.
Bulletin de la Société belge de microscopie, Tom. XVI, n.os 8-11 e tom. XVII, n.os 2-4, Bruxelles, 1890.
Abstracts of the procedings of the geological Society of London, n.º 551, Londres, 1891.

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes

Publicação da Sociedade Carlos Ribeiro

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

A *Revista* sahirá regularmente quatro vezes por anno em fasciculos de 48 pag., 8.º

Portugal — Anno ou serie de 4 numeros ... 1$200 reis
Numero avulso ..... 300 »

Paizes comprehendidos na União postal:

Anno ..... 8 fr.
Numero avulso ..... 2 »

Para os outros paizes não fazendo parte da União accresce o porte do correio.

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores—*RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO*

Volume Segundo—N.° 6

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80, Rua da Fabrica, 80

1891

Digitized by Google

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

Notas sobre a linguagem vulgar do Porto (conclusão), por J. Leite de Vasconcellos . . . . . pag. 49
Contribuições para a fauna malacologica da Madeira, por Augusto Nobre . . . . . pag. 77

VARIA

Explorações archeologicas, por Santos Rocha . . . . pag. 85

BIBLIOGRAPHIA

Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal

I — F. Paula e Oliveira — *Note sur les ossements humains existants dans le musée de la Commission des travaux géologiques*, por R. S. . . . . pag. 88
II — Alfredo Ben-Saude — *Note sur une météorite ferrique trouvée à S. Julião de Moreira, près de Ponte de Lima (Portugal)*, por R. S. . . . . pag. 88
III — Dr. Welwitsch — *Quelques notes sur la géologie d'Angola, coordonnées et annotées par M. Paul Choffat*, por R. S. . . . . pag. 89
IV — J. F. Nery Delgado — *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e alabastro de Santo Adrião e das grutas comprehendidas nos mesmos jazigos*, por R. S.. pag. 89

NOTICIA

As conferencias do dr. Julio de Mattos sobre o caso Charles Petit, por J. B. . . . . pag. 91

Digitized by Google

NOTAS

SOBRE A LINGUAGEM VULGAR DO PORTO

(Conclusão)

I. Nasaes.

6. *a*) O *a* nasal e o *a* antes de *m*, *n* e *nh* são abertos em syllaba tonica, por ex.:

cáma	*sángue*	*muntánha*
pánno	*sánto*	*bánho*
rámo	*cámpo*	*bánha;*

em syllabas atonas porém só o *a* nasal é aberto, o outro é fechado, ex.:

càndieiro	*câminho*
zàngar	*pânninho*
abràndar	*tâmánho*
càntoneiro	*arrânhár.*

A abertura do *a* é a mesma que se nota em *pàdeiro*, *lá*, *máto*, etc.

Digitized by Google

b) O *a* é igualmente aberto em *máĩ* (mãe), que não rima com *bem*, ainda que alguns poetas portuenses, á imitação dos do Sul, etc., pertendem ás vezes fazer rimar essas palavras, por ex.: Guilherme Braga nas *Heras e violetas*, Porto 1869, pg. 96 e 235; o mesmo poeta faz rimar *mãe* com estas palavras: *ninguem* (pg. 200), *tem* (pg. 61, 62 e 260) e *tambem* (pg. 28 e 246). Como disse, taes rimas repugnam aos ouvidos portuenses.

c) Ao lado de *sángue*, tambem tenho ouvido no Porto dizer *sáingue*, mas não geralmente.

7. *a*) Ao archaico *-om*, ao moderno *-om*, e ás vezes (por confusão) ao moderno *-ão*, quando tonicos, corresponde *-óum* (i. é, *óu* nasal) com *o* um pouco aberto, mas menos que em *dó* (isto é, com um *o* = ao de *óu* portuense em *pouco*, *vou*, etc.). Exemplos:

Bulhóum (*Bolhão*, nome de uma praça)
móum (= mão)
curaçóum
carbóum
póum (plur. *pŭóĩs*).
cóum (= *com* em pausa)
irmóum (plur. *irmŭóĩs*)
sóum (= som).

Este facto, que eu já notei em 1885 nos *Dial. Minhotos*, I, 1, foi tambem observado, em parte, por Barbosa Leão nos seus *Elementos de gramatica portugueza*, Porto 1886: «...devemos aqui apreciar uma pronuncia que existe no Minho..... E' inquestionavel que nesta provincia a pa-

Digitized by Google

lavra *bom*, p. e., jeralmente não se pronuncia *bôm:* dão-lhe o som do ditongo *ou* com entonação do nariz. Do mesmo modo aqui a maior parte não pronuncia, p. e., *razão amárão amarão;* pronuncião-se tambem estas palavras com o som d'esse ditongo. Portanto em Entre Douro e Minho uza-se o ditongo *ou* nazalado» (1).

b) O litter. *-om*, quando tonico, dá tambem frequentemente *-ão*, tanto em pessôas cultas como incultas: é um caso de regressão phonetica. A professores de ensino superior tenho eu ouvido no Porto dizer *são* (=som), e a um professor de um lyceu do Minho ouvi uma vez dizer *Chardrão* (em vez *Chardron*, nome de um livreiro portuense).

E' tal a intensidade do facto, que até ás vezes occorre a palavra *som* em rima com *-ão*: nas *Scintillações e Sombras* de Ernesto Pires, Porto 1883, lê-se:

Querendo-nos fugir no derradeiro *som*
. . . . . .
No fogo da *paixão* (2):

nuns versos publicados no n.º 252 do jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 1885, lê-se tambem:

E ainda que parece um sonho, uma *illusão*
. . . . . .
Que jamais tua pequenina boca articulasse um *som*.

Póde ao repente julgar-se que aqui se deve pronunciar *sóum*, *paixóum* e *illusóum*, em harmonia com o

(1) Pag. 98. – O A. diz que esta pronuncia se estende muito pouco ou nada fóra da provincia; mas eu tambem a achei em Tras-os-Montes: vid. *Flores mirandesas*, passim.

(2) Pag. 102. – Ernesto Pires não era do Porto, mas, por aqui ter vivido muitos annos, adquiriu a pronúncia portuense, como eu sei pelas intimas relações de amizade que houve entre mim e elle.

Digitized by Google

§ 7-*a*, mas tal não me parece o caso, porque gente de alguma cultura não diria facilmente *paixóum*, etc. (1)

c) Sobre *o* nasal quando tonico e não está em terminação, vid. § 10-*c* e § 22.

d) Ao arc. *-om* atono (mod. *-ão)* corresponde geralmente *-o* (i. é, *u* abafado), ex.: *fôro* (=arc. *forom*, mod. *fôrão* ou *foram*), *viero* (=arc. *vierom*, mod. *vierão* ou *vieram*) etc.

e) Geralmente *on (om)* atono medial muda-se em *un (um)*. Ex.:

cumboio	*cumtigo*
cumprar	*cum préssa*
tumbar	*acuntecer*.

Este facto, que é parallelo ao que se nota no § 8-*b*, é commum a todo o Baixo-Minho, e denuncia immediatamente qualquer habitante d'esta região, culto ou inculto. As cacographias com *un (um)*, por *on (om)* são em grande abundancia; até uma vez na dissertação de um estudante do 5.º anno de Medicina, do Porto, vi que elle tinha escrito com perfeita consciencia *puntada* (=pontada)! Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonètique de la langue portug.*, pg. 46, nota.

(1) Nos «Rascunhos sobre a gramm. da ling. portug.» de B. C. (Baptista Caetano), Rio de Janeiro 1881, pag. 167, diz o A. que no Brazil, em vez de *bom*, se diz *bão*. Citando esta passagem, diz tambem o sr. Adolpho Coelho: «A fórma *bão* que o dr. Caetano cita como popular no Brazil encontra-se ao norte de Portugal com frequencia, como *são* por *san*, *tão* por *tam*, e ainda *irmão*, *vão*, *chão*, etc. por *irmã*, *vã*, *chã*»; vid. *Os Dial. roman. ou neo-lat. na Africa, Asia e America*. II, 7.

Digitized by Google

f) Nestas palavras *on* atono medial (antes de *s*) desnasalou-se: *custipar* (constipar), *cussigo* (=comsigo).

8. *a*) O *e* antes de *m* e *n*, na pronúncia da gente culta, abre-se, em syllaba tonica, por ex.: *pêna, Êma*, etc.; na pronúncia popular segue a lei geral do *ê*, exposta no § 10-*a* (cf. § 22).

b) Como succede com *on (om)*, que dá *un (um)*, tambem *en (em)*, quando atono e medial, dá *ĕn (ĕm)*. Com *ĕ* denoto o som do *e* da palavra *se;* é pois *ĕn (ĕm)* um *e* surdo nasal. Ex.:

rĕnder	*bĕntosa*
bĕnder	*arrĕndar.*

Ésta pronúncia tanto se observa nos doutos como nos indoutos. Conheço pessoas, que, apesar de muito illustradas e terem vivido longos annos longe do Minho, e outras até fóra do continente português, não perderam ainda a pronúncia nativa. — Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue portug.*, pg. 46, nota.

c) No povo ouve-se tambem *prĕncipio* (=principio), *sĕm sinhor* (=sim senhor), palavras que se poderão explicar por dissimilação.

9. Ao litterario *-ã (-an, -am)* corresponde *-ão* (com *a* aberto), por ex.:

Càmpanhão (= Campanhã)
minha irmão (=minha irmã)
mação (=maçã. No plur. *maçãis*). (1)

(1) Na *Descrição do reino de Portugal* de Duarte Nunez do Leão, Lisboa 1610, fls. 125 lê-se *maçães*; mas talvez seja erro do

Digitized by Google

Cf. Adolpho Coelho, *Os dial. roman. ou neo-latinos na Africa, etc. etc.*, II, 7.

II. Ditongação.

10. *a*) Ao *e* que na lingua usual soa *ê*, quando tonico, corresponde *ĭê* em qualquer circumstancia. Ex.:

Ĭêma	*pĭêna*
ĭêlle	*mĭênos*
bĭênto (= vento) (1)	*ĭêu*
quĭênte	*mĭêu*
sĭêmpre	*tĭêu.*

b) As syllabas *-elho (-elha)*, e *-enho (-enha)* pronunciam-se assim *-éilho (-éilha)* e *-éinho (éinha)*, por ex.: *téilha*, *véilho*, etc. Numa cacographia moderna achei tambem: *conséilho*, *joéilho*. Já em ms. portuenses (papeis particulares) do sec. XVIII achei *Botéilho*.

Assim *velho* e *velha* rimam bem com todas as mais palavras em *-elho* e *-elha*, o que se não dá noutras provincias. Ex.:

A luz do pôr do sol tornava-te *vermelha*

. . . . . .

De ir puxar pela capa á tua irmã mais *velha*. (2)

imprensa, pois no mesmo livro, a fls. 62 r. e v., ha varias vezes *maçaãs*. Sem embargo, na ed. de 1785, pag. 297, repete-se *maçaẽs* — O mod. plural portuense (e baixo-minhoto) *maçãis* é por analogia com outros nomes de sing. *-ã* e plur. *-ães*.

(1) Devo dizer que em palavras com *en* medial tonico várias vêzes ouvi pronunciar esta syllaba não *ĭén*, mas sim *œn*, ou com um som parecido, por ex.: *vœnto*, *rœnde*, *fœnda*, *acœnde*. Mas este phenomeno, ainda que não seja esporadico, como talvez é, não tem grande extensão.

(2) G. Braga, *Heras e violetas*, pag. 43.

Digitized by Google

Deve-se ler *verméilha e véilha*. Noutras provincias diz-se *vermêlha* e *vermâlha*, etc.

Em E. Pires, *Scintill. e sombras*, pag. 114, vêem-se tambem a rimar *velhas* e *abelhas*.

As rimas, por ex., de *tenha* e *montanha* são por tanto defeituosas na litteratura portuense, pois aquellas palavras pronunciam-se no Porto *téinha* e *muntánha*.

Os poetas nem sempre são criterio seguro para provar factos phoneticos, porque ás vezes regulam-se pela vista e não pelo ouvido (1), e outras vezes seguem os poetas de outras localidades (2); mas todos os exemplos que cito neste escrito são comprovativos, porque eu conheço de ante-mão a pronúncia geral.

c) Como succede com o *ê*, o *ô* da lingua litteraria tem como correspondente *ŭô* (3), quando tonico, por ex.:

Pŭôrto	*cŭôdia*
cŭônde	*Rŭôma*
pŭônte	*ŭôdre*
fŭônte	*medŭôrra*
mŭônte	*ŭônda*
descŭônto	*sŭôno*
pŭôis	*lŭôdo.*

Esta ditongação é principalmente sensivel junto das

(1) Assim G. Braga tem *dé* a rimar falsamente com *fé*, etc.

(2) Assim o citado poeta faz rimar falsamente (segundo a phonetica do Porto, entende-se) *ninguem* com *mãe* (cfr. supr. § 6-*b*), e E. Pires faz rimar *ditoso* com *repouso* (*Scintill. e sombr.*, pag. 119), á imitação dos poetas do Sul, pois tal rima é impossivel no Porto.

(3) Este som é um ditongo crescente, cuja base é *ô* e cujo *ŭ*, como eu já disse nos *Dial. interamn.*, *VI*, 4, é attenuado, i. é, com pouca labialização. Assim a pronúncia de *ŭôsso* (na phonetica do Porto) differe da de *o ôsso* (na phonetica do Sul, etc.).

Digitized by Google

labiaes (cf. *Dial. interamn.*, VI, 4); mas dá-se tambem no *o* inicial e junto de outras consoantes, como mostram os exemplos indicados.

Quem primeiro notou, que eu saiba, embora incompletamente, este phenomeno de ditongação forão os auctores da *Livraria classica portugueza* (1), no vol. III, Rio de Janeiro, 1865, pag. 349. A respeito do verso do *Cancioneiro* de Resende

Pola maldade do erro passado

dizem elles: «como ainda hoje se pronuncia no Porto, *puola*» (2).

d) Sobre outros casos de ditongação vid. §§ 4 e 7.

III. Linguaes.

11. *a*) Geralmente no Baixo-Minho a vogal (*a*, *e*, *i*, *o*) que precede o *l* que fecha syllaba ditonga-se em *u*, passando de ordinario o *l* a *r*. Com relação ao Porto tenho nas minhas notas os seguintes factos:

cául (= cal, ouvido em Paranhos)
aurto (= alto) } (ouvidos em Grijó, c. de Gaya).
pármo (= palmo) }
càrcanhar (= calcanhar)
árcançar (= alcançar)
gáurgo (= galgo)
úrtimo (= último)
azur (= azul)
Liupurdina (= Leopoldina)
bórta (= volta)
cállo (sendo gutturalisado o primeiro *l*).

(1) Castilhos (Antonio & José).
(2) Pag. 123.

Digitized by Google

b) Em grupo de cons. + *l*, este *l* dá *r*: *suprimiĕnto* (=supplemento), *cumpréto* (=completo).

c) De *deslocar* fez-se *desnucar*.

d) O *e* atono que precede *r* muda-se em *a* por influencia da lingal: *libaral, amaricáno* (ao lado de *mèricáno*).

IV. Apoio.

12. Não só depois das consoantes finaes, mas ainda depois dos ditongos finaes, apparece um *e* surdo (na emphase talvez ás vezes *i*):

máre	*dóuze* (=dous)	*Juóŭe* (isto é,
mulhére	*réize* (=reis)	*Ju-óŭ-e*).

Em pausa, no acto de chamar, creio ter ouvido: *Ó Manuélĭ*... *Ó Raúlĭ*..., com prolongamento de *e* e *u*.

Este phenomeno do apoio é já notado no seculo XVI por João de Barros, que diz: «*Paragoge*, quer dizer *acreçentamento*; cometefe este uiçio (sic), quando em fim dalguã paláura fe acreçenta letera ou syllaba, como fe faz nos rimãçes antigos, que por fazerem cõfoante diziã,— *os que me foë* GUARDARE, por *guardar*». Vid. *Compilação de varias obras*, ed. de 1785, pag. 163.— O mesmo se dá em gallego antigo e moderno: vid. Saco Arce, *Gramat. gallega*, Lugo 1868, pag. 20-21 e nota.— Tambem o mesmo succede noutras linguas.

V. Dissimilação.

13. *a*) De consoante:

cangrĭêna (=gangrena)
selativa (=sedativa)

Digitized by Google

reflètario (= refractario)
alurisma (= aneurisma, * anurisma)
outro ex. no § 11 -*c*.

b) De vogal: *rezóum* (= *razão* e *razom;* ou ha influencia de *rezar?* Já no sec. XVI ha *rezão*.)

medŭôrra (= modorra)
Bergina (= Virginia)

Nada d'isto é porém caracteristico da linguagem d'aqui.

VI. Assimilação:

14. *a*) De consoante:

mai'nada (= mais nada)
ĭneições (= ĭleições [cfr. § 19 -*a*] = eleições
qué-los (= quer los).

b) De vogal:

inzeminar
letrina
queridade
Demióum
(ĕ... i = a... i).

VII. Hiato.

15. *a*) O hiato annula-se frequentemente por intercalação de vogaes que podem formar ditongo com a vogal antecedente. (Cfr. *Dial. beirões*, V, 5), ex.:

Digitized by Google

ó-u-Ána (=oh Anna)
foss'ĭêu a-i-elle
a-i-água
é-u-a posse (=é a posse).

b) A syllaba *-oa* dá *-óua: bóua* (bóu-a), etc. Numa cacographia (annúncio) achei: *pão broua.*

c) O dissyllabo *ruim* sôa *rúim* (*rúi* nasal, monosyllabo).

VIII. Syncope.

16. *a*) Dá-se syncope do *i* em *sàóte* e *màór* (mas é possivel que ás vezes se intercale um *u*).

b) Ouve-se ás vezes *umazmána* (=uma semana). Como *uma* é palavra proclitica, o *e* syncopou-se, e o *s*, antes de consoante sonora, deu normalmente *z*. Igualmente ouvi: «no principio *dazmána*» (da semana).

IX. Labiaes.

17. *a*) E' facto já observado ha seculos que no Minho o *v* se troca facilmente pelo *b*, dizendo-se *binho*, *bós*, etc. Muitas vezes o povo, julgando exprimir-se com mais polidez, diz *vótas* (=botas), *vóum* (=bom), etc. As proprias pessôas cultas dizem frequentemente *b* por *v* (mas não o inverso), como em geral em todo o Norte. Os poetas até não põem dúvida em rimar palavras em que entra *b* com palavras em que entra *v*, como:

Os sonhos em que te *absorves*
. . . . . .
A' luz no seio dos *orbes*. (1)

(1) G. Braga, *Heras e violetas*. Porto 1869, pag. 18.

Digitized by Google

Nemrod e Constantino admiram quem os *salva:*
A clemencia do archanjo envolve o duque *d'Alba* (1).

Infinito azul sem *nuvens*

. . . . . .

Foram das virgens de *Rubens* (2)

Nos dois quartetos de um soneto achei tambem rimando entre si: *enraivas saibas caibas laivas* (3).

E' claro que em todos esses casos o *v* se pronuncia inconscientemente *b*. Os exemplos mostram bem a extensão e intensidade do phenomeno.

b) Por influencia das labiaes *b* e *m*, diz-se *dubaixo* (= de baixo), *bubĭêr* (= beber), etc. Em flagrante ouvi uma vez: «ai! que *mu* mátam!», onde o *u* de *mu* (= me) resulta da influencia do *m* seguinte, como em *rumendo* (= remendo); naquella phrase *me* é proclitico, e portanto, quanto ao som, faz parte da palavra seguinte.

X. Palataes.

18. *a*) Contrariamente ao que succede no Sul, diz-se *cáïxa, báixo, feixe,* etc. Em Guilherme Braga encontro tambem as rimas.

Não ha depois quem se *queixe*

. . . . . .

Das rodas do teu *caleche* (4)

o que indica a pronúncia *caleiche* (*ch* soando aqui *x*).

b) Sobre *-elh-* e *-enh-*, vid. § 10-*b*.

(1) Id., *ib.*, pag. 234.
(2) E. Pires, *Scintillações e sombras,* Porto 1883, pag. 55.
(3) M. de Moura, in *O cartão de visita* (periodico litterario), de 19 de Agosto de 1886, pag. 57.
(4) *Heras e violetas,* pag. 168.

Digitized by Google

XI. Nasalação (cfr. cap. I)

19. *a*) O *e* (i) inicial nasala-se, por ex.:

invaporar (= evaporar)
indurĭêto (= idureto = iodureto)
ĩmànginar (= imaginar)
ĩrrar (= errar)
inzeminar (= examinar).

b) Em *amuntolia* (= beir. *amotolia*), de *almotolia*, o *m* nasalou a vogal seguinte; vid. o *Vocabulario*.

c) Em *ĩmànginar* dá-se tambem o mesmo phenomeno que em *mànjór* (= *major*, termo milit.), etc.

XII. Notas várias sobre as vogaes e ditongos.

20. *a*) *Esdruxulos*. Nos esdruxulos, o *i* postonico, quando se segue consoante, muda-se facilmente em *e*: *máquena*, *tíseco*, *sismátego* (o que já succedia no latim vulgar). E' o primeiro passo para a syncope. Quando se segue vogal, o *i* cae ás vezes, como em *Antóno*, *mulésta* (= molestia), *Bergina*; mas este facto, que é caracteristico de certas regiões do Sul, não é geral aqui no Porto.

b) Pronuncia-se aberto o *a* atono de *debàgar*, *pàgar*, *apàgar* (1).

c) O ditongo *eu* é reduzido a *u* em *alurisma*. — Vid. o *Vocabulario*.

(1) Vid. o *Vocabulario*.

Digitized by Google

d) Diz-se *pĭêza* (=arc. *pêsa*, mod. pésa), *tife* (=tifo), *premeiro* (= primeiro), *suféca* (do verbo *suffocar*).— Vid. o *Vocabulario* — Diz se tambem *dĕsdelogo* (= desde logo), com o primeiro *e* surdo, por causa da proclise.

e) O *-iu* pronuncia-se como ditongo (e não dissyllabico, como na Beira): assim *fugiu*, *mĕntiu* não podem rimar com *tio*, *rio*, etc. Na palavra *periodo* o *-io-* sôa tambem *iu* (ditongo), de modo que a palavra tem só tres syllabas, — ou duas, quando se disser *p'riudo*.

b) Diz-se *ugual* (igual), e apocopa-se o *a* em *mèricáno* (= carro americano).

XIII. Notas várias sobre as consoantes.

21. *a*) A *-es* + cons. corresponde *-s*. Ex.: *sprar*, *star*, *sprito* (= espirito), *screbĭêr* (= escrever).

b) A palavra *vomitar* deu *gomitar*, como noutros pontos do pais.

B) MORPHOLOGIA

I. Verbos.

22. Fórmas varias: *q'ĭrêndes* (= quereis); *ĭêu pŭôs* (= eu pus), d'onde tambem *pŭô-lo*; *pus* (= pôs) (1); *stĭêbe*

(1) Aproveito a occasião para explicar a formação do verbo *pôr*. Em port. arc. era, como se sabe, *poér* (de outra fórma mais arc. *põer*, i. é, *pòér*, com accento no *e*) que vem do lat. *ponere* (i. é, *ponére*);

Digitized by Google

(= estive). A uma regateira no Porto ouvi *fazo* (= faço), mas não sei d'onde era. Nos verbos temos que notar as seguintes inflexões das vogaes: *tĭêmo, témes, téme, temĭêmos, témãi*; *cŭômo, cómes, cóme, cumĭêmos, cómãi,* — o que é excepção ao § 10 *-a-c.* — Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue portug.*, 46, nota. Este facto entra numa categoria mais geral; vid. Epiphanio Dias, «Gramm. portug. elementar», 8.ª ed., pag. 46-50.

II. Artigos.

23. Como noutras partes do pais, conserva-se ainda a antiga pronúncia *ũa* (= modern. *uma*). E' notavel que os proprios poetas em certos casos a adoptem, por exemplo:

Oh não insulteis nunca *ũa* mulher perdida (1)
Como as canções d'*ũa* mãe (2)
O archanjo da poesia estende-te *ũa* mão (3)
Se levanto *ũa* mortalha (4)
Julgo-a assim como *ũa* vaga (5)
Nem mesmo espelha *ũa* imagem (6)
Ao ver passar *ũa* mãe (7)
Que destinava ao peito d'*ũa* amada (8)

poer tinha, segundo a regra, o futuro e condicional *poerei* e *poeria*, que na phonetica vulgar se deviam pronunciar *porei* e *poria* (cfr. *posia* = *poesia*). Ora como os condicionaes e futuros são formados do infinitivo com *-ei* (i. é, *hei*) e *-ia* (de *havia*), em *porei* e *poria* viu-se tambem *por-ei* e *por-ia*, i. é, destacou-se um infinitivo *pôr*. E' escusado pois recorrer á contracção inorganica de *poer* em *pôr*, ou á hypothese, que me parece inverosimil, de *pòer* com o accento tonico no *o*.

(1) G. Braga, *Heras e violetas*, Porto 1869. pag. 69.
(2) Id., *ib.*, pag. 94.
(3) Id., *ib.*, pag. 136.
(4) Id., *ib.*, pag. 169.
(5) Id., *ib.*, pag. 192.
(6) Id. *ib.*, pag. 242.
(7) Id., *ib.*, pag. 260.
(8) E. Pires, *Scintill. e sombras*, Porto 1883, pag. 112.

Digitized by Google

Se a memoria me não falha, Garret propõe numa nota das suas obras (não posso agora verificar) que se adopte *ũa* quando se seguir *m*, para evitar cacophaton. Nos citados exemplos colhidos em Guilherme Braga, vê-se que cinco vezes *ũa* fica effectivamente antes de *m*, apezar de no 5.º exemplo resultar o cacophaton *comũa* (que no N. é synonimo de *sentina*, pelo menos na Beira-Alta). No ex. de Pires o emprego do *ũa* em vez de *uma* foi tambem para evitar o cacophaton *u-màmáda*.

III. Particulas.

24. *a*) Em vez do adv. *antes* diz-se, e tambem ás vezes se escreve, *em antes* (pronúncia *im ántes*). Assim ouvi muitissimas vezes a pessoas illustradas, e até a professores meus, e vi frequentemente nos jornaes; aqui só posso citar estes versos publicados em folhetim da *Discussão*:

> E' um templo a officina. *Em antes* d'esbanjar
> Aprende com suor quanto vale o trabalho.

Este phenomeno, que é muito commum no Porto, não sei se se estende a todo o Baixo-Minho.

b) O adv. *mal* foi adjectivado no deminutivo, nesta phrase: «F. está *málzinho*». Poisque se diz *está mal* como *está bom* (correspondentemente a *está bem*), o *mal* foi tomado por adjectivo. Outro modo interessante de dizer é: *vou ŭond'á fûônte*; cfr. *Dial. Minh.*, I, 14.

c) Antes de vogal ouvi pronunciar *mas* como *meij*... em emphase, ex.: «*meij* um dia», etc.

d) Vid. no «Vocabulario» *antre d'onte*.

Digitized by Google

IV. Formação de palavras.

25. Notem-se as seguintes palavras, sobre algumas das quaes vid. o Vocabulario: *averdado* (por *esverdeado*), *anegrestado*, *queimŭôr*, *bolar*, *pagadeira*, *lavradeira*, *cantadeira* (por *cantora*), *nubéla*, *malcriadeza*, *desapartar*, *ó destĭêmpo* (*fóra* do tempo) e *desminuir*.

V. Etymologia popular.

26. Notarei aqui: *passa* (=*passe* do comboio), *nem rei nem roca* (Roque), *contra facas não ha argumentos*. Nesta ultima phrase *facas*, por *factos*, resulta de *factos* se pronunciar ás vezes *faktos*.

C) SYNTAXE

27. *a)* Em flagrante apanhei uma vez esta phrase: «*foi o aquelle*», onde *o* determina mais o pronome.

b) Outra phrase, tambem apanhada em flagrante: «*sabeis que de mais*» (= que mais).

c) Ouve-se várias vezes: *vocês q'rĭêndes*.

d) Com o verbo *dever* emprega-se *de*, ex.: «*tu debes de dizer*».

e) Com quanto não sejão geraes como na Extremadura (cf. *Dial. extrem.*, I, pag. 18), todavia tenho ouvido ás crianças phrases como estas: «a gĭênte bámos brincar», «a gĭênte num dànçámos».

Digitized by Google

D) TEXTOS

A's vezes os romancistas, os dramaturgos, e em geral os litteratos, querendo dar ás suas composições certo tom local, põem a gente do povo a fallar dialecto (1). Póde pois por aqui fazer-se ideia da falla do povo. Outras vezes apparecem mesmo textos mais extensos, embora nem sempre com rigor phonetico. A este propósito é interessante notar que num jornal de caricaturas, do Porto, chamado *Charivari*, ha várias cartas escritas em lingua popular, por satyra. O 1.º n.º d'esse jornal é de 13 de Novembro de 1886; percorri os 109 primeiros numeros, e nelles achei cartas em quasi todos até ao n.º 48 inclusivè; d'esse n.º até ao 109.º não ha nenhuma, e d'ahi em deante não sei, porque não pude obter a collecção (2). Quem falla na primeira carta é um *cidadão eleitor*, que diz ser da Callaecia, tomando-se aqui *Callaecia* como synonimo de todo o Minho; outras cartas porém são datadas da *Penajoia*, terra que se escolheu de proposito, por ser uma das muitas no nosso país cujos habitantes são apodados sem dó pelos das terras vizinhas (3). O auctor ou auctores das cartas, com quanto ás vezes tenham graça, cahiram no contra-senso de commetter propositadamente erros de orthographia, imaginando que era com elles, e não com a transcripção phonetica, rigorosa ou aproximada, da linguagem vulgar, que davam relêvo ao dizer do povo! Assim se vê lá escrito: *á* (= ha) ao lado de *chrubim*, *pençam* ao

(1) A nossa litteratura de cordel é abundante a este respeito. Já tenho publicado alguns espécimes, e tenho ainda bastantes para publicar. — Por falta de tempo não menciono aqui alguns casos em romances do Porto.

(2) Ao meu amigo Rocha Peixoto agradeço o ter-me offerecido quatro numeros.

(3) Cf. os meus *Dictados topicos de Portugal*. pag. 12, § 29.

Digitized by Google

lado de *pasiensia*. *anus* (= annos) ao lado de *anos*, *pur* ao lado de *no*, *pasçar* ao lado de *cunfeso*, *u* ao lado de *veio*, *vai-ce*, *ce*, *du*, *citio*, etc. Um mixtiforio! Ora, claro está que não é escrevendo-se *du*, *nu*, *u*, *citio*, etc., que se representa a linguagem do povo, porque toda a gente, culta ou não, pronuncia assim. Apesar das incoherencias da orthographia e do variado das fórmas, vê-se que a linguagem que se tentou representar nestas cartas foi a do Entre-Douro-e-Minho (1): *parciom* (= pareciam), *minhão* (= manhã), *onde* (= hão-de), *saverom* (aliás *-óum*, = saberão), *vandulho* (= bandulho), *andom* (= andam), *cumprar* (= comprar), *mões* (= mãos), *rezom* (= razão), *saingue* (= sangue), *cunfurtarem* (= confortarem), *num* (= não, proclitico), *ventage* (= vantagem, arc. *ventagem*), *urtimas* (= ultimas), etc. Como amostra mais completa, dou aqui um fragmento da primeira carta, que eu annoto em alguns pontos:

«Savendo pur linhas travésas u cuanto Vosurias istom (2) resolvidos a defender a jente (3) da nósa calácia contra os calumviadores (4) da pulitega (5) réles, eu venho umildemente pedir a Vosurias u favor de me conseder (6) um nisquinho (7) du seu jornal pra dizer quatro coisas a tal respeito. Im prumeiro (8) lugar tenho a de-

(1) Se quem escreveu as cartas soubesse que a linguagem da Penajoia pertence a outro systema dialectologico diverso do do Baixo-Minho, não teria escolhido certamente essa terra para assumpto da satyra.

(2) Aliás *stóum*.

(3) Aliás *giénte*.

(4) Desconheço ésta fórma, que é curiosa, se é authentica.

(5) Cfr. § 20-*a*.

(6) O povo usa effectivamente a fórma apparentemente impessoal pela pessoal,— isto pelo facto de *-em* se desnasalar.

(7) Como quem diz «um cantinho, um bocadito».

(8) Outra fórma irmã de *premeiro*. Influencia da labial; cfr. § 17-*b*.

Digitized by Google

zer-le (1) que esti (2) ano a respeito de carneiro cum vatatas nas inleições, (3) — *quero quê dêle* — , nicles (4)! I ölhe (5) quê (6) foi uma falta de todo-los diavos; porquê, imfim, (7) eu cá i mais alguns rapazes du éco sempre arranjavamos uns 10 têstos (8) cada um, i o vandulho (9) xeio (10) du tal *agnós dei cum élas*, acumpanhado (11) com um verdasco (12) di xupêta! Era mesmo um fartóte di alto lá cum êle! Mais (13) u quê eu num (14) póso luvar (15) á pasiencia, i u quê me léva de todo-los diavos é dezerem us priódicos que cá um ómeim (16) cumo eu num tem ópiniães (17) pulitegas!». Etc.

Com um pouco de estudo, e de bom senso no orthographar, ficavam aqui uns bellos textos de linguagem portuense, e em geral minhota. Claro está que numa orthographia phonetica ou sonica se póde adoptar *u, nu, du,* etc. (em doc. mss. do sec. XII, em português, tenho

(1) Em ling. culta, *dizer-lhe*.

(2) O *e* final antes de vogal sabe-se que vale *i*.

(3) Cfr. § 19-*a*.

(4) *nicles* significa *nada*. Esta palavra não é mais, quanto a mim, que o latim medievel n i c h i l (=nihil), tornado **nikel* **nicle* (cfr. pop. *utel* =util; *arratle*, etc.) com a adjuncção do -*s* que se costuma juntar a certos adverbios.

(5) E', de certo, erro typographico, talvez por *ôlhe*.

(6) Só se diz *quê* na pausa, por emphase.

(7) Cfr. § 19-*a*.

(8) =*tostões*, por zombaria. A fórma arch., ainda pop., é *testões* (cfr. fr. *teston*, it. *testone* — De *testa*).

(9) *v* = *b*.

(10) E' outro exemplo da pouca critica de quem escreveu a carta, pois o povo do Norte diz *ch* e não *x*.

(11) Cfr. § 7-*e*. O *agnôs* =*agnus* é por graça *borrego*.

(12) Por *vinho verde*.

(13) Por *mas*, lat. *magis*. É muito usado no Norte e em gallego.

(14) Cfr. § 7-*e*. Isto é, arc. *nom* em proclise.

(15) Influencia da labial. Cfr. § 17-*b*.

(16) Cfr. § 4.

(17) Cfr. § 9, nota 1.

Digitized by Google

achado a serio *u* =o, etc.); mas mantenha-se coherentemente essa notação em todo o discurso,—porque o texto não é para os olhos, é para os ouvidos e para a intelligencia.

E) VOCABULARIO

Aguneie, *agonie* (agoniar). Por confusão entre os verbos em —*ear* e —*iar*. Derivado de *agonia*, que vem do gr. ἀγωνία. — Fórma de origem litteraria.

Alurisma, aneurisma.—A fórma intermédia é **aleurisma* por dissimilação (l... m=n... m), onde o *eu* atono foi reduzido a *u* como em pop. *Uropa* (=Europa), pop. *Ulaia* (=Eulalia). —Do lat. *aneurisma* (orig. grega). Fórma de origem litteraria.

Amuntelia, *almotolia* (na Beira-A. *amotolia*, etc.) — Aqui a nasal provém da influencia do *m* inicial, como em *mũito,*=arc. e dial. *múito*. De origem arabe, *almotlî*, por dissimilação de *l...l*.

Anegrestado, *tirante a negro,* i. é, *escuro.*—A palavra decompõe-se em *a-negr-est-(ado)*, onde *-est* é suffixo analogico e raro; cfr. *agreste*.

Antre d'onte, antes de ontem.—Assim ouvi a uma regateira, mas não sei d'onde era. O *s* antes de *d* dá ás vezes *r*, como *amor-dois* (=amos dois =*ambos*), *dêrde* (=desde), na Estremadura.

Apágár, *apagar.*—Cfr. *pàgár,* onde o *a* aberto resulta da analogia do participio *págo.* — Formado de *a-pagar* (l. p a c a r e).

Digitized by Google

Aquélla. Na phrase: «não me faz *aquélla* nenhuma», i. é, «não me faz transtôrno, dúvida, etc.»

Àultúrio. *Arthur* (arredores do Porto).—A fórma intermédia é **Altur* por dissimilação: segundo a regra do § 11-*a*, *al* deu *ául* (ditongo).

Averdado, *tirante a verde* (côr).—Cfr. quanto á fórma *azulado, amarellado*, etc. I. é, —*a-verd-ado*. Do lat. vulg. *virdis* (Schuhardt, *Der Vokalismus d. Vulg.* II, 415; Meyer-Lübke, *Gr. der Rom. Spr.* I, § 29).

Bàgár, *vagar*. Igualmente: *de bàgar*.—Aqui o *a* aberto resulta da influencia de *bágo* (= vago); cfr. *apàgár*.—Do lat. vacare.

Bergina, Virginia.—Dissimilação de *i*...*i* e mudança de *v* em *b*; e vid. § 20-*a*. — Fórma de origem litteraria. —Lat. Virginia.

Bolar. Nuns versos populares de Avintes (arredores do Porto) diz-se:

> Eu já lhe mandei dar
> Tres *bolos* com tres *bolares*...

d'onde se vê que *bolar* é fórma pedida pela rima (alliteração), como ha mais casos na nossa lingua.

Bórta, *volta*. (Vid. § 11-*a*). — Do lat. vulg. *volta*. (Meyer-L., *Gr.*, I, § 325).

Cangrĭêna, gangrena. (Vid. § 13-*a*). — Do lat. gangraena (orig. gr.). — Fórma de origem litteraria.

Cheminê, chaminé.—A fórma popular é que é neste

Digitized by Google

caso a primitiva, pois corresponde immediatamente ao francês *cheminée* d'onde provém. A fórma *chaminé* resulta da outra talvez por analogia com *chamma*. Em algumas partes o povo diz *chuminé* por influencia da labial: cfr. § 17-*b*. — Digo que a fórma vem do fr., pois, sendo a base o b. l. *caminata*, não podia *c* + *a* dar *ch* em port., o que porém é normal naquella ling.; cfr. *cheval* = l. *caballus*, etc. Para a origem vid. Diez, *Et. W.*, 1, s. v. *caminata*.

Cuoiso, *coisa* (synonimo de *homem*, em sentido depreciativo). — Esta expressão usa-se tambem no Minho (Vieira), etc. No jornal *O Penafidelense*, n.º 562, lê-se, pag. 2: «ó *coiso*, dá cá os parabens»; se a memoria me não falha, a mesma expressão vem tambem no opusculo *Os meus plagios* do Sr. Alves Mendes. — A origem de *coisa* (*cousa*) é o lat. causa.

Córla, *colera*. Assim ouvi a um individuo. — Do lat. cholera. — Cfr. *melro* e *merlo*.

Cunfiêsso, *confêsso*, *confissão*. — E' commum a outras regiões. Subst. verbal de *confessar*, como noutros pontos *batizo* (subst.). (Esta palavra, com quanto a eu ouvisse no Porto, não sei se é de lá). — As varias linguas romances mostram que o etymon de *confessar* é uma fórma lat. **confessare*, do supino *confessum*.

Cuntia, *quantia*. Por intermédio de *còntia* (cfr. § 7-*e*), que se usa noutras partes: em gall. tambem *contia* (*Dicc. gall.* de V. Nuñez).

Cŭôrmo, *colmo*. Vid. § 10-*c* e § 11-*a*. — Do lat. culmus.

Digitized by Google

Cussigo, *comsigo*. Ex.: «eu binha *cussigo*» (co-sigo). Vid. § 7-*f*.

Custipar, *constipar*. Vid. § 7-*f*.

Demióum. *Damião*.— Cfr. *Deniel* (=Daniel), usada na Beira-Alta.

Desapartar, *apartar*.—Aqui o prefixo *des-* refórça a ideia fundamental, como em *desinquieto* (=inquieto), *desinfeliz* (=infeliz), etc. — Isto é, *des-a-part-ar*: o radical é *parte*.

Desmenuir, *diminuir* (pop. *deminuir*).— A syllaba inicial *de* foi substituida analogicamente pelo prefixo *des-*, que contém a ideia de destruir, apoucar, etc., como em *desbastar*, *desarranjar*, *desfazer*, e outros. Cfr. *desapartar*. — Do lat. diminuere (cfr. cast. *diminuir*, it. *diminuire*). — Fórma de origem litteraria.

Desnucar, *deslocar*.—Dissimilação das linguo-dentaes. — De *des-* + lat. locare. Origem litteraria.

Destĭêmpo, *fóra do tempo*. Ex.: *ó destĭêmpo*. Cfr. *a deshoras*. Vid. *desminuir*.

Fueiro, estadulho.—Do lat. funarius.

Fuligem. Assim se diz no Porto: lat. fuligo, -inis. Na Galliza *fluje* (adj. *flujento*) e na Beira-Alta *felugem*. — Se a fórma é de origem popular, resta explicar a manutenção do *l* intervocalico.

Fŭôsco, *fusco*. Ex.: «vidro *fŭôsco*».—Do lat. fuscus.

Gaz, nome que se dá tambem ao petroleo, como na

Digitized by Google

Beira-Alta. — Do fr. *gaz*, que tem origem historica (vid. Brachet, *Dict. étym. fr.*, s. v.).

Gómito, *vómito*.—Do lat. vomitus. Sobre *g* = *v*, vid. Meyer-L., *Gr. der Rom. Spr.*, I, § 416.—Orig. semi-pop.

Hóme, *homem*. Cfr. § 7-*d*. Muito vulgar no Norte. — Do lat. homine (m), através do arc. *homẽe*. A desnasalização que aqui se deu, e que nesta e noutras palavras semelhantes é vulgarissima no Norte, deu-se tambem em *nome* (hoje pop. e litter.), que vem do arc. *nomẽ* (no cap. III e XII da *Hist. de Vespesiano*, sec. XV, se não erro typographico, pois apparece muitas vezes *nome*), do lat. *nominem, de nomen, que de neutro passou a masc., como tambem succedeu com vimen, d'onde o port. *vimem*, que deve ter vindo de *viminem; cfr. cast. *vimbre* e *nombre*, que não podem vir de vimen e nomen, mas só de *viminem e *nominem.

Inneições (lêde *ineições*), *eleições*.—No povo do Norte o *i* inicial tende para se nasalar, dizendo-se assim tambem *ileições*; depois o *l* foi assimilado á nasal precedente, como em arc. *co'-no* = *com lo; no* = arc. *eno* = arc. *em no* = *em lo;* arc. *até' no* = *até lo*. — A fórma *eleição*, do lat. electionem, tem cunho semi-litterario.

Inundear, inundar. Esta fórma creio ser privativa do poeta Guilherme Braga, que a empregou nas *Heras e Violêtas*, Porto 1869, nestes versos, pedida pela rima:

> Ai! nem valeis sequer os grãos de areia
> Que revolve o Simoun e que *inundêa*
> Dos desertos o Sol.

Do lat. inundare. Orig. litteraria.

Invaporar, evaporar. Cfr. § 19-*a*. — L. evaporare. Orig. litter.

Digitized by Google

Malcriadeza. *má creação*. — Formada pelo suffixo *-eza*, que alterna em port. com o suff. *-ez*, aquelle do lat. *-ĭtia*, este do lat. *-ĭties*, onde *-tie* deu *-z*, como em *assáz*, que vem não de l. a d - s a t i s, como dizem todos, mas do lat. a d s a t i e m, que apparece em Juvéncus, de s a t i e s, - e i (cfr. port. arc. *az* = l. a c i e m); esta minha explicação de *assaz* é confirmada pelo cast. *assaz* (cfr. cast. *haz* = l. f a c i e m); nem o cast. nem o port. podião vir phoneticamente de s a t i s (cfr. port. *amaes* = l. a m a t i s), podendo vir porém o fr. *assez* (cfr. *aimez* = l. a m a t i s), e o prov. *assatz* (cfr. *-atz* = -a t i s). Ha varios adv. lat. assim formados, como *admodum*, *adfatim*, etc., de *ad* com um accusativo.

Máór, *maior*. — Cfr. *saote*. — Do lat. m a j o r e m.

Máquena, *machina*. — Do lat. m a c h i n a. De origem litteraria.

Medŭôrra, *modorra*. — Sobre a etym., que é duvidosa, cfr. J. Cornu, *Die portug. Sprache*, § 121.

Mêmo, *mesmo*. — Só em proclise; nos outros casos *mesmo*. — Da fórma arc. *meesmo* = **medesmo* (cfr. it. *medesimo*) = lat. m e d i p s i m u s (cfr. Meyer-Lübke, *Gram. der Rom Spr.*, I, 443; se a origem fosse *metipsimus*, o *d* deveria talvez ter-se conservado em port.).

Mèricáno, ou **amèricano**. carro-americano. — O *e* aberto resulta da influencia do de *América*.

Mulésta, *molestia*. — Do lat. m o l e s t i a. Origem litteraria.

Nubéla, *nuvem pequena*. — Deminuitivo de *nube* (a par

Digitized by Google

de *núbia*, fórmas ambas populares no Norte). Do lat. n u b e (m), por meio do suff. *-ello*. A nasal da fórma litt. *nuvem* póde ter sido por falsa analogia com outros nomes em que a fórmas litt. nasaes correspondem fórmas populares sem nasal, como talvez *bágem* (pop. *bage*) que é, quanto a mim, supposto primitivo de *baginha* (assim se diz na Beira-A.), do lat. v a g i n a. — Com o nosso pop. *nube* cfr. cast. e ital. *nube*, fr. *nue*. — Outros exemplos de nasalação adventicia creio estarem em *pagem*, do fr. *page* e no pop. *avem*, de *ave*.

Pagadeira, *pagadora*. De *pagar*.

Pàgar, *pagar*.—Vid. *apàgar*.

Penaríz, panaricio. — Do lat. p a n a r i c i u m. Fórma de origem médica.

Piêsa, *pésa*. Ex.: «num se *piêsa*».— Esta deve ter sido a pronúncia geral antigamente, pois ainda hoje se diz *pêsame* e *pêsames*; a fórma *pêsame*, que se decompõe em *pêsa-me*, foi tomado como subst., e porisso recebeu plural. — A gente da Beira-Baixa ouvi tambem *pêsa* (de *pesar*, no sentido de *pêso*). — Do lat. p e n s a r e.

Premeiro, *primeiro*. — Do lat. p r i m a r i u s.

Prĕncípio, *principio*. — Do lat. p r i n c i p i u m. Fórma de origem litteraria.

Pŭôs (vid. § 22).—Quando acima, no § 22, not., dei como sendo nova a etymologia de *pôr* (infinitivo baseado em *porei* = *poerei*), havia-me escapado que já o Sr. J. Cornu a apontára no seu excellente estudo *Die portug. Sprache*, § 296. Os que trabalham com o mesmo methodo

Digitized by Google

chegam muitas vezes a resultados identicos, embora independentes. Mas julgo de meu dever indicar aqui a prioridade da observação do meu amigo Sr. Cornu. A mesma comprovação que elle dá de *moesteiro*, tornado *mosteiro*, me tinha a mim occorrido tambem!

Queimŭôr, *calor, que faz queimar.* —E' formada semelhantemente a *pintor* de *pintar* (ex.: «o *pintor* das uvas», Norte). Aqui *pintor* é outra palavra diversa da que proveiu do lat. pictorem: esta exprime o agente, aquella a acção, qualidade, etc.). Sobre a etym. vid. Cornu, *Die port. Spr.*, § 7; e Meyer-Lübke, *Gram. der Romanischen Sprach.*, I, 180.

Queridade, caridade. (Quanto ao som, cfr. *meniar* = *manear*). Do lat. caritate (m).

Reflètario, refractario.—O *l* resulta de dissimilação: o *e* tornou-se aberto por analogia de *reflèctir*, *reflexão*, etc., e não por influencia do *c* que não existe na pronúncia de *refractario*, palavra moderna e de orig. litteraria (l. refractarius).

Réins (fem.), *rins.* — Ex.: «estou hoje com dôres nas *réins*». Lat. renes; mas houve mudança de genero.

Rúim (monosyll.), *ruim.*—O *u* attrahiu o *i*, formando ditongo com elle, facto mui vulgar no Baixo-Minho. A etym. já dada pelos nossos AA., acceita tambem por J. Cornu, *Die. Port. Spr.*, § 304, é l. rúina; mas offerece certas difficuldades (cfr. *arruinhar*, pop. e arc.; e cfr. cast. *ruina* ao lado de *ruin*): talvez de uma fórma *ruine (?).

Sáóte, saiote.—Cfr. *maor*, etc.—Deriv. de *saia* com o suff. *-ote*.

Digitized by Google

Scuitar, escutar.—De *escuitar* (arc.)=l. v. ascultare (l. auscultare). Vid. § 21-*a*.

Selatiba, sedativa. Na expressão pharmacologica *água selativa*. Dissimil. de *d...t*. Formação analogica: *sedativus (cfr. fr. *sédatif*). De origem medica.

Sismátego, *scismatico*.—Nos esdruxul. o *-ico* tem tendencia no Norte para mudar-se e *-eco* (*-ego*), por ex.: *Viátego*, *asnátego*, etc. Vid. § 20-*a*. — L. schismaticus. Origem litteraria.

Suféca, *sufóca*. — Assenta em *sufecar* = *sefucar = suffocar = l. suffocare. Fórma de origem litteraria.

Súme-te, *sóme-te*. Cfr. tambem o imperat. arc. e pop. *fuge* (litt. *foge*). Parece que do lat. sumere.

Suprimiento, *supplemento*.—O grupo *pl* dá ás vezes *pr*. Fórma moderna. L. supplementum.

Tife, *typho*. — Do l. typhus (orig. grega). — Fórma litteraria.

Tizeco, *tisico*.—Cfr. *sismatego*. — Tambem é fórma moderna. Lat. phthisicus.

Ũa, uma.—Vid. supra, § 23. — Lat. una (cfr. lũa = luna).

Ugual, *igual*.—Cfr. ital. *uguale* (Assimilação do *i* de *iguale* au *u*: vid. Caix, *Rivista di Filog. romanza*, II, 73; e Meyer-Lübke. *Gr.*, I, § 359). — Do lat. aequalis (i. é, equalis).

Digitized by Google

Úrtimo, *último*. Vid. § 11-*a*. — Do lat. ultimus. — Talvez fórma de origem litteraria.

Viéla, travessa, ou rua pequena—Demin. de *via*.

Xiculate, chocolate. — A fórma intermédia é *checolate* que tambem se ouve algures. — Para a etym. Vid. *Dict. d'etym. fr.* de Scheler, s. v. *chocolat*.

Pelo ditongo *-óum* nos casos mencionados no § 7-*a*, abertura do *a* nasalado e do *a* antes de consoantes nasaes, pelo som *æi*, oral e nasal, pela reducção do *e* inicial + *s impuro* a *s*, pela guttural zação das nasaes, juntamente com a confusão do *b* com o *v*, por certos modos de evitar os hiatos, e certos factos de morphologia, phraseado e vocabulario, — a linguagem do Porto entra no systema geral do *dialecto interamnense* (1); pelo modo de tratar o *ô* e o *ê*, o *on* e o *en* atonos, e a syllaba constituida por *vogal* + *l*,—factosque são muito e muito caracteristicos, — faz parte do *sub-dialecto baixo-minhoto* (2); finalmente, pelo seu *s* e *z* especiaes, além da entonação geral, etc., constitue uma *variedade* nesse sub-dialecto (3).

Lisboa, Março de 1890.

J. Leite de Vasconcellos.

(1) Cfr. os meus *Dial. interamnenses*, VIII, pg. 23, e *Rev. Lusit.*, I, 192.—Chamo *dialecto interamnense* ao que se falla no Entre-Douro-e-Minho.

(2) Cfr. *Dial. interamn.*, VIII, pg. 23.

(3) Cfr. *Dial. interamn.*, VIII, pg. 23-nota.

Digitized by Google

CONTRIBUIÇÕES

PARA A

FAUNA MALACOLOGICA DA MADEIRA

II

A memoria publicada em 1888 no *Instituto* (1) sobre a fauna malacologica da Madeira comprehendia um numero bastante limitado de molluscos d'aquelle interessante grupo de ilhas. O numero de especies então colligidas acha-se sensivelmente augmentada pelas continuas investigações do snr. Ernesto Schmitz, cujo resultado agora apresentamos.

O numero das especies mencionadas é ainda inferior ao que foi indicado por Watson, e assim é de crêr, attendendo ao caracter tão complexo d'esta fauna que progressivamente mais interessante se nos apresenta sob o ponto de vista da distribuição geographica das especies, á medida que novas investigações nos vão fazendo descobrir n'essas ilhas typos caracteristicos das agoas do mediterraneo e da costa occidental da Africa.

A dispersão d'algumas especies é muito notavel e as modificações que os typos especificos ahi soffrem em resultado das condições de meio, temperatura, naturesa dos terrenos, etc. não o é menos.

(1) Contribuições para a fauna malacologica da Madeira *in* Instituto. 1888.

Digitized by Google

Crêmos bem que, assim como os typos especificos, que ahi soffrem modificações que os chegam a transformar em especies de transição são muito numerosos, o numero de especies novas tambem deve ser elevado attendendo ao sufficiente isolamento d'estas ilhas e á profundidade das agoas que as cercam.

A fauna profunda das agoas circumvisinhas dos Açores demonstra-o claramente.

Porto, Junho de 1891.

AUGUSTO NOBRE.

CEPHALOPODA

SPIRULIDEOS

SPIRULA

Spirula Peroni, Lk.

Spirula Peronii, Lk. *Anim. s. vert.*, p. 601, vol. I.

Hab. Madeira; Porto Santo, no Ilheu de Baixo.

GASTEROPODA

OPISTOBRANCHIATA

AURICULIDEOS

PEDIPES

Pedipes afer, Gmelin (Helix).

Pedipes afer, Gmelin. Drouet — *Mollusques des Açores*, p. 25.

Hab. Madeira.

Digitized by Google

SCAPHANDRIDEOS

CYLICHNA

Cylichna cylindracea, Pennant (Bulla).

Cylichna cylindracea, Penn. — Sars. *Moll. Norvegiæ,* p. 283, pl. 17. f. 12, Christiania, 1878.

Hab. Madeira.

BULLIDEOS

BULLA

Bulla ampulla, L.

Bulla ampulla, L. — Lamarck, *Anim. s. vert.* vol. VI, p. 33. D'Orbigny, *Mollusques des Canaries,* p. 45.

Hab. Madeira. Os exemplares que teem sido recolhidos na Madeira são inteiramente identicos aos das costas da ilha de S. Thomé.

UMBRELLIDEOS

UMBRELLA

Umbrella mediterranea, Lamk.

Umbrella mediterranea, Lamk. — Payrandeau, *Mollusques de Corse,* p. 92, pl. 4, f. 4.

Hab. Madeira, rara.

RINGICULIDEOS

RINGICULA

Ringicula conformis, Monterosato.

Ringicula conformis, Monterosato — *J. de Conch.,* p. 44. pl. 11 f. 4 — Paris, 1877. — *Conchiglie medit.,* p. 140, Palermo, 1884. — Morlet, *Monogr. g. Ringicula,* Nobre, *Contrib. p. fauna da Madeira,* p. 16.

Hab. Bahia do Funchal; recolhida em abundancia nas dragagens effectuadas n'esta bahia.

Digitized by Google

Ringicula Someri, de Folin.

Ringicula Someri, de Folin, — Morlet, *Monogr. du genre Ringicula* in *J. de Conch.*, vol. II. -- Nobre, *Contrib. p. fauna malac. da Madeira*, p. 16. Coimbra, 1889.

Hab. Dragagens na bahia do Funchal.

S.-O. — DIOTOCARDIOS

G. — ZYGOBRANCHIOS

(DYAL.)

RHIPIDOGLOSSA

HALIOTIDEOS

HALIOTIS

Haliotis tuberculata, L.

Haliotis tuberculata, L. Hidalgo. *Mol. mar. d'España* pl. 29, f. 1-3. — Nobre, *Contribuições*, p. 11.

Hab. Funchal, Porto Santo, Desertas.

EMARGINULA

Emarginula Sicula, Gray.

Emarginula reticulata, Risso.

Hab. Madeira, dragagens no Caniçal.

DOCOGLOSSA

TECTURIDEOS

TECTURA

Tectura virginea, Müller.

Tectura virginea, Müller (Patella). — Jeffreys, *British Conchology*, pl. 58, f. 4.

Hab. Funchal.

Digitized by Google

PATELLIDEOS

PATELLA

Patella vulgata, Lin.

Patella vulgata, L. Hidalgo, *Moluscos mar.*, pl. 52, f. 1-8; pl. 53, f. 7-8.

Hab. Funchal, Desertas.

Patella cærulea, Lin.

Patella cærulea, L. — Reeve, *Conch. icon.*, pl. 13, f. 28. — Hidalgo, *Moluscos marinos*, pl. 50, f. 1-8; pl. 51, f. 1-2. — Nobre — *Contribuições*, p. 10.

Hab. Desertas, Funchal.

VAR. *subplana*,

Hab. Desertas.

VAR. *stellata*,

Hab. Desertas.

Patella plumbea, Lk.

Patella plumbea, Lk. *Anim. sans. vert.*, vol. I, p.

Hab. Funchal, Desertas.

S.-G. *Patellastra*, Monts.

Patella lusitanica, Gm.

Patella lusitanica, Gm. Hidago, *Moluscos d'España*, pl. 51. f. 3-8.

Hab.

Calyptræa chinensis, L.

VAR. *spirata*,

Hab. Madeira.

Digitized by Google

G. — AZYGOBRANCHIOS

SEC. — CHIASTONEUROS
(DYAL.)

TURBONIDEOS

TURBO

Turbo rugosus, Lin.
Turbo rugosus, L. Bucq. Dautz. et Dollf., *Moll. du Rouss.*
Hab. Madeira.

EUDORA

Eudora pullus, L. *(Turbo).*
Phasianella pullus, Bucq. Dautz. et Dollf., *Moll. du Rouss.*, p. 337, pl. 39, f. 1-8, 11-12. Nobre, *Contribuições,* p. 11.
Hab. Funchal, dragagens no Caniçal.

PHASIANEMA

Phasianema costatum, Brocchi *(Nerita).*
Fossarus costatus, Brocchi, Bucq. Dautz. et Dollfus, *Moll. du Rouss.*
Hab. Funchal.

(Continúa).

AUGUSTO NOBRE.

Digitized by Google

VARIA

EXPLORAÇÕES ARCHEOLOGICAS

MEGALITHO DA MAMA DO FURO

No anno passado tinham-se descoberto nas visinhanças do Cabo Mondego, ao poente da estrada municipal da Figueira a Quiaios, duas series de monumentos muito interessantes. Uma era formada por alguns tumulos ou *mammoinhas*, que até então se suppunha que não existiriam para o lado do O. da pyramide geodesica de 1.ª classe, que ha no alto da Serra, ao norte de Quiaios. Outra, pelas ruinas soterradas de um povoado, nas proximidades da Amortinheira, entre os dois pequenos valles d'Anta e da Espadaneira.

Alguns reconhecimentos alli fizemos em outubro, para termos a certeza d'estas descobertas; mas, sendo muito trabalhosa e demorada a exploração, não a encetámos, por ser a epocha impropria.

Foi só no corrente mez de setembro que abrimos esses trabalhos, cujos resultados vamos noticiar ligeiramente.

Rompeu-se um grande *tumulus*, em fórma de cone troncado, conhecido pelo nome de *Mama do Furo*, ao N. magnetico de Buarcos, no alto da Serra, dois kilometros seguramente ao O. do Casal da Serra, nas visinhanças da solitaria capellinha de Santo Amaro. Os terrenos d'esta região são baldios, agrestes, cobertos de matto rasteiro e cheios de depressões a que os povos da Serra dão o nome de *Algarves*.

Começou a excavação do monumento pelo lado de L., justamente na mesma direcção da galeria da grande anta das Carniçosas. Depois atacou-se verticalmente o centro do cone. O solo, superficialmente, estava muito compacto e endurecido; mas, á medida que a excavação descia, a terra era mais branda e por fim muito solta e pulverulenta. No centro descemos até ao solo natural.

Assim puzémos a descoberto parte d'uma galeria coberta e as ruinas d'uma camara sepulchral. A parte da galeria tinha $1^{m},95$ de comprimento por cerca de $0^{m},8$ de largura. Era formada por dois supportes de grés, orientados a L. O., que sustentavam uma *meza* delgada da mesma rocha. Na mesma direcção, seguindo para a circumferencia do tumulo, encontraram se muitos fragmentos de pedra que naturalmente faziam parte das lages do resto da galeria.

Digitized by Google

Na camara encontraram-se duas grandes lages tombadas do lado do norte, um fragmento do lado do sul e uma pequena lage cahida na bocca da galeria.

Mas o facto mais interessante, que aliás não nos surprehendeu, foi não encontrarmos vestigio algum de ossos humanos nem de objectos da primitiva industria. Nada! Apenas fragmentos de ceramica moderna e alguns carvões que tambem não nos parecem antigos. Notámos, porém, que ao fundo da camara e galeria o entulho estava um pouco empastado.

E não nos surprehendeu aquelle facto, não só porque já assim haviamos encontrado uma das antas das Carniçosas, mas porque na propria região que exploravamos, proximo da referida pyramide geodesica, tinhamos achado no *tumulus* denominado *Mammoinha de José Marques* os vestigios d'um megalitho sem outros objectos que indicassem o homem.

Um dos nossos trabalhadores disse-nos que lhe constava terem ha muitos annos explorado a *Mama do Furo*, para lhe arrancarem as lages, umas para mós de moinhos, outras para construcções.

Este facto explica o estado em que encontrámos o monumento; mas a ausencia de vestigios d'inhumações e da industria primitiva? Como explicar que não tivesse apparecido uma esquirola d'osso, ou um fragmento da ceramica nos entulhos cuidadosamente examinados?

A resposta é difficil. Mesmo admittindo a hypothese de que os exploradores das lages, encontrando uma sepultura, removessem os ossos, não é crivel que levassem todos os miudos fragmentos d'estes e quaesquer outros objectos.

Entretanto a descoberta do monumento, em si, é já importante, como faremos notar opportunamente.

RUINAS DA ESPADANEIRA

Dois kilometros aproximadamente para o N. do monumento de que acabamos de fallar, démos nas ruinas de umas seis casas. Afloravam o solo compacto, de terra vegetal, coberto de matto, que fica proximo das altas rochas da *Bandeira*, entre os dois pequenos valles da Espadaneira e de Anta, umas pedras de pequenas dimensões, de calcareo local, formando mui nitidamente figuras quadrangulares, que o relevo do terreno em que se achavam mais fazia sobresahir.

Excavámos o espaço interior d'uma d'estas figuras, e puzémos a descoberto os alicerces de uma casa, feitos só de pedras, a que se dá o nome de alvenaria *em secco*. No entulho, muitas cinzas e carvões, e muitos fragmentos de ceramica. Entre elles, parte do rebordo d'uma telha romana.

Depois fizémos excavar parte de outra casa semelhante, apparecendo no entulho fortemente concreccionado os carvões e as cinzas, fragmentos de vasos e uma especie de prego de ferro, grande, mas extraordinariamente corroido pela oxydação.

Em cada uma das casas notámos, no pavimento formado pelo solo natural, uma lage assente junto a uma das paredes.

Estas casas são evidentemente da mesma epocha das ruinas de Porto

Digitized by Google

Saboroso, proximo de Brenha, onde encontrámos uma casa semelhante, com fragmentos de vasos tambem semelhantes e alguns pedaços de caliça.

Os fragmentos de vasos têem todos os caracteres da roda do oleiro, e uma restauração que emprehendemos apresenta-nos uma fórma singularissima.

Difficil, porém, é por emquanto fazer um juizo sobre estas ruinas. Parece não haver duvida que são dos tempos historicos; mas da epocha romana, ou posteriores? Alguem se lembrou da Citania de Briteiros; mas a ceramica é differente. Só depois d'uma exploração em maior escala e de um estudo detido dos objectos, arriscaremos uma opinião sobre este assumpto.

Figueira da Foz, 17 de setembro de 1890.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

CORRECÇÃO

No artigo do numero precedente (pag. 46) intitulado: — *Effects de la semi-domestication sur le daim* — deve seguir a phrase «contenant un dépot quaternaire riche en restes de vertebrés» ás palavras «370 mètres», da linha 24.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal — Tomo II — Fasc. I — 1888-89

I — F. Paula e Oliveira — *Note sur les ossements humains existants dans le musée de la Commission des travaux géologiques.*

Este trabalho do nosso fallecido authropologo constitue integralmente o capitulo *Anthropologie* da obra notavel do sr. Cartailhac «Les Ages Préhistoriques en Espagne et Portugal» e, com algumas modificações, a memoria contida no Relatorio do Congresso de 1880.

Já em outra publicação, sob o titulo d'esta Sociedade, nos occupamos d'este trabalho prestando minguada e justa homenagem á memoria inolvidavel do seu auctor, muito trabalhador e muito modesto. Este facto e a sua vulgarisação no mundo dos especialistas por intermedio do livro do sr. Cartailhac, dispensa-nos a repetição de notas bibliographicas anteriores a esta nova edição do excellente trabalho de Paula e Oliveira, assim como das conclusões, já bem conhecidas, que dos seus estudos se inferem como valiosos subsidios para a nossa anthropologia prehistorica.

II — Alfredo Ben-Saude — *Note sur une météorite ferrique trouvée à S. Julião de Moreira, prés de Ponte de Lima (Portugal).*

Estudo interessante e valioso, pela natureza especial do assumpto — a meteorite de S. Julião, primeira estudada em Portugal — e pela precisão do methodo, clareza e correcção de analyse bem sabidas nos trabalhos do dr. Alfredo Ben-Saude, tão estimados entre nós, quanto apreciados entre os especialistas estrangeiros.

Este estudo foi feito em alguns fragmentos da meteorite (Museu da Commissão dos trabalhos geologicos), cujo estado de decomposição

Digitized by Google

faz suppor ao nosso distincto mineralogista uma data pouco recente para o phenomeno da sua queda. Estudadas as propriedades physicas e chimicas do mineral meteorico, em que são notados com notavel minucia, pelo exame microscopico, os caracteres da corrosão pelos acidos, figuras caracteristicas, propriedades crystallographicas, systemas de clivagem, etc., é separado o specimen nos seus elementos (ferro, troilite, um phosphoreto e graphite), observados quanto ao seu valor chimico e caracteres especiaes; em seguida conclue o dr. Ben-Saude por lhe marcar o logar, que lhe definem as suas propriedades mineralogicas, nas classificações actualmente mais usadas: grupo (b) de Rose, holosidero de Daubrée e ferros hexaedricos brechiformes de Brezina.

III — Dr. Welwitsch — *Quelques notes sur la géologie d'Angola, coordonnées et annotées par M. Paul Choffat.*

O dr. Welwitsch foi encarregado em 1850 pelo governo portuguez da exploração scientifica da provincia de Angola, onde se demorou sete annos, passados os quaes, e de volta, se fixou em Londres para estudar specimens colhidos nas suas explorações, fallecendo em 1872, sem deixar completa a sua obra.

A botanica era o fim principal das suas pesquizas, e os trabalhos sobre este ramo da sua especialidade foram publicados nos *Annaes do Concelho Ultramarino* — outros colligidos por Bernardino Gomes e A. Morelet. Não desprezou, porém, as observações geologicas que, sob a fórma de notas, para uso pessoal, o sabio geologo sr. P. Choffat apresenta n'este seu trabalho, com alguns desenhos originaes de panoramas do littoral, perfis e córtes, cujo merito está — faz notar o sr. Choffat — em terem sido executados por um naturalista e não um paisagista, sem sacrificar ao pittoresco os caracteres da natureza.

Estas notas, geralmente sem ligação alguma, teem no entanto o valor de procederem de um observador meticuloso, como era Welwitsch, e innegavelmente uteis a futuros estudos geologicos n'aquella nossa provincia africana. Tendo-as methodisado e annotado, o sr. Choffat tornou-as um conjuncto ordenado e interessante de observações, profusamente esclarecidas com a sua larga competencia sobre o assumpto.

IV — J. F. Nery Delgado — *Reconhecimento scientifico dos jazigos de marmore e alabastro de Santo Adrião e das grutas comprehendidas nos mesmos jazigos.*

Estes jazigos, celebres pela momentanea popularidade na nossa imprensa diaria, e mais notaveis ainda pela sua importancia industrial, constituem uma longa facha de 6 kilometros comprehendida nos districtos de Vimioso e Miranda do Douro. Do seu reconhecimento pelo nosso eminente geologo Nery Delgado, resultou a constatação d'esta descoberta duplamente valiosa: a pureza dos calcareos crystallinos e

Digitized by Google

alabastros calcareos em condições de jazigo verdadeiramente notaveis, e o valor archeologico das suas grutas, fonte de documentos sempre interessantes para o nosso passado préhistorico.

No monte de Ferreiros, ponto culminante d'esta formação, deu-se começo ás pesquizas preliminares da exploração dos jazigos. Ahi a erupção granitica, dobrando as camadas subjacentes do siluriano, concorreu, pela sua acção poderosa de metamorphismo, para o aspecto crystallino dos calcareos e o caracter maclifero dos schistos. E' nas zonas proximas á mancha granitica que se encontram os marmores mais puros pela sua fina contextura, de uma côr branca nacarada, excellentes — como faz notar o sr. N. Delgado — para ornamentação e estatuaria. E' este o termo mais alto na escala d'estes marmores, que vão variando chromaticamente até ao cinzento-azulado e pardo-amarellado, dispostos em fachas distinctas, tambem differenciaveis pela sua textura especial.

O alabastro calcareo — a primeira vez descoberto no paiz em jazigos de importancia commercial — precipitou-se da agua que circulava pelas fendas, algares e grutas abertas no calcareo por corrosão anterior. Ha todas as presumpções de que seja vasta a extensão d'estes vazios interiores, alguns completamente cheios do precioso deposito branco nebuloso, geralmente zonado e sempre de uma translucidez notoria.

A' riqueza d estes jazigos, que o sr. Delgado considera inexgotaveis quanto aos marmores, acrescem circumstancias felizes de uma lavra facil, e a ausencia de marmores no norte do paiz e provincias adjacentes de Hespanha. E isto basta para confirmar o valor industrial d'esta formação calcarea, cuja importancia bem merece como subsidio a attenção dos nacionaes e especialmente das artes e industrias respectivas, que alli teem um deposito permanente de valiosa materia prima.

Descobriram-se já n'esta formação de calcareos quatro grutas, «de Ferreiros, gruta Grande, gruta da Ribeira e gruta do Geraldes». Não se completou ainda a exploração d'estas grutas, a qual, de accordo com as pesquizas em outras estações exhistoricas dos arredores, produziria alguma luz sobre as relações, para o nosso paiz, entre as civilisações neolithicas, do bronze e proto-historica.

Na interessante memoria do eminente geologo são, comtudo, apresentados desenhos de alguns objectos de pedra e metal, entre os quaes resalta pela novidade uma folha de punhal de bronze, proveniente do Alto de Pereira, reforçada por um seio longitudinal e ornada com 3 estrias parallelas ao gume.

(Conclue).

R. S.

Digitized by Google

NOTICIA

AS CONFERENCIAS DO DR. JULIO DE MATTOS
SOBRE O CASO CHARLES PETIT

(SIMPLES COMPTE-RENDU)

O dr. Julio de Mattos, illustre presidente da *Sociedade Carlos Ribeiro*, uma das mais lucidas figuras do mundo medico portuguez e um dos espiritos mais nitidamente formados da moderna geração de psychiatras, realisou uma série de conferencias sobre Charles Petit, cidadão francez condemnado a uma reclusão penitenciaria de dois annos pela responsabilidade moral d'um crime de roubo, seguido de tentativa de assassinato. Começou o illustre conferente por declarar que nada o surprehendeu a noticia da condemnação, facto banal ainda hoje pela divergencia que se accentua entre os interesses sociaes, filhos da tradicção, e as affirmações medico-legaes, consequencia logica das investigações scientificas. Nos centros em que, pela crescente intensidade intellectual, as ideias modernas tem uma mais ampla acolhida, em Pariz, na Italia, mãe da psychiatria moderna, semelhante facto é ainda hoje vulgar e uma victoria certa para o arbitro dos legistas

Um simples golpe de-vista sobre as linhas dominantes do crime, um exame psychologico geral sobre as circumstancias do roubo, demonstram logo uma anomalia moral e a falta, no criminoso, dos dois sentimentos que constituem a base moral do homem civilisado e que são uma acquisição das raças superiores: o sentimento de probidade e o sentimento de piedade, respeito da propriedade e respeito do individuo. Estes sentimentos geram-se na marcha ascencional da especie e, pela sua supremacia e intensidade, abafam os instinctos da rapacidade e homicidio. Estes, adormecidos no fundo da natureza humana, agitam-se e rugem, filões atavicos de uma longinqua existencia do crime, e gritam dominando o valor dos sentimentos adquiridos, quando uma circumstancia estimulante faça accordar no homem esses restos da animalidade primitiva. No homem normal, as acquisições do civilisado triumpham, os sentimentos de equidade manteem-se.

Para o caso em questão, visto como psychologo, a ausencia d'esses factores de resistencia bastava, a anormalidade moral ficava demonstrada, mas como psychiatra era insufficiente, e a filiação de Charles Petit n'uma classificação criminogene impunha-se para ser completa á monographia do curioso degenerado. Integrou-o, pois, na classificação de Ferri, historiando-a com os varios typos de criminosos que ella compre-

Digitized by Google

hende: predominio das circumstancias criminogenes extrinsecas, typo de transição predominio das circumstancias criminogenes intrinsecas. Charles Petit não podia pertencer á primeira cathegoria visto que as suas circumstancias de meio lhe eram regularmente favoraveis; vivia sem difficuldades, recebia dinheiro do pae e tinha mesmo de receber uma pequena quantia do empregado contra quem attentára Não era tambem um typo de criminoso profissional visto que era aquelle o primeiro crime da sua vida; forçoso era incluil-o no typo de Ferri, — criminogene dos em que predominam as circumstancias intrinsecas: ser inferior em que a anomalia psychica é profunda. em que a influencia das causas extrinsecas desempenha um factor insignificante ou nullo.

O typo humano representa, na sua evolução individual, a philogenese da especie. Na creança dá-se a falta dos sentimentos altruistas que caracterisam o homem perfeito physiologicamente; são os representantes do homem no estado selvagem: correspondem ao periodo denominado premoral. Ora no desenvolvimento regular das suas faculdades, passa o typo humano por um certo numero de *étapes*, periodos de transicção cuja sequencia logica se encadeia sem perturbações funccionaes no individuo normal, e que corresponde, no homem pervertido, a epochas criticas durante as quaes n'elle se dá uma excitação manifesta. Charles Petit tinha dezeseis annos, periodo da puberdade, estado de transicção para o desabrochar completo dos sentimentos altruistas. Era uma das epochas criticas da sua vida de degenerado hereditario: as circumstancias intrinsecas deviam gritar n'este periodo de indecisão physiologica com uma intensidade forte; o terreno preparado por toda uma familia de nevrosados devia surgir agora para a sua acção psychica. Analysando além d'isso o periodo infantil do criminoso vê-se que n'elle, segundo testemunhos de familia que devem ser tidos por insuspeitos, vista a ignorancia dos paes e a curiosa precisão dos documentos que lhes dá um valor de documento clinico, se deram crises de ordem convulsionante com allucinações auditivas. Um dia lançára-se pela janella suppondo que o chamavam da rua. Iguaes accidentes se deram aos tres, aos sete e aos dez annos do rapaz. Toda a serie de condições physiologicas expressas no documento que leu, não podiam consentir n'uma hesitação sobre a classificação psychiatrica de Charles Petit: elle era positivamente um degenerado, e um degenerado hereditario por toda uma serie de documentos ancestraes.

Percorrendo os documentos que dizem respeito á historia mental do criminoso. fornecidos pelo notavel psychiatra dr. Bettencourt Rodrigues, demonstrou que Charles Petit é um degenerado hereditario, explicando-lhe a vasta genealogia morbida n'um quadro typico em que, até aos bisavós, a ascendencia vae verificando uma curiosa familia de desequilibrados. O pae um psychopata, a mãe uma hysterica, avós com doenças de peito, loucura circular. estados diathesicos differentes, carcinomas. delirio das perseguições. O avô paterno um suicida, o bisavô materno morto subitamente aos setenta e dois annos. talvez de uma apoplexia ou de qualquer lesão vascular, unicas admittidas em morte subita n'esta edade. com excepção de accidente, o que não consta. Toda esta genealogia é typica. os filhos continuam a marcha dos estados diathesicos n'uma logica hereditariedade morbida, o typo pathologico predomina com toda a serie das consequencias funccionaes e com fatalidade impositiva das leis organicas.

O typo criminogene de Charles Petit é tão claramente demonstra-

Digitized by Google

do, a sua filiação por tal fórma segura no encadeamento logico dos antepassados, a sua pobre existencia geme por tal fórma sob o concurso de um tão implacavel dominio de factores que, no dizer de um illustre clinico, elle não devia ser outra coisa e mostrou-se o digno representante da sua raça.

Além d'isso ha na historia pregressa de Charles Petit um traumatismo cuja acção mental modificadora citou em curiosos casos da sua clinica e do dr. Magalhães Lemos. Citou tambem a lei de Morulli sobre o atavismo psychico dos degenerados; e fallou de individuos cuja historia ancestral não accusa typos anormaes mas cujo funccionalismo soffre, no periodo fœtal, a acção das commoções moraes da mãe: o povo parisiense designava *enfants du siége* os individuos fracos de espirito gerados durante o periodo agitado do cerco.

E ainda para mais accrescentar á triste herança organica de Petit, o lucido conferente citou a lei de Antonio Marco segundo a qual a percentagem de individuos anormaes é maior ou menor quando a epocha de concepção corresponde a periodos diversos da vida dos progenitores. Ora Charles Petit nasceu quando os paes tinham menos de 26 annos, edade comprehendida dentro do periodo de *immaturidade* que, dando uma percentagem de 15 por cento de ladrões e 17 por cento de alienados, dá apenas 8 por cento de individuos normaes. O reu, pois, tal como o destino o empurrou para a vida, não tem, psychicamente considerado, nada de extranho. Resta verificar n'elle algumas das grandes leis da criminalogia moderna.

Referindo-se ás circumstancias especiaes do crime analysadas n'uma curiosa auto-biographia do reu, o dr. Julio de Mattos detalhou com relevo intenso os accidentes do roubo e as suas correspondentes psychicas

A não premeditação, a falta de cumplicidade, a serenidade do trabalho, a contagem tranquilla do dinheiro, a sahida para o almoço, a volta e o facto impulsivo do roubo, as incoherencias da defeza, taes como o ferimento do empregado que aggravava assim a importunidade futura, a ida para casa, a lavagem da cabeça com agua fria e o repouso final, tudo isto corresponde a phases successivas de uma crise impulsiva que foram estudadas com superior criterio. Todos estes factos coincidem com a symptomatologia propria.

Estes symptomas succedem-se n'um encadeamento logico, mas de intensidade variavel segundo os individuos. Ha no primeiro periodo a *obsessão* caracterisada por uma allucinação do mundo real, dominio da ideia imposta que invade todo o campo psychico, tortura moral se ainda restam no homem forças de resistencia, aniquillação d'estas forças nos casos de anormalidade forte. Era esta a psychicidade de Charles Petit no momento do roubo e elle mesmo o confessa na sua auto-biographia quando diz: *Je n'était pas à mon aise, j'avais la tête trouble.* E ainda: *Il avait en moi l'idée d'avoir de l'argent à toute force.* Idéa imposta, estado impulsivo claramente demonstrado.

Succede a este o periodo de *angustia* acompanhado de tremores, suores frios, lucta travada pelas forças de resistencia, forte nos individuos fortes, minima n'aquelles em que uns pallidos factores moraes nem quasi se levantam. Tal o caso de Charles Petit: com a ideia de roubar no espirito foi fielmente dominado pela obsessão, o seu periodo de angustia foi pequeno, elle mesmo o confessa quando diz que sentia um mal estar *(agacement)* pouco pronunciado. Succede a este o periodo

Digitized by Google

denominado de *obnublação* concomitante com o acto criminoso: ha um escurecimento psychico com assistencia da consciencia — diagnostico differencial dos casos de epilepsia em que se manifesta uma amnesia completa. Este periodo passou tambem no drama intimo de Charles Petit, a sua face era pallida, o seu braço tremia ao disparar o rewolver contra o homem que o perseguiu.

Se a lucta foi enorme, o allivio eguala-a, o criminoso cahe n'uma prostração completa: é vulgar o facto de um assassino dormir profundamente ao pé da victima que elle crivou de facadas. A lucta, minima n'este caso, deu uma phase de allivio pouco pronunciada. Charles Petit confessa: *j'étais accablé de fatigue.* Foi para casa, sentiu a necessidade de molhar a cabeça, estava n'um vago quebranto, e, deitando-se, não conseguiu adormecer.

Aqui está a synthese completa dos actos, fatalmente, logicamente encadeada no caso em questão o que demonstra de uma maneira positiva e indestructivel que Charles Petit é um degenerado hereditario do grupo dos impulsivos. O diagnostico especifico veio confirmar eloquentemente o diagnostico hereditario.

Referiu a theoria de Gall defensora da autonomia das faculdades, a reacção violenta que se lhe seguiu enfeixando-as n'uma solidariedade energica, a impotencia manifesta da intelligencia sobre a vontade largamente escripta em toda a historia incoherente dos homens do pensamento, cujos factos de degenerescencia moral passou rapidamente em revista. E collocando-se n'um campo eclectico, tracejou a admiravel theoria das compensações psychicas que encerra tudo o que ha de verdade na theoria das localisações e na theoria solidaria. As faculdades compensam-se: quando uma se impõe as outras esmorecem, se a intelligencia toma conta do campo psychico, as faculdades affectivas affrouxam e tanto mais quanto a esphera do pensamento se alarga.

Os homens de espirito são, em geral, destituidos de senso moral, a sua emotividade é pallida, as investigações puramente intellectuaes expulsam do campo da actividade cerebral tudo o que não seja gemeo da sua ancia. Dizia Madame de Sevigné que estas creaturas eram boas só para se verem em estatua.

E quando as dores os assaltam elles refugiam-se no estudo para que o ardor da intelligencia expulse os tumultos do coração: exemplo esse caso de Claude Bernard cuja vida foi uma tragica lucta entre o culto da sciencia e as imposições mesquinhas da vida pratica. Adquirem habitos de immobilidade, são vacillantes nas decisões da concorrencia vital, param na duvida como esse eterno exemplo do melancholico Hamlet sempre perplexo entre os espinhos da intelligencia e os apellos vãos da vontade. E' o typo de Bourget, Adrien Sixte, indeciso nos *tourments d'idées;* Kant, espantando os burguezes de Koenisberg pelo facto, na apparencia banal, de mudar o passeio diario, quando a Revolução Franceza constou á sua curiosidade de analysta.

Entrando no campo pathologico citou o caso dos melancholicos dominados por uma dôr moral em que o afrouxamento é determinado por um exagero de emotividade, depressão que se manifesta de egual modo nas faculdades activas.

Ora por esta somma de factos fica claramente visto o erro funesto dos que consideram são de espirito o homem que tem uma intelligencia regular posto que com desvio mais ou menos manifesto das faculdades affectivas. Pela theoria do *balancement* psychico, vê-se que póde haver

Digitized by Google

um desarranjo profundo no campo emotivo sem um compromisso, por menor que seja, nas faculdades intellectuaes — estado pathologico que caracterisa esse typo de degenerados envolvidos sobre a designação psychiatrica de *loucos lucidos*.

Além d'isso não se dá a menor ideia da significação completa d'um homem pelo estudo, ainda que profundo, de uma das faces da sua personalidade. Para se estudar a personalidade de Kant não basta catalogar-lhe as obras da intelligencia, estudal-as independentemente do cerebro que as creou: é preciso vêr como as impressões, as emoções determinaram n'aquelle espirito a reacção de que os livros são o producto, é preciso analysar a eclosão das suas theorias pelo conhecimento da vibração especial de todas as faculdades, vêr como *todo o homem* produziu *toda a obra*.

Ora representando a loucura moral um compromisso da personalidade, pretender cural-a é pretender modificar radicalmente a personalidade, fazer de um homem outro. Charles Petit pertencendo a este grupo de desequilibrados, para dar d'elle e dos seus actos uma ideia completa, é preciso estudal-o em todos os accidentes em que as suas faculdades se manifestam, em todas as anomalias das suas funcções physiologicas e no estudo dos seus desvios anatomicos.

Sendo a loucura lucida uma doença geral, o exame psychico não basta, é preciso recorrer ás investigações somaticas e anthropologicas: na paralysia geral dá-se uma decadencia em massa das faculdades intellectuaes, esta ás vezes suspende-se, o doente analysado psychicamente melhorou, mas a doença progride e a morte é inevitavel. Sem estudo somatico, pois, só se póde suspeitar mas nunca diagnosticar.

Para o exame somatico foi o corpo de Petit dividido em regiões homologas verificando-se anomalias de sensibilidade. Tem um estreitamento manifesto do campo visual, *tics* nervosos faciaes e nos hombros, symptoma futuro de todas as creaturas que soffreram nevroses convulsivas e, além d'isso, carie precoce nos dentes.

No exame anthropologico foram verificadas as *assymetrias* — desvio do typo normal que não o levam nem aos typos ancestraes nem ás deformações denominadas teratologicas: são a desigual repartição da sensibilidade e o enfraquecimento muscular.

As medidas craneologicas para a determinação do typo craneano declaram-no rasgadamente brachycephalo; quanto ao angulo facial, posto não quizesse exagerar o valor dado a esta medida, é certo, disse, que elle era tão importante como a historia ancestral, e tem por fim determinar as relações entre o craneo e a face.

Explicou-o pois, e as variantes que resultam do seu maior ou menor abaixamento; mostrou um craneo normal comparando-o com os typos pathologicos e ainda com a celebre cabeça da microcephala Bemvinda, um dos exemplos typicos de microcephalia, cujo busto em gesso foi mandado pelo dr. Sousa Martins.

O angulo facial de Charles Petit, dada a ausencia do prognatismo, é bastante agudo pois mede apenas 71.°

Como conclusão d'este feixe de observações medico-legaes, pergunta se: porque é que Charles Petit foi condemnado? Em que se baseou a lei para a reclusão em dois annos na Penitenciaria? O que significa esta prisão temporaria?

O problema medico-legal reduz-se a um simples problema de diagnostico: cifra-se em dizer a especie de doença do criminoso, reduz-se

Digitized by Google

á sua integração n'um grupo criminogene. Ora já ficou cabalmente demonstrada a irresponsabilidade do reu pela classificação em que elle foi incluido; disse-se que elle era um alienado involuntario do grupo dos impulsivos passando por uma serie de phases lucidamente expostas nas conferencias. E o alienado impulsivo é, para todos os psychopatas, o typo do alienado irresponsavel.

Foi, pois condemnado pela applicação do art. 26 do codigo penal? Mas esse artigo apenas declara irresponsaveis os criminosos em que ha uma accusada perturbação da intelligencia e Charles Petit é rasoavelmente lucido. O art. 114 não lhe póde ser applicado porque a lucidez desappareceu no acto do crime. Charles Petit, disse-se, foi condemnado em nome do alto principio da defeza social, foi uma sequestração temporaria que, como o demonstrou o illustre alienista é absolutamente pueril, visto o caracter incuravel d'esta especie de doenças moraes. A sociedade deve defender-se, mas esta defeza é futil no caso dos impulsivos porque as recidivas hão-de fatalmente dar-se e as reclusões temporarias não obstam a que se repitam. Charles Petit tem 17 annos, aos 19 está livre, volta ao meio da sociedade armado das mesmas impulsões, obrigado pelas mesmas crises. Peior talvez attendendo aos seus habitos solitarios, á alimentação deficiente das cadeias e á exasperação que o systema penitenciario provoque nos seus nervos doentes.

Terminou o dr. Julio de Mattos dizendo que não é escondendo as differenças entre a sciencia e a lei que se resolvem as questões d'esta natureza, mas pelo auxilio reciproco e pela aclaração das suas divergencias, pelo estudo das suas relacionações e das questões que mutuamente se tratam. Concluiu pela necessidade de um manicomio criminal com todas as condições indispensaveis em estabelecimentos d'esta ordem, creação d'uma alta urgencia e que de vez acaba com a difficuldade da resolução criminal e com a injustiça e inconsequencia das condemnações.

Em todas as phases das admiraveis conferencias, o dr. Julio de Mattos foi de uma clareza e d'uma precisão verdadeiramente notaveis. O seu espirito lucidissimo illuminou brilhantemente essa extranha personalidade morbida, fazendo-lhe destacar a linha de degenerescencia com uma precisão cheia de vigor e com uma eloquencia cheia de drama. No estudo d'essa lucta tremenda entre a animalidade criminosa e a espiritualidade redemptora, a sua expressão era elevada, quente, vagamente febril fazendo-nos lembrar pela sua intensidade evocativa, essas paginas que Zola faz estremecer tragicamente, quando arrasta o pobre Jacques á beira de um talude por uma noite impassivel, luctando tambem na angustia contra a obsessão, e accusando toda uma vasta genealogia de criminosos.

A lucidez da sua exposição e o espirito suggestivo que encheu as suas conferencias, acharam echo sympathico em todos os novos que o ouviram, e sempre o notavel alienista encontrará uma acolhida enthusiasta nos rapazes desejosos de aprenderem nas suas lições tão cheias de elevada sciencia e tão interessantes de questões actuaes.

J. B.

Digitized by Google

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A Sociedade Carlos Ribeiro tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista:*

Martins Sarmento—*Os argonautas*, 8.º, 292 pag. e 2 map. Porto, 1887.
Sociedade Martins Sarmento—*Catalogo da Bibliotheca publica de Guimarães*, 8.º, 517 pag. Porto, 1888.
— *Relatorio e estatutos*. Porto, 1883.
— *Relatorio da direcção*. Porto, 1885.
— *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884*, 8.º, 255 pag. Porto, 1884.
P. de Loriol—*Description de la faune jurassique du Portugal. Embranchement des echinodermes:—Echnides irréguliers ou exocycliques*. 4.º, 179 pag., XXVI pl. Lisbonne, 1890.
Estacio da Veiga—*Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, toms. III e IV. 2 gros. vol. com num pl. Lisboa, 1889-1891.
— *Carta archeologica do Algarve*. Lisboa, 1889.
— *Programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal*, 8.º, 16 pag. Lisboa, 1890.
Paul Choffat—*Espagne et Portugal* (extrait de l'*Annuaire Géologique universel*, tom. VI), 8.º, 19 pag. Paris, 1891.
— *Passeio geologico de Lisboa a Leiria*, 8.º, 51 pag. Lisboa, 1891.
Joaquim de Vasconcellos—*A fabrica de faianças das Caldas da Rainha*, 16.º, 16 pag. Porto, 1891.
H. Pittier—*Apuntaciones sobre el clima y geografia de la República de Costa Rica*, 8.º, 41 pag. San José da Costa Rica, 1890.
Academia Polytechnica do Porto—*Catalogo do gabinete de mineralogia, geologia e paleontologia*, 8.º, 45 pag. Porto, 1891.
Rutot et Van den Broeck—*Communications sur la carte géologique détaillée comme base de la carte agronomique de la Belgique*. 8.º grand., 29 pag. Bruxelles, 1891.
Julio de Castilho—*Apontamentos para o elogio historico de Vilhena Barboza*, 4.º, 36 pag. Lisboa, 1891.
Dr. R. Verneau—*Les races humaines*, 4.º peq., fasc. 1.º, numer. grav. Paris, 1891.
Lacroix-Danliard—*La plume des oiseaux*, in-16.º, 350 pag., 100 fig. Paris, 1891.
A. Michalski—*Die Ammoniten der unteren Volga-stufe*. 4.º, 330 pag. e XIII pl. (ex. des *Mémoires du Comité géologique*) St. Petersbourg, 1890.

Revista de Guimarães, tom. I (n.os 1-3), II-VII e n.os 1-3 do tom. VIII. Porto, 1891.
Revista do Minho (para o estudo do *Folk-lore*), tom. VI, n.os 1-18 e tom. VII, n.os 1-9. Espozende, 1891.
Revista de obras publicas e minas, tom. XXII, n.os 255-258, Lisboa, 1891.
Revista dos lyceus, tom. I, n.º 1. Porto, 1891.

Digitized by Google

O Instituto, tom. XXXVIII, n.os 8-12. Coimbra, 1891.
Boletim do Atheneu Commercial do Porto, tom. I, n.os 1-2. Porto, 1891.
Revue de l'École d'Anthropologie de Paris, vol. I, n.os 1-5 e 7-8. Paris, 1891.
Revue scientifique, tom. 47, n.os 15-26 e tom. 48, n.os 1-8. Paris, 1891.
Revue des traditions populaires, tom. VI, n.º 4. Paris, 1891.
Feuille des jeunes naturalistes, tom. XXI, n.os 242-250, Paris, 1891.
Mélusine, tom V, n.os 9-10. Paris, 1891.
Bulletin de la Société vaudoise des sciences naturelles, vol. XXVII, n.º 103. Lausanne, 1891.
Bulletin de la Société belge de microscopie, tom. XVII, n.os 5-9. Bruxelles, 1891.
Bolletino del Real Comitato geologico d'Italia, vol. II, n.º 1. Roma, 1891.
Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, n.os de janeiro-abril. Berlin, 1891.
The journal of the anthropological institute of Great Britain and Ireland, vol. XX, n.º 4. London, 1891.
Abstracts of the proceedings of the Geological Society of London, n.os 562-567. London, 1891.
Bulletin de l'Institut Égyptien, sér. 3.ª, n.º 1. Le Caire, 1891.
Records of the geological survey of New South Walles, part. I-II, vol. II. Sydney, 1890.
The proceedings of the Linnean Society of New South Walles, vol. IV, part. 3-4 e vol. V, part. I. Sydney, 1890-91.
Annales de la Société belge de microscopie, tom. XV. Bruxelles, 1891.
The american anthropologist, tom. IV, n.º 1. Washington, 1891.
Bulletin de la Société belge de géologie, paleontologie et hydrologie, tom. V, fasc. I. Bruxelles, 1891.

REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES

Publicação da Sociedade Carlos Ribeiro

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

A *Revista* sahirá regularmente quatro vezes por anno em fasciculos de 48 pag., 8.º

Portugal—Anno ou serie de 4 numeros. . 1$200 reis
Numero avulso. . . . . 300 »

Paizes comprehendidos na União postal:
Anno. . . . . 8 fr.
Numero avulso. . . . . 2 »

Para os outros paizes não fazendo parte da União accresce o porte do correio.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES
DA
LIVRARIA J. B. BAILLIÈRE & FILS

19, rue Hautefeuille—Paris

Les races humaines, pelo dr. *R. Verneau*, preparador no laboratorio de anthropologia do *Muséum* de Paris, com um prefacio de *A. De Quatrefages*, professor de anthropologia no Museu. Um vol. in-8.º, 750 pag. e 550 fig. . . . . 11 fr.

La plume des oiseaux, histoire naturelle et industrielle, par *Lacroix-Danliard*, 1 vol. in-16, 350 pag. e 100 fig. . . . . 4 fr.

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo — N.º 7

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1892

Digitized by Google

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

A tatuagem em Portugal, por Rocha Peixoto. . . . pag. 97
Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira, por Santos Rocha . . . . . pag. 112

VARIA

Os trabalhos paleoethnologicos no Algarve, do snr. Estacio da Veiga, por R. S. . . . . pag. 126
Um vaso romano de barro cosido, por R. S. . . . . pag. 130

BIBLIOGRAPHIA

Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos, por R. S. . . . . pag. 132
Nota sobre os cephalopodes de Portugal, de Albert Girard, por R. P. . . . . pag. 135
Études maritimes, de Paul Sébillot, por R. P. . . . pag. 135
Passeio geologico de Lisboa a Leiria, de Paul Choffat, por R. P. . . . . pag. 136
Sur les plus anciennes Dicotylées européennes observées dans le gisement de Cercal, en Portugal, de G. de Saporta, por R. P. . . . . pag. 136
Description de la faune jurassique du Portugal, de P. de Loriol, por R. P. . . . . pag. 136

NOTICIAS

O museu agricola e florestal de Lisboa, por R. S. . . . pag. 138
O museu de mineralogia, geologia e paleontologia da Academia Polytechnica do Porto, por R. S. . . . pag. 139

OS MORTOS

Ignacio de Vilhena Barbosa, por R. S. . . . . pag. 142
Borges de Figueiredo, por R. S. . . . . pag 143
Estacio da Veiga . . . . . pag. 144

GRAVURA

Um vaso romano de barro cosido . . . . . pag. 130

Digitized by Google

A TATUAGEM EM PORTUGAL

Para esta noticia ácerca da tatuagem em Portugal dispuz, proximamente, de duas centenas de materiaes colligidos quer directamente, quer por intermedio de alguns collaboradores que, com uma solicita obsequiosidade, quizeram satisfazer ás perguntas exaradas n'um questionario que distribui. Na nossa litteratura medica escasseiam, como se sabe, referencias a esta e a outras ordens de mutilações, encontrando-se apenas nos trabalhos do snr. A. A. Castello Branco alguns elementos de valor e prestimo; são pois novos, na quasi generalidade, os documentos apresentados. A ordem d'este estudo é a adoptada pelos anthropologistas que, sobre o assumpto, escreveram excellentes monographias e de tal sorte que, na cathegoria especial que nos occupa — tatuagem por picadas — a deixaram quasi exgottada. É especialmente nos trabalhos de Berchon, Lacassagne e Lombroso onde se encontram os mais completos subsidios sobre a interessante mutilação a que esta nota se reporta, não só quanto á parte descriptiva mas ainda á sua interpretação anthropologica.

O esboço historico do primeiro capitulo, talvez dispensavel se este escripto fosse apenas destinado aos familiarisados com semelhantes estudos, pouco mais é do que a reproducção d'uma insignificante parcella dos factos

Digitized by Google

numerosos em que abundam os trabalhos dos medicos referidos; na parte exclusivamente comparativa insiste-se, naturalmente, sobre as fundas analogias da nossa tatuagem com a de outras populações; por ultimo, uma nota bibliographica final dispensa as chamadas frequentes e instrue todo o que, desconhecendo esta parte da litteratura anthropologica, a queira estudar ou consultar.

Cumpre deixar assignalado um grato reconhecimento aos snrs. Eduardo Moura, Fonseca Cardozo, João Barreira, Nunes de Oliveira, Pinto Rolla e Santos Rocha, que especialmente me forneceram os materiaes mais uteis, bem como ao snr. Eduardo Fernandes Pinto a quem devo magnificos serviços pelo desvélo que pôz na execução e exactidão das gravuras.

Digitized by Google

I

ANTIGUIDADE, PERPETUIDADE E UNIVERSALIDADE DA TATUAGEM

Definição da tatuagem e seu logar no quadro das mutilações ethnicas. Os primeiros vestigios na pre e na protohistoria: Belgica, França e Portugal. Fins da tatuagem; sua significação como caracteristica de raças, de religiões, de seitas, de castas e de instituições. A tatuagem e a medicina legal. Expansão geographica.

No quadro das mutilações ethnicas — cephalicas, faciaes, dentarias, genitaes e cutaneas — estas ultimas, pela variedade dos seus processos, generalisação e persistencia, occupam talvez o logar de maior evidencia. Tal prática, que consiste em imprimir na pelle desenhos ou signaes traduzindo toda a sorte de ideias ou sentimentos, é accusada provavelmente desde os tempos prehistoricos e attestada das epochas protohistoricas até hoje. Nas estações solutreannas e especialmente nas grutas magdaleneannas de Chaleux (Belgica) e Mongodier e Eyzies (França) encontraram-se, juntos a fragmentos de limonite, peroxydo de ferro hydratado e outras substancias capazes de produzirem côr, objectos cuja fórma inculca esse uso, corroborado ainda mais tarde com a similitude d'outros que, para eguaes intenções, possuiam e possuem varias tribus americanas. A existencia de varios minerios de ferro (hematite e limonite), que foram utilisados pelo troglodyta da nossa gruta da Furninha em colorir alguns dos vasos encontrados n'esta estação quaternaria, póde fazer suspeitar, na opinião do snr. Nery Delgado e em virtude da sua associação com objectos caracteristicos, que esses homens tambem cobriam a pelle com desenhos. As mais antigas sepulturas egypcias encerram puncções e agulhas de ferro

Digitized by Google

finissimas juntas á plombagina, então adoptada como substancia córante.

Entre os povos da antiguidade, de que existem noticias escriptas, a tatuagem assignalava não só os homens da mesma origem, mas até seitas, castas, escravos, soldados e vencidos. Os aryas, segundo a affirmativa de Tacito reproduzida por Lacassagne, adoptaram a córação negra da pelle para denunciar maior ferocidade; os pictos tiram o nome do uso de pinturas no corpo, distinctivas de raça. D'entre os povos que adoptavam desenhos caracteristicos de seitas citam-se os assyrios que prestavam culto á mesma deusa; os phenicios com o signal da sua divindade gravada na testa; as antigas mulheres da Bretanha; os judeus convertidos á religião de Baccho; os primeiros christãos que desenhavam a cruz ou o monogramma de Christo e que, a despeito de numerosas prohibições desde Moysés no *Levitico* até ás decisões ulteriores dos padres e dos concilios, que condemnavam taes signaes como vestigios de iniciações pagãs, continuaram a tatuar-se, vigorando ainda hoje o costume em Jerusalem e varios logares da Italia; certas tribus semiticas algumas das quaes, ao deante, se converteram ao mahometismo.

Nos thracios a tatuagem indicava uma ascendencia nobre, facto excepcional pois que em quasi todos os outros povos era indicio de escravidão ou origem plebeia. Os athenienses, vencidos pelos habitantes de Samos, foram marcados por estes com ferro em braza; mais tarde, já vencedores os soldados de Athenas, impozeram aos adversarios uma tatuagem indicativa da sua victoria. As mulheres thracias procuravam disfarçar as marcas infamantes que lhes haviam imposto as scythas, modificando-as sob um pretexto de belleza; nas guerras da Persia e da Grecia os exercitos ás ordens de Alexandre e de Xerxes tatuavam os prisioneiros.

Velhos monarchas adoptaram signaes especiaes com

Digitized by Google

que distinguiam os escravos; egualmente e por vingança, como nota indelevel e humilhante, uma certa tatuagem denunciava o que cahira no desagrado d'um rei. A dois monges que haviam censurado o furor iconoclasta do imperador Theophilo mandára este imprimir na testa onze versos jambicos; Philippe de Macedonia, a quem um soldado havia solicitado a propriedade d'um homem que salvára d'um naufragio, ordenou que lhe desenhassem na fronte os signaes indicativos d'esta avidez torpe; Caligula, sem motivo, mandava tatuar os romanos nobres.

No periodo da decadencia de Roma a tatuagem teve uma grande expansão. Leis regulamentares prescreviam os signaes adoptados cuja existencia provava a inscripção definitiva nas fileiras e sobre as quaes se fazia o juramento militar. O intento d'esta ordenança, que vigorou ainda por bastante tempo, era analogo ao que justificava os desenhos nos escravos visto que, já degenerado o espirito civico do povo, o exercito se constituia então de homens mercenarios os quaes, se fugissem, deveriam portanto ser reconhecidos, perseguidos e prezos. Ainda recentemente esta prática, mas como indicio de virilidade, adoptavam os soldados do exercito piemontez.

A tatuagem distinguiu pois, em todos os logares e em todas as epocas, os membros da mesma raça ou religião, de castas, de instituições e de sociedades; os captivos e os condemnados, os sacrilegos e os delatores; tatuava-se para exprimir a vaidade, a humilhação, o luto e o martyrio; como astucia de guerra e como meio de transmissão de correspondencia e de segredos; symbolo de paixões e representação litteral ou ideographica dos mais diversos sentimentos humanos. Obedeça esta prática a uma influencia atavica ou apenas documente as tendencias fetichistas do espirito do homem, a tatuagem, com os seus processos operatorios multiplos e as intenções mais distinctas e oppostas prevaleceu, em todos os povos

Digitized by Google

e atravez do tempo, com a desegual frequencia naturalmente derivada do grau de civilisação. É facil encontrar, na historia moderna das populações europeias, referencias a este habito realisado em todas as epochas; o estigma dos condemnados em varios codigos europeus, as marcas das sociedades franco-maçonicas e d'outras instituições secretas, os emblemas profissionaes, isoladamente ou distinguindo os membros de varias associações de officios, os soldados da marinha e do exercito, emfim, contribuiram intensamente para a perpetuidade da mutilação.

Mais, porém, que todos estes, os criminosos, pela necessidade instinctiva de manifestarem as suas paixões, os estados de espirito e os acontecimentos mais celebres da sua existencia, concorreram para a persistencia e multiplicidade da tatuagem, factos, de resto, favorecidos ainda com a quasi insensibilidade que os delinquentes teem para a dôr. Do seu numero, natureza e séde collige actualmente a anthropologia criminal subsidios de valor além de representarem, em medicina legal, um meio quasi sempre seguro e efficaz de constatação da identidade individual.

Outr'ora a tatuagem serviu já como signal de reconhecimento; na tradição figura o caso de Habis, um dos primeiros reis da Iberia, que, votado a perigos fabulosos por um seu avô, foi d'est'arte e mais tarde reconhecido. Analogamente nos hospicios dos expostos se marcavam estes para, de futuro, poderem ser reclamados pelos paes.

A actual expansão geographica da tatuagem, no caso restricto da sua execução por agulhas, é resumida por Magitot do modo seguinte:

Polynesia, excepção da Nova Zelandia; ilhas Marquezas, fóra Rapa; ilhas das Paschoas; Micronesia; Nova Guiné; os dayaks de Borneo.

Na *America meridional:* os charruas e as tribus do

Digitized by Google

Gran Chaco; os guaranis do Brazil; os pampeanos e os patagões.

Os pelles vermelhas na *America do norte.*

Na *Africa* os kabylas, os arabes, os egypcios, os niam-niam, os senegambianos e as povoações das margens do Senegal.

Na *Asia:* os seng-li da ilha Hainam; os chin-ham, antigos povos da Coreia; os baitos e os uen-chin do Japão, das Kurilhas e das Aleoutiannas; os antigos annamitas; os habitantes da Formosa; os uen-mien-po, povo barbaro do sudoeste do imperio chinez.

Por ultimo todos os da *Europa,* ou simples ou mixtas.

Póde-se affirmar a universalidade da tatuagem sabendo-se que, sob outros methodos operatorios, é praticada nas restantes partes do globo. De sorte que, se a circumcisão attingiu, pelos motivos conhecidos, um numero de individuos que hoje quasi seria impossivel calcular, a mutilação que nos occupa é incontroversamente a mais espalhada e sel-o-ha por muito tempo apesar do decrescimento que dia a dia se vae registrando.

II

ANATOMIA, PHYSIOLOGIA E PATHOLOGIA DA TATUAGEM

O processo operatorio; instrumentos e substancias córantes. Séde anatomica. Consequencias pathologicas da mutilação; sua therapeutica popular. A tatuagem como transmissora de virus. A indelebilidade da tatuagem ou dos seus vestigios provada pelas consequencias physiologicas da operação. Topicos em uso para a destruição dos desenhos e sua inefficacia.

O processo operatorio ordinariamente seguido entre nós não differe do adoptado em todos os outros paizes

Digitized by Google

europeus, no caso da tatuagem executada com agulhas, unica que nos importa. A operação é realisada ou por curiosos ou operadores que geralmente existem nas cadeias, nos quarteis e nas populações maritimas. Com tres agulhas solidamente fixas a um pequeno cabo de madeira ou simplesmente ligadas e unidas por um fio, e tinta da China, de escrever ou carvão triturado e em suspensão na agua, tem o operador com que levar a effeito a prática. A figura, cuja séde é extremamente variavel — mãos, ante-braço, braço, peito, costas, abdomen, verga, nadegas, pernas e pés — ou se desenha previamente ou é praticada directamente com as agulhas na região escolhida. N'um e n'outro caso a applicação do instrumento faz-se por picadas dirigidas obliqua ou perpendicularmente e precedidas d'uma immersão no liquido córante. As partes mais escuras ou os traços mais duros obteem-se repicando os contornos primitivos.

Este methodo, que é o mais geral, differiu todavia para alguns tatuados; o contacto com os operadores de fóra, e nomeadamente do Brazil, modificou a applicação do processo ou a adopção da substancia córante. N'aquelle paiz encontra o nosso marinheiro padrões já desenhados em pranchetas de madeira onde os contornos das figuras são cobertos de pontas de aço, dando assim logar a executar-se a operação d'uma vez só; as substancias córantes apontadas são tambem substituidas frequentemente pela polvora triturada ou pelo azul de brunideira. O operado póde escolher a côr e o ornato desejado, sobretudo entre aquelles que teem já figurados n'um album os desenhos que pódem realisar.

A viveza e duração da tatuagem promanam de circumstancias multiplas d'entre as quaes convem enumerar a grossura das agulhas, o sentido da sua introducção, a multiplicidade das picadas, a profundidade que alcançam no tecido tegumentar, a finura cutanea e a natureza da

Digitized by Google

substancia. Geralmente as agulhas penetram nas camadas mais profundas da derme visto que uma tatuagem simplesmente sob-epidermica seria de pequena duração. E tam convencidos d'este facto estão, de resto, certos operadores que, para que o desenho seja inapagavel, fazem penetrar as agulhas perpendicularmente até, muitas vezes, aos ganglios lymphaticos.

A introducção das agulhas é seguida d'uma irritação mais ou menos incommoda a que succedem tumefacções que se prolongam diversamente segundo o grau de sensibilidade do tatuado. Uma pequena serosidade sanguinea surge e a absorpção das particulas córantes completa-se então. Para impedir a inflammação e a febre, mesmo quando aquella é irritante, o operado adopta como topico a saliva ou a urina, sendo manifesto que nada remedeia com tal therapeutica. Quinze dias passados, quando muito, estão extinctos os vestigios da irritação passageira que a operação provocou e a nitidez do desenho é então definitiva e provavelmente indelevel.

Nos registros colhidos para o estudo da tatuagem em Portugal não ha indicação de consequencias graves consecutivas da operação, talvez pela não adopção do vermelhão que origina sempre pruridos demasiado irritantes. Abundam comtudo nas memorias que se occupam da tatuagem realisada como entre nós; e é realmente a tal ponto perigosa a irritação produzida na derme pela introducção repetida das agulhas, a natureza chimica do liquido ou a inopportunidade e inefficacia da applicação do topico que, além de ulceras, erysipelas, phlegmons e gangrenas consequentes, a amputação d'um membro é ás vezes reclamada e a morte, mesmo, inevitavel em alguns casos.

A adopção da saliva como obstaculo aos accidentes enunciados occasionou já a inoculação do virus syphilitico; o caso seguinte, entre muitos descriptos, é classico.

Digitized by Google

Um militar ainda virgem foi tatuado por um outro atacado de cancros na bocca; a tinta da China com que o operador se servia diluia-a n'uma concha com saliva; tanto bastou para em breve o operado apresentar todos os symptomas da doença e quasi ser necessario amputar-lhe o braço. A transmissão da syphilis tem-se feito mesmo quando é já secundaria e em virtude do tatuado, estando affectado de placas mucosas, se servir na operação da propria saliva.

A indelebilidade da tatuagem está averiguada, isto é, os vestigios da prática prevalecem de qualquer modo. É manifesto que as circumstancias já mencionadas que influem na nitidez do desenho favorecem ou prejudicam-lhe a duração, excluindo evidentemente o caso d'uma tatuagem muito superficial. A riqueza do sangue e a actividade circulatoria, além d'outras qualidades particulares do meio em que as materias córantes são depostas bem como os conflictos que surjam entre um e outras e ainda o grau de resistencia das substancias ás alterações permanentes que se dão em toda a economia, pódem concorrer para o desapparecimento parcial e mesmo total da tatuagem. Admitte-se até que a simples transpiração cutanea póde, de per si, eliminar o desenho por completo; mas pelo modo como a operação é geralmente effectuada deve-se concluir a persistencia, pelo menos, dos seus vestigios. Effectivamente é um facto adquirido o transporte das substancias atravez dos lymphaticos; estão observados casos varios em que a materia córante emigrára do ante-braço para os ganglios axillares — caso vulgar — e o de uma mulher que, tatuada nas coxas, tinha invadidos todos os ganglios lymphaticos da região crural. A acquisição d'estes factos é deveras importante no dominio da medicina legal, dando assim margem a estender-se a inquirição da identidade nas investigações *post-mortem*, e comprovando a persistencia dos indicios dado o caso

Digitized by Google

pouco commum do apagamento total dos desenhos. A inalterabilidade d'estes na fórma e no tempo é uma convicção dos nossos tatuados; aquelles para quem mais tarde a presença da tatuagem é odiosa, procuram varios meios de a eliminar, entre os quaes avulta o de repicar os contornos com leite ou acido acetico na persuasão de que o liquido córante é dissolvido; a tentativa, aqui como em outros logares onde existe a mesma crença, nunca dá satisfactoriamente o resultado appetecido: se o desenho se extingue prevalece a cicatriz denunciativa.

III

CLASSIFICAÇÃO DA TATUAGEM

Limite minimo de edade nos tatuados. Classe social. Grau de frequencia nos dois sexos. Séde mais commum. Córação. A moralidade dos tatuados deduzida da natureza dos desenhos e da sua multiplicidade. Lista descriptiva e comparada dos emblemas, symbolos e inscripções entre tatuados portuguezes, italianos e francezes.

Nos registros que servem de base para estas notas ácerca da tatuagem em Portugal a precocidade na operação é accusada apenas n'um individuo que se sujeitou á prática aos 12 annos. Entre os criminosos o desejo de ser tatuado revela-se muito cedo como o documenta Lombroso; Lacassagne, para quem a influencia do *atelier* é manifesta, encontrou tatuados de 6 annos. Os adultos, depois de inscriptos na armada e no exercito e, em maior proporção, seguidamente á permanencia nas cadeias, é que

Digitized by Google

se entregam á prática com mais frequencia. Nas mulheres a tatuagem apparece raramente e, quando tal acontece, é devido á convivencia com tatuados ou violentadas por elles; está n'este ultimo caso uma mulher que habitava á Ribeira (Porto) á qual haviam desenhado a agulha, nas coxas e no ventre, enormes barcos de vela. Os symbolos amorosos e as iniciaes do nome dos amantes são a tatuagem commum no numero diminuto de mulheres das quaes poude haver noticia.

Lá fóra os inqueritos no sexo feminino teem dado o mesmo resultado. A frequencia é minima comparada com a averiguada nos homens e, a significação dos desenhos, amorosa e raramente erotica: em França, as iniciaes P. L. V. *(pour la vie)* entre dois corações entrelaçados; as inscripções *à la vie, à la mort;* os nomes dos amantes acima do pubis, etc.; na Italia, emblemas e lettras com as significações precedentes e, como caso excepcional, uma cruz no braço de certas montanhezas do Trentino, etc.

A séde mais vulgar e, a bem dizer, geral é em qualquer dos ante-braços. Nos delinquentes encontra-se frequentemente uma serie de desenhos em todo o braço ou em ambos, executados em epochas diversas e que correspondem de ordinario a cada permanencia nas cadeias; as figuras que exigem mais espaço são desenhadas no peito. É facil, todavia, encontrar tatuados com figuras em partes varias do corpo; um ex-soldado da armada possuia no ante-braço esquerdo uma mulher nua, um coração atravessado por uma flecha e uma ancora; no direito, um homem nu em attitude extremamente obscena; no peito, emblemas de marinha; na glande, o numero da companhia; n'um dedo do pé direito o signo-saimão. Um preso da Penitenciaria de Lisboa deixou gravar nos braços, peito, ventre e pernas, varios emblemas symbolicos, corações, nomes de amantes, na perna esquerda um homem

Digitized by Google

nu, uma mulher nua na direita, uma serpente n'um dos braços, um lagarto no outro, etc. (A. A. Castello Branco). A seguinte, encontrada n'um mendigo e provavelmente desertor, foi noticiada pelos jornaes do seguinte modo: no braço esquerdo um peixe e um coração trespassado por uma setta; ao lado, uma cruz e as iniciaes A. C. F. Q. (Antonio Cypriano Ferreira Querido, nome do tatuado); depois M. F. Q. e E. C. Q., iniciaes dos nomes do pae e mãe; abaixo, uma ancora e uma pedra de dominó; junto, um signo saimão e lateralmente a medalha da Torre e Espada (como em alguns soldados francezes a da Legião de Honra e em alguns criminosos italianos as armas da casa de Saboya); abaixo do signo o habito de Christo e a data 3 6 88, morte do pae; no peito, lado direito, a figura da Republica; esquerdo, a bandeira franceza; nas costas da mão esquerda uma estrella e as cinco chagas.

Berchon assignala factos interessantissimos de multiplicidade e extensão das tatuagens: um marinheiro, além de numerosos desenhos em quasi todo o corpo, fizera tatuar nas costas, com extraordinaria minucia, uma esquadra navegando n'um mar estranhamente revolto. Lombroso apresenta no seu atlas tatuados com desenhos numerosos de que um — e dos menos dotados — servirá de exemplo: no pé direito o nome d'um amigo; na perna esquerda a inscripção *Piglia il questore di Napoli,* ameaça ao prefeito de policia que o havia detido; na direita, uma flôr; no peito e braço esquerdo — *Amero fino alla tomba N. P.* — declaração de amor a N. P.; a lua e um diabo ainda n'este braço; lado direito do peito, um vaso com flôres; no braço direito uma ancora, as iniciaes N. P., R. S., M. A., D. M., de amantes e cinco cruzes representando outros tantos juramentos de assassinato. Um criminoso celebre de Italia estava de tal sorte desenhado

Digitized by Google

que, excepção feita da face e dos rins, não havia a superficie d'um escudo que não possuisse tatuagem. Lacassagne figura na sua memoria o desenho representativo do accidente do duque de Orleães, na estrada de Neuilly, que occupa duas paginas; refere-se a outras que cobriam todo o corpo de certos tatuados e representavam uniformes de generaes e de almirantes; menciona um *Jean Bart* com $0^m,37$ de altura e $0^m,33$ de largura e uma *Jeanne d'Arc* de $0^m,41$ de alto por $0^m,31$ de largo, etc.

A córação dos desenhos nos tatuados portuguezes é azul escura; nem recolhi nem ha noticia entre nós da operação praticada com vermelhão a qual tem dado logar, como observou Hutin, a figurar corações a vermelho com chammas azues ou trespassados por uma flecha azul, soldados com a face e mãos vermelhas e o corpo azul, etc. Este uso d'um duplo liquido córante suggeriu talvez a lembrança de aproveitar certas manchas da pelle na execução do desenho. Os exemplos são, lá fóra, numerosos, e o seguinte dos mais interessantes: um marinheiro tinha no peito uma placa d'um vermelho vivo; o tatuador aproveitou-a de modo a não se suspeitar da existencia anterior da marca congenita, desenhando uma Liberdade cujo barrete phrygio, pregas do vestido e bandeira eram naturalmente produzidas pela côr preexistente.

Do que precede e do que vae seguir-se poder-se-ha inferir a moralidade do maior numero dos tatuados. A multiplicidade, a séde, de ordinario escolhida nas regiões do corpo vulgarmente occultas, a intenção pornographica d'uma grande percentagem de desenhos, denunciam a insensibilidade á dôr, o impudor e a obliteração, ou melhor, a ausencia de elevação moral da maior parte dos tatuados.

A systematisação das tatuagens em cathegorias é difficultosa visto que muitas vezes ha logar de distribuir

Digitized by Google

o mesmo desenho em mais do que uma. Provisoriamente poder-se-hão adoptar as seguintes:

1.ª *Emblemas profissionaes*
2.ª — *amorosos e eroticos*
3.ª — *religiosos*
4.ª — *metaphoras e phantasistas*
5.ª *Inscripções.*

(Conclúe).

ROCHA PEIXOTO.

Digitized by Google

PEQUENAS HACHAS DE PEDRA

DAS ESTAÇÕES NEOLITHICAS

DO CONCELHO DA FIGUEIRA

Entre os machados de pedra, que se teem recolhido nas estações neolithicas da Europa, ha muitos que se tornam notaveis pelas suas pequenas dimensões, e cujo destino, segundo pensamos, não se acha ainda completamente esclarecido.

Não é sem grandes embaraços que nós, a cada objecto d'estes que vamos colligindo, tentamos dar-lhes uma explicação que satisfaça o nosso espirito. Uns, muito pequenos, de rochas vistosas, com fórmas bastante regulares, polidos e acabados com extremo cuidado, parecem, á primeira vista, verdadeiras joias do homem primitivo, que na sua rude simplicidade faria a representação artistica do instrumento mais util e mais poderoso que o genio humano, na sua infancia, tinha inventado. Outros, maiores, de rochas unicolores, sem brilho, com fórmas irregulares, não polidos em todas as suas superficies, e sem vestigios de accessorios que podessem fazer suspeitar a sua applicação, nem parecem ter o caracter dos primeiros, nem favorecer a hypothese de um emprego util. Dir-se-iam meros brinquedos de creanças!

Não será, pois, sem interesse expor algumas observações que temos feito, afim de chamar sobre taes objectos a attenção de outras pessoas mais competentes. Mas

Digitized by Google

antes d'isto convém lembrar e reunir aqui certas indicações que encontramos espalhadas por alguns livros, e que muito interessam ao nosso proposito.

O sr. Mortillet dá noticia de pequenas hachas de pedra polida provenientes de regiões muito diversas. Menciona as dos dolmens do Morbihan, que chegam a ter apenas $0^m,032$; as de outras estações da França, que medem $0^m,039$ e $0^m,025$, havendo uma no Museu de Saint-Germain que tem $0^m,023$; as da Dinamarca, cuja dimensão minima é de $0^m,067$; e as das palafittas da Suissa, que diminuem até $0^m,033$, $0^m,029$ e $0^m,027$; e apresenta os desenhos d'algumas nas figuras 445.ª, 449.ª, 455.ª, 456.ª, 469.ª e 474.ª do seu *Museu prehistorico.* (1)

O sr. Barão J. de Baye encontrou nas grutas do Marne, valle do Petit-Morin, uma que só media $0^m,05$ e outras que, por uma gradação quasi insensivel, iam attingir o maximo de $0^m,18$. (2)

Quanto á nossa Peninsula, o sr. Cartailhac falla de hachas *muito pequenas* das grutas de Gibraltar; dá o desenho de uma proveniente de Cascaes; e menciona ainda outra encontrada na Casa da Moura, estação sabiamente explorada pelo sr. Nery Delgado, que mede $0^m,04$ por $0^m,05$. (3)

No dolmen do Monte Abrahão encontrou o sr. Carlos Ribeiro um exemplar que media $0^m,066$; e outros foram recolhidos na gruta da Furninha, em Peniche, pelo sr. Nery Delgado.

(1) *Le Prehistorique,* pag. 540 e 541.

(2) *L'Archéologie prehistorique,* pag. 246.

(3) *Les âges prehist. de l'Espagne et du Portugal,* pag. 66, 96 e 104.

Digitized by Google

Sobre o destino d'estes objectos o sr. Mortillet distingue uns que eram utilisados como instrumentos e outros que apenas serviam de amuletos. Os primeiros preparavam-se de algum dos modos seguintes: — embutidos pelo lado opposto ao gume em bases de pau de veado com um esgalho a servir de cabo, ou em uma especie de estojo *(gaine)* da mesma substancia, que umas vezes entrava e se fixava em um cabo de madeira, outras era furado e atravessado pelo cabo. Effectivamente de todos estes typos se encontraram exemplares em França, na Suissa e na Italia, e que se acham representados nas figuras 438.ª, 443.ª e 444.ª do *Museu prehistorico* do mesmo escriptor, o qual nas figuras 431.ª e 433.ª a 436.ª tambem apresenta os desenhos em separado d'aquelles estojos. (1)

Convem tambem notar que algumas hachas eram ás vezes picadas, de modo a tornal-as asperas na parte que entrava no cabo, afim de poderem fixar-se com mais solidez; e o sr. Mortillet diz que «*esta operação era feita principalmente nas hachas susceptiveis de receberem uma bella polidura.*» (2)

Os mais pequenos dos objectos de que tratamos, como o da figura 456.ª do *Museu*, e ainda os fabricados de rochas brandas ou que teem um orificio, eram, segundo o illustre paleoethnologo, verdadeiros amuletos, visto não poderem ter outro destino. Justifica esta opinião, considerando que a hacha era o instrumento por excellencia dos povos primitivos, que com elle exerciam os mais rudes misteres, e que assim era natural que se tornasse o emblema da prosperidade, da força, do poder, da divindade, emfim, suprema dispensadora de todos es-

(1) *Le Prehist.*, pag. 544-545.
(2) *Museu* cit., estampa XLVII.

Digitized by Google

tes attributos; e accrescenta que o culto da hacha se confirma pelas numerosas gravuras da epocha neolithica, que a representam. (1)

Mas este culto da hacha póde effectivamente explicar só por si os pequenos exemplares que não teem a apparencia de outro destino conhecido? Nós duvidamos, apesar da auctoridade do mestre. As hachas manifestamente usuaes e de maiores dimensões deviam ser objecto do mesmo culto; e encontram-se com effeito em identicas circumstancias, isto é, nos dolmens e nas grutas sepulchraes, logares indubitavelmente religiosos: por conseguinte as pequenas dimensões d'aquelles objectos não podem ser caracteristicas de um destino meramente religioso, ou de amuletos ou objectos de superstição. Caracteristica seria apenas a *fórma*.

O que póde com muita probabilidade considerar-se amuleto é a hacha *furada*. O orificio indica que era suspensa; e de facto já tem sido encontrada como fazendo parte de colares nas sepulturas. Ora um objecto, cuja fórma tinha um certo prestigio entre os povos neolithicos, e que se usava suspenso ao pescoço, póde bem ser um amuleto; e por isso os archeologos não hesitam em attribuir-lhe este caracter.

As interessantissimas descobertas feitas pelo sabio explorador das grutas da Marne auctorisam até certo ponto aquella nossa duvida. O sr. de Baye opina, com judiciosos fundamentos, que realmente as hachas eram objecto de um apreço muito elevado entre os povos primitivos, visto que se achavam esculpidas nas paredes das grutas, onde tambem appareceram outras figuras que se suppõem de divindades, e estavam muitas collocadas de um modo singular junto aos esqueletos; e, para tornar

(1) *Le Prehist.*, pag. 604.

Digitized by Google

plausivel a hypothese, cita, a proposito dos tempos historicos, esta notabilissima passagem de J. Evans:

«É curioso notar que os antigos gregos parecem ter attribuido á hacha certa importancia sagrada. Segundo Plutarco, Jupiter Labrandeus tomou este titulo da hacha, e M. de Longpérier cita uma passagem de que resulta que Baccho, pelo menos em um caso, era adorado sob a fórma d'uma hacha ou πέλεκυς. M. de Longpérier tambem descreve um cylindro chaldaico, no qual se vê um sacerdote fazendo offertas a uma hacha erguida sobre um throno; e, além d'isto, chama a attenção para o facto seguinte — que o hieroglyphico egypcio que representa Nouter, Deus, é simplesmente a figura d'uma hacha.»

Inclina-se mesmo o sr. de Baye a que a importancia dada a esse objecto pelos povos neolithicos era de caracter religioso; e cita a opinião respeitabilissima do sr. de Quatrefages, que pensa do mesmo modo, e que vê tambem nas pequenas hachas furadas verdadeiros amuletos. Emfim, a proposito das hachas que encontrou nas referidas grutas, diz o seguinte: — «Não é simplesmente um instrumento funerario, mas um objecto votivo, consagrado, tratado assim sob a inspiração d'um sentimento religioso.»

Mas ao mesmo tempo apresenta estas observações muito importantes: — que todas as hachas, desde a mais pequena, que, como dissémos, tinha sómente $0^{m},05$, estavam *dispostas para serem usadas e completamente acabadas segundo os seus respectivos typos; — que as mais pequenas que não estavam acompanhadas de seus estojos, deviam ser encabadas de um modo differente* das outras que se achavam providas d'esse accessorio; e que algumas estavam lascadas, mutiladas ou picadas, para facilitar a sua fixação no estojo.

O modo como se achavam montadas as que eram providas de cabo, era o indicado pelo sr. Mortillet: isto é,

Digitized by Google

estavam embutidas em um estojo de pau de veado e este estojo atravessado por um cabo de madeira. Assim tambem se achavam representadas nas esculpturas.

Estas observações provam: — 1.° que as hachas pequenas tambem eram utilisadas como instrumentos, não havendo indicações algumas de que as inferiores a $0^m,05$ deixassem de ter este destino; — 2.° que aos mortos se votavam hachas usuaes sem distincção quanto a dimensões, symbolisando todas um pensamento religioso.

Quanto ás hachas furadas, o illustre sabio, tendo encontrado um exemplar, não duvida classifical-o como amuleto. (1)

É facil e commodo dizer que hachas mui pequenas, inferiores a $0^m,05$ ou $0^m,04$, não poderiam ser applicadas como taes; mas, não conhecendo nós todos os processos da arte ou industria primitiva, nada nos auctorisa a rejeitar a hypothese de terem essa applicação, como verdadeiros instrumentos, e de que seriam encabadas por um modo diverso das outras, como indica o sr. de Baye.

Entretanto é forçoso confessar que hachas de $0^m,023$, $0^m,027$ e $0^m,029$, como as de que faz menção o sr. Mortillet, difficilmente poderiam servir ao mister de cortar, pelo menos em competencia com as maiores, de modo a tornar util o seu fabrico. Não podendo manifestamente ser utilisadas á mão, devia ser um processo embaraçoso o de fixal-as em algum cabo, ficando o gume bastante saliente para ser empregado: e isto, quando a operação de cortar facilmente se realisava com as hachas mais proprias, pelas suas dimensões, e montadas com segurança.

Assim, é possivel que estas miniaturas de que falla o sr. Mortillet fossem joias sagradas, amuletos, ou cousa semelhante. Tambem no fim da epocha do bronze e co-

(1) Obra cit., pag. 98 e ss., 103, 105, 239 e ss. e 309.

Digitized by Google

meço da epocha do ferro a pequena hacha apparece, segundo alguns, como um objecto meramente votivo. A civilisação villanovianna, na Italia, que se attribue a esses tempos, fornece um exemplo no mobiliario das suas sepulturas. «As armas, diz o sr. Jules Martha, que alli se recolhem, são em miniatura, pequenas hachas, por exemplo, reducções fabricadas sem duvida em vista de um destino funerario. É assim que na Grecia se fabricavam para os tumulos joias ligeiras, sem consistencia, que não tinham de verdadeiras joias senão a apparencia.» (1)

Mas tambem pensamos que esses objectos poderiam ter algum outro emprego desconhecido; e que, assim, novas descobertas são necessarias para resolver inteiramente o problema, com relação ás miniaturas neolithicas. Por isso é para desejar que todos aquelles que se dedicam ás explorações archeologicas não deixem de observar cuidadosamente as circumstancias em que encontrarem esses objectos, porque só por este meio se conseguirá semelhante resultado.

Pela nossa parte temos registado todas as indicações colhidas na observação dos objectos d'esta especie, que temos colligido.

Já na primeira parte do nosso estudo sobre as «*Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*», sob a designação — *Hachas pequenas de pedra polida* — descrevemos dez que foram encontradas dispersas em diversos logares da Serra do Cabo Mondego, á superficie ou a pequena profundidade do solo.

Na segunda parte d'esse estudo, que já se acha im-

(1) *Manual d'Archeol. etrusque et romaine*, pag. 19.

Digitized by Google

pressa, descrevemos mais dois exemplares: um de quartzo hyalino, simplesmente lascado, e outro de schisto verde, perfeitamente polido, ambos encontrados á superficie do solo na estação neolithica da Varzea de Lirio. O primeiro, de secção hexagonal, mede approximadamente $0^m,04$ no comprimento e $0^m,026$ na maior largura; o segundo com a fórma do que o sr. Mortillet representa a pag. 540 da sua obra — *Le Prehistorique,* de faces convexas, mas achatado, com gume á maneira das *herminettes,* mede $0^m,063$ no comprimento e $0^m,051$ de largura junto ao gume. Vão ambos representados nas fig. 87.ª e 89.ª d'aquella publicação.

Mas ha outro, achado na freguezia de Paião, ao sul do Mondego, onde são frequentes os vestigios dispersos da industria neolithica. É um bello exemplar, feito d'uma rocha amarella, manchada de negro, que ainda não nos foi classificada, perfeitamente polido e lustroso, com fórma trapezoidal, semelhante ao da fig. 36.ª da primeira parte do referido estudo. Era acuminado de dois lados, isto é, na base e no topo: o gume da base tem algumas fracturas; o outro está completamente destruido. Mede $0^m,07$ no comprimento, $0^m,036$ de largura junto ao gume da base, e $0^m,02$ do lado opposto.

Analysando e confrontando entre si estes treze exemplares, notamos que predomina n'elles o schisto, como materia prima; poisque sete são fabricados d'esta rocha, dois de quartzite, um de quartzo hyalino, outro de serpentina e dois de rochas não classificadas.

As de schisto são em regra as maiores: medem no comprimento de $0^m,067$ a $0^m,086$, havendo uma que attinge $0^m,093$ e outra $0^m,063$, e na maxima largura de $0^m,034$ a $0^m,052$; emquanto que as outras variam, no comprimento, entre $0^m,04$ e $0^m,066$, havendo só uma que attinge $0^m,07$, e, na largura, entre $0^m,026$ e $0^m,04$.

Vistas de face, as de schisto teem fórmas que se ap-

Digitized by Google

proximam muito de um typo commum; as outras apresentam a fórma triangular ou trapezoidal, se exceptuarmos a de quartzo hyalino, que se assemelha a uma cunha.

Vistas de perfil, apenas algumas de schisto teem o typo das *herminettes*.

Só a de quartzo é simplesmente lascada: todas as outras são polidas. Quasi todas, sem distincção, são mais ou menos achatadas. Mas a de quartzo tem a secção que indicamos, e uma de schisto é muito espessa e roliça.

Esta ultima é tambem a unica que, em vez de gume, apresenta uma superficie polida, como certas hachas grandes que temos encontrado, proveniente do desbaste do mesmo gume; e por isso lembrámos a hypothese de ter servido para polir ou alisar outros objectos de pedra ou osso. Duas são acuminadas na base e no topo: todas as outras só são acuminadas do lado da base.

Algumas d'estas hachas acuminadas apresentam vestigios d'uso, consistindo em certas fracturas, manifestamente antigas, no gume. Mas faltam a todas, no lado opposto a este, se exceptuarmos a de quartzo, as asperezas reconhecidamente intencionaes para bem as fixar em qualquer cabo: apenas a de serpentina tem extrahida d'esse lado uma lasca, a do Paião tem o gume do topo fracturado, e algumas de schisto não estão n'essa parte polidas de modo a apagar todas as rugosidades resultantes do trabalho preparatorio de lascar os fragmentos da rocha, para os approximar da fórma procurada. Algumas até estão acabadas e polidas com tanta perfeição, que parecem repellir inteiramente a hypothese de serem encabadas. É por isto que nós apresentámos a duvida, na primeira parte do nosso referido estudo, de que estas hachasinhas polidas e perfeitamente acabadas fossem empregadas como instrumentos, e lembrámos a hypothese de serem meros symbolos ou insignias. Tambem alli mencionámos a hypothese de serem amuletos, proposta pelo

Digitized by Google

sr. Mortillet, ou a de serem objectos votivos; todavia notámos que os nossos exemplares não tinham orificio de suspensão, nem foram encontrados nas sepulturas.

Agora, porém, já temos um facto que derrama alguma luz n'esta questão, relativa ás estações da Figueira. Podemos affirmar que não eram só as hachas grandes que se votavam aos mortos, como aliás indicavam os exemplares encontrados nas antas do Cabeço dos Moinhos, da Serra de Brenha e das Carniçosas: tambem as de mui pequenas dimensões. O desejo de esclarecer-nos sobre este assumpto levou-nos a proceder a novas excavações no Cabeço dos Moinhos, onde fomos adquirir a certeza da existencia de uma necropole importante, que aliás tinhamos suspeitado por occasião dos primeiros trabalhos.

Alli recolhemos de entre esqueletos humanos desconjuntados e n'uma grande desordem, associada a um pequeno, mas interessante mobiliario, uma hachasinha de fibrolithe, rocha estranha ao paiz, segundo nos informam, de fórma alongada como um dedo e muito semelhante á das goivas representadas na fig. 43.ª das nossas «*Antiguidades prehistoricas*», com uma das faces muito arqueada e a outra ligeiramente convexa, no sentido transversal, completamente polida, com o gume convexo e perfeito, e apresentando na extremidade opposta uma fractura, que parece ser defeito do fragmento de rocha de que foi fabricado. Mede $0^m,06$ no comprimento e $0^m,021$ na maior largura, e não tem orificio algum.

Mas esta descoberta não basta: resta ainda a questão de saber se estes objectos das nossas estações seriam ou não tambem usados como instrumentos; e sobre este ponto nós arriscaremos algumas considerações.

Digitized by Google

Não ha duvida que o fim é que dá a fórma aos productos da industria humana: e por isso podemos muitas vezes pela fórma descobrir o destino dos objectos. A fórma acuminada das hachas e a dureza das rochas de que são fabricadas, para epochas em que os metaes não eram conhecidos, indicam sufficientemente que serviam de instrumentos cortantes: os accessorios do cabo, que teem sido descobertos, e o exemplo dos povos que em epochas historicas teem permanecido na edade da pedra confirmam essa interpretação. Grandes ou pequenas, mais ou menos espessas, e seja qual fôr o seu typo, sempre as hachas apresentam indubitavelmente o caracter de instrumentos d'aquella natureza. Só um dos nossos exemplares, o de quartzo hyalino, mede $0^m,04$; os outros são superiores a $0^m,058$; todos são fabricados de rochas duras, como os machados grandes: por conseguinte, se os descobertos nas grutas sepulchraes da Marne, que descem ao minimo de $0^m,05$ eram utilisados como instrumentos, porque não admittir que os nossos tinham o mesmo destino, fóra das sepulturas? As fracturas que notámos nos gumes não nos deixam grandes hesitações; e por outro lado não ha entre os nossos exemplares algum que tenha orificio ou as exiguas dimensões d'aquelles que o sr. Mortillet apresenta como simples amuletos.

E que aquelle que tem o gume desbastado pelo attricto foi tambem usado como instrumento, não póde haver duvida: sendo certo, por outro lado, que a peça é bastante forte para indicar que seria primitivamente empregada como instrumento cortante. Quanto ao de quartzo, não podendo considerar-se um objecto regular, para lhe attribuirmos um caracter puramente symbolico, é facil admittir que fosse destinado simplesmente ao mister de cortar.

Mas uma difficuldade surge: todos esses objectos não podiam ser empregados á mão; por mais que tentemos a

Digitized by Google

experiencia, não conseguimos dar com elles um golpe aproveitavel: por isso o auxilio de um cabo era necessario; e é precisamente este que nos causa sérios embaraços.

Não admira que não tenhamos encontrado nas sepulturas qualquer cabo de madeira, porque esta devia ter sido destruida; mas os cabos ou estojos de osso ou chifre de veado, que podiam conservar-se através milhares d'annos, como outros objectos d'osso alli recolhidos? Como explicar a sua falta?

Por outro lado faltam-nos exemplares polidos, como notámos, as asperezas reconhecidamente intencionaes, praticadas no lado opposto ao do gume, para se fixarem solidamente nos cabos; e nem mesmo parece verosimil que peças perfeitamente acabadas d'esse lado fossem feitas com o destino de serem mutiladas ou de ficar escondida esta parte dos instrumentos nos cabos.

E as de dois gumes? Como suppor que, por exemplo, a da fig. 36.ª das *Antiguidades prehistoricas* seria encabada por um d'elles, ainda que o mais pequeno? Este gume daria pouca solidez ao instrumento, porque seria fracturado facilmente com o uso; e tambem não parece verosimil que fosse feito para ser destruido fóra da sua applicação como aresta cortante.

Entretanto estas objecções não são bastantes para nos levarem a renunciar á ideia de que taes objectos eram utilisados como instrumentos. Pelo facto de não termos encontrado ainda vestigios de cabos, não póde já concluir-se que estes não existiram. Não são ainda muitas as antas exploradas; e em todas, com excepção do cisto de pedra da Asseiceira, que não continha objectos alguns de industria, as profanações tinham posto tudo em tal desordem, fazendo até sair nos entulhos alguns objectos que se encontraram fóra das camaras e galerias sepulchraes, que é facil admittir a hypothese de cabos d'osso ou de pau de veado terem sido d'alli extraviados. Tambem ou-

Digitized by Google

tros objectos d'osso eram muito raros até ha pouco tempo; e todavia novas excavações nos terrenos que cercam os megalithos nos descobriram já mais alguns exemplares. É, pois, licito esperar que ainda encontraremos nas nossas estações alguns d'aquelles de que se trata.

Mas os cabos tambem podiam ser só de madeira. O sr. Mortillet representa nas fig. 439.ª e 440.ª do seu *Museu* dois exemplares de hachas grandes assim preparadas, provenientes da estação lacustre de Locras, lago de Bienne, na Suissa, e na fig. 441.ª uma semelhante, proveniente da Inglaterra. D'este modo a falta de semelhantes accessorios póde realmente explicar-se pela acção destruidora do tempo. Nem admira que as proprias peças de pau de veado tenham tambem soffrido egual destruição. O sr. Barão J. de Baye encontrou em grutas sepulchraes, que aliás estavam intactas, muitos d'esses objectos destruidos. «Muitas vezes, diz o sabio archeologo na obra já citada, não restavam senão pedaços desaggregados (dos cabos), entre os quaes alguns fragmentos de chifre permittiam distinguir o genero e determinar as dimensões.» Mais facilmente no seio da terra, atacados pelos acidos, estavam sujeitos a destruição.

A falta de mutilação, reconhecidamente intencional, da parte superior das hachas tambem não nos demove. Notaremos antes de tudo que a de quartzo está nas condições que podiam desejar-se, pela sua fórma hexagonal. Quanto ás polidas e acuminadas, é preciso ter em vista que umas teem vestigios de uso, como dissémos, e outras não; e que, a julgar pelo perfeito estado da que foi encontrada na necropole do Cabeço dos Moinhos, e dos gumes de todas as hachas grandes descobertas nos megalithos da Serra, as que não teem vestigios de uso são provavelmente provenientes de monumentos sepulchraes destruidos. Assim, não é para estranhar que não tivessem sido ainda preparadas para receberem os cabos.

Digitized by Google

Por outro lado esta preparação não era essencial. Tanto o sr. Mortillet como o sr. de Baye observam que umas hachas eram *picadas* ou lascadas, e outras não. (1) Por isso em grandes series d'estes instrumentos facil será encontrar exemplares das primeiras; mas em onze, que nós colligimos, não surprehende a sua falta.

Comtudo as irregularidades que o artista deixou em quasi todas e as pequenas fracturas d'algumas não poderão ter sido destinadas a esse fim? Para as hachasinhas perfeitamente acabadas e polidas em todos os pontos, que são só duas, não haveria algum processo, por nós ignorado, de as fixar solidamente nos cabos, sem as damnificar? Tudo isto dá logar a muitas conjecturas, mais ou menos plausiveis. Mas o que é certo é que o bello exemplar da freguezia do Paião tem o gume do topo completamente abatido e vestigios d'uso no gume da base; o que nos leva a pensar que o objecto fôra effectivamente encabado. Ou se abateu o gume do topo, para que as superficies da fractura encontrassem mais resistencia no cabo, ou aquelle se fracturou, depois de embutido n'este, com o uso do instrumento.

Concluimos, pois, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos, que as pequenas hachas de pedra polida das nossas estações eram indubitavelmente objectos votivos; mas que, fóra das sepulturas, deviam tambem, salvo melhor juizo, ter sido usadas como instrumentos cortantes.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

(1) *Le Prehist.*, pag. 544; *Musée*, estampas 47.ª, 49.ª e 50.ª; *L'Archéolog. Prehist.*, pag. 246 e 247.

Digitized by Google

VARIA

Os trabalhos paleoethnologicos no Algarve, do sr. Estacio da Veiga. (1) — Programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal.

As antiguidades prehistoricas do Algarve constituem já um pequeno museu, realmente notavel pela extensa serie dos seus exemplares que, differenciando-o por algumas peças de caracter especialmente regional, marcam no entanto todas as epochas e factos na evolução prehistorica dos antigos povoadores. E nas grandes lacunas, separadas no cyclo ex-historico das civilisações pelas deficiencias do nosso estudo, ha tambem, como em outras varias provincias, factos interessantes que obrigam a discutir theorias e hypotheses, de cuja interferencia sempre tem resultado o avanço lento e prospero das sciencias archeologicas.

Região favoravel ao estudioso é tambem merecidamente a mais bem conhecida. Tem, pois, o seu archeologo, um interessante museu, as suas cartas paleoethnologicas, e, ultimamente, a monographia da sua prehistoria. São quatro grossos volumes, cheios de gravuras, em que o sr. Estacio da Veiga, o dedicado estudioso d'esta zona privilegiada, agrupou e descreveu os factos sobre a prehistoria da sua bella provincia, volumoso *recueil* de documentos, expostos assim livremente á observação universal de todos os que trabalham e procuram, na justa ambição das suas theorias, um ponto de comparação e de apoio, esse elemento original de inducção, que muitas vezes se perde esquecido em regiões ignoradas de todo o estudo.

Nos paizes em que se estuda e que progridem, tem-se deliberado harmonicamente com este ideal, sonhado desde os papyrus do oriente;

(1) *Antiguidades monumentaes do Algarve — Tempos prehistoricos*, por Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga. Lisboa 1891, 4 vol. in-8.º

Digitized by Google

e n'esta ancia de synthese e de verdade, espalham-se os trabalhadores em busca de materiaes, breve documentados e largamente expostos á erudição da velha Europa, avida de claridade na meia-luz duvidosa que envolve os seus grandes problemas. Mas, n'este paiz estagnante, sem elementos hereditarios de lucta — sob a influencia morbida de uma imbecilidade de atavismo — hesita-se ainda systematicamente em face d'esta necessidade flagrante de progresso, com o protesto silencioso e indifferente de quem ignora o valor essencial ou a utilidade abstracta de todas estas coisas. E, no fim de contas, ainda ha ahi pelo paiz quem, — como os apostolos esquecidos de crenças novas — levante o pregão de protesto a valorisar uma causa de abstracta justiça.

Entre muitos, o exemplo do sr. Estacio da Veiga, implorando ha longos annos um misero subsidio para reorganisar convenientemente o seu museu, e desde então esperando uma resposta, é perfeitamente caracteristico da nossa inferioridade no quadro estatistico das nações cultas.

E' assim a queixa desalentada de alguns periodos da sua obra, que a estreiteza do espaço nos impede de bibliographar, mas a que é devido todo o elogio, como trabalho meticuloso de colleccionação, em que se classificam materiaes numerosos, de innegavel valor para a prehistoria da Peninsula.

São grandes volumes que seria materialmente impossivel resumir em alguns pequenos periodos. Ficará para outros trabalhos sobre a especialidade, na ordem do nosso programma, a analyse d'este *recueil* nacional, cujo methodo me parece discutivel, e assim uma parte dos seus modos de vêr, por vezes algum tanto prejudicados com a preoccupação de certo *occidentalismo,* sempre contestavel quando applicado em exagerada generalidade.

Occupar-nos-ha por agora, tam sómente, o seu «programma para a instituição dos estudos archeologicos em Portugal» (prologo do vol. IV), assumpto que entre nós tem todo o interesse de actualidade, visto que nada se propõe officialmente de serio e utilisante a favor dos monumentos de archeologia e historia, encarados como documentos de analyse scientifica ou symbolos nacionaes de velho fetichismo patriotico.

Aproveitando a occasião de se ter creado o ministerio de instrucção publica e bellas-artes, a quem competia a superior ingerencia nas questões d'esta especialidade, o sr. Estacio da Veiga abalançou-se a renovar a sua proposta com uma dedicação tanto mais para louvar, quanto é sabido um esforço perdido na inercia immobilisante dos nossos corpos dirigentes.

Dever-se-hia primeiro do que tudo inventariar rigorosamente to-

Digitized by Google

dos os nossos monumentos archeologicos, distribuindo-os methodicamente em cartas regionaes, decalcadas sobre a mesma formula regulamentar, para a composição final de um mappa harmonico e uniforme da archeologia nacional. Uma direcção geral de archeologia e bellas-artes, annexa ao Ministerio, legislaria no sentido de harmonisar praticamente estes serviços, executados sob a vigia de dois inspectores, a cargo de quem ficaria a conservação e reparação dos monumentos, assim como a fiscalisação dos museus. Completo o trabalho de colleccionação de documentos, estes ficariam distribuidos em seis museus, correspondentes ás circumscripções em que se suppõe dividido o reino, systema que o sr. E. da Veiga prefere ao de um só museu central de archeologia. Os exploradores de cada circumscripção seriam obrigados a colligir, parallelamente aos materiaes de estudos archeologicos e historicos, todos os documentos de caracter ethnologico que iriam compor, com outros subsídios affins, um museu central de anthropologia. Ahi fundar-se-hiam laboratorios e um curso especial de anthropologia, a cargo do director do museu, ao mesmo tempo que se introduzia no Lyceu de Lisboa uma cadeira de archeologia, distribuida, dois annos depois, aos outros lyceus do reino.

Assim é, muito resumidamente, o «programma» do sr. Estacio da Veiga.

A exposição que o Auctor faz do seu projecto deixa a impressão confusa de um systema imperfeito — deficiente ou excessivo — em que se apparenta uma certa difficuldade de structura, realmente pouco favoravel á realisação immediata das suas proposições.

Poder-se-ha notar, por exemplo, uma distribuição pouco explicita das funcções pelos elementos que formariam esse organismo official; um funccionalismo mal limitado em quantidade; deficiencia de indicações sobre o valor legal da inscripção dos moveis ou immoveis de valor archeologico ou historico; falta de indicações sobre as restricções, por legislação especial, do direito de propriedade sobre os objectos ou monumentos inscriptos, e tambem carencia de uma apresentação resumida do modo como se organisaria o serviço de reparação e conservação dos monumentos. Estas considerações, que devem preoccupar o organisador de uma legislação em que se accionam interesses muito diversos, parecem talvez estreitos detalhes, que mais minuciosamente cabem a um ante-projecto do que a um simples programma. Não obstante, a sua apresentação summaria teria o valor de uma aclaração justificativa para alguns elementos vagos da proposta, ao mesmo tempo que imprimiria ao conjuncto organico do projecto um caracter profundo de justa utilidade e sabia inteireza de todas as circumstancias previstas da sua applicação.

Digitized by Google

Um «regulamento especial», que o sr. Estacio da Veiga faz determinar ulteriormente a serie de todos os serviços, incluiria certamente aquelles; mas, nos extensos limites do seu titulo e funcções, é uma causa de confusão em assumpto que deve impor a sua clareza axiomatica e a urgencia evidente da sua importancia indiscutivel.

Um facto ha ainda para notar na organisação do «programma», e é a desharmonia entre uma tendencia centralisadora na disposição dos estudos anthropologicos e a acção descentralisadora de toda a regularisação dos serviços de archeologia.

Sabida a relação intima entre as duas sciencias, pela troca de documentos ethnologicos, parece defeituoso este modo de regularisar estudos perfeitamente concordantes. Um Museu Nacional de Anthropologia, abrangendo os materiaes recolhidos para as duas sciencias, realisaria materialmente a unidade synthetica que deve existir n'esta serie de estudos, a que não faltam soluções de continuidade, mais avolumadas pela deficiencia intima de elementos completos de inducção.

Ensine-se claramente nas escholas o que sejam estas sciencias, os seus processos e os seus resultados superiores; formem-se com dados nacionaes collecções apropriadas ao estudo, completas com a modelagem dos originaes raros; e isso basta para incentivo, creando dedicações pelo raciocinio, sem necessidade de impressionar exteriormente pela exposição apparatosa de todas as *riquezas* provenientes da circumscripção ou districto.

Os monumentos ahi ficam, intactos no seu velho arcabouço, cuidadosamente reparados e conservados pelo Estado, bens pertencentes de direito a toda a nação, sem que a sua deslocação, geralmente absurda, vá affectar o *chauvinisme* ronceiro do concelho ou parochia, possuidores nominaes de simples acaso.

Todos os outros materiaes, separados e espalhados pelo paiz, seriam como folhas soltas de um grande livro, sem valor particular na desconnexão das ideias e factos, valiosos, porém, na harmonia final da sua combinação, como elementos constituintes de um todo superior.

E assim me parece que deve ser a consideração dominante de todo o trabalho n'este sentido, fazendo irradiar todos os esforços e concentrar os resultados, dispondo os materiaes correspondentes segundo uma classificação sabiamente estudada, monographando todos os documentos e archivando o conjuncto harmonicamente, depois da analyse critica lhes ter marcado definitivamente a impressão propria dos seus caracteres especiaes.

São estas as considerações que me fez lembrar o «programma» apresentado pelo sr. Estacio da Veiga — indicação vagamente esboçada de topicos antecedentemente estudados para um trabalho desenvolvido

Digitized by Google

sobre esta questão especial. Em nada, porém, isto vae affectar a alta importancia d'esta iniciativa, incontestadamente elogiavel, a que de boamente prestamos o apoio de todo o nosso enthusiasmo e o concurso insignificante dos nossos esforços e dedicação.

R. S.

Um vaso romano de barro cozido

E' mais um documento a juntar ás numerosas descobertas archeologicas feitas no paiz, do tempo em que dominaram a Peninsula legiões de romanos.

Conservando em toda a parte a sua feição dominante de povo conquistador, estes factos destacados são de somenos importancia, considerados como elementos historicos para o estudo vastissimo do povo-rei — a sua ethnographia está feita. Ha, porém, a deduzir d'esse longo periodo de dominação a influencia sobre as povoações indigenas, a historia especial dos povos peninsulares, muito deficiente nas suas primeiras epochas, perdida nas citações contradictorias dos auctores classicos. Eis um exemplo que justifica, além de muitos outros, a necessidade de tornar publicos estes pequenos materiaes; aproveitarão mais facilmente a quem se especialisar n'estes estudos, e não ficam esquecidos na inutilidade prejudicial das collecções particulares. Assim é a vantagem principal d'esta secção da nossa *Revista*.

1/4 gr. nat.

O vaso que desenhamos, não tem a valorisal-o como documento archeologico os dados precisos sobre a natureza do jazigo e caracter especial da sua estação. Foi encontrado em 1886 na freguezia de S. Mamede de Negrellos, por occasião das minhas excursões aos arredores de Santo Thyrso, em busca de materiaes de estudo. Ahi, no logar de Portellas, construía-se, a meia encosta, uma casita, que apenas mostrava o começo das suas alvenarias; e, na abertura do cabouco para assentar de nivel os alicerces, descobriram entre a camada superior da terra vegetal varios restos de louça e alguns vasos ainda completos. Todos se partiram ao choque do alvião, e só este se conseguiu completo, por um trabalho cauteloso de sapa.

Digitized by Google

Tem, como se vê, fórma muito vulgar nos mobiliarios dos romanos, que plenamente justifica esta sua classificação. De um barro grosseiro, ligeiramente micaceo, conserva o estriado e a regularidade circular que dá o torno do oleiro, caracteres identicos aos dos outros restos de louça que ainda pude examinar, fragmentos de grandes vasos, de fórma indeterminavel.

Disseram-me que tinham apparecido exemplares analogos no logar dos Mouros (freguezia de Moreira), a pequena distancia, no lado opposto da via ferrea, e que esta estação havia sido em tempo explorada pelo nosso distincto archeologo Martins Sarmento. Da visita a este logar nada mais obtive, além de alguns restos de louça e fragmentos de ferro muito oxydado; e o mesmo me succedeu em outras pequenas estações, rodeando em zona pouco extensa a grande citania de Roriz.

N'isto se resumem os apontamentos que se obtiveram sobre este exemplar de ceramica romana; o facto ahi fica publicamente consignado, exposto á disposição de outros investigadores.

R. S.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal. Tomo II — Fasc. I — 1888-89

V — F. de Paula Oliveira — *Nouvelles fouilles faites dans les kjoekkenmoëddings de la vallée du Tage.*

Paula Oliveira foi o continuador dos trabalhos de Carlos Ribeiro e dr. Pereira da Costa sobre os kjoekkenmoëddings do valle do Tejo. N'esta pequena monographia coordenou as suas observações de 1884 e 1885, que veem confirmar e completar os estudos dos seus distinctos antecessores. E, como todos os seus trabalhos, este é apreciavel pela seriedade nos methodos de analyse e a extensa erudição da especialidade do assumpto.

A questão da anthropophagia, attribuida aos pescadores de Mugem, é atacada com argumentos de uma verdade flagrante, nada mais que a conclusão propria dos factos, demonstrada nos caractéres especiaes dos *cabeços* explorados. Rigorosamente observador, tanto basta ao estudo d'estas questões, e especialmente d'esta sciencia, em que ha a antepôr-se o sophisma duvidoso da phantasia de muitos e a deficiencia de alguns.

Citando as conclusões de archeologos brasileiros quanto ao caracter das povoações exoticas dos sambaquis, em emigrações periodicas para o littoral, chega contrariamente a definir o caracter sedentario dos povos de Mugem, hypothese cuja verosimilhança vem appoiar o predominio dos esqueletos de mulheres e creanças, assim como a presença de numerosos objectos de difficil transporte. O methodo fundado sobre os restos de animaes, applicado ás estações analogas da Dinamarca pelo professor Steenstrup, confirma tambem este facto notavel: a fixação do homem ao solo antes do conhecimento da agricultura.

Digitized by Google

VI — F. Paula Oliveira — *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes* (mémoire posthume).

Entre as antiguidades prehistoricas dos arredores de Cascaes, Paula Oliveira apresenta algumas completamente novas, descobertas durante as suas investigações n'esta região, abundante em documentos archeologicos de velhas civilisações. Assim, devemos registrar, além de algumas cavernas naturaes, a gruta artificial de Alapraia, o subterraneo do Casal da Lobeira, e os depositos, á superficie do solo, na aldeia de Manique de Cima.

Isto basta para assegurar a permanencia do homem n'esta zona durante as epochas prehistoricas, prolongando-se ainda sob a influencia das invasões posteriores do povo romano. As suas descobertas d'esta epocha protohistorica são verdadeiramente interessantes pelas considerações de caracter ethnologico a que conduziam, e que Paula Oliveira nos deixou por concluir, surprehendido pela morte, antes de poder terminar a sua bella memoria.

Os vestigios da epocha romana consistem em sepulturas, umas vezes isoladas formando pequenos grupos, outras vezes reunidas constituindo verdadeiros cemiterios; e d'estes os mais notaveis são os de Alcoutão, Abujarda e Murches.

O caracter especial dos tumulos, por inhumação, e a observação dos objectos artisticos que ahi se encontráram, conduziram Paula Oliveira a datar estes cemiterios do seculo II (a. de C.), quando principiou no paiz a influencia do dominio romano. Comparando estes tumulos com outros typos similares de Portugal, em epochas anteriores, nota-se a persistencia do mesmo rito, originariamente préromano. Os restos osseos encontrados nas necropoles de Cascaes pertenceriam, pois, a uma povoação préromana, pura ainda de toda a influencia do povo invasor.

Paula Oliveira concluia attribuindo aos Celtas estes tumulos, o que comprovava por meio de documentos historicos, e a approximação de estações analogas do periodo marniano em França, correspondentes á preponderancia politica das povoações gaulezas d'além Rheno. N'esta parte da sua notavel monographia, ficou ella interceptada, privando-nos da sequencia interessante d'esta questão, verdadeiramente captivante pelo modo especial como era apresentada e discutida.

VII — F. Paula Oliveira — *Caractéres descriptivos dos craneos de Cesareda* (memoria posthuma).

N'esta memoria são apresentados methodicamente os craneos de Cesareda, estudados metricamente e nos seus caractéres descriptivos, sendo destrinçadas as suas particularidades differenciaveis com notavel subtileza de observação. Falha-nos o espaço para considerar miudamente o estudo especial que Paula Oliveira fez de cada individuo, analysando em conjuncto alguns caractéres bem notados, que produziriam para a anthropologia prehistorica interessantes considerações.

Digitized by Google

VIII — Alfredo Ben-Saude — *Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre.*

Esta questão da edade do cobre na Peninsula, levantada pelos archeologos hespanhoes Vilanova e Tubino, adquiriu um certo desenvolvimento com as importantes descobertas dos irmãos Siret no sud-este da Hespanha. No entanto, o problema afastar-se-ha continuamente da sua resolução, emquanto se menosprezarem os dados fornecidos pela analyse chimica dos objectos de metal, classificados nos museus archeologicos como exemplares da edade do bronze.

O nosso eminente mineralogista sr. A. Ben-Saude, comprehendendo nitidamente a necessidade de reduzir a formulas experimentaes um certo numero d'estas hypotheses scientificas, fornece com a sua memoria a este nosso problema ethnographico o auxilio de um elemento estudado e definido, ao passo que sollicitamente corresponde ao appello não ha muito dirigido aos paleoethnologos em uma revista franceza de archeologia.

E, d'esta fórma, com os documentos que resultam do seu authorisado estudo, mais se confirma a these que sempre defendemos da existencia de uma industria *indigena* do cobre, precedendo na Peninsula a do bronze, comprovada por ultimo na analyse chimica dos objectos em questão, procedentes de localidades portuguezas, rigorosamente caracterisadas pela feição especial d'esta industria nossa.

IX — Ch. Schlumberger — *Nota ácerca dos foraminiferos fosseis da provincia de Angola.*

Este estudo foi feito, a pedido do sr. Choffat, sobre um fragmento de marne amarellado proveniente do Dombe Grande, provincia de Angola. Os caractéres paleontologicos d'este marne, que o sr. Schlumberger classifica de miocénico, teem muita analogia com os das camadas de Baden, proximas de Vienna.

E d'ahi se conclue analogamente para a Africa Occidental que estes depositos são formados em agoas profundas, pela semelhança de caractéres que approximam estas faunas da actual fauna das profundidades, como foi estudada pelo sr. Schlumberger a 1:000 e 1:200 metros no Golfo de Gasconha, por meio das dragagens executadas de bordo do *Travailleur*.

R. S.

Digitized by Google

Albert Girard — NOTA SOBRE OS CEPHALOPODES DE PORTUGAL, 8.º, 6 pag.; *Révision des mollusques du Muséum de Lisbonne: I. — Cephalopodes*, 8.º, 36 pag. e 1 pl.; *Additions* ao op. precedente, 8.º, 12 pag e 1 phot.; Lisboa, 1890.

Os tres opusculos citados ennumeram, como se deprehende dos titulos, os exemplares theuthologicos que existem no Museu da Escóla Polytechnica. No primeiro são assignaladas as 14 especies até hoje recolhidas em Portugal, d'entre as quaes destacamos uma nova para a sciencia: *Ommastrephes* (s. gen. *Todaropsis*) *Veranyi*, Girard. Esta interessante especie que fórma a transição dos *Illex* para os *Todarodes*, foi colhida em duplo (macho e femea) a 10 milhas do Cabo da Roca, em junho de 1889. A sua descripção é deveras um modelo de observação, de precisão e de intelligencia, revelando no nosso illustre collaborador qualidades que não estavamos infelizmente habituados a registrar depois do passamento do desditoso Arruda Furtado. Confirmam-as ainda as lucidas observações que, ácerca d'outras especies mencionadas, o sr. Albert Girard nos apresenta. E só lamentamos o ser-nos vedado reproduzir na integra todo o trabalho sobre os cephalopodes, o que, a ser possivel, inteiraria o leitor da *Revista* de que a secção malacologica do Museu está felizmente a cargo d'um bom criterio e d'um forte e perseverante trabalhador.

R. P.

Paul Sébillot — ÉTUDES MARITIMES. *(Les coquillages de la mer; les zoophytes; les mollusques; les crustacés)* 8.º, 19 pag. Vannes, 1890.

Nomes, proverbios, adivinhas, contos, lendas, crenças, superstições e usos dos animaes referidos. O distincto folklorista francez, cujos estudos de zoologia popular são deveras notaveis pela abundancia dos materiaes ineditos colligidos, completa n'este estudo a interessante monographia publicada, ha annos, na *Revue de Ethnographie* ácerca das superstições sobre as conchas marinhas. O snr. Paul Sébillot teve a gentileza de fazer amaveis referencias ás minhas *Notas sobre a malacologia popular*, publicadas no nº 2 do I vol. d'esta *Revista*, traduzindo uma grande parte da memoria e fazendo-a publicar, antes, na sua excellente *Revue des traditions populaires*. O meu trabalho, o *Folk-lore del mar* de Braulio Vigon e algumas observações originaes do auctor fazem d'est'arte um complemento aos trabalhos precedentes do illustre ethnographo francez. Mais uma vez lhe agradeço a sua obsequiosa amabilidade.

R. P.

Digitized by Google

Paul Choffat — PASSEIO GEOLOGICO DE LISBOA A LEIRIA, 8.º, 51 pag., Lisboa, 1891.

Este opusculo abrange uma serie de artigos publicados n'uma revista pedagogica de Lisboa. E' uma descripção pittoresca de parte da Extremadura atravessada pela via ferrea Lisboa-Figueira, feita com o tempo que comporta uma viagem geologica em caminho de ferro e destinada principalmente aos que, não se occupando especialmente de taes estudos, desejam todavia conhecer os factos geraes. A serie de trabalhos em que se decalca a interessante noticia é, na maxima parte, obra do illustre geologo suisso, já de sobejo conhecida para que nos demoremos com mais dilatada referencia.

R. P.

G. de Saporta. — SUR LES PLUS ANCIENNES DICOTYLÉES EUROPÉENNES OBSERVÉES DANS LE GISEMENT DE CERCAL, EN PORTUGAL — 4.º peq., 4 pag. Paris, 1891.

Noticia ácerca do interessante grupo das dicotyleas cujo estudo está sendo um dos mais notaveis e delicados da paleobotanica. Comporta a monographia do eminente paleophytologista francez referencias á flora de Cercal, jazigo intercalado no cenomaniano fossilifero e no neo-jurassico. As especies recolhidas e que servem de base para a noticia foram em numero de trinta e cinco, pouco mais ou menos; o sr. G. de Saporta resume os caracteres mais salientes de todos os typos portuguezes e encontra varias especies novas, duas das quaes constituem um typo a que dá o nome generico de *Delgadoa*, sympathica e merecida homenagem ao sabio director da nossa Commissão Geologica.

R. P.

P. de Loriol. — DESCRIPTION DE LA FAUNE JURASSIQUE DU PORTUGAL. Embranchement des échinodermes — 4.º, 179 pag. e XXIX pl. Lisbonne, 1890-1891.

O sr. P. de Loriol, a quem havia sido confiado o estudo dos echinodermes do cretacico portuguez, publicou ha tempos a sua monographia da fauna echinitica jurassica de Portugal, egualmente incumbencia da nossa Commissão Geologica. E' outro trabalho que denuncía a competencia do notavel echinodermista suisso e que vem occupar na nossa litteratura scientifica um logar de assignalada evidencia. A lista das especies descriptas abrange 95 especies de echinides endocyclicos, 16 de echinides exocyclicos, 1 asteria e 34 crinoides; d'estas 146 especies, 69 são novas para a sciencia. Postoque bastante restricta, a fauna echino-

Digitized by Google

dermica portugueza é notavel principalmente pela grande percentagem de especies até ao presente desconhecidas; e é provavel que o seu numero ainda augmente depois de colheitas ulteriores que se proseguirão á medida que os trabalhos estratigraphicos correlativos se forem executando. Nas XXIX planchas que terminam a memoria são figuradas todas as especies ineditas.

R. P.

Digitized by Google

NOTICIAS

O MUSEU AGRICOLA E FLORESTAL DE LISBOA

Foi nos primeiros dias do anno passado que se inaugurou a nova installação d'este museu, no antigo palacio do conde de Almada, ao Rocio.

Eram espaços vagos de solidão essas longas salas do velho solar de aristocratas, em que se diluiam, como as sonoridades apagadas de um echo, recordações nebulosas do passado, repercutindo surdamente, aos quatro cantos, lamentos infinitos de saudade — d'esse vasto passado em que havia crenças e felicidades, a existencia viva e independente de ideaes aventurados. Sahiu d'ahi, cellula escondida de revolta, o movimento de protesto e restauração, caso archaico da historia patria, onde se firmava a superior envergadura de um caracter, acorrentado pela grilheta da fatalidade historica, mas luctando superiormente contra a humildade soffredora de longos periodos esgotados.

O palacio foi permanecendo, erecto na sua rigidez antiga de invalido, no meio d'este esborcinar de monumentos e glorias. Veio depois o decreto official, com honrarias de funccionario publico, dar utilisação moderna ao velho paradeiro, que agora tem numero na lista civil, com taboleta de estanco na portada nobre.

É ahi que se installa o nosso museu de agricultura, as suas sete salas etiquetadas com designações de zonas agronomicas e exemplares em ordem de productos cultivados

Materialmente, eis um benefico avanço nas questões agricolas e um impulso proteccionista a favor da archeologia nacional, tão desviada das responsabilidades officiaes, impostas geralmente pelos monumentos historicos dos factos e civilisações que se justapõem no relato biographico dos povos.

Ha satisfação em vêr interesse pelo caminhar progressivo do paiz; e o solo, onde se accumulam elementos morbidos de vida, a germinação latente de forças conservadoras e impulsivas, tem sido julgado entre nós a summula de recursos que despertarão a nossa actividade adormecida, no meio da concorrencia atropelante e esmagadora dos outros povos.

Digitized by Google

Está pois ahi a nova restauração, e esta coincidencia interessante valorisa o acaso da installação actual do museu, por si altamente valioso, desde que manifesta a uniformidade de um methodo ou sciencia, acceite praticamente nas suas leis poderosamente utilisaveis. Desculpa-se, por isso, a interferencia de aspectos incompativeis, no empastamento da ornamentação moderna, com objectos industriaes da actualidade, no fundo amarellado e poeirento d'aquellas velhas reliquias, irritavel, como o polido novo em um bric-à-brac artistico, ou a pintura espessa sobre a patine corroida dos tempos.

Admittido então o Museu Agricola na sua nova installação, ao Rocio, resta agora dar-lhe a largueza que compete ao desenvolvimento actual das sciencias agricolas.

Nasceram modernamente sciencias de applicação geral á cultura do solo, ramos de sciencias technicas, separados pelas necessidades que foram apparecendo na larga expansão dos conhecimentos.

Havendo um instituto de agronomia, em que se cursam, melhor ou peior, essas leis que regulam a productividade das terras, necessario é pois dar-lhes o maximo desenvolvimento com a organisação concordante de museus, em que se aproveite proficuamente o seu duplo valor de series documentadas de elementos de estudo, e de exposição emulativa dos productos regionaes. Pela comparação dos especimens conclue-se a caracterisação completa de uma fórma melhor, faz-se artificialmente uma selecção cuidadosa de variedades pelas suas alterações uteis, e apprendem-se novas receitas ou processos novos do mechanismo industrial e agricola.

Teem tambem estes museus valor ethnographico, e esse está principalmente na apresentação de typos indigenas, especimens de costumes populares, completos com exemplares ou modelos das alfaias agricolas e pequenos objectos intimos de lareira.

Este aspecto não foi esquecido na disposição do Museu Agricola de Lisboa, que lhe prepara a impressão agradavel de uma obra, d'onde resalta a preoccupação artistica da fórma, na sua harmonia esthetica, ao mesmo tempo que evidenceia flagrantemente uma utilidade universal, proficuo ensinamento á multidão que passa n'estas galerias commemorativas do trabalho.

R. S.

O MUSEU DE MINERALOGIA, GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DA ACADEMIA POLYTECHNICA DO PORTO

Publicou-se no *Annuario* de 1890-91 o catalogo d'este gabinete, e esse documento é bastante para confirmar o desenvolvimento ultimo d'esta secção em instituto scientifico que, desde algum tempo, se propunha formar engenheiros de minas.

Existia para a regularisação geral d'este curso um programma exacto; ahi attendia-se ao ensino theorico da mineralogia, geologia e paleontologia, com o preciso desenvolvimento para as subsequentes generalisações technicas da sciencia applicada. O modo, porém, como eram cumpridas as disposições normaes d'esse programma, não é desco-

Digitized by Google

nhecido de quem tivesse observado a falta habitual de probidade na desconnexão final, entre o systema que regularisava a prática escolar da sciencia, e o modo imperfeito como eram realisadas essas disposições, no que diz respeito á eschola e seus cursos.

Ainda hoje se estuda n'este estabelecimento polytechnico segundo o regimen didatico da exposição dos grandes cursos, feitos em estabelecimentos similares, mas completos, do estrangeiro; segue-se a feição dogmatica dos velhos typos universitarios, quando o processo intimo da analyse é a formula constitutiva das sciencias experimentaes, em que a deducção final dos principios fundamentaes se concretisa no estudo empirico dos proprios factos.

D'ahi veio a expressão ultima dos methodos educativos, falsamente comprehendidos, quando se presuppõe um resultado completo com a accumulação erudita de conhecimentos sobre phenomenos, que não se sentiram, a lição de caracteres, que é difficil abstrahir do proprio objecto, pelo processo incompleto das fórmas descriptivas. Assim se fazia antigamente nas nossas escholas, e ainda hoje se faz de um modo geral, havendo a registrar, como manifestação moderna de progresso, um ou outro pequeno melhoramento, devido á iniciativa e esforço dos professores, no sentido de organisar um material mais ou menos completo de estudo.

N'este trabalho continuado de propaganda em favor da sciencia nacional, habituados a encontrar, como obstaculo insuperavel, um meio inexpressivo na sua unica manifestação de insufficiencia organica, é agradavel encontrar d'estes factos, outros tantos documentos para a medida estatistica da cerebração nacional.

Havia, pois, na Academia Polytechnica, um curso de mineralogia, geologia e paleontologia, sem collecções de estudo. Tal designação não mereciam, decerto, alguns poucos exemplares desordenados de proveniencia estrangeira e problematica, accumulados em vitrines multiformes, como os grupos exoticos de antigas anatomias, em uma floresta de algas e polypos, onde passeiam, de mistura, insectos de côres vivas e aves pintalgadas dos paizes afastados.

Gerações de alumnos *passáram*, sem quasi distinguirem os elementos de um granito vulgar, e havia sobretudo ignorancia da incompetencia fundamental para estudos subsequentes de qualquer outra sciencia. No entanto, formavam-se engenheiros, e as cartas attestavam conhecimentos amplamente comprovados das materias do programma, aliás bastante completo na sua constituição apparatosa.

Hoje apparece-nos tudo exposto segundo uma disposição scientifica e moderna; adquiriram-se especimens-typos de estudo, exemplificados em collecções portuguezas, e começou-se um pequeno atelier para o estudo da micrographia, elemento poderoso na determinação das rochas e estudo geometrico dos elementos crystallisados — as suas propriedades e a sua genése.

Isto deve-se em parte, assim como um já extincto gabinete de microscopia vegetal, ao subsidio e especiaes esforços do professor, sr. dr. Amandio Gonçalves, cuja dedicação pelo desenvolvimento dos seus gabinetes merece justamente todo o elogio, uma excepção a registrar entre o funccionalismo das nossas escholas, geralmente caracterisado pela falta de pessoalidade e interesse, manifestada em absoluta indifferença pelos methodos e resultados.

O nosso distincto collega Rocha Peixoto, que tem desempenhado

Digitized by Google

o trabalho de naturalista adjuncto, veio trazer á iniciativa do sr. Gonçalves o auxilio forte de todo o seu enthusiasmo, a nota flagrante e proficua de um novo, intimamente dedicado a todos os methodos actuaes da sciencia moderna. E assim foram dispostas as collecções segundo uma classificação rigorosamente scientifica, muitos outros especimens vieram, e tudo se refundiu em um aspecto completamente novo, apparecendo pela primeira vez um gabinete tal como elle basta ás exigencias de uma sciencia de applicação em eschola technica.

Imperfeições ha, devidas especialmente á ausencia de largos subsidios que auctorisem a formação de maiores collecções; isto, porém, nada modifica o valor que merece o trabalho dos que directamente actuaram n'este melhoramento, que é de justiça se faça sobresahir entre as deficiencias geraes dos nossos estabelecimentos de instrucção.

E' especialmente interessante n'este pequeno museu uma collecção portugueza de paleontologia, que Rocha Peixoto formou com exemplares escolhidos nos duplicados das collecções da Commissão dos Trabalhos Geologicos, em Lisboa. O valor d'estas series regionaes em museus de estudo é indiscutivel; não se comprehende mesmo como se possam concretisar formulas especiaes de applicação, sem a noção distincta do facies regional. Supposto o caracter technico d'esta Academia, e que ella se propõe scientificar entre nós algumas profissões immediatamente uteis, demonstra falta absoluta de todo o criterio educativo esta antiga carencia de modelos nacionaes de estudo, com a exemplificação documentada de phenomenos produzidos no paiz.

Ha typos classicos, assim como modelos universaes, que são elementos-base da sciencia geral, completamente alheia ao nosso paiz, largamente affastado de todo esse colossal movimento de revelação scientifica, onde ha sobretudo muito talento e muito trabalho. Mas, apparece, parallelamente a este curso geral, a necessidade de, pelo menos, nacionalisar na sua applicação methodos e processos, que utilisarão directa e especialmente o paiz, nos ramos diversos da mesquinha actividade nacional.

E' um minimo tolerado de bom-senso, que nem sempre se encontra nos nossos institutos e academias, razão de mais para se julgar realmente valioso e expressivo este pequeno exemplo, que me alegro em registrar, prestando-lhe simplesmente a justiça que merece.

R. S.

Digitized by Google

OS MORTOS

IGNACIO DE VILHENA BARBOZA

1811-1890

Deixou um numero grande de trabalhos sobre os nossos monumentos historicos e archeologicos. Encontram-se espalhados em publicações diversas; e, se não constituem uma serie ordenada de monographias com o caracter de estudos especiaes e intimos de cada monumento, formam no entanto um conjuncto interessante de documentos, uma obra valiosa de vulgarisação, com o fim de «recomendar taes monumentos á attenção e apreço dos portuguezes, e á desvelada vigilancia dos poderes publicos» (*Mon. de Port.*).

Alguns artigos, modificados e ampliados, compozeram os volumes que nos deixou: *As cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas* (1860-62), *Exemplo de virtudes civicas* (1872), *Estudos historicos e archeologicos* (1874-75), *Monumentos de Portugal* (1886).

Foi membro da commissão nomeada em 1881 para adquirir objectos artisticos e archeologicos para a exposição do museu britannico de South Kensington, que depois pretextáram a exposição ornamental de Lisboa no anno de 1882.

Não era um observador, com o criterio de analyse, hoje elemento fundamental nos estudos scientificos d'esta especialidade; mas nem por isso deixa de ter merecimento o seu trabalho, que difficilmente esquecerá, com a memoria do bondoso velho, honrado patriota cheio de crenças e dedicação.

R. S.

Digitized by Google

A. C. BORGES DE FIGUEIREDO

1851-1890

Houve epocha, depois do centenario, em que o poema de Camões foi miudamente analysado, á lupa, em todos os seus elementos—dissecados e metricamente classificados os materiaes que se juxtapõem no arcabouço complexo de uma civilisação; havia ahi a impressão firme de uma nacionalidade, diluida no seu meio proprio, superiormente comprehendido, flagrante em todas as manifestações minimas, intimamente sentidas e caracterisadas.

Applicaram-lhe então os processos experimentaes das sciencias d'hoje, zoologia, botanica, ethnographia, archeologia, linguistica, etc. o que produziu algumas monographias, de interesse, talvez, para o estudo profundo d'aquella grande epocha, ou para o inquerito curioso das quantidades elementares do poema. A Borges de Figueiredo coube destrinçar-lhe as designações geographicas, que compilou e dispoz em um mappa especial—*Carta da Geographia dos Lusiadas, A geographia dos Lusiadas,* (1883); a carta foi submettida ao parecer da Academia e impressa depois sob a protecção official.

Foi este o começo dos seus trabalhos scientificos. Collaborou em seguida dedicadamente em assumptos de archeologia historica, e especialmente de epigraphia, onde seriam realmente preciosos os seus serviços, auxiliando parallelamente outros trabalhos na reconstituição da ethnica peninsular.

Publicou dois livros de somenos valor scientifico, *Coimbra Antiga e Moderna* (1886), *O Mosteiro de Odivellas* (1889), onde no entanto transparece um grande trabalho de investigação historica e erudição, a que se pretendeu dar uma fórma litteraria, por vezes menos feliz. Ia em meio o quarto volume da sua interessante *Revista Archeologica*; e os que sabem dos esforços que exige no paiz a publicação d'um periodico scientifico, podem bem medir o valor d'este grande esforço, sempre contrariado pelo desalento de uma parte e a indifferença de todos.

R. S.

Digitized by Google

ESTACIO DA VEIGA

Entrava no prélo esta ultima folha da nossa Revista, quando nos veio a noticia da morte do archeologo Estacio da Veiga. Vae longa esta serie de necrologios, como um symptoma triste de fatalidade, n'este esboroar colossal de tudo o que possuiamos em elementos superiores de actividade e trabalho.

Falta-nos agora o espaço para apresentar a obra interessante de Estacio da Veiga e a sua alta valoria como estudo detalhado de casos archeologicos.

No proximo numero procuraremos desempenhar esta funebre missão de chronistas.

Digitized by Google

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A Sociedade Carlos Ribeiro tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*:

Santos Rocha — *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira.* (Segunda parte), 4.º, 90 pag., V pl. Coimbra, 1891.

G. de Saporta — *Sur les plus anciennes Dicotylées européennes observées dans le gisement de Cercal, en Portugal.* 4.º, 4 pag. Paris, 1891.

A. Locard — *Les coquilles marines des côtes de France.* 8.º gr., 383 pag. e 348 grav. no texto. Paris, 1891.

Th. Huxley — *Les sciences naturelles et l'éducation,* in-16, 360 pag. Paris, 1891.

— *La place de l'homme dans la nature.* in-16, 358 pag. e 84 fig. Paris, 1891.

Ramalho Ortigão — *A fabrica das Caldas da Rainha.* 8.º, 22 pag. Porto, 1891.

Paul Choffat — *Note sur le crétacique des environs de Torres Vedras, de Peniche et de Cercal.* 8.º, 43 pag. Lisbonne, 1891.

— *Espagne et Portugal* (extrait de l'*Annuaire Géologique universel,* tom VI), 8.º, 18 pag. Paris, 1891.

Proença Vieira — *Exemplo frisante da importancia da utilisação dos dados geologicos na escolha dos traçados dos caminhos de ferro.* 8.º, 9 pag. e 1 cart. Lisboa, 1891.

Nery Delgado — *As cavernas em geral e especialmente as de Santo Adrião em Traz-os-Montes* (extracto da *Revista de Portugal*), 8.º, 16 pag. Porto, 1892.

Boletim da Sociedade Broteriana, tom. VIII, fasc. 3-4, tom. IX, fasc. 1. Coimbra, 1890-91.

Boletim do Atheneu Commercial do Porto. vol. I, n.os 3-6. Porto, 1891.

Revista de Guimarães. tom. VIII, n.º 4. Guimarães, 1891.

Revista do Minho. vol. VII, n.os 10-14 e 18-19. Espozende, 1891.

Revista dos lyceus. vol. I, n.os 2-3. Porto, 1891.

Instituto, vol XXXIX, n.os 1-5 Coimbra, 1891.

Revista de obras publicas e minas. tom. XXII, n.os 262-264 Lisboa, 1891.

Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie. tom. I, n.os 9-11 Paris, 1891.

Revue scientifique. tom. 48, n.os 9-26 e tom. 49, n.os 1-5. Paris, 1891.

Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles. tom. V, fasc. 1-4. Bruxelles, 1891.

Verhandlungen der Berliner Gesselschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. n.os de maio-junho Berlim, 1891.

Bolletino del Real Comitato geologico d'Italia. vol. II, n.os 2-3. Roma, 1891.

Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris. tom. II, fasc. 1-2. Paris, 1891.

Digitized by Google

Bulletin de la Société des sciences historiques et naturelles de Semur, n.º 5. Semur, 1891.
Bulletin de la Société vaudoise de sciences naturelles, vol. XXVII, n.º 104. Lausanne, 1891.
Bulletin de la Société belge de microscopie, tom. XVII, n.º 10 e tom. XVIII, n.os 1-2. Bruxelles, 1891.
Feuille des jeunes naturalistes, n.os 251-255. Paris, 1890.
Mélusine, tom. V, n.os 11-12, Paris, 1891.
Records of the Geological Survey of New South Wales, vol. II, part. I-III. Sydney, 1890-91.
The Journal of the Anthropological institute of Great Britain and Ireland. vol. XXXI, n.º 2. Londres, 1891.
Abstracts of the proceedings of the Geological Society of London, n.os 578-581. Londres, 1891.
Verhandlungen der kaiserlich-königlichen zoologisch-botanischen Gesellschaft in Wien, n.os setembro-dezembro. Vienna, 1891.

AVISO

A correspondencia, publicações e communicações destinadas á Sociedade Carlos Ribeiro ou á Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, deverão ser endereçadas d'ora avante á Livraria Lugan & Genelioux, rua dos Clerigos, 96 e 98 — Porto.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

LIVRARIA J. B. BAILLIÈRE & FILS

19, rue Hautefeuille — Paris

TH. HUXLEY — *Les sciences naturelles et l'éducation.* — Um vol. in-16 com 350 pag. . . . . 3 fr. 50
— *La place de l'homme dans la nature.* — Um vol. in-16 com 358 pag. e 84 fig. . . . . 3 fr. 50
ARNOULD LOCARD — *Les coquilles marines des côtes de France.* — Um vol. in-8.º gr. com 384 pag. e 348 grav. 18 fr.

REVUE MENSUELLE DE L'ÉCOLE D'ANTHROPOLOGIE DE PARIS

Prix d'abonnement

Un an, pour tous pays . . . . . 10 fr.

Librairie FELIX ALCAN, 108, boulevard Saint-Germain. — PARIS

Digitized by Google

REVISTA

DE

Sciencias Naturaes e Sociaes

ORGÃO DA SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Publicação trimestral

Directores — RICARDO SEVERO e ROCHA PEIXOTO

Volume Segundo — N.º 8

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

1893

Digitized by Google

Se 6-1

SUMMARIO

MEMORIAS ORIGINAES

A tatuagem em Portugal, por Rocha Peixoto . . . . pag. 145

VARIA

O diamante, por Alfredo Bensaude . . . . . pag. 159

BIBLIOGRAPHIA

Crime et criminel, de F. Ferraz de Macedo, por Julio de Mattos . . . . . pag. 185

OS MORTOS

Estacio da Veiga, por Fonseca Cardoso . . . . . pag. 190

PLANCHAS

Tatuagens portuguezas (VIII pl.) . . . . . pag. 158

Digitized by Google

A TATUAGEM EM PORTUGAL

(Conclusão)

1.ª Emblemas profissionaes

Raros os que se referem a officios; communs, as ancoras nos marinheiros, simples ou ornadas. Instrumentos de musica — violas, guitarras (fig. 1, pl. I), etc. — nos tocadores. Lacassagne dá uma lista extensa das tatuagens adoptadas por membros de grande numero de profissões — esquadro e fio de prumo, nos pedreiros; parafusos, nos serralheiros; pinceis, nos pintores; violino e arco, nos musicos; compasso, nos carpinteiros; cabeças de boi, nos magarefes; pistolas, nos armeiros; ancoras, nos marinheiros; botas, nos sapateiros, etc. — accusando a sua importancia como signal de identidade, que realmente é valiosa.

Os emblemas militares são pouco communs, mas em maior numero do que os precedentes: datas da inscripção nas fileiras; numeros de matricula, de companhia, de bateria e de regimento; um tambor e duas baquetas cruzadas; espadas, peças de artilheria. Estes signaes apparecem em soldados dos exercitos italiano e francez e ha-os mesmo especiaes para distinguir os membros de diversas armas: cavallos e clarins, na cavallaria; espingardas, na infanteria; canhões e granadas, na artilheria, etc. Tanto

Digitized by Google

basta para incluir os emblemas militares na cathegoria dos profissionaes.

2.ª Emblemas amorosos e eroticos

Os emblemas amorosos e eroticos são dos que mais predominam nos nossos tatuados. Umas vezes apenas as iniciaes da mulher estimada; outras, seguidas das iniciaes dos operados; outras ainda, fundidas, ex.: A. J. N. (Anna e José das Neves, mulher e marido); frequentemente a data da iniciação no amor. Corações simples encimados por uma cruz (fig. 2, pl. I), um triangulo (fig. 3, pl. I), um signo-saimão, uma corôa real, um desenho ornamental (fig. 4, pl. I); corações inflammados, trespassados por settas (fig. 5, pl. I), ou com as cinco chagas no interior do contorno; corações duplos (fig. 6, pl. I e fig. 7, pl. II), unidos, com ou sem iniciaes. Estas lettras, inscripções ou symbolos são precisamente analogos aos descriptos por Lombroso e, nomeadamente, aos das populações da Lombardia e do Piemonte.

As tatuagens que se referem ao amor filial ou a amizade são mais raras: lettras, nomes e datas. Entre as primeiras exemplificarei com a seguinte, levantada no ante-braço esquerdo d'um soldado: A. M. L., iniciaes do nome do tatuado; em seguida M. C., iniciaes do nome da mãe; depois a palavra AMOR que o tatuado dizia referir-se ao profundo sentimento maternal; por ultimo, duas mãos entrelaçadas, a da mãe e a do rapaz (fig. 8, pl. II). Das segundas é curiosa a seguinte, relatada pelo snr. Castello Branco: n'um delinquente de existencia desregradissima, viciosa e turbulenta deparou-se-lhe o desenho d'um tumulo como recordação do *seu unico amigo*, lastimando o tatuado não poder ter-lhe erguido um mausoleu de marmore. Convem approximar d'este caso o figurado no *Atlas*

Digitized by Google

de Lombroso em que um tatuado fez desenhar no braço esquerdo o tumulo do pae.

As eroticas são numerosas e encontram-se quasi exclusivamente nos que habitam assiduamente as prisões; algumas não poderiam ser descriptas, como diz Lacassagne algures, nem em latim. As mais vulgares são os phallus, ornamentados por vezes, outras pretendendo accusar uma erecção burlescamente exaggerada. As tatuagens d'alguns encarcerados da Penitenciaria de Lisboa — um homem nú com um erotismo de satyro na perna esquerda e uma mulher núa na direita — são communs n'estas ou em outras regiões do corpo. As mulheres são ordinariamente desenhadas sob formas rotundas; n'um tatuado que examinei recentemente havia no ante-braço esquerdo a figura d'uma mulher em que a preoccupação dominante fôra a amplitude dos seios, do ventre e das nadegas; no ante-braço direito um homem egualmente nú com o orgão sexual caracteristico de dimensões quasi eguaes ás de todo o desenho. O distincto medico-alienista dr. Julio de Mattos informou-me que tivera noticia d'um tatuado que fizera desenhar no braço um Christo com um phallus em erecção de dimensões desproporcionadas.

Um tatuado, autochtone de Lisboa, tinha no lado direito do peito duas figuras em attitude e nudez que faziam lembrar os conhecidos vicios de Sodoma; referencias a esta depravação do instincto genesico apparecem mais, embora com pequena percentagem. Das d'esta natureza enumeradas por Lombroso bastará referir a de um cão sodomisando um gendarme, conforme as palavras do proprio tatuado: *un chien qui emmanche un gendarme.*

De saphistas e pederastes, nos quaes allusões litteraes ou symbolicas a essas preversões torpes são vulgares, nada observei nem sequer recebi noticia. As mãos entrelaçadas em que Lacassagne julga ver a marca denunciativa dos pederastes, significam, nos desenhos que examinei, ou

*

Digitized by Google

amizade, ou amor absolutamente naturaes. E' presumivel todavia que, dada a analogia das tatuagens portuguezas com as das populações que nos servem de comparação, se encontrem desenhos ou inscripções com os intuitos das seguintes: mãos entrelaçadas e a phrase — *L'amitié unit les cœurs;* a simples inscripção flagrantemente significativa — *Ami du contraire,* etc.

A existencia de tatuagens nos logares mais sensiveis da pelle e sobre a qual Berchon, Lacassagne e Lombroso accummularam excellentes materiaes, foi verificada tam pouco entre alguns tatuados portuguezes. O eminente anthropologista francez refere, entre muitas que é desnecessario ennumerar, as inscripções desenhadas logo acima do pubis: *Plaisir des dames, Venez, mesdames, au robinet d'amour,* etc.; ou n'uma nadega: um zuavo com a bayoneta cruzada e sustentando uma bandeira onde se lê — *On n'entre pas.* Lombroso narra, entre outros, o facto d'um tatuado que fizera desenhar na glande a cara d'uma mulher e, de modo tal, que a bocca correspondia ao meato urinario; ainda outro tinha escripto ao longo da verga: *Entra tutto.*

Trez tatuados portuguezes tinham no penis: um, o numero da companhia a que pertencera quando era militar; outro, um phallus grosseiramente desenhado; o terceiro, as iniciaes do nome da amante.

3.ª Emblemas religiosos

Os symbolos de religião, especialmente nos individuos não criminosos, são os mais vulgares e variadissimos na fórma, na extensão e na séde. Já se alludiu á antiguidade d'esta fórma da tatuagem em grande numero de povos e principalmente entre os christãos, os quaes viram tal prática condemnada desde Moysés até ás affastadas delibe-

Digitized by Google

rações prohibitivas dos concilios; a despeito de tudo, o emblema religioso persistiu nas populações profundamente devotas, como diz o anthropologista de Turim quando se refere ao povo de Italia e todos nós relativamente aos portuguezes, uma vez conhecida a proporção avultada dos symbolos catholicos. Essa persistencia que é explicada satisfactoriamente e a um tempo pelo atavismo e, mais ainda, pela vitalidade que a religião conserva nas tradições, teve periodos, certo, de desegual generalisação. Por tempos do *Desejado*, antes de Alcacer Quibir, raro era o popular que não marcasse no peito o Christo ou as inscripções e emblemas figurativos da sua tragedia n'este mundo; e mesmo porque a guerra vinha proxima, se ficassem em terras de moiros, restasse ao menos o vestigio de que haviam morrido abraçados na inabalavel fé do seu Deus. E' este sentimento ainda o que domina em alguns tatuados francezes fazendo desenhar Christos, anjos e santos da sua devoção; certos marinheiros de Italia, afim de que os reconheçam se morrerem no mar alto; os peregrinos de Lorette, para que lhes fique inolvidavel a data de sua piedosa romagem; os visitantes dos Logares Santos; muito portuguez que emigra antes ou durante a primeira viagem aos paizes longinquos; e até varias tribus barbaras tatuando-se com ferro em braza para que, antes de entrarem no paraizo, tenham soffrido a purificação do fogo que limpa todas as impurezas terrenas.

A percentagem da figura religiosa é, pois, a mais elevada. Os dois traços da cruz ou cinco pontos representando as cinco chagas de Christo, as lettras I. N. R. I. sobpostas aos dois cravos cruzados com que pregaram as mãos do Senhor no madeiro, são as mais simples e ingenuas. Veem seguidamente as cruzes ornamentadas, com a corôa de espinhos ao través, a legenda que diz de que povo Jesus era rei, pedestaes onde o craneo e dois

Digitized by Google

femures significam a ineluctavel certeza do fim derradeiro (fig. 9, pl. II). Os Christos, numerosissimos, são de ordinario acompanhados dos emblemas que contam pittorescamente toda essa adoravel historia de resignação no martyrio: o calix com que lhe appareceu o anjo no monte Olivete; os cilicios com que lhe applicaram os açoites; os dados com que lhe jogaram a tunica: a lança com que Longuinhos o varou; a esponja que lhe chegaram á bocca para beber o fel amargoso; a escada a que subiram para o desligarem da cruz; as tenazes com que lhe arrancaram os cravos; o Sol e a Lua, emfim, que representam a passagem da claridade para as trevas, logo que Jesus expirou, e as pedras se partiram e o mundo tremeu (fig. 10, pl. III).

Outras vezes ainda tem o Christo desenhado lateralmente as imagens de S. João e de Nossa Senhora, ou, em vez d'estes, as figuras de pessoas de familia do tatuado em postura de oração; os sudarios ou o rosto de Jesus inscripto na corôa de espinhos e com algum dos emblemas referidos, embora mais ou menos modificados, são egualmente communs (fig. 11, pl. IV). Outros desenhos allusivos a fastos da egreja apresentam-se com uma frequencia e variedade dependente da vontade do tatuado ou do seu operador: santos de particular devoção (fig. 12, pl. V), os braços de S. Francisco na attitude tradiccional (fig. 13, pl. IV), o anjo da guarda dominando Satanaz sob os pés e n'uma das mãos a balança que peza as culpas e as boas acções (fig. 14, pl. VI).

Contrapõe-se a esta multiplicidade de desenhos com o caracter religioso a carencia de figuras patrioticas, abundantes nos italianos, sobretudo nos militares que serviram na guerra contra a Austria, e ainda entre os francezes que, além de reproduzirem os retratos dos homens mais proeminentes do seu paiz, imprimem na pelle bustos da Republica, imagens de alsacianos, as armas de Strasbourg, cabeças de prussianos, etc. Este facto expli-

Digitized by Google

ca-se talvez pela falta de acontecimentos de vulto que, até ha pouco, tenham sobresaltado deveras o paiz e ainda pela noção de amor patrio, tam geralmente obliterado.

4.ª Emblemas metaphoras e phantasistas

De todos os signaes encontrados entre os nossos tatuados o mais espalhado é o *signo-samão, saimão* ou *sanselimão* (fig. 15, pl. IV) destinado, na crença popular, a defender dos maus olhados ou a afugentar as coisas ruins. Esta marca, cuja interpretação ethnographica está por fazer [1], apparece em todos os objectos da arte e da industria populares: na ceramica, na ourivesaria, nos utensilios de pesca, nas cangas dos bois. As fórmas são modificadas como se vê na fig. 16, da pl. VII por exemplo, e, por ventura, fórmas estranhas identifica-as o povo com o seu amuleto. A alliança da cruz com a marca classica merece reparo visto ser desnecessaria a figuração de dois symbolos destinados provavelmente aos mesmos effeitos, facto já observado por Leite de Vasconcellos no seu estudo sobre a ornamentação dos jugos. Esta é, de resto, a nossa tatuagem classica que convem portanto assignalar e tanto mais quanto nos trabalhos que nos teem servido de comparação não é accusada uma só vez.

Em todos os povos que se tatuam a adopção d'um determinado desenho representativo d'uma ideia mais

(1) O meu amigo e illustre ethnographo J. Leite de Vasconcellos mostrou-me um trabalho em preparação destinado á *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro* e relativo ao famoso signal, o qual, sem duvida, reunirá a maior somma de documentos sobre o assumpto e me dispensa, consequentemente, de alguma consideração insignificante que poderia aqui apresentar a tal respeito.

Digitized by Google

geralmente dominante é um facto verificado; no francez o amor perfeito, «flôr da recordação e da esperança», apresenta-se com uma singular profusão acompanhado de legendas que dizem bem o intuito do tatuado — *á elle, á Rosalie, á Constance* — ou até o retrato da amante traçado n'uma das petalas. Os emblemas dos camorristas, dos franc-maçons, de outras sociedades secretas, de seitas e de castas, restringem o sentido quasi universal que se observa no grande numero de tatuagens já descriptas e comparadas aos grupos que as adoptam; e quando, como no nosso caso, o signal é, a bem dizer, privativo d'um povo, existe algum facto de ordem social, psychologica ou ethnographica a concluir. Feita a interpretação do signo estará tam pouco explicada a razão da sua abundancia e persistencia.

Na cathegoria dos emblemas-metaphoras ha motivos para incluir os corações trespassados simples ou unidos (fig. 17, pl. VII), com iniciaes ou datas, alguns desenhos obscenos mesmo, visto alludirem a aspectos varios da paixão amorosa; estão ainda n'este caso as mãos que se apertam.

A tatuagem exclusivamente phantasista é entre nós o peixe, o lagarto, a serpente e a ave (figs. 18 e 19, pl. VII); os vasos de flores (fig. 20, pl. VIII) e o sol (fig. 21, pl. VIII); o annel; todos os desenhos, emfim, modificados na simplicidade primitiva pela preoccupação ornamental (fig. 22, pl. VIII) gracil ou de symetria.

5.ª Inscripções

Este capitulo quasi poderia ser supprimido do quadro pois que as iniciaes e as datas já enumeradas nas linhas que precedem constituem a grande parte das inscripções dos nossos tatuados. A existencia, porém, d'uma certa, com que o nosso amigo e illustre archeologo, dr. Santos

Digitized by Google

Rocha, deparou n'um tatuado da Figueira da Foz levam-me a abrir especialmente este paragrapho. Trata-se da formula magica da fig. 23 da pl. VIII, que aqui reproduzo

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

a qual, como se vê, poderá ser egualmente lida nas quatro direcções indicadas pelos traços. Da sua interpretação occuparam-se Reinhold Koehler, que fez sobre ella uma communicação á Sociedade anthropologica de Berlim, e Webster, que a comentou e ampliou no jornal inglez *The Academy*; este ultimo trabalho foi trasladado para portuguez na *Revista do Minho*, pelo snr. J. Leite de Vasconcellos. E', conforme a affirmação dos dois sabios estrangeiros referidos, um remedio magico contra a febre dos homens e dos animaes e a sua antiguidade vae até á epocha romana, existindo ainda hoje em varios paizes da Europa e no Brazil. A origem remonta provavelmente a algum estribilho de ritual da Roma pagã, apropriada mais tarde, como muitas superstições antigas, pelo christianismo. As antigas nominas e ainda as orações impressas sob uma imagem gravada e cuja leitura e posse livra de epidemias e febres, approximam-se, no intuito, da formula transcripta. A possibilidade de ser lida horisontal e perpendicularmente da direita para a esquerda ou vice-versa é caracteristica n'esta especie de amuletos; se se lê n'um sentido satisfaz e torna propicios os bons deuses, attrahindo-os para a cura; contrario o resultado se é lida ás vessas.

Digitized by Google

Infelizmente quem apresentava esta singular tatuagem não deu o motivo que levou o operador a imprimir-lh'a; seria interessante conhecer a intenção e explicação popular da sua presença.

IV

ESTUDO ANTHROPOLOGICO DA TATUAGEM

Similitude da mutilação, no processo e na indole, entre povos sem laço algum ethnogenico; sua explicação pelas viagens, emigrações, imposição pela conquista e analogia do espirito humano (Darwin). Factores: a religião, a imitação, a ociosidade, a paixão amorosa e o instincto erotico; a necessidade de exprimir ideias por symbolos, nos analphabetos (Lacassagne); a vitalidade da tradição (Lombroso).

A diffusão da tatuagem executada por um mesmo processo e sob moldes inteiramente similares, em populações cujos laços ethnogenicos são nullos ou por emquanto desconhecidos, põe de parte, consequentemente e desde o principio, a ideia d'um parentesco estreito entre muitos dos povos que a adoptam. Em paizes verdadeiramente distinctos sob o ponto de vista anthropologico ha praticas communs cuja explicação está nas viagens dos membros de familias tam diversas, nas emigrações, na imposição pelas conquistas e ainda mais na similitude do instincto do homem. Não se comprehende d'outro modo a coexistencia d'uma mesma mutilação cephalica entre certos povos europeus e os habitantes da Patagonia, uma dada amputação digital em tribus das costas da Africa occidental e do Paraguay, a tatuagem por picadas, emfim, em povos sem relação alguma conhecida nos tempos historicos. A hypothese da juncção, em periodos geologicos anteriores, de continentes actualmente separados, seria ainda precoce e, em muitos casos, improvavel.

Digitized by Google

A prática da tatuagem, pelo modo como está quasi universalisada e por certas leis geraes a que se subordina em todos os tempos e em todos os logares, explica-se satisfactoriamente para todos os povos que a usam com determinantes absolutamente as mesmas. As causas apresentadas pelo eminente anthropologista de Turim e que explicam a persistencia e a indole dos desenhos são, na quasi totalidade, as mesmas que satisfazem aos que estudam a tatuagem em Portugal. Ora é de ver — principalmente se estendermos a pesquiza a todas as cathegorias da mutilação — que entre povos de origens diversissimas a interpretação do costume tem egualmente o mesmo cabimento. Tal facto demonstra que, n'este como em outros habitos, o homem procede por um instincto commum, sem intervenção, muitas vezes, de presuppostas relações de qualquer ordem.

Seguindo as causas que Lombroso refere para explicar a perpetuidade da mutilação temos, em primeiro logar, a religião. É manifesta, entre nós, a importancia d'este motivo; a existencia e a multiplicidade de qualquer symbolo religioso é, no grande numero de casos, justificada pelos operados como signaes evidentes da sua fé christã, uma marca que os denuncie catholicos se morrerem no mar ou nos logares distantes. O Christo é, de ordinario, a imagem preferida; mas o santo de particular sympathia, mais que qualquer outro, demonstra a preoccupação religiosa do intento. Do mesmo modo justificam a natureza d'estas tatuagens não só as populações a que precedentemente nos referimos, mas ainda povos como os birmans e os zelandezes, entre os quaes os proprios sacerdotes exercem a arte.

A imitação tem egualmente valor como causa de propagação da tatuagem. Um tatuado de Cascaes que, nas suas viagens pela costa, continuava a espalhar o costume, dizia que, em rapaz, *era moda* semelhante uso. É interes-

Digitized by Google

sante approximar d'esta explicação a que foi dada a Lacassagne por um dos varios encarcerados de certa prisão, tatuados todos no braço com a phrase *Pas de chance:* adoptava-a tam pouco *parceque tous les prisonniers étaient ainsi.*

A permanencia nas prisões, nos navios e nos quarteis, dando logar a periodos de grande ociosidade, origina tam pouco a persistencia fecunda do costume. Um pescador de Cezimbra, operador emerito, nos intervallos dos trabalhos maritimos desenhava os braços dos companheiros sem proposito de lucro mas apenas para *matar o tempo.* O snr. Queiroz Velloso relata o facto observado n'uma clinica, d'uma mulher tatuada pelo marido *nas horas vagas* e *por não ter que fazer.* Um outro operado affirmava-me que se sujeitava á prática por *brincadeira;* alguns frequentadores da Relação do Porto não explicavam de modo nenhum a existencia do desenho nem a sua significação.

As paixões humanas mais elevadas explicam ainda entre nós algumas tatuagens representativas da amizade filial, de varias recordações gratas, de amor, até, em alguns casos; certos operados em que se encontram simples corações escolhiam este desenho com um sentido occulto e honesto dirigido á mulher estimada. Mas geralmente o instincto erotico é o motivo fundamental das figuras amorosas e, naturalmente, das pornographicas.

Acima, porém, de todas estas causas é necessario reconhecer, com Lacassagne, a necessidade das pessoas analphabetas em exprimirem por figuras ou symbolos as ideias que não podiam representar d'outr'arte, facto tam remoto que, como geralmente se sabe, antes da invenção da escripta já o pensamento era transmittido pelo hieroglypho. Na presença d'uma tatuagem representativa do martyrologio de Christo o operado conta uma historia que nunca saberia reproduzir litteralmente; as figuras amorosas ou

Digitized by Google

obscenas envolvem muitas vezes pensamentos relativamente complexos; os astros, as flores, os animaes, a ancora, o navio, o tambor e todas as marcas profissionaes emfim são representações objectivas de ideias cuja transmissão mal fariam por outro modo. Em appoio d'esta hypothese, cuja verosimilhança é attestada por muitos factos anteriormente indicados, o distincto medico francez assignala outros por ventura mais decisivos. Interessa sobremodo attender ás tatuagens simultaneamente figurativas e phoneticas quasi exclusivas dos individuos cuja cultura é demasiadamente rudimentar; um coração em chammas acima do qual estava escripta a palavra *mon* e sobposta a phrase *à toi* significava, no dizer do tatuado, *mon cœur brûle pour toi;* as iniciaes V. L. E. B. V. juntas a dois copos e uma garrafa queriam dizer *vive l'amour et le bon vin;* o numero 20 *(vingt),* um coração *(cœur)* e a inscripção *d belles,* traduzir-se-hia pelas palavras *vainqueur des belles.*

Por ultimo — e esta é a determinante principal para Lombroso — a tradição influe poderosamente na perpetuidade do costume, causa deveras importante e que não carece de justificação depois de, conhecido o esboço historico já exposto, considerarmos que muitas superstições dos povos primitivos se veem transmittindo até hoje, com tanta mais tenacidade e semelhança com os typos primordiaes, quanto os povos que a conservam estão mais atrazados em cultura.

Porto, maio, 1891.

ROCHA PEIXOTO.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

A. A. Castello Branco. — *Estudos penitenciarios e criminaes*, Lisboa, 1888.

A. Lacassagne. — *Les tatouages* (Étude anthropologique et médico-legale), Paris, 1881.

Charles Darwin. — *La descendance de l'homme*, Paris, 1881.

Césare Lombroso. — *L'homme criminel*, Paris, 1887.

E. Magitot. — *Essais sur les mutilations ethniques*, in *Compte-rendu du Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques* (9ème session), Lisbonne, 1884.

Ernest Berchon. — *Histoire médicale du tatouage*, Paris, 1869.

Gabriel de Mortillet. — *Le préhistorique*, Paris, 1885.

Leite de Vasconcellos. — *Formulas magicas*, in *Revista do Minho*, I vol., Barcellos, 1886.

Nery Delgado. — *La grotte de Furninha à Peniche*, in *Compte-rendu* do congresso de Lisboa, Lisbonne, 1884.

Queiroz Velloso. — *A tatuagem nos delinquentes*, in *Revista do fôro portuguez*, vol. IV, Porto, 1889.

Digitized by Google

VARIA

O diamante (1)

O estudo proficuo dos mineraes começou apenas no fim do seculo passado, na época em que se principiou a estabelecer pela experiencia os principios fundamentaes da chimica moderna, sem os quaes não podia existir a mineralogia. Até então poucos auctores se occuparam de mineraes; e o pouco que escreveram é mais ou menos eivado dos erros provenientes da antiga e vaidosa pretensão philosophica de descobrir os segredos da natureza simplesmente com o auxilio do raciocinio e da phantasia.

As seguintes citações provam-n'o de sobejo:

Trinta annos antes de J. C. sustentava Diodorus Siculus que o crystal de rocha era formado da mais pura agua congelada, não pelo frio, mas pela força d'um fogo divino.

Seneca julga o crystal de rocha egualmente agua congelada, mas por um frio prolongado em virtude do qual o gelo adquiriu tal densidade que o que era anteriormente humidade se transformou em pedra dura.

Plinio, o naturalista, expende tambem a opinião de Seneca na sua historia natural.

O proprio Linneo (1707 a 1778) a quem a botanica moderna tanto deve, tem as idéas mais phantasticas no que respeita aos mineraes, comquanto se lhe devam observações de algum rigor relativamente ás suas formas crystallinas. Tinha elle percebido que substancias muito diversas

(1) Este artigo era destinado a outra Revista de cuja redacção um dos directores d'esta publicação fazia parte. Devidamente auctorisados pelo auctor inscrimol-o n'esta secção, principalmente pelo interesse das informações relativas ao tam celebrado diamante *Bragança*.

N. da R.

Digitized by Google

podem mostrar formas crystallographicas identicas; e esta semelhança de fórma levou-o á convicção de que os *saes* deviam ser considerados como geradores da crystallisação e que a união de um determinado sal com uma dada especie de *pedra* produzia a fecundação pela qual se communica a essa pedra a faculdade de crystallisar em fórma identica á do sal. O diamante, por exemplo, era comprehendido como uma especie de alumen, porque mostra as mesmas formas de crystallisação que este sal tem; por isso lhe deu o nome de *alumen adamas*, ou alumen diamante.

Desconheciam-se pois até quasi ao fim do seculo passado todos os principios da morphologia e da composição dos mineraes, cuja descoberta gradual veio constituir a mineralogia moderna.

É por isso que as litteraturas antigas, nas quaes ás vezes as sciencias contemporaneas vão encontrar os germens das suas concepções fundamentaes, se acham quasi por completo destituidas de indicações aproveitaveis ácerca dos mineraes. São tão deficientes as descripções que a antiguidade nos legou e tão entremeadas de crenças phantasticas, que raras vezes se póde reconhecer a substancia descripta. Verdade é que alguns nomes antigos de mineraes se encontram mais ou menos modernisados na actual nomenclatura mineralogica; mas é muito duvidoso que correspondam á sua significação primitiva.

Uma classe de mineraes faz porém, até certo ponto, excepção a esta regra, e o seu conhecimento e apreço perdeu-se na noite dos tempos. É a dos mineraes que, em virtude da sua côr agradavel, viveza de brilho e grande dureza, estavam naturalmente indicados pelo seu aspecto esthetico para objectos de adorno, que foram usados desde as epochas prehistoricas (1). São os que denominâmos pedras preciosas, as quaes foram desde a antiguidade muitas vezes descriptas em tratados especiaes cujas definições são ás vezes bastante precisas para que as reconheçamos, comquanto seja corrente attribuirem-se-lhes propriedades chimericas e absurdas, que no emtanto ha certo interesse em conhecer, ao menos como subsidio para a historia do desenvolvimento das concepções humanas.

Os primeiros diamantes que se conheceram na Europa provieram da India, onde eram reservados desde os tempos mais remotos para adorno dos idolos e dos monarchas. Segundo uma antiga lenda um dos mais notaveis diamantes conhecidos (o Kohinur) pertenceu ao heroe Karna, filho do Sol, que viveu, segundo a mythologia indica, milhares d'an-

(1) Os povos prehistoricos de Portugal usaram para o fabrico de contas uma variedade de turqueza a que dei o nome de Ribeirite. (Vide *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques*, 1880, pag. 693. Lisbonne, 1884).

Digitized by Google

nos A. C. Nos livros sagrados dos hindus ha varias passagens em que se allude a pedras preciosas e se lhes attribuem propriedades maravilhosas. Os antigos poemas epicos Ramayana e Mahabhárata referem-se a ellas.

O seguinte aphorismo sanscrito: «o diamante não é cortado por nenhuma pedra, mas corta todas as outras»; e ainda este outro: «o diamante é cortado pelo diamante» provam que a sua grande dureza era conhecida dos antigos indios, e tam pouco conhecido o segredo sobre que se baseia a arte de o lapidar.

No Egypto não é certo que houvesse conhecimento do diamante, comquanto se saiba que a arte de lapidar e gravar outras pedras attingiu n'aquelle paiz um desenvolvimento notavel, como de resto todas as artes.

Na Biblia tambem se fazem referencias ao diamante, sobretudo no Exodo, quando se prescrevem as vestes do grão sacerdote; o seu nome hebraico (iáhlóm) não é, porém, só tradusivel por *diamante:* segundo alguns criticos póde corresponder tambem a *onyx* ou agata negra.

É sobretudo na India que o conhecimento do diamante na antiguidade se torna incontestavel. A grande riqueza da peninsula hindustanica attrahiu desde remota antiguidade os commerciantes de diversos povos áquellas paragens, de modo que nos tempos de Roma (seculo de Augusto) existiam communicações com aquelle paiz, para onde eram levadas annualmente quantiosas sommas de dinheiro em troca das suas especiarias, sedas, marfins, pedras preciosas, etc. A opulencia dos seus monarchas despertou a cubiça dos conquistadores.

No começo do seculo XI os musulmanos da Persia, condusidos por um chefe turco, Mahamud-el-Gaznevide, levaram áquelles inoffensivos povos a sua cubiça e o seu culto, que se tornou depois o culto de muitos hindus.

Aos musulmanos seguiram-se os Mogols, cujos chefes reinaram em Dehli até ao seculo passado sob o nome de Grão-Mogols. O saque dos antigos templos, assim como a presa dos thesouros dos vencidos monarchas indigenas, accumularam nas mãos dos Mogols tal quantidade de diamantes e pedras preciosas, que o celebre viajante Tavernier avaliava (1665) em 160 milhões de francos (28:800 contos de reis) o mais rico dos sete thronos do Grão-Mogol Aureng Zeb. A rapida decadencia dos Mogols explica a diffusão de grande parte d'estas preciosidades pelos povos do occidente.

Digitized by Google

Os nomes que o diamante recebeu em quasi todas as linguas da moderna Europa, derivam-se do grego *adamas*, indomavel, comquanto não haja certeza que os antigos gregos empregassem este termo para designar aquella pedra; primeiramente foi usado para designar a materia de que os deuses fabricam as suas armas invulneraveis. (1)

Theophrasto (371-264 annos antes de J. C.) menciona o *adamas* incidentemente no seu tratado de pedras preciosas, sem que seja incontestavel que por tal expressão comprehendesse o diamante. Entre as multiplas propriedades phantasticas que attribue ás pedras, é curiosa e notavel a do sexo, cujo ultimo vestigio se encontra ainda, como vimos, nos escriptos mineralogicos de Linneu. É provavelmente na epocha que medeia entre Theophrasto e Plinio o naturalista, que o diamante foi conhecido na Europa, mas não é possivel fixar-se essa epocha de uma maneira precisa.

Plinio o naturalista (victimado no anno 79 da era christã pela primeira erupção historica do Vesuvio) reunia sem criterio, na sua celebre *Historia natural*, o que em seu tempo se conhecia e dizia do dia-

(1) Camões emprega algumas vezes nos Lusiadas a palavra *diamante* no primitivo sentido hellenico de *adamas*.

No Canto I, est. XXXVII, fallando de Marte diz:

> A viseira do elmo de *diamante*
> Alevantando um pouco, mui seguro,
> ....

No Canto IV, est. LVI, referindo-se a praças fortes:

> Porem ellas emfim por força entradas
> Os muros abaixaram de *diamante*
> Ás Portuguezas forças,.....

N'estes dois exemplos, assim como em algumas outras passagens, não se pode admittir que o poeta quizesse fallar da pedra preciosa quando emprega a palavra diamante, mas sim de substancia muito resistente, sendo expressões synonimas no poema: *muro de diamante, muro adamantino* e *muro d'aço*.

A maior parte das vezes, porém, emprega a palavra diamante na accepção commum, como quando escreve no Canto I, est. XXII:

> Com uma corôa e sceptro rutilante
> De outra pedra, mais clara que *diamante*.

e ainda no Canto II, est. IV,

> Ou se queres luzente pedraria,
> O rubi fino, o rigido *diamante*:

Digitized by Google

mante. Na descripção que d'este fez, d'envolta com algumas das propriedades verdadeiras que se lhe attribue, menciona outras que a observação directa, para não dizer o simples bom senso, deviam repudiar. O diamante, diz elle, tem o maior valor entre as cousas humanas e foi por longo tempo conhecido apenas de poucos reis. É de uma dureza indisivel. Malhado sobre uma bigorna repercute de tal modo a pancada, que parte o malho e a bigorna; e é tambem indestructivel pelo fogo porque nunca póde aquecer-se. Esta resistencia ao ferro e ao fogo é apenas vencida pelo sangue de bode, mas sómente quando actúa sobre o diamante, ainda fresco e quente; e antes de se partir póde quebrar ainda malhos e bigornas. Quando por fim se fracciona reduz-se a tão pequenas particulas que apenas se podem vêr. Os gravadores procuram avidamente os seus fragmentos para com elles gravarem nas mais duras pedras. O diamante tem tal antipathia pelo iman que este não atrahe o ferro na sua presença, etc.

A edade média acceitou na melhor fé estas phantasias do escriptor romano *mais litterato do que homem de sciencia* (Littré).

Albertus Magnus (1193-1280), o grande mestre de S. Thomaz d'Aquino, não só as acceita, mas accrescenta, á descripção de Plinio, que o sangue de bode é mais efficaz para domar o diamante quando, antes de ser morto, se lhe dá vinho a beber ou salsa a comer!

Na nossa peninsula existiam opiniões semelhantes segundo o «Lapidario» del Rey D. Affonso X do VIII seculo (de que existe um fac-simile na Bibliotheca publica de Lisboa). «O diamante encontra-se em um paiz onde faz seis mezes dia e seis mezes noite e por onde corre um rio chamado *Barabicen*. Ninguem ainda poude chegar ás suas nascentes, porque ha lá muitas serpentes e outros animaes peçonhentos e — *viboras que matam solamente de la vista* —».

A sua duresa é igualmente referida, assim como a supposta tenacidade; mas, para partil-o, recommenda-se um processo differente do de Plinio. Basta envolvel-o em estanho e bater-lhe com o martello, podendo depois reduzir-se os fragmentos a pó n'um almofariz do mesmo metal. Tem qualidades medicamentosas, mas é venenoso; e como provém de regiões onde ha animaes peçonhentos, recebeu d'elles o veneno. Mettido na bocca por algum tempo faz cahir os dentes, e um drachma de pó em bebida mata um homem.

Ajuda ainda a fazer «cosa que sea de atrevimiento e esfuerzo» — mas todas as suas virtudes são mais pronunciadas quando certos astros teem determinada posição no ceu.

A crença errada na impossibilidade de partir o diamante batendo-lhe simplesmente, e que proveio da confusão da duresa com a tenacida-

Digitized by Google

de, foi de certo a causa da destruição de muitas pedras preciosas submettidas á prova do martello, como se vê do seguinte episodio historico. Quando Carlos o Temerario, grande rival de Luiz XI rei de França, perdeu a batalha de Gerson (Suissa), trazia comsigo todo o seu thesouro para o pôr a salvo do paiz de Flandres, então revoltado. As suas tropas não puderam resistir ao embate das hostes suissas, que faziam retumbar as duas velhas trompas de ponta de Aurochs, offerecidas a seus antepassados pelo imperador Carlos Magno. Em consequencia do estridente ruido do «Touro de Uri» e da «Vacca de Unterwald» (assim chamavam os suissos ás duas trompas) espantaram-se os cavallos do inimigo, e o exercito borgonhez foi dispersado, segundo diz a chronica, «comme fumée par vent de bise». O proprio duque de Borgonha foi forçado a fugir deixando atraz de si, em poder dos suissos, as suas joias e até o seu chapeu ornado de pedras preciosas. Os vencedores não suspeitaram da riqueza das joias do thesouro; e como, provavelmente no seu entender, verdadeiros diamantes resistiam á prova de martello, partiram-nos na maior parte cuidando que eram apenas pedaços de vidro. Um dos maiores diamantes que o duque costumava trazer ao pescoço (o Florentino, hoje da corôa d'Austria) escapou por milagre. Foi achado no caminho por um soldado dentro de um estojo adornado de perolas, o qual lançou fóra o diamante e guardou só a caixinha; reconsiderando depois veio de novo encontral-o para o vender mais tarde a um cura dos arredores pela infima quantia de um escudo (pouco mais ou menos 200 reis).

A descoberta do caminho maritimo das Indias (1438) pelos portuguezes, veio contribuir consideravelmente para o conhecimento das pedras preciosas na Europa, que anteriormente vinham por permutação successiva até Beyruth e Alexandria, d'onde chegavam ao occidente por intervenção dos negociantes venezianos, genovezes e catalães que n'estes mercados os iam comprar. (J. de Barros. Dec. I.ª, ed. 1628, pag. 148).

Os navegadores portuguezes transformaram Lisboa no deposito europeu dos ricos productos da India, e por isso são n'estes tempos os nossos escriptores quem, na Europa, têm mais claras noções das pedras preciosas.

Duarte Barbosa (1) que muito singelamente nos relata tudo quanto viu nas suas longas viagens pelo oriente (no fim do seculo XV e principio do XVI) refere-se por diversas vezes ás pedrarias da India; e se a sua narrativa não vem ornada de citações dos livros de sciencia do seu tempo, tem sobre os seus antecessores a grande vantagem de ter conhe-

(1) Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas. Lisboa, 1812. Tom. II.

Digitized by Google

cido de perto as pedras sobre que escreve e cujo commercio não lhe era estranho.

Nada se encontra no seu curioso livro relativamente ás propriedades phantasticas das pedras, e a seguinte passagem prova quanto era mais perfeito o conhecimento que tinha d'ellas do que o dos escriptores e poetas europeus coevos. (1)

«Os topasios, diz Duarte Barbosa, nascem na ilha de Ceilão (2)... é pedra mui dura, e mui fina e do peso do Rubi e Saphira, *porque todos trez são de uma especie...*»

Só a mineralogia moderna poude comprovar o que este sagaz navegador já adivinhára — que as tres pedras apenas se differençam pela materia córante.

Sobre diamantes apenas nos diz que os ha no reino de Decan e no de Narsinga (Golconda), lapidando-se n'este ultimo paiz.

Garcia d'Orta, um dos nossos sabios mais illustres, é quem, no seu tempo, mais acertadamente escreveu sobre o diamante, que aprendeu a conhecer durante a sua longa permanencia na India. Por um dos interlocutores dos seus *Coloquios* (Ruano) dá-nos uma ideia clara das opi-

(1) Por esta epocha (1528-1577) escrevia Remy Belleau as suas poesias (Œuvres poétiques de R. B. 2.ª ed. Rouen (1604) sobre as pedras preciosas. Citaremos apenas algumas passagens da poesia *Le Diamant*:

«Sus donc avant que lon me taille
Un diamant que le marteau
Sur l'enclume ne sauroit rompre
Ni l'acier ni le fer corrompre
Ni consommer dans le fourneau»

Depois conta o poeta que o diamante

«Se ramollist et se destrempe
Au plonge dans le sang de Bouc»

Mais adiante refere tambem a receita do Lapidario de Alfonso X (substituindo o tanho por chumbo):

«N'est-ce chose encor plus colce...
.....
Ne pouvant estre combatuë
Que de soy, se voir abatuë
Au fray d'une lime de plom?»

(2) Significa aqui saphiras amarellas; ainda hoje os lapidarios as chamam topasios orientaes. Na mineralogia *topasio* tem outra significação.

Digitized by Google

niões então correntes, as quaes elle se encarrega de refutar pela bocca de uma outra personagem (Orta), que expõe as opiniões do auctor (1).

Eram-lhe conhecidos os diamantes do Bisnaguer (Golconda), do Decan e os do estreito de Tanjapura, nas visinhanças de Malaca.

Em Goa, então importante mercado de pedras preciosas, preferiam os Canarás «os que chamam *naifes*, que são aquelles que a naturaleza lavrou (diamantes crystallisados) e fez perfeitos sem hirem á mó» posto que os portuguezes preferissem os lapidados. Relativamente á supposta resistencia ao choque do martello dá Orta ao seu interventor o seguinte conselho sensato: «se tiverdes algum *diamam* de preço não façais n'elle tal experiencia, porque quantos tiverdes tantos fareis em pedaços com hum martello; e muyto facilmente se quebram com huma mão de almofariz, e asi os fazem em pó pera lavrar os outros»... E n'outra parte «A maneira de conhecer os *diamães* se he *diamam* ou nam, he toqualo com outra ponta de *diamam*, ou com huma lasqua, e se nam fôr *diamam*, faz lhe risquo»... «E de amoleçerse com sangue de bode foy huma fabula... mas já o experementei, e he tanto como se lhe não deitasse cousa alguma»... «E ao que me dizeis de ser vençido do chumbo por causa do azougue, não traz rezam, porque pois o *diamam* vence o ferro, e a todolos outros metaes e pedras, não he bem dizer, que he vencido do chumbo por causa do azougue; porque asi o corta o *diamam*, como uma faca corta um nabo.»

Relativamente ás propriedades venenosas do diamante declara ser um engano «e cousa nam scripta por doutores autenticos», e sem applicação determinada na medecina.

Merece menção uma observação geologica sua, ainda que mal interpretada. Referindo-se aos jazigos naturaes dos diamantes diz:... «he de ver que cousa tam forte (o diamante) avia de estar metida muyto dentro na mineira, e aviase de criarse em muytos annos e vejo que se criam em dous ou tres annos; porque cavam a mineira este anno altura de um covado de medir, e dahi a dous annos tornam a cavala, e tiram *diamães* como primeiro.»

Este phenomeno, que tanta admiração lhe causava, é devido a que, durante as temporadas chuvosas, os sitios escavados foram de novo invadidos por detritos alluviaes que continham diamantes, e não ao terem-se estes formado no proprio sitio á profundidade de um covado. Observa-

(1) Coloquios dos Simplices e Drogas etc. Goa, 1563, Coloquio 43.º A traducção latina de Carolus Clusius (1567) tem sido muito citada, mas desfigura um tanto o original. Extractamos aqui da edição portugueza. O Snr. Conde de Ficalho fez-nos o obsequio de emprestar para este fim as provas d'imprensa da edição que prepara dos *Coloquios* do nosso celebre medico.

Digitized by Google

ções feitas nos jazigos alluviaes, são erradamente generalisadas a todos os jazigos naturaes de diamantes.

Garcia d'Orta substituia pois todas as crendices por observações proprias e notabilissimas para o seu tempo, em que o estado embryonario do estudo da natureza era justamente devido á falta de observadores de bom senso como elle. Mas nem o escripto de Garcia d'Orta, celebre no seu tempo, conseguiu fazer entrar no bom caminho os auctores que posteriormente escreveram sobre pedras preciosas.

Um outro medico natural de Bruges, Boettius de Boot, na sua descripção do diamante (1609) refuta a supposta tenacidade com que esta pedra resiste ao fogo e ao ferro; mas confere-lhe propriedades medicinaes e magicas, como tinham já sido attribuidas por auctores mais antigos. Segundo elle o diamante era reputado medicamento contra venenos, livrava da peste, do feitiço e dos pesadelos, acalmava o mau genio, «et nourrit et fomente l'amour des mariez.» (1)

Não é, porém, a propria materia do diamente que tem todas estas virtudes, mas sim a sua belleza, esplendor e dignidade, que (segundo os medicos e theologos do tempo) a tornavam propria a receber e conservar em si os bons espiritos. São pois estes e não o diamante que actuam beneficamente.

No decimo setimo seculo são notaveis ainda as descripções de viagem, na India, de Tavernier, celebre viajante e opulento negociante de pedras preciosas, pelas quaes se teve noticia circumstanciada dos jazigos de diamantes na India, dos methodos de exploração, do seu commercio e das pedras mais notaveis existentes no poder de monarchas orientaes. Os seus escriptos contribuiram muito para o conhecimento das pedras preciosas e para o desapparecimento de muitas lendas e crendices; no entanto ainda em 1738 escrevia o medico portuguez dr. J. Rodrigues d'Abreu na sua «Historiologia Medica», a respeito das virtudes medicinaes das pedras preciosas em geral: «querem uns tenham virtude para curar o que negão outros... comtudo não se ignora que o Jacinto Oriental, e a Esmeralda apertão as tenrissimas membranas do corpo enfermo, por modo que as privão da sua força tonica subtil, o que nos está mostrando todos os dias, a experiencia. . O certo é foy e será sempre droga e especearia de boa estimação e que não ha pessoa a quem não remedeem.»

(1) É em virtude d'esta fabulosa qualidade do diamante que em diversos paizes é costume offerecerem os noivos a suas futuras esposas, ao menos, um annel com diamantes (bague de fiançailles). Segundo uma antiga lenda, pelo maior ou menor brilho das pedras se pode avaliar da fidelidade da esposa!

Digitized by Google

Escrevia-se isto quasi dois seculos depois de Garcia d'Orta!

No principio do seculo actual ainda eram imperfeitos os conhecimentos que havia das pedras preciosas e vulgares as superstições que lhes attribuiam propriedades occultas, como refere um notavel physico francez, Babinet, nosso contemporaneo. Era então corrente mandar pedir emprestado ás familias ricas, pedras montadas em annel para as applicar sobre a parte doente. Quando a joia devia ser introduzida na bocca como remedio contra dores de dentes, de garganta ou de ouvidos, amarrava-se com um cordel para evitar que o doente a pudesse engulir.

Ainda hoje, na actual sociedade portugueza, ha restos de superstição relativamente aos poderes occultos das pedras. Pessoas, aliás illustradas, teem-me affirmado convictas, que a opala, por exemplo, é pedra de «mau agouro», e todos sabem que é vulgar entre o povo pôr um collar de contas de ambar, a que chamam collar magnetico, ao pescoço das crianças para lhes facilitar a dentição. (1)

A persistencia de todas estas e outras phantasias atravez de tantos seculos mostra-nos ao menos, com dolorosa evidencia, quanto é difficil ao espirito humano o emancipar-se de crenças ainda as mais absurdas, uma vez que tenham a tradicção a amparál-as; mas o estudo d'essas tradicções facilita-nos a comprehensão de alguns habitos e costumes da vida moderna, que se radicam muitas vezes em opiniões puerís dos nossos maiores.

Os antigos não tinham noção alguma sobre a natureza da substancia do diamante. O inglez Boyle é o primeiro que fez a seguinte observação importante relativamente ás suas propriedades chimicas, no meiado do seculo XVII. Possuido da ideia erronea de que aquella pedra, quando aquecida, desenvolvia vapores acres muito abundantes, e querendo verifical-o pela experiencia, observou que ella se consome pela acção do fogo intenso.

Esta experiencia capital foi repetida em 1694 e 1695, em Florença, pelos então celebres academicos Averoni e Turgioni, de ordem e

(1) É conhecida a crença do povo de que o machado de pedra da epocha neolithica, a que chama *pedra de raio*, preserva a casa contra raios. Pelo distincto medico e meu amigo o snr. Virgilio Machado, sei que ha quem use uma gotta de mercurio em um frasquinho pendurado ao pescoço, como remedio contra erysipela, ou um pouco de lacre no bolso, contra o rheumatismo, etc.

Digitized by Google

na presença do Grão Duque Cosme III de Medicis, empregando para ellas ora uma fornalha, ora uma lente que concentrava os raios solares sobre os diamantes. Estes — e foram numerosos os exemplares sobre que operaram—redusiram-se pouco a pouco, sob a acção do calor, até desapparecerem completamente passado certo tempo. Foram taes ensaios pouco tempo depois reproduzidos em Vienna, com identicos resultados, em presença do Archiduque, que mais tarde foi Francisco I d'Austria.

Quasi um seculo depois da experiencia de Florença fizeram se experiencias analogas em França, sob a direcção de D'Arcet, Maequer, Lavoisier e outros. Maequer observou (1771) que o diamante arde com ligeirissima chamma, formando em torno de si uma aureola perceptivel. Estava, pois, demonstrado que elle se consome no fogo, a despeito da antiga lenda da sua indestructibilidade. Um joalheiro, le Blanc, que duvidava ainda d'esta verdade, forneceu á experiencia um novo exemplar que foi egualmente consumido.

Maillard, lapidario da epocha, sustentava ainda a indestructibilidade contra Lavoisier, Maequer e outros, e propoz fornecer tres pedras para se proceder a novo ensaio, que ficou celebre, se lhe permittissem acondicional-as no cadinho antes de aquecidas, o que tambem lhe foi admittido.

Introduziu os tres diamantes lapidados na bocca de um cachimbo de barro a que tinha partido o pipo, encheu o vasio em redor com pó de carvão bem calcado, tapou o cachimbo com uma coberta de ferro e metteu cachimbo e conteúdo n'um cadinho que acabou de encher com cré. Tapou finalmente o cadinho com a respectiva tampa, guarnecendo-o exteriormente de uma massa vitrificavel; e assim o entregou aos experimentadores, que o expuzeram durante quatro horas a fogo tão violento, que a especie de argamassa com que estava coberto se fundiu, gottejando lagrimas de vidro pelas grelhas da fornalha. Retirado do fogo para o abrir, foi necessario partir o cadinho porque a tampa lhe estava soldada: com surpresa de Maequer e satisfação do lapidario, encontraram-se não só os diamantes intactos, mas ainda com o mesmo peso que tinham antes da operação. Achavam-se muito ligeiramente tisnados com uma côr anegrada, mas só exteriormente, porque depois de limpos no torno do lapidario appareceram tão brilhantes e tão limpidos como antes. Por toda a Europa se repetiram então experiencias analogas; e os diamantes ora se queimavam, ora se mostravam refractarios a todo o calor.

Em 1772 descreve Lavoisier uma serie de experiencias, das quaes a mais conhecida é a da combustão de um diamante em um receptaculo de vidro cheio de oxygenio, fazendo actuar sobre elle o calor do sol

Digitized by Google

concentrado por uma lente. Depois de terminada a experiencia, reconheceu que os gazes de combustão se comportavam como o acido carbonico, chegando por isso á seguinte importante conclusão: «Que o diamante, que se destroe em breve tempo ao ar livre com um calor inferior ao necessario para fundir a prata, é pelo contrario um corpo muito refractario quando garantido do contacto do ar.»

Smithson Tennent e Morveau consideram-no como carbone, baseando este ultimo a sua opinião sobre uma interessante experiencia. Sabendo que o aço é apenas uma mistura de ferro com carvão, substituiu o carvão por pó de diamante e fabricou assim um pouco de aço susceptivel de adquirir, pelos processos usuaes, polos magneticos como o aço ordinario.

Por outro lado Humphrey Davy, em Inglaterra (1816), fez uma serie de experiencias e investigações, cujo resultado final foi reconhecer que a combustão do diamante no oxygenio puro sómente fornece acido carbonico e nada mais; d'onde conclue com todo o rigor, pela medida do gaz de combustão, que o diamante é carbone puro, o qual, ligando-se na incandescencia com o oxygenio, produz o acido carbonico. As ultimas duvidas foram removidas pelos trabalhos de Dumas em 1840, e depois d'isso chegou se ainda ao mesmo resultado a que chegára Davy pelas investigações de chimicos do nosso tempo, como Roscoe, Friedel e outros.

Com razão exclama pois Haüy: «Assim temos que o diamante, isto é, o mais puro e o mais brilhante de todos os mineraes e um dos mais limpidos, se identifica com o carvão, isto é, com um corpo brando, negro e opaco, no estado em que o obtemos, pela combustão (imperfeita) das materias vegetaes. Nunca foi mais verdadeiro o proverbio, que *quelques fois les extrêmes se touchent.*»

Antes de averiguada a natureza combustivel do diamante pela experiencia, já Newton havia previsto até certo ponto este resultado (1675) mas a sua previsão passou despercebida dos experimentadores anteriores a Lavoisier.

Eis o methodo inductivo empregado pelo grande physico. Tendo emprehendido a comparação do coefficiente de refracção de diversos corpos diaphanos com os seus pesos especificos, achou que em geral todos os corpos estudados se podiam dividir em duas classes distinctas: uma comprehendia aquelles a que deu o nome de *corpos fixos* e a outra que denominou *gordos*, *sulfurosos* e *unctuosos*, termos que, segundo as ideias do seu tempo, eram synonymos de inflammaveis. Em ambas as classes achou que a refracção varia approximadamente na razão das densidades; mas um corpo de segunda classe com densidade egual a um

Digitized by Google

outro da primeira, tinha uma refracção muito mais consideravel. O diamante, em virtude da sua grande refracção relativamente ao seu peso, estava collocado por Newton conjunctamente com o oleo de therebentina, com o ambar, etc., isto é, com os inflammaveis, ou, como diriamos hoje, com os compostos de carbone. Newton define ainda o diamante como uma *substancia unctuosa coagulada*. Esta inducção podia ter falhado, porque ha corpos em condições eguaes ao diamante, no que respeita á relação da refracção para o peso especifico, e que não são combustiveis.

Todos os que teem algumas noções de chimica sabem que as experiencias de combustão do diamante se podem fazer com grande facilidade com os mais simples apparelhos. Basta por exemplo mergulhar esta pedra em estado incandescente n'uma atmosphera de oxygenio, para a vêr consumir-se lentamente emittindo uma luz fortissima: e até podémos queimal-a facilmente n'uma lampada de espirito de vinho, depois de reduzida a pó, se a aquecermos até á incandescencia sobre uma lamina delgada de platina.

As investigações modernas permittem reconheeer que o diamante, como aliás todos os mineraes, contem muitas vezes impuresas visiveis ao microscopio, taes como pequenos crystaes de quartzo e outras substancias, e que, quando queimado, essas impuresas formam um residuo incombustivel. Se estas inclusões teem dimensões apreciaveis á simples vista prejudicam o valor da pedra e são denominadas *jaças* pelos nossos joalheiros. Muitas vezes estas jaças, são apenas fendas interiores, que, em virtude da forte refracção do diamante, podem parecer opacas, ou produzir, ainda quando sejam estreitissimas, cores irisadas (anneis de Newton) pela interferencia da luz reflectida simultaneamente nas duas superficies que limitam cada fenda.

As inclusões accidentaes não invalidam de modo algum o resultado das multiplas analyses que provam ser o diamante uma modificação do carbone. Este elemento, em virtude da mysteriosa propriedade a que se chama o polymorphismo, é susceptivel de se *individualisar* de tres modos differentes, tendo, cada uma das modificações, propriedades physicas absolutamente diversas (dureza, peso, etc.). Estas tres modificações são: *a*, carbone amorpho, anthracite, hulha, carvão de lenha, etc.; *b*, graphite, o mineral brando e negro de que se faz uso para a fabricação do lapis de escrever; *c*, o diamante.

Digitized by Google

Todas as variadas pedras preciosas teem uma composição chimica mais ou menos complexa; o diamante é a unica que é ao mesmo tempo um corpo simples.

As fórmas polyedricas que apresentam os diamantes crystallisados, pertencem todas ao chamado systema cubico de crystallisação. O numero de polyedros pertencentes a este systema, é indefinido. São, porém, vulgares sobretudo os diamantes crystallisados em fórma de octaedro, de dodecaedro e de hexakisoctaedro ou polyedro de 48 faces. As fórmas de crystallisação do diamante só mui raras vezes são limitadas por superficies perfeitamente planas; geralmente são mais ou menos curvas. Esta particularidade torna-se ás vezes tão saliente a ponto de dar ao diamante bruto uma fórma quasi espheroidal.

Mesmo quando as fórmas crystallinas sejam por qualquer razão indistinctas, como acontece quasi sempre, pode-se, partindo o diamante com cuidado, obter d'elle um nucleo octaedrico limitado por 8 triangulos equilateros. Esta propriedade de se dividir regularmente em laminas segundo planos definidos, é commum aos corpos crystallisados e chama-se *clivagem* para a distinguir da fractura ou lascado dos corpos que não crystallisam, isto é, cuja estructura molecular é irregular. O vidro commum, por exemplo, que não crystallisa, parte-se em todas as direcções com egual facilidade e por isso segundo superficies irregulares que se não podem prever.

A dureza do diamante é superior á de todos os outros corpos conhecidos, de modo que nenhum corpo o risca, mas sim elle a todos.

O seu peso especifico regula por 3,52, isto é, pouco mais do que tres vezes o peso de igual volume d'agua pura.

O seu brilho é vivissimo e assemelha-se ao do aço polido. A sua refracção (1) é muito consideravel e diversa para cada côr, por isso a luz que o atravessa se decompõe muitas vezes, produzindo os effeitos chromaticos a que se chama o fogo do diamante. Mas tanto o brilho como o fogo sómente se podem avaliar bem no diamante lapidado.

Os diamantes encontram-se em quantidades industrialmente aproveitaveis só em jazigos secundarios, isto é, associados a rochas fragmentares, o que prova que se não formaram no proprio sitio onde se encontram.

Os principaes jazigos até hoje conhecidos são: na India (Reino de Nisam, Golconda, Sambalpur, Budelkhand, etc.);—no Brazil, (Minas Geraes,—Diamantinos, Grão Mogor—e na Bahia, etc.); e no Cabo de Boa

(1) Desvio que soffre a direcção de um raio de luz ao passar de um para outro meio de densidades differentes.

Digitized by Google

Esperança (Griqualand West). Relativamente á sua distribuição geographica poderia dizer-se que se encontram principalmente em regiões tropicaes ou subtropicaes. O mesmo se póde avançar, e com mais rigor, no que respeita ás outras pedras preciosas de 1.ª ordem, como rubis, saphiras e esmeraldas. Estas pertencem a duas especies mineraes, vulgares em mui diversas latitudes; mas geralmente só as das regiões tropicaes teem a côr agradavel e a limpidez que as tornam verdadeiramente pedras preciosas. Nada se conhece em geologia que possa explicar este facto se elle não é apenas casual.

A grandeza dos diamantes é muito variavel. Os individuos pertencentes á natureza viva, como as plantas e os animaes, são quasi sempre caracterisados pelo seu tamanho. A palmeira adulta, por exemplo, não excede uma altura que lhe é caracteristica, assim como a estatura do homem adulto é pouco mais ou menos a mesma em toda a parte para cada uma das suas raças.

Não acontece assim no reino mineral onde as dimensões de individuos (crystaes) da mesma especie são susceptiveis de variar entre largos limites. Esta inconstancia de tamanho é um grande obstaculo á popularisação da mineralogia. No quartzo, por exemplo, são abundantes os individuos microscopicos, mas tambem se encontram outros com um metro e mais de comprimento. Póde, porém, estabelecer-se a este respeito uma regra de certo rigor, relativamente á grandeza dos individuos do reino mineral, e formulál a do modo seguinte: *quanto mais raro é um mineral, menores são as dimensões maximas dos seus individuos.*

É por isto que, quando estes excedem um tamanho determinado para cada substancia, representam verdadeiros colossos ou excepções.

Os diamantes colossaes são pequenos, absolutamente fallando, pois que o «Regente» da antiga corôa de França, um dos maiores conhecidos (410 quilates antes de lapidado) se tivesse a fórma regular de um octaedro, mediria 52 millimetros de comprimento em cada um dos tres eixos que ligam os vertices oppostos.

A bellesa do diamante, como objecto decorativo, só se manifesta depois de facetado e polido pelo lapidario.

Quem inventou a arte de o lapidar? Parece-nos que esta pergunta ficará eternamente sem resposta. O que é certo é que, na India, ella existiu desde tempos muito remotos. Seria interessante averiguar ao menos quem a introduziu na Europa; mas é por emquanto um problema obscuro. Attribue-se geralmente esta introducção, em 1476, a Luiz de Berquem, natural de Bruges, mas esta opinião não é acceitavel,

Digitized by Google

porque se conhecem, de data anterior, diamantes lapidados em joias de fabríco europeu.

Outro argumento, que destróe por completo essa supposta prioridade, é o encontrar-se, em documentos anteriores a 1476, menção de artifices que poliam o diamante e lhe davam diversas fórmas. Comtudo se está provado que Berquem não póde ter sido o introductor, no Occidente, da arte de lapidar, não é menos certo que elle a desenvolveu muito, pois talhou para Carlos o Temerario os mais notaveis diamantes que por muitos annos foram conhecidos na Europa.

No seculo XVI tinha-se já ella generalisado em diversas cidades europeias. No XVII o cardeal Mazarino, ministro durante a menoridade de Luiz XIV, patrocinou os lapidarios em França; e é no seu tempo e por sua ordem, que se adoptou pela primeira vez a talha em fórma de brilhante. A cidade, porém, onde tal industria se tornou uma importantissima fonte de riqueza, foi Amsterdam, principalmente depois da descoberta das minas do Brazil. Ainda hoje existem alli as mais celebres officinas, que, na sua maioria, pertencem aos descendentes dos judeus expulsos de Portugal, e que foram contribuir para o engrandecimento da Hollanda.

O diamante bruto, destinado a transformar-se em brilhante, é successivamente submettido a tres operações: clivagem, desbaste e lapidação.

A *clivagem* tem por fim eliminar quaesquer parcellas defeituosas, e dar-lhe a fórma do octaedro regular, isto é, a de um solido constituido por duas pyramides cujas faces são triangulos equilateros e que se acham juntas por uma base quadrada commum. Para isso fixa-se o diamante em uma massa composta de cera, mastique e areia fina, amollecida préviamente ao calor; e, uma vez fixado, faz-se-lhe uma ranhura por meio de fricção com outro diamante agudo, igualmente fixado, com a mesma massa, em um cabo de madeira. Esta ranhura deve estar na direcção de um dos 8 planos de clivagem. Applica-se depois n'ella o gume d'uma faca e com uma pequena pancada nas costas d'esta se faz saltar uma lamina de clivagem do diamante. Repetindo esta operação successivamente para algumas ou para todas as oito direcções de clivagem consegue-se obter um nucleo da fórma de um octaedro perfeito.

O *desbaste* consiste em gastar pela fricção de dois diamantes modificados pela operação anterior, dois vertices oppostos de cada um dos octaedros. Para melhor os manejar e se poder exercer toda a força que a operação exige, fixam-se ambos os octaedros nas extremidades de dois cabos de madeira. O operario tem na sua frente, preza á mesa de trabalho, uma pequena caixa com dois fulcros de ferro nos bordos direito

Digitized by Google

e esquerdo contra os quaes apoia os cabos em que se acham collados os diamantes, e fricciona estes um contra o outro, dando aos cabos um movimento um pouco semelhante ao dos remos de um barco. Vae-se assim gastando até pouco menos de metade da altura de cada uma das pyramides, isto é, trunca-se o octaedro em um dos angulos solidos por uma face aspera e irregular, mas na posição das do cubo; no angulo solido opposto tambem se esboça outra face da posição das do cubo, mas muito menor. O diamante assim truncado em duas extremidades oppostas por duas faces—uma grande (meza), outra menor (culatra)—conserva ainda intactas 4 arestas octaedricas que definem um quadrado (cintura).

Na *lapidação*, não só se pullem as faces obtidas pela clivagem ou esboçadas pelo desbaste, mas substituem se ainda na maior parte as 4 faces que limitam a meza por uma serie de facetas symetricamente dispostas, quasi todas triangulares, que formam a *corôa* e dão á meza a fórma de um octogono; e o mesmo acontece do lado da culatra que fica tambem rodeiada de facetas triangulares na sua maioria, formando o *pavilhão*.

Obtem-se assim finalmente o brilhante trabalho, que se engasta pela cintura, deixando sómente a descoberto a corôa e meza, e mais ou menos occulto o pavilhão.

Quasi toda a luz que penetra pelas faces da corôa ou pela meza é reflectida uma ou mais vezes pelas faces do pavilhão, o que faz que ellas appareçam como pequenos espelhos vivissimos. Mas a luz que por reflexão volta quasi toda a sahir do brilhante pela meza e pela corôa, decompõe-se nas suas côres elementares em virtude da diversidade da refracção para as diversas côres; por isso se observam reflexos diversamente córados, sobretudo se damos ao brilhante, successivamente, posições differentes. Se attendermos ainda a que uma grande parte da luz que incide sobre o brilhante não o penetra e é reflectida immediatamente como em aço polido, podemos dizer que n'elle se combinam a reflexão perfeitissima dos espelhos metalicos, com a decomposição prismatica de luz, commum aos corpos transparentes, mas que o diamante possue em mui alto gráu.

O polido das faces faz-se com os mais simples apparelhos. O principal instrumento é um disco de ferro fundido, em posição horizontal, girando com grande rapidez (milhares de voltas por minuto) em torno do seu eixo, no meio de uma meza e a pouca altura acima da sua superficie.

Fixa-se o diamante na concavidade de uma pequena capsula de cobre, que tem um prolongamento em fórma de cabo; dentro da capsula funde-se uma mistura de chumbo com estanho, na qual se engasta a pe-

Digitized by Google

dra a polir; depois prende-se o cabo por meio de um parafuso a uma especie de tripé que assenta com dois pés de chumbo pesados sobre a meza, servindo de terceiro pé o proprio diamante, que assenta sobre o disco untado com uma mistura de azeite e pó de diamante. Concluida uma face, dessolda-se o diamante, resolda-se n'outra posição, e de novo se applica contra a mó, repetindo-se esta operação tantas vezes quantas são as faces que devem dar-se á pedra. Só uma longa prática, alliada a muita habilidade, permittem ao artista assentar o diamante sobre a mó de tal modo que se produsam sómente as faces na posição conveniente. Quem pela primeira vez observa um habil artista lapidando 2, 3 e 4 diamantes ao mesmo tempo, não deixa de admirar que com tão simples meios se obtenham brilhantes de dimensões ás vezes extraordinariamente pequenas e de grande regularidade.

Pela talha em brilhante sacrifica-se uma grande parte do diamante bruto (70 %) e dois terços de altura da pedra fica escondida no engaste, mas tira-se das suas propriedades decorativas o maximo partido.

Os fragmentos obtidos pela clivagem e pelo desbaste são cuidadosamente aproveitados: ou se reduzem a pó em almofariz de ferro, pó que serve de materia prima para a lapidação, ou quando teem dimensões maiores são lavrados em fórma de rosas.

As *rosas* são pedras quasi sempre de pouca altura, terminadas na parte inferior por uma superficie de clivagem que é polida e na superior por zonas de facetas triangulares. Esta fórma foi muito usada na India, mesmo para os diamantes de maiores dimensões, pois diminue pouco o tamanho da pedra.

A rosa dupla (talho Sancy) é uma fórma um tanto achatada, limitada em ambos os lados por facetas triangulares; foi usada por Luiz de Berquem.

Além d'estas, ainda ha outras fórmas de talha cuja principal virtude é evitar a grande perda de material; são pouco usadas, porém, actualmente.

A unidade que no commercio se adopta para o diamante é o quilate, medida de peso equivalente a $0^{gr}.205$.

No Cabo da Boa Esperança, onde existem actualmente as minas mais productivas de que ha tradição, os diamantes variam entre $^1/_{32}$ de quilate e 409 quilates, mas, d'este ultimo peso, apenas se encontrou um unico (mina de Kimberley).

No Brazil uma pedra de 20 quilates só se encontra de dois em dois ou de tres em tres annos, emquanto que em Africa as de 80 a 150 quilates, que se teem encontrado nos ultimos 20 annos, se contam já por milhares.

Digitized by Google

A mais antiga tabella de preços de diamantes é, sem contestação, a que nos fornece Duarte Barbosa relativamente aos mercados da India; infelizmente o auctor não nos diz se se trata de diamantes em bruto ou lapidados. A titulo de curiosidade daremos aqui alguns preços extrahidos d'ella. A unidade de peso é o mangiar (1).

1 diamante do peso de 1 mangiar (= 0gr,3455), 100 fanões (2)
1 diamante do peso de 4 mangiares (= 1gr,3820), 550 fanões
1 diamante do peso de 8 mangiares (= 2gr,7640), 1400 fanões.

Tavernier estabeleceu no seculo XVII a seguinte regra, conhecida pela *regra dos quadrados*, para achar o valor de um diamante: eleva-se ao quadrado o numero de quilates que pesa a pedra e multiplica-se esse quadrado pelo valor de um diamante de um quilate. Para as pedras muito grandes chega-se, por este meio, a preços tão fabulosos que, mesmo os auctores que procuraram dar á regra uma applicação corrente, não admittem o seu emprego para as superiores a 100 quilates. Actualmente, que os diamantes grandes não são já tão raros e que se é muito mais exigente do que n'outro tempo no que respeita a qualidade, a regra de Tavernier não tem valor algum.

No actual commercio não existe regra mathematica de applicação corrente para avaliar qualquer diamante só pelo seu peso. Em geral o preço sobe em progressão geometrica com o tamanho, mas, tambem depende muito da limpidez, da cor, da perfeição, da fórma que lhe deu o lapidario e do brilho e fogo que a pedra tem.

Salvas rarissimas excepções, em que a côr é carregada e agradavel, os diamantes mais valiosos são os perfeitamente limpidos e incolores e dizem-se de *primeira agua*. Os azues de saphira, os verdes de esmeralda e os vermelhos de rubi, são apreciadissimos pela sua grande raridade e belleza, mas não ha para elles preço estabelecido no mercado. São menos raros e menos apreciados os de côres pallidas, sobretudo os amarellos, abundantes nas minas do Cabo da Boa Esperança.

A excessiva producção das minas do Cabo tem feito baixar ultimamente os preços além d'uma outra circumstancia que influe tambem poderosamente para isso. Nos ultimos annos diminuiu o consumo, por se considerar de mau gosto o uso de muitas joias de preço; estas duas causas reunidas — producção excessiva e capricho da moda — teem produzido uma crise no commercio, sendo hoje difficil fixar um preço exacto a uma pedra de certa importancia. Pedras iguaes, em diversas mãos, teem differentes valores.

(1) Mangiar = 2 taras e 2/3; 2 taras = 1 quilate de bom peso, (0gr,20733)
(2) A unidade de valor é o fanão igual a um real de prata.

Digitized by Google

Os actuaes preços em Paris (março, 1892) para brilhantes de 1 quilate, são:

Branco azulado superior, 800 fr. (160$000 reis).

Branco do Cabo (levemente amarellado), 500 fr. (100$000 reis).

Branco do Cabo com defeitos, 300 fr. (60$000 reis).

De côres claras (segundo a côr), 400 a 150 fr. (80 a 30$000 reis).

O preço medio da melhor qualidade corrente no mercado (branco do Cabo) é de 500 francos, emquanto no fim do seculo passado era de 1:200 francos o quilate lapidado de qualidade corrente. Esta diminuição de preço não foi gradual, pois no meiado d'este seculo regulava o quilate lapidado de 300 a 320 francos.

Se se trata de comprar o diamante em bruto já o preço diminue consideravelmente. Paga-se por uma pedra de 3 quilates (*crystal stone* ou *river stone*) na razão de 75 a 100 francos por quilate, podendo ficar reduzida, depois de lapidada, a um brilhante de 1 quilate.

Para as pedras grandes e collossaes não póde estabelecer-se preço sem as submetter ao exame de peritos que conheçam não só o diamante, mas tambem o estado do mercado.

As excepcionalmente grandes teem valores tão elevados que só são accessiveis ás maiores fortunas; eis porque se encontram quasi todas entre as joias das corôas das nações ricas.

No que segue damos uma descripção resumida de tres dos mais notaveis diamantes existentes na Europa e reunimos alguns dados sobre uma pedra que fez parte das joias da corôa portugueza.

Kohinür. De todas as pedras preciosas da corôa de Inglaterra é este diamante a mais notavel. O seu nome significa em lingua persica *montanha de luz.* E' proveniente da India, e segundo a lenda, pertenceu ao heroe Karna da mythologia indiana. Passou ao poder da Companhia das Indias pela conquista do reino de Lahore e foi offerecido em 1850 á rainha d'Inglaterra pelas tropas inglezas que saquearam aquella capital.

Quando trazido para Inglaterra pesava 186 $^1/_6$ quilates, mas como a sua fórma era a de uma rosa muito irregular, foi de novo lapidado por um artista hollandez, ficando reduzido ao peso ainda consideravel de 103 $^3/_4$ quilates, com a fórma de um brilhante elliptico. E' uma pedra de primeira agua, mas de pouco fogo, em consequencia da sua pouca espessura. Foi avaliada em 600 contos antes de lapidado.

O *Regente* é um dos mais celebres diamantes. Pertencia á antiga corôa de França e ainda hoje é propriedade da nação franceza.

Digitized by Google

Foi achado na India, 40 leguas ao sul de Golconda. St. Simon que conheceu de perto as negociações da sua compra, conta nas suas memorias que um empregado do Grão Mogol conseguiu roubal-a, tendo então o prodigioso tamanho de 410 quilates. e veio á Europa vendel-a. Foi comprada pelo Duque de Orleans, regente de França na menoridade de Luiz XV, por 2 milhões de francos (360 contos) e d'ahi lhe ficou o nome.

A lapidação levou dois annos. Foi talhado em brilhante, perdendo 273 $^{2}/_{16}$ quilates, o que o reduziu ao peso de 136 $^{14}/_{16}$ quilates, com fórma de brilhante perfeitissimo e com um brilho e um fogo absolutamente unicos.

Quando mais tarde rebentou a revolução franceza, as joias da corôa de França foram depositadas em uma pequena sala onde qualquer cidadão ou cidadã tinha o direito de ir admirar e tocar com suas mãos no diamante nacional. Solidamente engastado n'um annel de ferro e preso a uma forte cadeia, era passado por uma especie de *guichet* á pessoa que reclamava a posse momentanea da maravilha de Golconda, avaliada então em 12 milhões de francos.

Depois dos sangrentos dias do 10 de agosto e do 20 de setembro, julgou-se prudente arrecadar mais seguramente as joias da corôa; mas ainda assim os commissarios da communa, que tinham a seu cargo a guarda d'ellas, observaram que os armarios tinham sido violados e o thesouro roubado, sendo baldadas todas as investigações policiaes para descobrir os criminosos. Mais tarde uma carta anonyma dirigida á communa denunciou que parte do thesouro se achava enterrado em certo ponto dos Campos Elysios, onde effectivamente se encontrou o Regente com outros objectos unicos cuja posse era demasiado compromettedora.

Em 1804, um criminoso de nome Bourgeois, julgado nos tribunaes por falsario, fez uma confissão completa, accrescentando que confiava na misericordia do Imperador, que sem elle não estaria no throno. «Eu fui um dos ladrões do guarda-joias, exclamou elle, e fui quem escreveu a carta á communa indicando o sitio onde estava enterrado o Regente; não ignoraes, senhores, que o diamante foi empenhado pelo 1.º consul (a um banqueiro de Berlin chamado Trescow) para obter os fundos necessarios depois do 18 brumario.»

Depois de desempenhado, trazia-o Napoleão I no punho da sua espada.

Orlow. Outro diamante muito conhecido pelo seu tamanho e pureza, é o chamado Orlow, que orna o sceptro do Imperador da Russia: pesa 194 $^{3}/_{4}$ quilates. Está mal lapidado á maneira indiana, em fórma de rosa alta irregular. Pela sua fórma assemelha-se um pouco a um ovo de gallinha cortado pelo meio. E' originario da India, e achava-se com

Digitized by Google

outro semelhante ornando o throno do Shah Nadir da Persia. Depois do seu assassinato, em 1747 e n'uma revolta militar, o diamante foi roubado, e passou por compra ao poder de um armenio chamado Schafrass, que, em 1772, o vendeu em Amsterdam a Catharina II, Imperatriz da Russia, pela somma de 450:000 rublos (approximadamente 405 contos de reis), recebendo o vendedor por esta occasião cartas de nobreza da Imperatriz.

O *Bragança*, tambem conhecido pela designação de diamante do rei de Portugal, é o maior de todos sobre que se tem escripto. As indicações que ácerca d'elle existem são muito deficientes, e não obstante as indagações que fiz, não me foi possivel ainda encontrar pessoa alguma, que me fornecesse noticias precisas a seu respeito ou sobre a sua historia; e é de certo entre nós que menos d'elle se sabe. O facto de ter esta pedra pertencido á corôa portugueza justificar-me-ha de reunir aqui o mais importante do que nos livros ao meu alcance tenho encontrado sobre ella.

A primeira noticia impressa que conheço data de 1773 e encontra-se no livro de Urban Friedrich Benedict Brückmann, *Abhandlung von Edelsteinen*, 2.ª edição, Braunschweig. A pag. 88, diz-se: « Segundo consta, existe no thesouro do rei de Portugal um diamante, não talhado, do Brazil, que pesa 1680 quilates. Talvez haja aqui confusão de quilates com grãos. »

O celebre tratado de John Mawe, *A treatise on diamonds and precious stones*, London, 1812, (1) tambem faz menção do Bragança, mas o auctor declara não o ter visto quando viajou no Brazil (1809-10), o que faz suppor que elle *sabia da sua existencia n'aquelle paiz na epoca da sua viagem*. E accrescenta que o não inclue na lista dos diamantes notaveis, porque tanto os mineralogistas como os joalheiros estão de accordo em o considerarem como um topazio branco achado nas minas de diamantes do Brazil. Pezava 1680 quilates.

Charles Barbot no seu *Traité complet des pierres précieuses*, Paris, 1858, escreve: « O maior de todos (os diamantes) é sem contestação possivel o diamante chamado do rei de Portugal... Peza, segundo Ferry, 1730 quilates, e 1680 segundo Mawe; nós acceitamos este ultimo pezo, como o mais provavel, visto que Ferry tomou, ao que parece, por unidade o quilate brazileiro, que é inferior de seis milligrammas ao europeu: reduzidas as duas pesagens a esta ultima unidade, concordam

(1) Não me foi possivel consultar esta obra, nem a anteriormente citada: devo ao meu illustre mestre o Dr. Emile Cohen, professor da Universidade de Greifswald, as transcripções que aqui traduzo. O snr. Cohen não poude consultar o original de Mawe, e por isso o excerpto foi feito da traducção da mesma obra pelo Dr. Carl Gottlob Kühn, Leipzig, 1816.

Digitized by Google

absolutamente entre si. O diamante é de côr amarella, e tem a fórma de um ovo de gallinha alongado: é concavo de um dos lados. Os diamantistas brazileiros avaliam-no, não obstante estes defeitos, em 7:500 milhões de francos (1.350:000 contos!).

N'esta narrativa ha pelo menos um erro, que é o de attribuir uma das pesagens a Mawe, que declara expressamente não ter visto o diamante. Mas, tambem a côr amarella que lhe attribue, não é a que indica Mawe, que escreveu no tempo em que diversos «mineralogistas e joalheiros» o tinham examinado.

Esta discordancia parece indicar que Barbot colheu estes dados de fonte diversa, que me é desconhecida, e que não copiou Mawe.

Harry Emanuel, no seu livro *Diamonds and precious stones*, London, 1865, copiou provavelmente Mawe; mas indica um peso de 1880 quilates em vez de 1680, o que é talvez devido a erro typographico.

Albrecht Schrauf no seu *Handbuch der Edelsteinskunde*, Wien, 1869, resume as indicações de Mawe.

Edwin W. Streeter *Precious Stones and Gems*, London, 1879, repete o que escreveu Mawe; mas indica uma avaliação do Bragança superior a 58 milhões esterlinos; accrescenta porém, que a avaliação seria illusoria se a pedra fosse, como elle julga, um topazio.

Em outro livro do mesmo auctor, *The Great Diamonds of the world*, etc. London, 1882, encontra-se um capitulo intitulado *The Braganza*. Citam-se n'elle passagens dos escriptos de Mawe (*Travels in Brazil*, London, 1813) mas que se referem evidentemente a outra pedra achada ao norte do Rio da Prata. O auctor desconhece as referencias ao Bragança que se encontram no tratado de pedras preciosas de Mawe, e chega finalmente á conclusão de que esta pedra deve ter sido achada em 1794: data sem duvida errada, porque de contrario, não viria citado o Bragança na 2.ª edição do livro de Brückmann, impressa 21 annos antes do supposto achado. Accrescenta ainda, que, segundo recentes auctoridades, nunca esta pedra deixou de fazer parte do thesouro portuguez, onde é cautelosamente guardada das vistas de todos, por obvias razões financeiras, pois que seria inconveniente para o credito do paiz que viesse a saber-se que não é um diamante valioso.

Com o extenso capitulo do livro de Streeter, que pretende ser rigoroso, mas em que abundam as citações fóra de proposito, nada se adianta no conhecimento da problematica joia e antes se criam novas causas de confusão.

O professor Cohen na sua memoria *Ueber Südafrikanische Diamantfelder*, Metz, 1883, attribue tambem ao Bragança um peso de 1680 quilates, accrescentando, todavia, que provavelmente é um topazio branco. Cita uma antiga avaliação em 1:200 milhões de marcos (270:000

Digitized by Google

contos), na hypothese de que seja um diamante; e accrescenta «parece que até agora se não permittiu um exame scientifico da dita pedra para não diminuir o credito do paiz».

Diversas indicações se encontram ainda em varias outras obras, mas que pouco ou nada adiantam. (1)

Pelo curioso livro do snr. F. da Fonseca Benevides, intitulado *As Rainhas de Portugal*, vol. 2.º, 1878, pag. 149, tivemos, porém, conhecimento de um documento manuscripto comprovativo da existencia do Bragança, que por acaso lhe veio ás mãos quando procurava na bibliotheca do Museu Britannico documentos para a sua obra. O texto manuscripto é destinado a servir de explicação a um desenho que representa o diamante, e (traduzido do inglez), diz o seguinte: (2)

«O Diamante, *actualmente* em poder do Rei de Portugal, pesa 6:400 grãos — Valor 36 milhões de libras esterlinas segundo o preço de venda do diamante do fallecido Governador Pitt, sendo aquelle 14 vezes mais pesado do que este. A figura supra dá a sua secção media, e foi copiada de um papel em que se tinha feito o desenho á vista da propria pedra.

Foi achado por um camponez n'um rio do Brazil, na America, e levado ao Governador, o qual lhe offereceu a recompensa ordinaria de 100 libras esterlinas, concedida pela lei (de 24 de dezembro de 1734, segundo o snr. Benevides); mas o camponez preferiu fazer presente d'elle ao Rei de Portugal... 1741. Julga-se que é uma saphira branca, á qual se assemelha na dureza e no peso. Tem a fórma de um ovo de perua, mas é muito maior. Avaliado em 399:166 moedas (3) (Moydores) = 538.874 libras e 2 sh.

Champion, 2 de fevereiro, 1741.»

Champion é evidentemente o jornal, ou revista, da qual o auctor do manuscripto extrahiu estes apontamentos, no proprio anno em que o

(1) Prosper Brard: *Traité des pierres précieuses*, 2 vol. Paris. 1808. Vol. I. pag. 48.

Tschúdi I. I. von: *Reisen durch Südamerika*, 5 vol. Leipzig, 1866. Vol. II, pag. 151. Diz que se sabe ao certo que o diamante de 1680 quilates é um topazio branco.

Blum. R. *Taschenbuch der Edelsteinskunde*, Leipzig, 3.ª ed. 1887, pag. 158, julga que será provavelmente um topazio esplendido

Estas duas ultimas obras e muitas outras que não cito foram a meu pedido consultadas pelo Dr. A. Schrauf, professor da Universidade de Vienna, porque as não possúo. Seja-me permittido repetir aqui os meus agradecimentos ao notabilissimo mineralogista que tanto tem contribuido para o desenvolvimento da mineralogia e crystallographia modernas pelos seus escriptos monumentaes.

(2) N.º 14:936 (addicionaes) folio 77 b. Possuo duas copias d'este documento, uma que me foi fornecida pelo snr. Edward Scott, bibliothecario do Museu Britannico, outra tirada pelo snr. Walker, de Londres, conhecido em Portugal pelo seu livro sobre o archipelago dos Açores.

(3) De 1$800 reis.

Digitized by Google

diamante foi offerecido a D. João V. Em seguida a esta passagem vem explicada a regra dos quadrados, para se achar o preço de diamantes, exemplificada com dois calculos, (2) que são obra do copista.

Este documento não é de muito valor, e, na presença de melhores, deveria mesmo desprezar-se.

Na Bibliotheca Nacional, na bibliotheca d'Ajuda e no archivo da Casa real nada pude obter para esclarecimento d'este obscuro assumpto.

O enygma será provavelmente resolvido por pessoa que, por gosto ou por officio, folheie nos nossos archivos os documentos referentes aos reinados de D. João V a D. João VI, e ser-me-hia agradavel se esta incompleta noticia despertasse o desejo de resolvel-o. Como conclusão das diversas citações anteriores póde deduzir-se com certa probabilidade que o Bragança existiu em Lisboa, «na posse» de D. João V, em 1741, e que existiu no Brazil em 1809-10, quando Mawe viajou n'aquelle paiz. Provavelmente foi levado para aquella nossa antiga colonia por D. João VI (quando ainda principe regente), por occasião da invasão franceza em 1807, junto com muitas outras preciosidades que lá ficaram ou se perderam.

Qual a sua historia depois d'esta data? Não parece ter voltado do Brazil, visto que não encontrei menção d'esta pedra no inventario das joias feito por morte de D. João VI e de que se acha o original na Torre do Tombo, mas tambem não consta que exista no Brazil.

Fica igualmente por averiguar se o Bragança é ou era um diamante ou outra pedra o que só á vista se poderia verificar.

Segundo communicação verbal do snr. Pereira da Costa, antigo lente da Escola Polytechnica, ha pouco fallecido, o barão d'Eschwege, dizia «muito em segredo», que o *grande* diamante era apenas um pedaço de fluorite! Esta versão não póde referir-se ao Bragança, se attendermos a que Mawe falla de mineralogistas e joalheiros que examinaram uma pedra com o peso de 1680 quilates, que tomam por topazio, e que era evidentemente o Bragança. Talvez Eschwege se referisse a outra pedra, tanto mais que foram offerecidas no Brazil a D. João VI algumas ainda maiores do que aquella, julgadas diamantes pelos descobridores, e que vieram alvoroçar a côrte, mas que eram simplesmente pedaços de crystal de rocha, como facilmente se reconheceu. Se fosse fluorite, que é mais facil ainda de distinguir do diamante do que o crystal de rocha.

(2) Um dos calculos refere-se ao *Pitt* (Regente), attribuindo-se-lhe um peso de 150 quilates, o que não é exacto. No 2.º calculo procura-se o valor de um diamante de 2:026 quilates; não comprehendo que applicação elle possa ter. Relativamente a preços ha n'este documento diversas confusões. No principio, por exemplo, diz-se que a pedra vale 36 milhões de libras, e no fim 538:874 libras. Do lado esquerdo do desenho está a indicação: 1680 quilates. Este desenho foi reproduzido pelo snr. Benevides (l. c.).

Digitized by Google

não teria tido as honras de acompanhar o Principe Regente em 1807, pois provavelmente ter-se-hia desfeito o engano durante os 66 annos que medeiaram entre a offerta a D. João V e a partida de D. João VI para o Brazil. Se não era diamante, era mais que provavel que fosse um topazio, pois que existe no Brazil a variedade a que chamam *pingos d'agua* por serem incolores, que se assemelham no aspecto aos diamantes e que por tal teem sido tomados, principalmente quando talhados em fórma de brilhante. No que diz respeito ás fabulosas avaliações que mencionam alguns dos auctores citados, diremos apenas que seriam fabulosas, mesmo quando a pedra existisse e fosse um diamante. Esses enormes preços foram provavelmente calculados pela regra dos quadrados, que nunca teve applicação para diamantes tão volumosos, e as sommas obtidas assim são naturalmente tanto mais exaggeradas quanto mais alto o preço admittido para o 1.º quilate.

Um diamante de 1680 quilates depois de lapidado, ficaria reduzido a um brilhante de uns 500 quilates, portanto superior em tamanho a qualquer dos maiores diamantes lapidados conhecidos. Se o Bragança fosse realmente um brilhante de 500 quilates de boa agua, valeria talvez alguns milhares de contos de reis; mas como topasio branco valeria, quando muito, algumas centenas de mil reis.

A corôa portugueza possue, ao que se diz, diamantes menos problematicos; mas como nunca foram estudados nem é facil vêl-os, nada podêmos dizer a seu respeito, comquanto fosse trabalho muito interessante o fazer-se d'elles um estudo.

ALFREDO BENSAUDE.

Digitized by Google

BIBLIOGRAPHIA

F. Ferraz de Macêdo — CRIME ET CRIMINEL, Paris.

N'um paiz em que a sciencia se não cultiva pelo que é em si mesma, mas apenas pelo que pode praticamente representar — uma especie de camiza de Venus permittindo, ao abrigo de perigosas escoriações, entrar nos fartos empregos, nas rendosas commissões officiaes ou na agiotagem governativa — um homem trabalhando, como o snr. Ferraz de Macêdo, com desinteresse e com amor, annos seguidos, n'um districto do saber, merece naturalmente o nosso respeito. A sua obra, grande ou pequena, trazendo a *empreinte* do genio ou sómente a marca do talento observador, rasgando horisontes novos ou apenas projectando alguma luz nos caminhos entrevistos, reclama, indiscutivelmente, a nossa attenção.

A nossa sympathia fixou-se ha muito sobre o snr. Macêdo, investigador despremiado que á probidade scientifica e á tenacidade no trabalho allia o conhecimento e a posse integral dos processos necessarios para realisar com precisão os mais delicados trabalhos da anthropometria. A offerta do seu novo livro, por mais de um titulo penhorante, dá-nos a consoladora opportunidade de publicamente affirmarmos os nossos sentimentos a seu respeito.

Não temos nem espaço, nem tempo para uma critica detalhada do *Crime et Criminel*, porque á hora a que recebemos este livro ia adiantada a composição da nossa *Revista*. Isto nos força a sómente lançar aqui fugidiamente algumas notas, visando sobretudo opiniões que são vulneraveis e que, por nossa parte, não crêmos acceitaveis.

Merecem desde todo o principio o nosso reparo a maneira por que o A. passa de leve sobre a noção de *crime* e a classificação que nos offerece dos *criminosos*.

O crime, define o snr. Macêdo, é uma infracção ás regras por que se governa e rege a sociedade humana; ora, como em cada collectividade e em cada epocha essas regras variam e differem, o crime é uma noção convencional, podendo o mesmo acto merecer ou deixar de me-

Digitized by Google

recer aquelle nome. E como, apressa-se a accrescentar o A., o criminoso não é senão o fautor d'esse acto de significação variavel e ás vezes contradictoria, elle não pode existir como *typo natural*.

Se tivesse completamente razão o snr. Macêdo, a anthropologia criminal seria, no fundo, um verdadeiro não senso, porque seria uma sciencia sem base e sem objecto. Se o crime fosse, com effeito, como o A. pretende, uma pura noção convencional e o criminoso apenas o infractor de regras ou artigos vacillantes e mudaveis de um codigo, isto é, um typo artificial, proseguir o estudo de um e outro seria, anthropologicamente, uma chimera.

E assim, ou o A. construiu sobre areia, fazendo com os seus estudos um esforço em pura perda, ou não viu nitidamente o assumpto, errando as definições fundamentaes.

A nosso vêr, este ultimo caso se deu. O *crime*, tomado como acto em si ou ainda em relação apenas á lei de que constitue uma violação, é, certamente, tudo quanto ha de variavel: o que hontem e além foi uma virtude é hoje e aqui um delicto; quem hontem, n'umas dadas condições sociaes, foi um sancto, seria hoje, porque mudaram essas condições, um delinquente.

Mas o crime no ponto de vista da anthropologia é um facto diverso: é, como Garofalo lucidamente mostrou, um acto humano que tem de julgar-se em face de certos sentimentos. Uma acção pode violar uma lei escripta e não ser para o anthropologista um crime, com quanto o seja para o magistrado: tal é, entre muitos outros, o caso dos delictos politicos e de imprensa. Para o anthropologo o crime só existe se foi violada uma fórma rudimentar das emoções de piedade e de justiça, que são os nucleos formativos do altruismo. Ora, precisamente porque estas emoções não são convencionaes, mas effeitos naturaes da evolução da nossa especie, é que a violação d'ellas constitue um facto de caracter universal e fixo, essa violação é o *crime natural*, como lhe chama Garofalo, o crime cujo auctor, por isso só que o é, revella uma anomalia do senso moral. D'este ser que não acompanhou a evolução normal da humanidade ou d'ella se desviou, d'este ser inferior, antipathico e temido se occupa a anthropologia criminal, estudando-o na sua psychicidade, nos seus costumes, na sua litteratura, na sua arte, nos seus antecedentes, nas suas aggremiações, emfim nos seus caracteres somaticos.

Não comprehendeu d'este modo o assumpto o snr. Macêdo, que na primeira parte do seu livro se esforça por dar-nos uma classificação de crimes, bôa, talvez, para base de um codigo penal, mas inutil, por excessiva, para o anthropologista, que nada tem que vêr com a grande maioria dos delictos n'ella enumerados.

Na classificação dos criminosos não nos parece o A. mais feliz. A seu vêr, os criminosos procedem de quatro origens fundamentaes: 1.ª) a loucura; 2.ª) a teratologia; 3.ª) a pathologia adquirida ou adventicia e 4.ª) a pathologia nativa por anomalias anatomicas, organicas ou hysto-chimicas imperceptiveis.

A confusão d'este quadro é evidente. Assim, a loucura apparece n'elle abusivamente differenciada das doenças adquiridas e nativas, quando ella não é realmente senão uma d'estas coisas: ou um estado morbido cerebral adventicio e curavel (psycho-nevrose) ou congenito e constitucional (psychose degenerativa). Procurando illucidar o seu quadro, o A. não faz senão tornar mais evidente a confusão de espirito que a originou. Assim, diz-nos que o criminoso louco se reconhece pela per-

Digitized by Google

versão de idéas e que o criminoso da 4.ª cathegoria se caracterisa, como *verdadeiro criminoso*, pela constante revolta contra as leis. Mas o snr. Macêdo esquece os loucos affectivos e os loucos moraes de que, na opinião de muitos psychiatras, os seus *verdadeiros criminosos* não são na realidade mais do que exemplares distrahidos dos manicomios para as penitenciarias.

Este imperfeitissimo agrupamento, feito depois das classificações de Lombroso e Ferri, não se justifica, parecendo que só uma excessiva preoccupação de originalidade o inspirou.

A maneira por que o A. aborda o problema da frequencia das nevroses e das psychopathias nos criminosos, não é, depois dos trabalhos existentes sobre o assumpto, de natureza a reclamar o nosso applauso. Quando criminologos e psychiatras distinctos, em numero consideravel e trabalhando em paizes differentes, concordam em affirmar que nos delinquentes as doenças organicas e funccionaes dos centros nervosos são muito mais communs que na população não-criminosa, o A., sem fundamento estatistico, assevera que tal não é verdade, sob pretexto de que fóra das prisões existe um importante numero de psychopathas que as familias escondem e de que só alguns medicos teem conhecimento.

Não contradictaremos esta ultima observação do A., porque a crêmos exacta; todavia, affirmar-lhe-hemos com a auctoridade que resulta de uma longa clinica especial, que muitos d'esses nevro e psychopathas são realmente criminosos que só aos attentos cuidados da *entourage* devem a não exteriorisação ruidosa das suas tendencias aggressivas e antisociaes. Estão n'este caso dezenas de epilepticos, por exemplo, cujos accessos de furor extremo e cego se passam dentro das quatro paredes de uma sala desguarnecida e que, em liberdade, teriam incorrido nos mais graves crimes. Em identicas circumstancias se encontram numerosas hystericas: impedidas pelas familias, ellas não logram exhibir as qualidades criminaes que as caracterisam e que na vida livre fatalmente as conduziriam ás prisões. Accrescentemos ainda que um certo numero de psychopathas tendo praticado crimes entram nos manicomios sem passarem pelas cadeias, graças aos recursos das respectivas familias que devidamente os fazem observar e os collocam ao abrigo de uma das causas derimentes da responsabilidade criminal. Todas estas considerações, crêmos nós, são de pezo e deveriam ter bastado para impedir o A. de lançar-se de coração ligeiro em opposição aos assertos dos que o precederam no assumpto.

O capitulo consagrado á origem e formação da sociedade é dos que mais penosamente nos impressionou. Em primeiro logar, parece-nos elle mal cabido n'um trabalho que a si mesmo se dá como um simples *ensaio synthetico de observações anatomicas, physiologicas, pathologicas e psychicas sobre os delinquentes* e que deveria, porisso, desviar-se das questões de sociologia que se não prendem de um modo immediato e directo com o problema criminal; em segundo logar, dado que o A. o considerasse necessario como meio de illucidar a questão geral da génese da criminalidade, a collocação d'elle não poderia ser de modo nenhum no final do livro, mas no seu começo. Mas o que, sobretudo, nos molesta é o espirito atrasado de todo esse capitulo em que as proposições mais innacceitaveis se ennunciam no tom de axiomas. Assim, por exemplo, segundo o A., as sciencias occultas procederiam da «imbecilidade e da estupidez accrescentadas da cubiça e do amôr do dominio»; o espiritismo seria «um invento da imaginação burlesca»;

Digitized by Google

emfim, «a hypocrisia e a rapacidade dissimulada originaram as religiões e o despotismo». Puro seculo XVIII no fundo e na fórma!...

Vê-se, lendo esta ultima parte do livro do snr. Macêdo, que elle não possue o espirito philosophico do nosso tempo, comquanto imagine o contrario e cite com abundancia os trabalhos dos pensadores contemporaneos.

Excellente observador, solido e seguro de si no terreno dos factos, o A. desequilibra-se no dominio das especulações, onde a atmosphera é mais subtil e o vôo exige mais larga envergadura. Isto se vê claramente na parte do livro em que combate a doutrina que faz do criminoso um ser atavico, uma sorte de anachronismo n'um meio civilisado. Se o A. conhecesse realmente todo o alcance d'esta concepção atavistica — tão larga como a do proprio evolucionismo de que procede — se soubesse que ella está dando em psychiatria a explicação de um consideravel numero de factos, certamente não teria passado ao lado d'ella desdenhosamente e, sobretudo, não lhe lançaria o argumento de que «ella contem o terrivel paradoxo de basear as sociedades civilisadas sobre criminosos». Este paradoxo é uma phantasia do A.: as sociedades civilisadas nascem dos elementos perfectiveis e progressivamente adaptaveis da especie e não dos seus elementos improgressivos, inferiores e anadaptaveis, que são os criminosos no sentido anthropologico do termo, como atraz o definimos. Decerto, a humanidade atravessou um periodo premoral, sem noções e sem emoções de piedade e de justiça; essa epocha, porém, não é um periodo criminal, pois que a noção do crime é precisamente a da violação d'esses sentimentos que *ainda* então não existiam. Mas desde que essas noções e emoções surgiram (e a sua mesma eclosão demonstra a perfectibilidade da especie) immediatamente e naturalmente dois typos psychicos se differenciaram: os insusceptiveis de as comprehenderem e sentirem *(criminosos)* e os que as integraram na consciencia, transmittindo as por herança *(normaes)*. É sobre estes e não sobre os primeiros que as sociedades civilisadas se baseam. Como, porém, os criminosos são prolificos, ao lado da descendencia dos normaes e pela mistura com estes os typos imperfeitos se geram: d'aqui a persistencia dos criminosos nos meios civilisados. A hereditariedade explica-os perfeitamente: existem como productos saltuarios, como regressões, como representantes, na dichotomia humana, do ramo imperfeito e inferior. Mas tanto as sociedades e as civilisações se não baseiam sobre elles que, por um lado, as degenerescencias accumuladas acabam por extinguir-lhes as gerações e, por outro, a justiça — expressão da collectividade que se defende — procura segregal-os.

Estas reflexões reduzem a coisa nenhuma o argumento ingenuo do snr. Macêdo quando, fazendo a critica da doutrina que vê no criminoso a reapparição do selvagem, nos diz que ainda «nenhum viajante affirmou que *todos* os Australianos do centro e do littoral, que *todos* os indigenas da America, que *todos* os naturaes da Oceania sejam criminosos». Mas, á doutrina não era precisa para nada uma tal affirmação. N'esses povos, como nos primitivos (e com mais rasão ainda, porque são muito ulteriores) deve haver elementos perfectiveis e outros que o não são. Os primeiros progredirão em contacto com as raças superiores, se este não fôr inteiramente absorvente, seguindo-as e evolucionando; os outros persistirão como agora. E da mistura de uns e de outros surgirão civilisações em que, como nas nossas actuaes e mais elevadas, ao lado dos normaes apparecerão excepcionalmente criminosos.

Digitized by Google

Mais feliz na maneira de considerar o problema da repressão criminal, o A. manifesta-se a favor da pena de morte, no que segue, contra a corrente sentimentalista, o caminho dos que, como naturalistas, teem estudado o delinquente. Sómente, ainda n'este ponto o A. manifesta um certo desequilibrio de principios e pontos frouxos de raciocinio. Por um lado, com effeito, elle deixa perceber que um criterio exclusivamente naturalista o conduz a acceitar a pena de morte como um processo necessario de que a sociedade se serve para defender-se dos que a perturbam; e tanto que não vacilla em affirmar que «um criminoso que premedita, com funcções physiologicas apparentemente perfeitas e fatalmente funestas aos individuos da mesma especie, merece tanto a morte como o criminoso que é impellido por um symptoma pathologico». Abaixo porém, falla da pena de morte como de um direito usado pela sociedade para expulsar de si aquelle que não «observa os artigos impostos pelo contracto ou convenção entre os homens», aquelle que, tendo-se tornado incompativel com a collectividade «*persiste em querer* fazer parte d'ella». E' evidente que o criterio do A. variou, desviando-se da orientação naturalista da *necessidade social* para a metaphysica do *contracto voluntariamente violado*. Ora, a pena de morte imposta ao criminoso doente é, n'este ultimo caso, um não-senso.

Se não luctassemos com falta de espaço e de tempo, procurariamos mostrar ao A. que nenhum dos seus criterios extremos é hoje viavel: o da *violação voluntaria do contracto* social, porque a sociedade é um organismo cuja evolução não depende de convenções, de contractos ou de artigos de codigos, que apenas e de um modo imperfeito reflectem o seu estado consciente; o da exclusiva *necessidade social*, porque a *lucta pela existencia*, de que elle procede, é dentro da nossa especie uma lei cuja interpretação differe profundamente da que tem quando se trata de organismos inferiores. Depois, procurariamos evidenciar-lhe que a morte do criminoso-doente, sendo um não-senso na doutrina corrente dos juristas, é tambem, embora por motivos diversos, inacceitavel por parte dos que sustentam as theorias positivas da repressão. Onde nos levaria, porém, esta exposição de principios?

Temos necessidade de acabar. Não o faremos, todavia, sem uma referencia de vivo applauso para tudo o que no *Crime et Criminel* representa um trabalho positivo de observação. Ahi o A. dá quanto aos mais habeis e conscienciosos se póde exigir; e será por esse lado que o seu livro entrará na circulação scientifica internacional. Os seus processos são rigorosos, as suas séries longas, as suas observações detalhadas, os seus graphicos de primeira ordem. Se o snr. Macêdo se houvesse limitado a esta parte do seu trabalho nós não teriamos senão a felicital-o.

E' difficil possuir em doses iguaes e notaveis o espirito de analyse, sem o qual a sciencia positiva não existiria, e o espirito de synthese sem o qual a philosophia seria uma chimera.

O snr. Macêdo tem principalmente o primeiro; exercitando-o, enriquecerá a sciencia.

20 de setembro de 1892.

JULIO DE MATTOS

Digitized by Google

OS MORTOS

ESTACIO DA VEIGA

Vae rareando desanimadoramente o já pequeno grupo de homens de sciencia que, com o incentivo de Carlos Ribeiro, desentranharam os restos caracteristicos das civilisações succedidas n'um passado remotissimo n'este pequeno farrapo do occidente da velha Europa. Frederico de Vasconcellos, Paula Oliveira, Pereira da Costa foram os que, apoz o insigne chefe da Commissão geologica, baquearam na lucta, deixando outras tantas lacunas irreparaveis no nosso meio scientifico.

Agora temos a triste missão de dar outro traço negro e este no nome de um dos mais ardentes e dedicados pesquisadores da archeologia nacional — Estacio da Veiga.

Unico no Algarve, Estacio da Veiga esquadrinhou as antiguidades d'esta bella provincia, determinando-lhe os monumentos das diversas étapes civilisadoras, recolhendo um riquissimo mobiliario e os restos archeologicos das populações d'então.

Por occasião do Congresso d'antropologia e d'archeologia prehistoricas, realisado em Lisboa, em 1880, essas antiguidades foram reunidas sob a denominação de — Museu do Algarve. Ahi estavam bellamente representados os periodos neolithico, do cobre, do bronze e do ferro, mostrando quam rica era aquella região sob o ponto de vista paleoethnologico e quam incansavel e methodico tinha sido o trabalho do seu dedicado explorador.

Notemos no emtanto com profundo desgosto que esta magnifica collecção foi mais tarde mandada fechar ao publico e desterrada para os baixos do museu de bellas-artes, onde ella ainda hoje se empoeira e se desarranja no negrume d'um subterraneo! Improficuos foram os

Digitized by Google

protestos de Estacio da Veiga que teve de amargurar na alma este grande dissabor com que lhe pagaram as canceiras e as fadigas que teve na pesquiza d'esses pergaminhos da nossa nacionalidade.

Em 1886 começou elle a publicação da sua obra capital *Antiguidades monumentaes do Algarve*, onde o auctor tencionava conglobar tudo o que recolhera sobre a archeologia algarvia. A parte prehistorica, formando quatro volumes, já é do dominio publico e, preparava Estacio de Veiga o quinto que ligava essa parte com a historica, quando a morte o veio surprehender n'esse trabalho.

Nos quatro volumes referidos admira-se a grande quantidade de materiaes colligidos e dispostos segundo a chronologia paleoethnologica: Estacio da Veiga assignala-nos vinte e trec grutas que ficaram inexploradas; enumera-nos as estações caracteristicas do periodo neolithico, entre as quaes sobresahe a de Aljezur como typica, com todo um mobiliario robenhausiano e onde o auctor recolheu dezenove das problematicas placas ornadas, de schisto, e que dão um cunho tão especial á ultima phase da edade da pedra no sul do nosso paiz; e mostra-nos em Alcalá — uma verdadeira necropole dolmenica — a transição d'essa phase industrial para uma outra nova, a *do cobre*, cujos vestigios o illustre archeologo encontrou espalhados por toda a provincia.

As necropoles de Cácella e Castro Marim representam no Algarve essa edade, cuja existencia tanto foi contestada, mas que teve uma plena confirmação com estas descobertas de Estacio da Veiga e com as de Siret no sud-este da Hespanha.

Os caracteristicos das edades do bronze e do ferro que se succederam a ess'outra, encontrou-os o infatigavel pesquizador bem representados na sua provincia. Citemos a necropole da Donalda para a primeira e a de Bensafrim para a segunda.

Reunidos todos estes dados archeologicos, Estacio da Veiga elaborou com elles a carta archeologica do Algarve, em 1878, que mais tarde foi ampliada em virtude de novas descobertas e finalmente publicada no primeiro volume das *Antiguidades*. Deve-se-lhe pois a elaboração da primeira carta archeologica que se fez no nosso paiz, trabalho este muito importante na paleoethnologia para o conhecimento da centralisação e da dispersão, n'um dado territorio, das populações prehistoricas que n'elle existiram.

Não se limitou Estacio da Veiga a estudar a sua provincia sob o ponto de vista paleoethnologico; fez tambem n'ella o estudo dos povos historicos que a occuparam, como os romanos, os wisigodos e os arabes.

Fóra do Algarve, Estacio da Veiga, pesquizou as antiguidades de

Digitized by Google

Mafra, durante a sua permanencia n'esta celebre villa extremenha, em 1779.

Além da sua obra *Antiguidades monumentaes do Algarve*, de que acabamos de fallar, Estacio da Veiga tinha já publicado os seguintes trabalhos:

Povos balsenses, folheto. Lisboa, 1866.
Romanceiro do Algarve. Lisboa, 1870.
Antiguidades de Mafra. Lisboa, 1879.
Memoria das antiguidades de Mertola observadas em 1877. Lisboa, 1880.
A Tabula de bronze de Aljustrel, lida, deduzida e commentada em 1876, memoria apresentada á Academia Real das Sciencias. Lisboa, 1880.

Ainda existe d'elle um trabalho botanico sobre orchideas.

Estacio da Veiga deve occupar um lugar proeminente na Historia da archeologia portugueza, como um seu incansavel obreiro e distincto pesquizador.

Que ao menos em homenagem ao dedicado archeologo se lhe satisfaça emfim o seu maior desejo, expondo convenientemente o seu museu do Algarve, ha mais de nove annos fechado ao publico.

É a revalidação da obra de Estacio da Veiga e um incentivo para os que vierem.

F. C.

Digitized by Google

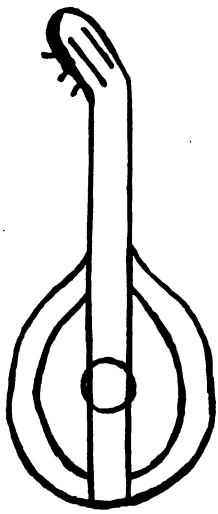


Fig. 1

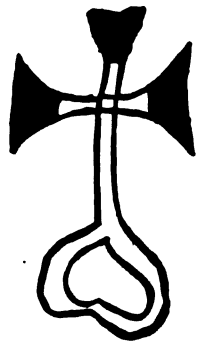


Fig. 2

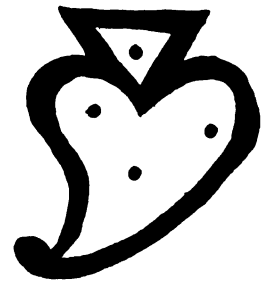


Fig 3

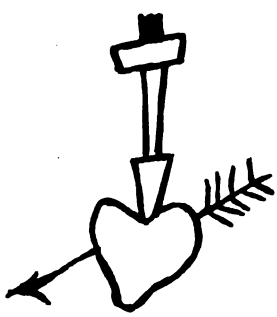


Fig 5

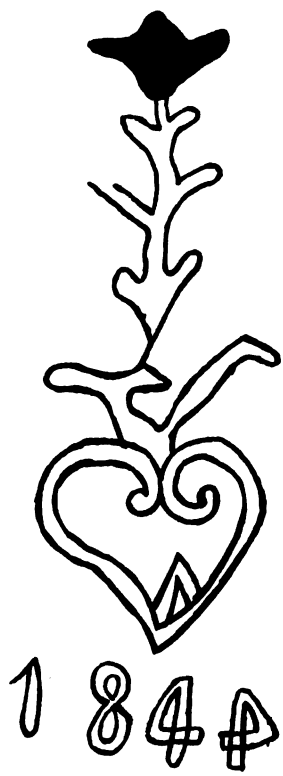


Fig. 4

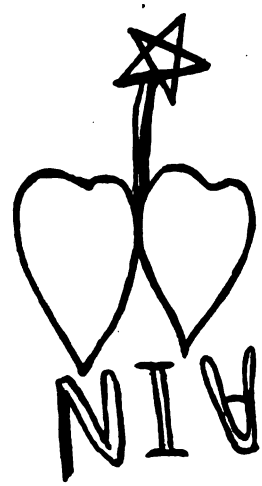


Fig 6

Digitized by Google

Digitized by Google

Fig. 7

Fig. 8

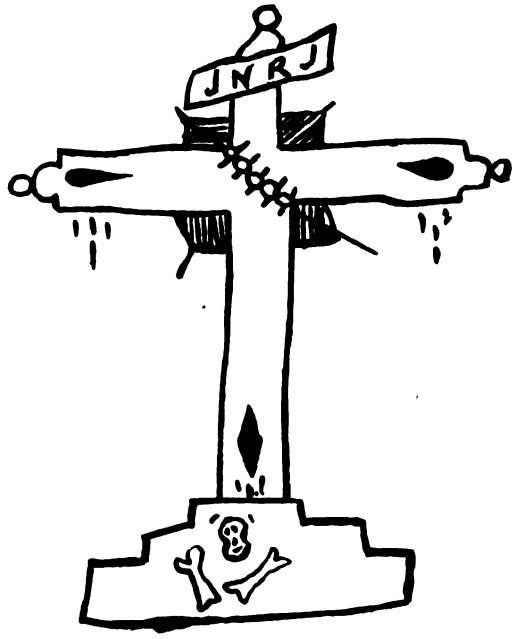


Fig. 9

ROCHA PEIXOTO — *A tatuagem em Portugal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

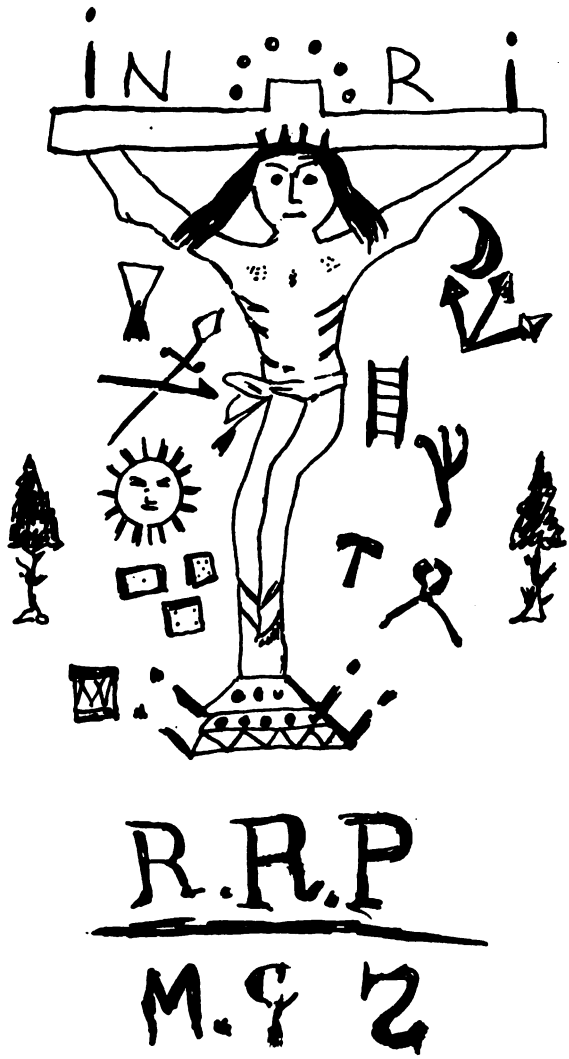


Fig. 10

ROCHA PEIXOTO — *A tatuagem em Portugal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

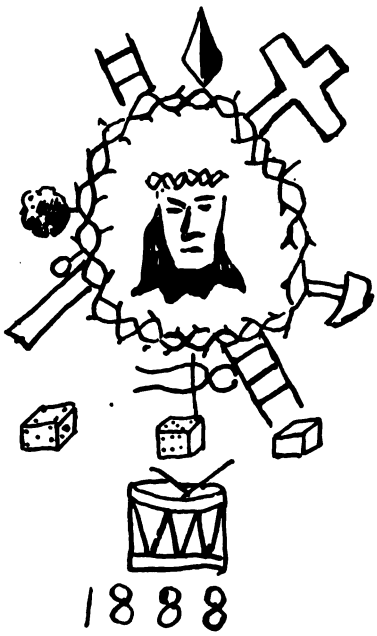


Fig. 11

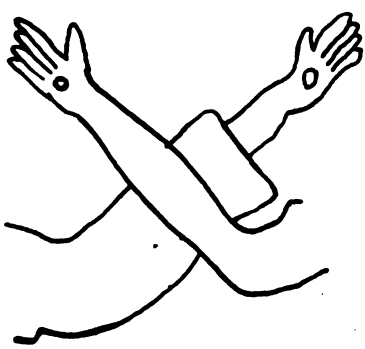


Fig. 13

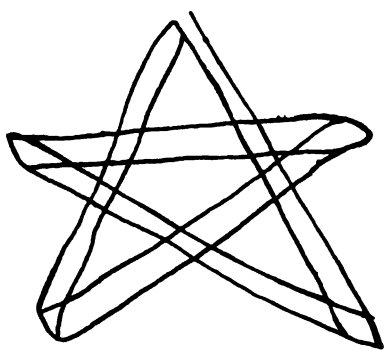


Fig. 15

Digitized by Google

Digitized by Google

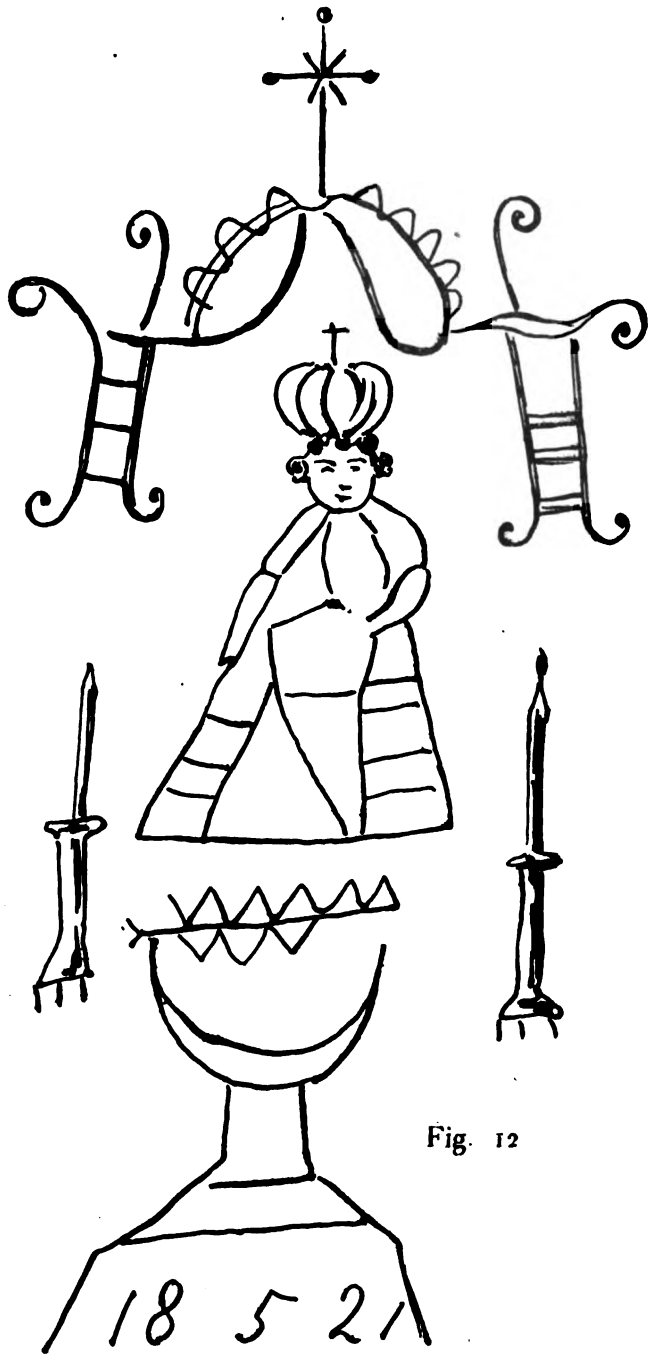


Fig. 12

ROCHA PEIXOTO — *A tatuagem em Portugal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

Fig. 14

ROCHA PEIXOTO — *A tatuagem em Portugal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

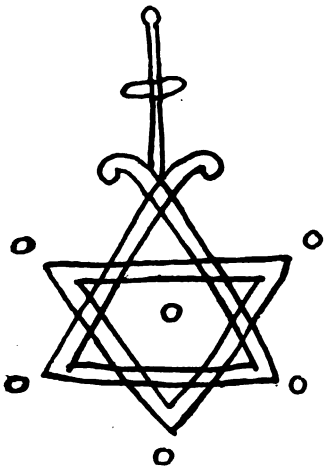


Fig. 16

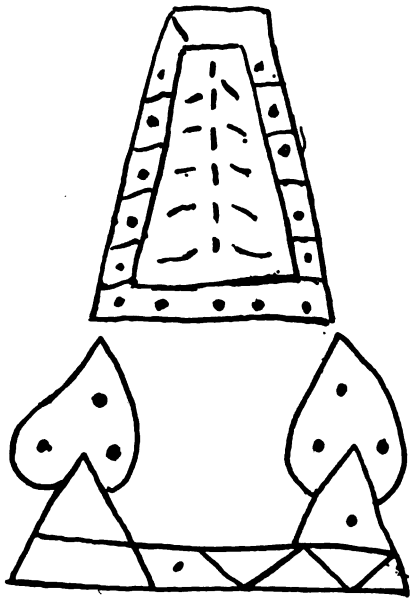


Fig. 17

Fig 19

Fig. 18

ROCHA PEIXOTO — *A tatuagem em Portugal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

Fig. 20

Fig. 22

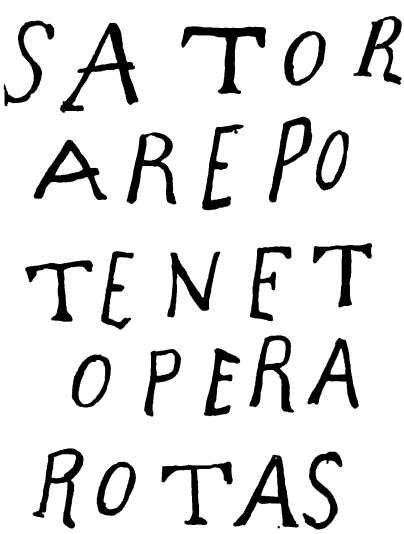


Fig. 23

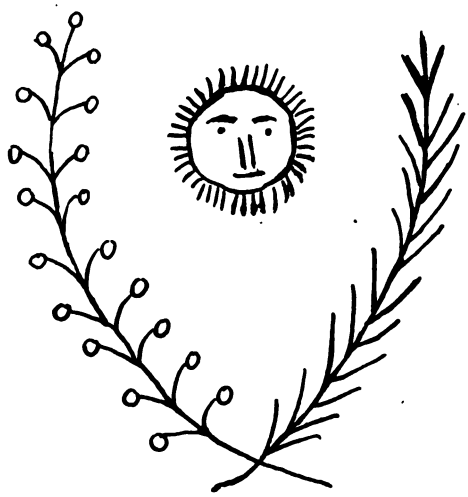


Fig. 21

ROCHA PEIXOTO — *A tatuagem em Portugal.*

Digitized by Google

Digitized by Google

SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

(Propaganda das sciencias naturaes e sociaes em Portugal)

A Sociedade Carlos Ribeiro tem recebido as seguintes publicações, d'algumas das quaes se occupará na secção bibliographica da sua *Revista*:

Ferreira da Silva—*O reconhecimento analytico da cocaïna e seus saes* (Notas e documentos), 8.º, 42 pag. Porto, 1891.
— *O emprego do sulfo-selenito de ammonio para caracterisar os alcaloides*, 8.º, 3 pag. Lisboa, 1891.
— *O oxydo amarello de mercurio na analyse dos vinhos*, 4.º, 3 pag. Lisboa 1891.
Arthur Malheiros—*A lei do trabalho maximo* (Estudo critico de mechanica chimica), 8.º, 150 pag. Porto, 1891.
E. Hamy—*L'œuvre géographique des Reinel et la découverte des Moluques*. 8.º, 35 pag. e II cart. Paris, 1891.
R. Collignon—*Projet d'entente internationale pour arrêter un programme commun de recherches anthropologiques à faire aux conseils de révision*, 8.º, 10 pag. Cherbourg, 1892.
Th. Huxley—*Les problèmes de la géologie et de la paléontologie*, in-16, 312 pag. e XXXIV fig. Paris, 1892.
Henri Sicard—*L'évolution sexuelle dans l'espèce humaine*. in-16, 318 pag. e 94 fig. Paris, 1892.
Sociedad geográfica de Madrid—*Congresso geografico hispano-portugués-americano* (Commemoracion del cuarto centenario del descubrimiento da America), in-18, 29 pag. Madrid, 1892.
Programma para a representação de Portugal na celebração do centenario da descoberta da America, in-4.º, 6 pag. Lisboa, 1891.
Nery Delgado—*Fauna silurica de Portugal. Descripção d'uma fórma nova de trilobite*. Lichas Ribeiroi, in-4.º, 16 pag e VI pl. Lisboa, 1892.
United-States Geological Survey—*Ninth annual report* (1887 88), in-4.º, 717 pag. e numerosas grav. e pl. Washington, 1889
Florentino Ameghino—*Contribucion al conocimiento de los mamiferos fosiles de la Republica Argentina*, 4.º gr, 1027 pag. e Atlas com 98 planchas. Buenos-Ayres, 1889.
Paul Choffat—*Esquisse de la marche de l'étude géologique du Portugal*, in-8.º, 20 pag. Porto, 1892.
— *Espagne & Portugal (Extrait de l'Annuaire géologique universel)*, in 8.º, 11 pag Paris, 1892.
Société d'Anthropologie de Paris—*Catalogue de la Bibliothèque*, 2 vol. in 8.º. Paris, 1891.
Prince de Monaco—*Projet d'observatoires météorologiques sur l'Océan Atlantique*, in-4.º, 3 pag. Paris, 1893.
J. Pilling—*Bibliography of the Algonquian languages*, in-8.º, 614 pag. e numerosas grav. Washington, 1891.
J. Dorsey—*Omaha and ponka letters*, in-8.º, 123 pag. Washington, 1891.
— *The cegiha language*, in-4.º, 794 pag. Washington, 1890
C. Thomas—*Catalogue of prehistoric works*, in-8.º, 246 pag. Washington, 1891.

Digitized by Google

Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos, tom. II. Lisboa, 1892.
Revista de obras publicas e minas, tom. XXIII, n.os 265 a 27[illegible] 1892.
Revista do Minho. vol. VII. n.os 19 a 22 e 24; vol. VIII, n.os [illegible] pozende, 1891 93.
Revista Juridica. vol. I, n.os 1-14 e vol. II, n.os 3-6. Porto 1892 93.
Boletim da Sociedade Broteriana, vol. IX, fasc. 2-4 e vol X. fasc. 1 2. Coimbra, 1892.
Revista dos lyceus, tom. I. n.º 11. Porto. 1892.
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 10.ª ser. n.os 4 e 12 e 11.ª ser. n.os 1-5. Lisboa, 1892.
Revista de Guimarães, vol. X, n.º 1. Guimarães, 1893.
Boletim do Atheneu Commercial do Porto, vol. II. n.os 1-12 e vol. III, n.os 1-3. Porto, 1893.
Instituto. vol. XXXIX. n.os 4 a 12; vol. XL, n.os 1 8. Coimbra, 1892-93.
Jornal da Sociedade pharmaceutica lusitana. tom III, n.os 1-32; tom. IV. n.º 1. Lisboa, 1893.
Revue scientifique. tom. 49. n.os 5 a 26; tom. 50, n.os 1 a 27; tom. 51, n.os 1-6. Paris. 1892 93.
Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris, vol. II, n.os 1 a 12; vol. III. n.º 1. Paris, 1893.
Bollettino del Real Comitato geologico d'italia, vol. II, n.º 4; vol. III, n.os 1-3 Roma, 1892.
Bollettino della Società geologica italiana. vol. X, fasc. 2 Roma, 1891.
Bollettino di paletnologia italiana, toms. V, VI e VII; tom. VIII, n.os 1-12. Parma, 1892.
Bulletins du Comité géologique de St. Pétersbourg, vol. IX, n.os 9-10; vol. X, n.os 1-9; vol. XI, n.os 1-4. S. Petersburgo, 1891-93.
Supplément au tom. X des Bulletins du Comité géologique de St. Pétersbourg. S. Petersburgo, 1891.
Bulletin de la Société zoologique de France. tom. XVII, n.os 1-8. Paris, 1893
Bulletin de la Société belge de microscopie, tom. XVIII, n.os 3-9; tom. XIX, n.os 1-3. Bruxelles, 1893.
Bulletin de la Société vaudoise des sciences naturelles, n.os 106-109. Lausanne. 1892.
Mémoires du Comité géologique de St. Pétersbourg, vol. IX, n.º 2; vol. XIII, n.º 1. S. Petersburgo, 1891.
Mémoires de la Société des naturalistes de Kiew, tom X. n.os 3-4; tom. XI. n.os 1-2. Kiew, 1891 1892.
The american anthropologist, vol. IV, n.os 2-4 e vol. V, n.os 1-2. Washington, 1892.
Annuaire de la Société d'Archéologie de Bruxelles, toms III e IV. Bruxellas. 1893.
Feuille des jeunes naturalistes. tom. XXII, n.os 257 a 264 e tom. XXIII, n.os 265 a 269 Paris, 1893.
Mélusine. tom VI, n.os 1-5. Paris, 1893.
Verhandlungen der Berliner gesellschaft für anthropologie, ethnologie und urgeschichte, n.os de julho-dezembro de 1891 e janeiro-julho de 1892. Berlim, 1892
The journal of the anthropological institute of Great Britain and Ireland, vol. XXI, n.os 3-4; vol. XXII, n.os 1-3. Londres. 1892-93.
Abstracts of the procedings of the Geological Society of London, n.os 583-601. Londres, 1893
Bulletin de l'Institut Egyptien. 3.ª ser. n.os 1 3. Cairo. 1892.
Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris. tom. II (ser. II) fasc 3.º; tom. III, fasc. I-III; tom. IV, fasc. I. Paris, 1893.

(Continúa).

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

3 2044 106 225 139

DIGEST OF THE

LIBRARY REGULATIONS.

No book shall be taken from the Library without the record of the Librarian.

No person shall be allowed to retain more than five volumes at any one time, unless by special vote of the Council.

Books may be kept out one calendar month; no longer without renewal, and renewal may not be granted more than twice.

A fine of five cents per day incurred for every volume not returned within the time specified by the rules.

The Librarian may demand the return of a book after the expiration of ten days from the date of borrowing.

Certain books, so designated, cannot be taken from the Library without special permission.

All books must be returned at least two weeks previous to the Annual Meeting.

Persons are responsible for all injury or loss of books charged to their name.

Digitized by Google

Digitized by Google